

ESCOLA NACIONAL DE SAÚDE PÚBLICA
DEPARTAMENTO DE ENDEMIAS, AMBIENTE E SOCIEDADE
FUNDAÇÃO OSWALDO CRUZ

DISSERTAÇÃO DE MESTRADO

**O SOFRIMENTO DIFUSO DAS MULHERES NA MARÉ:
ESTUDO SOBRE A EXPERIÊNCIA DE UM GRUPO DE
CONVIVÊNCIA**

ELAINE SANDRA AMORIM SAVI

ORIENTADORES

Prof. EDUARDO NAVARRO STOTZ

Prof. VÍCTOR VINCENT VALLA

Rio de Janeiro
2005

Às Mulheres

AGRADECIMENTOS

Aos meus pais, pelo afeto incondicional e por terem feito tudo para que eu chegasse até aqui.

Aos meus filhos, Fernando, João Antônio (In Memoriam) e Luiza, razão maior do meu afeto, por me ensinarem o que é mais importante.

Ao Fernando agradeço a hospedagem em seu quarto, onde fica o computador e por socorrer minhas dificuldades com a informática.

Ao meu companheiro Franklin, pela parceria na vida.

Ao meu irmão Marcelo por sê-lo, no mais profundo sentido, e por me dar Raquel, minha cunhada-irmã, e Pedro, Antonio e Rodrigo, lindas crianças que brincam.

Às minhas amigas Julinha, Rosângela e Flávia, irmãs apesar dos pais diferentes.

À Maria Lucia (In Memoriam), pela coragem para me lançar.

À Teresa Rocha pela parceria em minhas buscas por novas possibilidades.

Aos navegantes do Cais, minha gratidão por tudo que me ensinaram sobre convivência. Agradeço especialmente à Teresa, Esther e Lisete, amigas e parceiras de lutas e descobertas, e ao Luiz Gonzaga, que generosamente ainda me permite partilhar da grandeza de sua alma.

À toda a equipe do ELOS, da qual me orgulho em ter participado, pela rica experiência.

Ao José Wellington, mestre e amigo por ser como é.

Aos professores, por me apresentarem novos problemas e novas reflexões. Agradeço especialmente à Rosely e ao Reinaldo pelo interesse.

Aos colegas do Departamento de Endemias, pelo acolhimento.

Ao pessoal da secretaria, pelo carinho e presteza em me ajudar.

Aos colegas de turma, pelo alegre e afetuoso convívio

Ao Ney Marinho, pela conversa instigante e pelo material disponibilizado.

Aos amigos, por não me deixarem esquecer que há tanta vida lá fora.

Ao grupo da Ouvidoria Coletiva, pela experiência gratificante.

À Márcia, pela força nas transcrições.

À Maria Clara, pela revisão e formatação do texto.

Ao Adalberto Barreto, pela generosidade em compartilhar suas idéias e textos.

A todo pessoal do Projeto Quatro Varas, pelo acolhimento e rico aprendizado.

À Bia, pela leitura carinhosa e grande ajuda.

AGRADECIMENTOS ESPECIAIS

Ao Eduardo, orientador deste trabalho e responsável pelo meu ingresso no grupo, pelas instigantes e valiosas reflexões ao longo desses anos.

Ao Valla, grande incentivador deste trabalho, pela sinalização do que é fundamental.

À Maíra, amiga e companheira de grupo, por ter compartilhado essa valiosa experiência, de maneira verdadeira e afetuosa.

À Flavia Strauch, pela leitura, sugestões e, principalmente, por ficar ao meu lado no momento em que seguir em frente me pareceu uma tarefa árdua demais.

À idealizadora do grupo, com admiração, pela oportunidade.

Às mulheres do grupo, por me aceitarem para compartilhar.

“Aprendi (o caminho me ensinou) a caminhar
Contando como convém a mim e aos que são
Comigo, pois já não sou mais sozinho: não,
não tenho um caminho novo.
O que tenho de novo é o jeito de caminhar”

Thiago de Melo

RESUMO

O sofrimento difuso é uma categoria que se refere a um mal-estar físico e/ou subjetivo, manifesto em queixas diversas.

O objetivo deste trabalho é estudar como a convivência no grupo possibilita a expressão e o enfrentamento do sofrimento difuso. A pesquisa foi realizada com um grupo de mulheres, moradoras da Maré que, durante dois anos e meio, vivenciaram a experiência de participar de um grupo de convivência, formado a partir da demanda da comunidade.

Procuro aqui, apreender as formas de expressão de sinais individuais e coletivos da dificuldade das mulheres da Maré de andar a vida; identificar as formas de enfrentamento do sofrimento difuso; estabelecer relações entre problemas de saúde e o mal-estar social e existencial; e, desta forma, contribuir para o desenvolvimento de formas alternativas de cuidado à saúde.

Foram realizadas seis entrevistas em profundidade e não diretivas com mulheres que participaram do grupo, a fim de conhecer o seu olhar sobre a experiência vivida.

A conclusão é de que a convivência em grupo, além de facilitar o enfrentamento do sofrimento a partir da expressão e da troca de experiências, é um importante instrumento metodológico para a compreensão dos modos de vida e das necessidades de uma determinada comunidade.

Palavras-chave: Sofrimento difuso; grupo; convivência; saúde mental

ABSTRACT

Diffused suffering is a term which refers to a physical indisposition resulting from several complaints. The objective of this study is to understand how group companionship or support makes it possible to face diffused suffering. The present research was carried out with a group of women living in the Mare slums in Rio de Janeiro. For two years they lived the experience of a mutual support group, created as a community demand.

An effort is made to apprehend the forms of expression of individual and collective signs of the difficulties that the Mare women endure in their lives: identifying the forms of facing diffused suffering, establishing the relationship between health problems and social unrest, thus contributing for the development of alternative forms of health care.

Six non-directive interviews were made with women who were part of the support group in order to understand the appreciation of this life experience.

It has been concluded that group support, besides facilitating to face the suffering based on the expression and exchange of experiences, is an important methodological tool for understanding the way of life and the necessities of a specific community.

Key words: diffused suffering, support group, mental health

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	01
Capítulo 1 – ASPECTOS TEÓRICOS	06
1.1 O sofrimento difuso	06
1.2 Grupos	13
1.3 Convivência	16
Capítulo 2 – ASPECTOS METODOLÓGICOS	20
2.1 – O grupo de convivência feminino e a observação participante	21
2.2– Entrevistas	22
2.3– Ouvidoria coletiva	23
2.4– Análise	24
Capítulo 3 – OS RESULTADOS DA PESQUISA	26
3.1 – O contexto da vida na Maré	26
3.1.1 – Caminhando pela Maré	27
3.1.2 – Ouvindo a Maré: a experiência da Ouvidoria Coletiva	29
3.2 – O Grupo de Mulheres: anotações do diário de campo	37
3.3 – A fala das mulheres: as entrevistas	41
ENTREVISTAS	43
Capítulo 4 – ANÁLISE DOS RESULTADOS	123
4.1 - Motivação para freqüentar o grupo de mulheres	124
4.2 - Expressões do sofrimento	126
4.3 - Formas de enfrentamento	139
4.4 - Dificuldades no grupo	146
4.5 - DISCUSSÃO	151
CONCLUSÕES	174
BIBLIOGRAFIA	178
ANEXOS	
ANEXO 1 - Roteiro das Entrevistas	
ANEXO 2 - Termo de consentimento livre e esclarecido para grupo	
ANEXO 3 - Termo de consentimento livre e esclarecido para as entrevistas	
ANEXO 4 – Quadros para o Discurso do Sujeito Coletivo	

INTRODUÇÃO

Este trabalho estuda o grupo de convivência como possibilidade de cuidado à saúde na medida em que facilita a expressão e o enfrentamento do sofrimento difuso.

Meu interesse pelo tema vem de longa data. Graduada em psicologia, minha formação profissional se dá na área da assistência em saúde mental – para ser mais específica, no Instituto Philippe Pinel (IPP), onde trabalhei por quase vinte anos. Nesta instituição, atuei com pessoas em intenso sofrimento psíquico, desenvolvendo atividades em vários setores, mas foi seguindo a solicitação “silenciosa” de uma clientela que não se beneficiava do padrão assistencial vigente que, junto com um grupo de profissionais, participei da história de transformação do IPP. Fruto de uma prática assistencial atenta, nasceu o Cais - Núcleo de Atenção Psicossocial, fundamentado no ideário da reforma psiquiátrica, que desloca seu objeto do organismo para a pessoa que tem uma história, que pertence a um grupo e que, portanto, é sujeito de seus desejos, de sua história e de suas escolhas. Um trabalho de parceria na luta pela autonomia e cidadania, onde a convivência em grupo é o alicerce do cuidado à saúde.

Um convite para participar de um projeto de educação continuada sobre uso e propaganda de medicamentos me levou para a Agência Nacional de Vigilância Sanitária (ANVISA) e também para a especialização em Educação e Saúde – ELOS/ENSP/FIOCRUZ, que acabou por re-significar meu trabalho no Cais e, também, por despertar meu interesse pelo tema sofrimento difuso.

No ano de 2001, passo a integrar, como colaboradora, a equipe do ELOS - Núcleo de Estudos Locais em Saúde. Por esta ocasião o ELOS, em parceria com o Centro de Estudos e Pesquisa da Leopoldina (CEPEL), participava da Rede de Solidariedade da Leopoldina, que mensalmente reunia representantes de movimentos sociais para trocar experiências com proposta orientada para a promoção da saúde através de políticas públicas formuladas e encaminhadas inter-setorialmente.

É neste contexto que chega até nós a demanda de formação de um grupo de mulheres, através de uma agente comunitária religiosa que participava da Rede de Solidariedade da Leopoldina e, freqüentemente, recebia em sua casa, situada na Maré, mulheres que precisavam ser ouvidas. Em função do grande número de mulheres em

busca de ajuda, a religiosa entende que seria interessante agrupá-las e, para isso, solicita auxílio ao ELOS. Segundo ela, a queixa principal apresentada pelas mulheres é a violência doméstica. Em nossas conversas preliminares, concebemos o grupo como um espaço de troca de experiências e construção de novas possibilidades de vida.

De junho de 2001 até dezembro de 2003, o grupo de mulheres se reúne semanalmente contando com a presença de mulheres de várias comunidades da Maré, além da minha presença e da de uma estudante de psicologia, bolsista do CNPq em estágio no ELOS. A religiosa que havia solicitado nossa ajuda participa ativamente das primeiras reuniões do grupo, mas depois passa a ter participação eventual, em função de seus afazeres, e também por entender que, desta forma, deixaria as mulheres mais à vontade. Mesmo assim, a casa da congregação religiosa nos acolhe cuidadosamente, durante todo o tempo em que o grupo se reúne.

A casa abriga algumas religiosas, em processo de formação, que desenvolvem vários trabalhos na comunidade. O grupo se renova periodicamente, já tendo havido, anteriormente, outras tentativas de agrupar mulheres da comunidade, com diferentes objetivos.

Por ocasião do Natal de 2003, como de costume, as religiosas entram em férias e a casa permanece fechada até o fim do mês de janeiro. Entretanto, nesta ocasião, ocorre um fato inusitado: a transferência de todas as religiosas para outras localidades. Tal fato desmobiliza todas nós e marca o término do grupo de convivência. Um ano mais tarde, tomo conhecimento de que a Congregação se retirara da Maré. A casa, antes mantida pela Congregação, moradia das religiosas em formação e local de encontro do nosso grupo, passa a abrigar um outro projeto.

Neste momento, eu já cursava o mestrado em saúde pública. Resolvo então, transformar esta experiência em objeto de estudo e reflexão. O tema do sofrimento parecia-me estar no centro das preocupações com o mal-estar (SABROZA, 1994). Inseri a proposta de mestrado no campo de investigação da vigilância da saúde.

A concepção oficial de vigilância da saúde pressupõe a inclusão da determinação social e das questões ambientais relacionadas a doenças e agravos à saúde e critica a abordagem exclusiva por doenças. Entretanto, este modo de pensar não é hegemônico. Uma contratendência a este pensamento se faz presente. Podemos constatar que o setor saúde continua organizado para dar conta de doenças e agravos, mas não das possibilidades de vida das populações e, portanto, da saúde. Mais ainda, despreparados para lidar, e até mesmo reconhecer, sinais da determinação social e ambiental nos

agravos à saúde, os serviços se mantêm cristalizados em seu paradigma biomédico, cada vez mais voltado para o indivíduo, visto como organismo isolado de seu meio, e de sua dimensão subjetiva. Embora não possamos negar a importância deste paradigma, não podemos deixar de considerar que a medicalização é produto de um aprendizado social, onde o avanço tecnológico, principalmente no que diz respeito aos exames diagnósticos e medicamentos, substituiu, na ordem simbólica, a confiança na relação médico-paciente pelo fetiche do medicamento. Uma boa consulta precisa de uma receita. É isso que é esperado e, se não acontece, gera insatisfação no paciente que, muito provavelmente, irá procurar outro médico que lhe faça uma prescrição. A saúde assume o lugar de um bem quase etéreo, que não se relaciona com a vida e que, portanto, pode muito bem ser adquirida e consumida.

Segundo Stotz (1994), o processo saúde/doença deve ser entendido em sua relação com os processos e relações sociais que estão em sua base. Enquanto a saúde pode ser vista como um conjunto de possibilidades de vida, a doença revela as dificuldades para a reprodução da vida.

Nas populações pobres as dificuldades da sobrevivência diária impõem um ritmo de tal forma exigente que torna difícil a renovação das energias tanto físicas quanto psíquicas. Um sofrimento invisível que muitas vezes só se concretiza no mal-estar físico e apenas por seu intermédio adquire visibilidade.

Este estudo se propõe a trazer o sofrimento para o âmbito da saúde pública, a partir da narrativa de quem sofre e, principalmente, enfatizar suas construções e formas de enfrentamento. Tais práticas criam novas possibilidades de ação e legitimá-las pode contribuir para a formulação de políticas públicas de saúde onde o interlocutor é o próprio sujeito a quem elas se destinam.

Meu objetivo geral é estudar como a convivência no grupo possibilita a expressão e o enfrentamento do sofrimento difuso. Desta forma, procuro apreender as formas de expressão de sinais individuais e coletivos das dificuldades das mulheres da Maré de andar a vida; identificar as formas de enfrentamento do sofrimento difuso; estabelecer relações entre problemas de saúde e o mal-estar social e existencial; e, se possível, contribuir para o desenvolvimento de formas alternativas de cuidado à saúde.

A presente pesquisa acadêmica tem por objeto de estudo a experiência de um grupo de convivência feminino, formado a partir da demanda da comunidade, enquanto território de vida que possibilita a expressão do sofrimento e seu enfrentamento. Procuro destacar, nos relatos e conversas das mulheres, os incômodos, dificuldades e

sofrimentos expressados que compõem uma sintomatologia manifesta ou “sofrimento difuso”.

Minha experiência assistencial me permitiu vivenciar o cuidado em saúde mental, num conhecido hospital psiquiátrico público, em sua trajetória rumo à reforma psiquiátrica.

Desprovido de razão, incapaz de responder pelos seus atos e de posicionar-se enquanto sujeito portador de direitos, o louco é definido como não-cidadão. Seu espaço é o da tutela e da exclusão, demarcado pelos altos muros do hospício, onde as palavras adquirem lugar de sintoma e a pessoa, de doença, em sua totalidade.

Em oposição a esta perspectiva e, fruto de uma discussão não restrita ao saber médico, vários movimentos ocorrem no âmbito da psiquiatria, até que a reforma psiquiátrica, liderada por Basaglia, coloca o paciente como o “outro”, que tem direito a contestação. As palavras do louco, portanto, devem ser ouvidas e não apenas, examinadas. Essa relação diferenciada entre quem trata e quem é tratado produz um estado de tensão gerador de uma nova vida e exige disponibilidade para viver as contradições desse relacionamento. Quem contesta é sujeito de seus desejos, de sua história e de suas escolhas.

No grupo de mulheres, pude presenciar os relatos das mulheres acerca de suas experiências com os serviços de saúde e, também, conhecer seus sentimentos com relação a convivência em grupo.

Baseada nestas experiências, apresentarei a seguir, quadros-síntese demonstrativos dos níveis de expressão do sofrimento e de seu enfrentamento no grupo de convívio e nos serviços de saúde.

Expressões do Sofrimento:

GRUPO DE CONVIVÊNCIA	SERVIÇOS DE SAÚDE
Relatos de incômodos	Sintomas mal definidos
Relatos sobre as dificuldades da vida	Paciente poliqueixoso
Emoção do sofrimento	Paciente ansioso ou com “piti”

Características da atuação:

GRUPO DE CONVIVÊNCIA	SERVIÇOS DE SAÚDE
Rede de cuidados	Assistência Especializada
Potencialização de recursos internos	Medicalização
Construção de sentido	Medicamento como fetiche
Maior autonomia	Maior heteronomia

Considerando ser relevante conhecer formas alternativas de cuidado à saúde, referenciadas na promoção da vida, esta pesquisa procura responder à seguinte pergunta: Como o grupo de convivência possibilita a expressão do sofrimento e potencializa os recursos utilizados para seu enfrentamento?

Para tanto, utilizo três caminhos metodológicos: o grupo de mulheres, do qual participo durante dois anos e meio; entrevistas com seis mulheres que participaram do grupo e, por considerar relevante para a compreensão deste estudo, apresento os resultados parciais da pesquisa: “Vigilância Civil da Saúde na Atenção Básica – Uma Proposta de Ouvidoria Coletiva na AP 3.1, Rio de Janeiro”.

A estrutura da dissertação está organizada da seguinte forma:

No capítulo 1 abordo aspectos teóricos dos temas em questão, a saber: o sofrimento difuso, grupos e convivência.

No capítulo 2 trato dos procedimentos metodológicos da pesquisa. Aqui explico os caminhos metodológicos utilizados na pesquisa, inclusive na pesquisa da Ouvidoria Coletiva, cujos resultados são apresentados neste trabalho.

No capítulo 3 apresento a pesquisa e seus resultados. Divido esta apresentação em duas partes. Uma mais geral, na qual apresento o contexto da vida, e outra mais específica, onde apresento o grupo de mulheres e as seis entrevistadas.

No capítulo 4 faço uma análise dos resultados, baseada na metodologia do Discurso do Sujeito Coletivo de Fernando Lefèvre.

Capítulo 1

ASPECTOS TEÓRICOS

Como já foi mencionado, este trabalho tem como objeto de estudo e reflexão a experiência de um grupo de mulheres que se reúne semanalmente para falar de seus problemas e seus sofrimentos. Estes, assumindo a definição de Valla (2001), são aqui chamados de “sofrimento difuso”, tema abordado por vários autores que utilizam termos similares.

Como o ponto de partida é um grupo permeado pelo sofrimento, e que tem na convivência sua principal característica, apresentarei a seguir algumas abordagens teóricas acerca dos principais temas, a saber: o sofrimento difuso, grupos e a convivência.

1.1 O Sofrimento difuso

O termo sofrimento difuso tem sido bastante divulgado no meio acadêmico pelo prof. Victor Valla. Como ele próprio afirma, este termo foi “capturado” em uma conversa com uma profissional de serviço de saúde, que assim se referiu para caracterizar uma demanda que cada vez mais chega aos serviços.

Antes de explicitar o que estou entendendo por sofrimento difuso, estarei dando algumas definições para *sofrimento*, *dor* e *difuso*.

Segundo o dicionário Aurélio:

Sufrimento – Ato ou efeito de sofrer. Dor física. Angústia, aflição, amargura. Paciência, resignação.

Sufrer – Ser atormentado, afligido por, padecer. Tolerar, suportar, agüentar.

Dor – Impressão desagradável ou penosa, proveniente de lesão, contusão ou estado anômalo do organismo ou parte dele. Pode ser também sofrimento moral; mágoa, pesar, aflição. Ou ainda, dó, compaixão, condolência.

Difuso – Em que há difusão; disseminado, divulgado. Prolixidade, redundância.

Difundir – Derramar, espalhar.

De fato, parece tratar-se de um mal-estar que pode ser físico ou moral (aflição, angústia, mágoa) e que se expressa de forma disseminada, dispersa, manifestando-se ora de um jeito, ora de outro.

Valla (2001) define o sofrimento difuso como uma queixa sobre sintomas como dores de cabeça, dores pelo corpo, desânimo e insônia, detectáveis, porém não diagnosticáveis através de exames laboratoriais, e que, via de regra, são medicalizados com resolubilidade duvidosa.

Segundo este autor, embora o modelo biomédico, hegemônico nos Estados Unidos e no Brasil, tenha tido muito sucesso na descoberta e controle das doenças infecciosas, acabou sendo a panacéia para muitas queixas, sem necessariamente resolver problemas como o do sofrimento difuso. É o que alguns estudiosos chamam de *medicalização da sociedade*.

Illich (1975) refere-se à medicalização como sendo o ato de terapeutizar ou medicar problemas que têm sua gênese no social ou no existencial. Entendendo que as relações saúde/doença se dão em três ordens que se interligam, a saber: a orgânica (biológica), a social (vida de relações: política) e a existencial (vida psíquica: subjetividade), pode-se, numa primeira aproximação, pensar o sofrimento difuso como sendo a expressão de uma desordem que tem sua origem na vida, ou seja, na interseção desses três níveis, embora se comunique através de um ou de outro aspecto, de acordo com as circunstâncias. Nos serviços de saúde, mesmo que o sofrimento seja explicitado numa queixa subjetiva, como o desânimo, a resposta dada, em geral, é a medicalização. Embora reconheça que a medicação traz alívio para o sofredor, reduzir as possibilidades de ação ao uso de medicamentos parece empobrecer a vida e promover um crescente afastamento de formas de enfrentamento mais satisfatórias.

Segundo Berlinguer (1988) a doença pode ser um sinal, uma vez que raramente é um caso isolado, apesar de ser um fenômeno intimamente ligado à existência privada do indivíduo.

Atualmente, os serviços de saúde tendem a reprimir e a distorcer os sinais coletivos da doença, porque circunscreve a atuação do médico à relação individual com o doente, reduzindo a nível orgânico os processos de saúde-doença.

A medicina moderna perdeu o vínculo com o contexto de vida do paciente. Esqueceu-se da visão hipocrática de que o *médico não podia ajudar o indivíduo se não*

tivesse compreendido os dados ambientais que condicionavam a higiene, a alimentação, às afecções do próprio paciente. Mas não é só isso. Hipócrates reconhecia que, além do ambiente natural, o homem também estava inserido num ambiente social e por isso,

era essencial a análise da situação social, seus reflexos sobre a psicologia, sobre as condições de trabalho e de vida do indivíduo. Certamente será diferente um paciente escravo de um homem livre, um paciente que vive numa sociedade democrática de um que vive numa sociedade monárquica, e assim por diante, escrevia Hipócrates atingindo um conhecimento que durante muitos séculos a medicina não poderá mais recuperar. (BERLINGUER: 1988, 10).

Por outro lado, a cultura médica dominante, cúmplice da ordem social,

serve, de fato, para transferir o fenômeno sofrimento somente para quem o exprime, ocultando a estreita ligação com a situação responsável pelo seu aparecimento, e privando-a, portanto, do seu significado mais essencial. Uma vez realizado esse deslocamento, uma vez realizada a ruptura entre sofrimento individual e realidade social (isto é, condição de vida material, psicológica e de relação) será simples dedicar-se à doença como um fenômeno puro, natural, isolado do mundo cujo sujeito faz parte e é expressão, e organizar em torno disso o tratamento e a cura... (BERLINGUER: 1988,101).

Assim, a medicina moderna inicia o “*ocultamento sistemático*” daquilo que produz sofrimento e doença. Entretanto, os espaços onde a expressão da subjetividade é facilitada e acolhida, permitem desvelar as razões do sofrimento e também de novas formas de enfrentamento.

Maria Lúcia da Silveira define nervos como *um conjunto variado e instável de sintomas psicológicos e/ou somáticos, mediadores entre o sujeito sofredor e o seu meio, constituindo uma das expressões de distresse ou estresse social.* Trata-se de uma *sintomatologia tosca, polimorfa e imprevisível que pode comprometer quase todo o corpo e as funções orgânicas, inclusive as mentais (...)* (SILVEIRA: 2000,11).

Penso que esta definição para “doença dos nervos”, em muito se aproxima do que estou chamando de sofrimento difuso. Num mundo cada vez mais tecnológico e impessoal, o sofrimento, na busca de acolhimento, se apresenta travestido do que é reconhecido pela sociedade, adquirindo assim características mutáveis.

Jurandir Freire Costa define a “doença dos nervos” como um modo de adoecer mental característico das faixas sociais de baixa renda. Trata-se de um quadro *sindrômico, de difícil enquadramento na nosografia clássica, e com sintomas variados como pequenas queixas hipocondríacas, ligeiros episódios fóbicos, depressões*

mitigadas, pequenos episódios conversivos, insônias, crises de choro, distúrbios do apetite, cefaléias, taquicardias, parestesias leves, etc. (COSTA: 1987)

O autor considera que a experiência dos pacientes com o sofrimento dos nervos é física porque

da experiência da vida, guarda o hábito de oferecer, em primeiro plano, o corpo como instrumento privilegiado de comunicação de conflitos de seu mundo afetivo. Mas, também é mental, e sua expectativa é a de ser reconhecido e seu sofrimento tratado, tanto como um problema (COSTA: 1987,14).

Podemos dizer que a “doença dos nervos” não se refere apenas ao corpo. Ao contrário, possui uma significação que engloba queixas orgânicas e psíquicas. O ser que sofre assinala como causa de seus distúrbios fatores orgânicos e também de natureza relacional, como conflitos individuais, familiares ou no trabalho.

Costa critica a teoria que considera a doença dos nervos tendo um referente fixo no corpo, por considerar que esta abordagem representa um modo de conceber a linguagem fora de seu contexto ou situações práticas. Sua crítica não nega a presença da opressão social ou da exploração econômica no surgimento deste distúrbio psíquico. Nega, sim, a idéia de que a população trabalhadora possua uma “*linguagem pobre*” ou “*insuficiente*” para exprimir ou discriminar a natureza do seu mal-estar. Nas palavras do autor, *existem diversos jogos de linguagem que só ganham seu pleno sentido, o pleno entendimento, quando analisados à luz da prática social que lhes dá vida* (COSTA: 1987).

Para Luiz Fernando Duarte (1993), a noção específica de doença mental emerge da confluência do dualismo entre corpo e mente, que caracteriza o desenvolvimento das representações sobre o humano na cultura ocidental moderna, com o fisicalismo hegemônico nos demais saberes científicos.

Mais tarde, a adoção do termo “saúde mental” marca a insatisfação com a noção de “doença mental”. Recentemente, o termo “psicossocial” surge para tentar dar conta e responder a outras insatisfações com aquela categorização. A antiga tradição médico-filosófica dispunha da expressão “físico-moral” como qualificação das perturbações que se construía sobre a articulação dos dois planos considerados constitutivos da pessoa.

Após a Segunda Guerra Mundial, surge uma reação ao reducionismo biomédico comprometido com a idéia de “doença mental” e que assume duas formas, consideradas

modernas: o “psicologismo” e o “sociologismo”.

O “psicologismo”, instruído pelo desenvolvimento da psicanálise, assume um patamar específico da realidade humana que não se confunde com a corporalidade e ocupa “o antigo lugar da alma”. (DUARTE: 1993, 83). Tal pressuposto impõe uma nova representação da causalidade e dinâmica das perturbações, agora nomeadas “psíquicas”, “psicológicas”, ou “inconscientes”.

O sociologismo, nutrido da crítica social, procura subordinar a compreensão das perturbações à percepção do condicionamento social a que estão sujeitas todas as experiências humanas.

Mais recentemente, essas duas perspectivas se aglutinam na proposição de uma locução de oposição ao reducionismo biomédico: a aflição psicossocial, que considera os condicionamentos sociais e a dinâmica psicológica.

Para este autor, os “nervos” se constituem como fio de relações entre o físico e o moral. Não abolem o dualismo físico-moral – ao contrário, constituem uma verdadeira teoria das conexões e fluxos possíveis entre as duas dimensões. Segundo a lógica do “nervoso”, um evento físico pode acarretar reações morais ou uma experiência moral ter implicações físicas, sem que se deixe de distinguir entre os dois planos.

Para Duarte: *Os nervos são pensados como um meio físico de experiências tanto físicas quanto morais (...). Os nervos são uma típica representação relacional da pessoa.*

Julia Kristeva (2002) lança uma inquietante pergunta: “*Quem, hoje em dia, ainda tem alma?*”

A psicanalista afirma que, em sua experiência clínica, tem observado uma *espetacular redução da vida interior*. Segundo a autora, cada vez mais chegam “novos pacientes” aos consultórios psicanalíticos. Com dificuldades relacionais e sexuais, sintomas somáticos, impossibilidade de expressar-se e mal-estar gerado pelo emprego de uma linguagem sentida como artificial e vazia, embora com a aparência dos analisandos clássicos, logo transparecem “doenças da alma” que evocam, sem com elas se confundirem, as impossibilidades dos psicóticos de simbolizarem traumas insustentáveis. Novas sintomatologias se apresentam, tendo em comum a dificuldade de representar, e essa carência da representação psíquica cria entraves para a vida.

Para Kristeva, o homem moderno vive o empobrecimento da representação de sua experiência – vida psíquica. Pressionados pelo estresse e pelas imagens da mídia,

que impõem identificações como única possibilidade social de construção do “eu”, as pessoas de hoje substituem a interpretação do sentido pelo ato ou pelo seu avesso, o abandono. São habitantes de um espaço e de um tempo retalhados e acelerados com dificuldades, para reconhecer, em si mesmos, uma fisionomia. Falta tempo e espaço para se constituir uma alma. Polarizando o problema, Kristeva considera o homem moderno um narcisista preso ao corpo pelo sofrimento. A sociedade, entretanto, não o “deixa” sem recursos – oferece a neuroquímica como alívio para suas angústias e, assim, o corpo conquista o território invisível da alma.

A reflexão de Kristeva sobre a “nova doença da alma” nos oferece a oportunidade de pensar este mal-estar como próprio de um modo de vida de uma sociedade capitalista que tudo transforma em mercadoria, e não vinculado exclusivamente a uma classe social. Mesmo assim, não podemos deixar de considerar que a modernidade de nossos tempos não atinge a todos da mesma forma e, portanto, a classe trabalhadora vive esse problema com algumas especificidades, próprias a seu modo de inserção no mundo.

Numa linguagem bastante peculiar à cultura brasileira, Adalberto Barreto (BARRETO, s/d)¹ considera que a consequência mais imediata da exclusão social é a cisão da sociedade em duas grandes correntes humanas: uma fixada na terra e possuidora de bens visíveis e outra que ninguém quer ver e que perambula no espaço urbano movida pelas necessidades básicas, como “fantasmas semivisíveis”. Estes, se constituem na “sociedade dos descolados sociais ou das ‘almas penadas’”.

Em nossa cultura, o termo ‘alma penada’ define a situação de pessoas que morreram e não conseguem seguir o destino de todas as almas após a morte, ficando assim, a vagar entre os vivos, tentando, sem sucesso, contato com o mundo dos vivos. Para o autor, ser migrante, favelado, é tão angustiante e frustrante quanto ser uma “alma penada” buscando contato com os vivos, sem jamais conseguir ser visto ou ouvido.

Para Barreto, as doenças da alma dos excluídos se caracterizam, principalmente, por três distúrbios que atingem, de forma contundente, os indivíduos, a saber: os distúrbios do abandono, da insegurança e da baixa-estima. Tais distúrbios, se constituem em elementos fomentadores de violência e divisão no seio da sociedade, pelos medos e ações irracionais que eles podem ocasionar. O clima de tensão, desespero e angústia gerado por esta situação só pode desaparecer com uma maior presença de instituições comprometidas com o bem comum. Instituições ausentes, ou inoperantes, favorecem que os indivíduos criem suas próprias regras e leis, instituindo o “salve-se quem puder”.

De fato, a situação de pobreza impõe o enfrentamento da violência em suas diversas formas de expressão – da violência estrutural do desemprego, da luta pela sobrevivência e de outras que destas decorrem, como a criminalidade e o dilaceramento do núcleo familiar. O confronto diário com tais situações e a tarefa de cuidar, tão identificada à condição feminina, em situações de tal forma adversas, se impõe como limitação e parece cobrar seu preço. No limite de suas possibilidades, só resta mesmo a linguagem muda do desânimo, da insônia, das dores. Na transcendência desse limite, “entregar a Deus” parece acolher o sofrimento, transformando o desespero da impotência em esperança. Embora não pretenda aprofundar a questão da religiosidade, gostaria de chamar atenção para o papel desempenhado pela fé no enfrentamento dos problemas da vida.

Enfim, a quem cabe cuidar do sofrimento?

Com o advento das idéias de promoção, a saúde pública atual entende a saúde não como ausência de doença, mas como “bem-estar”. Entretanto, a subjetividade, o sofrimento não detectável através de exames diagnósticos, parece ainda não ter recebido a atenção que necessita por parte da saúde pública.

Paulo Sabroza (1994) afirma que a atual crise da saúde pública é também aquela vivida no cotidiano e se expressa pela generalização e banalização do mal-estar.

Para este autor, se o termo saúde pública descreve o conjunto de práticas e conhecimentos organizados institucionalmente em uma sociedade, capazes de assegurar as condições necessárias à manutenção e reprodução da vida humana saudável, um projeto de uma nova saúde pública, dirigida a promover a saúde e não preferencialmente a cuidar da doença, deverá entender e trabalhar a questão de que os homens não têm apenas necessidades, mas também desejos e medos e que o sofrimento precisa ser atendido. Atender o sofrimento implica em reconhecer a subjetividade, que traz em si o singular e o coletivo.

Esta parece ser uma questão crucial para a saúde pública. O sofrimento pertence aos sujeitos e não aos organismos nem muito menos às doenças. Sujeitos que expressam não apenas o singular, mas também a singularidade da sua interação com o coletivo. Um sujeito não possui apenas corpo. Ele possui corpo, mente e também uma família ou a falta dela, possui vizinhos, amigos, enfim, faz parte de um coletivo e possui uma história que constrói e reconstrói cotidianamente e que é perpassada por desejos, medos, expectativas e anseios.

O sujeito é uno em suas dimensões: orgânica, social e existencial ou subjetiva. E o que quer que aconteça em qualquer esfera da sua existência, isso afetará as demais, independentemente das relações de causalidade que possam haver. Se alguém contrai uma infecção, isso certamente o afetará em suas dimensões psíquica e social, e assim sucessivamente.

Para atender o sofrimento, como propõe Paulo Sabroza, é preciso acolher o sujeito em sua integridade, permitindo que a subjetividade se expresse como possibilidade de saúde.

Entretanto, o que presenciamos é uma prática cada vez mais fragmentada e distanciada da vida:

É surpreendente com que tranqüilidade, há décadas prosseguimos falando de saúde enquanto valor individual positivo, enquanto a violência em suas diferentes formas, a adição de grupos jovens a drogas cada vez mais destrutivas e o sofrimento decorrente da solidão se disseminam rapidamente, como resultados de processos coletivos, sem que as sociedades sejam capazes de reconhecê-los enquanto problemas de saúde (SABROZA: 1994, 3).

1.2 Grupos

Segundo Zimerman (1997), o ser humano é gregário por natureza e existe em função de seus inter-relacionamentos grupais. Desde o nascimento o indivíduo participa de diferentes grupos, numa *constante dialética entre a busca de sua identidade individual e a necessidade de uma identidade grupal e social* (ZIMERMAN: 1997, 26). O individual e o grupal não existem separadamente – ao contrário, se interpenetram e se confundem entre si.

Embora não haja uma definição precisa sobre o termo “grupo”, uma vez que pode designar várias conceituações, que vão desde a definição concreta de um conjunto de três ou mais pessoas, de uma família, de uma gangue de formação espontânea ou de uma composição artificial, como o grupo de uma classe de aula ou um grupo terapêutico, até o nível de uma abstração, como é o caso de um conjunto de pessoas que, compondo uma audiência, esteja sintonizado num mesmo programa de televisão.

Existem, portanto grupos de todos os tipos. O autor considera que uma primeira subdivisão que se faz necessária é a que diferencia os grandes grupos – pertencentes à área da macro-sociologia, dos pequenos grupos (micropsicologia).

Para o autor, os microgrupos, como é o caso dos grupos terapêuticos, de modo geral tende a reproduzir as características sócio-econômico-políticas e a dinâmica psicológica dos grandes grupos.

Zimerman distingue o “grupo propriamente dito” e “agrupamento”. Por agrupamento entende um conjunto de pessoas que convive partilhando de um mesmo espaço, que guardam entre si uma potencialidade em virem a se constituir como um grupo propriamente dito. Para o autor: “a passagem da condição de um agrupamento para a de um grupo consiste na transformação de “interesses comuns” para “interesses em comum” (ZIMERMAN: 1997, 28).

Na visão de Zimerman, um grupo, independente de sua natureza ser operativa ou terapêutica, não é um mero somatório de indivíduos. Ao contrário, se constitui como nova entidade, com regras e mecanismos próprios.

Entretanto, apesar de sua identidade grupal própria e genuína, deve preservar as identidades específicas de cada indivíduo. Este campo dinâmico é composto por múltiplos fenômenos e elementos do psiquismo, articulados entre si de tal modo que a alteração de cada um vai interferir nos demais. A dinâmica grupal se processa em dois planos: o da intencionalidade consciente e o da interferência de fatores inconscientes, havendo uma certa flutuação e superposição entre eles.

Nos grupos sempre há uma hierárquica distribuição de posições e de papéis de distintas modalidades. Nele coexistem duas forças contraditórias, uma tendente à coesão e outra, à desintegração. Mas, além disso, é inerente ao grupo a existência de alguma forma de interação afetiva, que pode assumir variadas formas.

Stein (1997), chama atenção para a natureza imprevisível e criativa do devir psíquico no âmbito do intersubjetivo. Segundo ele: *O encontro de duas intencionalidades gera sempre intencionalidades nova* (STEIN: 1997,143). Propõe o termo “*psicanálise compartilhada*” para definir a circulação da função psicanalítica, que não significa que o analista deva abrir mão de sua condição. Baseado em trabalhos de Freud, defende a idéia de que em todas as pessoas existe um dispositivo inconsciente capaz de reagir adequadamente na leitura do inconsciente nos outros e afirma que, num grupo, assim como as pessoas estão aprendendo a “ler” o inconsciente de um outro, também estarão aprendendo a ler o próprio inconsciente, desde que com a mediação de um outro.

Trata-se, portanto, de um aprendizado construído coletivamente, fato para o qual quero chamar a atenção, e que permite, em alguns momentos, que o exercício da mediação seja desempenhado por outros membros do grupo. Cabe ao coordenador exercer sua função, mas também validar as intervenções apresentadas pelos membros do grupo.

Para Zimerman (1997), o que determina as diferenças entre os vários tipos de grupos é a sua finalidade, uma vez que a essência dos fenômenos grupais é a mesma. Propõe uma classificação dos grupos fundamentada no critério da finalidade, considerando uma divisão genérica de dois grandes ramos: operativos e psicoterápicos.

Os grupos psicoterápicos, na visão deste autor, são aqueles que se destinam prioritariamente, à aquisição de insight dos aspectos inconscientes dos indivíduos e da totalidade grupal.

O grupo operativo possui uma conceituação tão abrangente e tantas aplicações práticas que muitos autores preferem considerá-lo como sendo, genericamente, um continente de todos os demais grupos, mesmo os psicoterápicos. Zimerman considera que, em linhas gerais, os grupos operativos propriamente ditos cobrem os seguintes campos: ensino-aprendizagem, institucionais, comunitários e terapêuticos.

Adalberto Barreto², desenvolve um trabalho de Terapia Comunitária, que tem sua identidade alicerçada em quatro grandes eixos teóricos:

A Teoria Geral dos Sistemas, segundo a qual as crises e os problemas só podem ser entendidos e resolvidos se os percebemos como partes integradas de uma rede complexa que ligam e relacionam as pessoas num todo que envolve o biológico (corpo), o psicológico (a mente e as emoções) e a sociedade. Portanto, somos um todo em que cada parte influencia e interfere na outra parte.

A Teoria da Comunicação, que aponta para o fato de que a comunicação é o elemento que une os indivíduos, a família e a sociedade. Todo comportamento, todo ato, verbal ou não, individual ou grupal, tem valor de comunicação num processo, sempre desafiante, de entendimento das múltiplas possibilidades de significados e sentidos, que podem estar ligados ao comportamento humano. A riqueza e a variedade das possibilidades de comunicação entre as pessoas nos levam além das palavras para entender a busca de cada ser humano pela consciência de existir e pertencer, de ser confirmado e reconhecido como indivíduo e cidadão. Além disso, alerta para os riscos de uma comunicação ambígua.

A Antropologia Cultural, que chama a atenção para a importância da cultura – esse conjunto de realizações de um povo ou de grupos sociais – como o referencial, a partir do qual cada membro de um grupo se baseia, retira suas habilidades para pensar, avaliar e discernir valores, e fazer suas opções cotidianas. A cultura é, portanto, “elemento de referência” na construção da identidade pessoal e grupal.

Por fim, o quarto grande eixo teórico da Terapia Comunitária: a Resiliência, que nasce da história de cada participante. As crises, sofrimentos e vitórias de cada um se constituem em matéria-prima num trabalho de criação gradual de consciência social, para que os indivíduos descubram as implicações sociais da gênese da miséria e do sofrimento humano. O enfrentamento das dificuldades produz um saber que tem permitido aos pobres sobreviverem, revelando espírito criativo construído historicamente através da interação entre o indivíduo e seu meio ambiente.

A título de esclarecimento, a resiliência é um conceito oriundo da física e refere-se a capacidade que tem um corpo de ser flexível quando submetido a uma ou várias forças energéticas e voltar ao seu estado de normalidade após cessada a força. No campo da psicologia, tem sido compreendida como a capacidade dos sujeitos de resistir às adversidades do ambiente, superando, assim, os fatores de risco aos quais são expostos.

A Terapia Comunitária tem como meta identificar e mobilizar as capacidades dos indivíduos, das famílias e das comunidades para que encontrem suas próprias soluções para os problemas que enfrentam. É, portanto um trabalho com ênfase na competência e não na carência, que visa reforçar os vínculos entre as pessoas e que valoriza a cultura como valor, ou seja, como um recurso a ser mobilizado e articulado, de modo a favorecer potenciais de crescimento e de resolução dos problemas.

A proposta da Terapia Comunitária rompe com o isolamento entre “saber científico” e “saber popular”. Busca o respeito entre as duas formas de saber que devem ser compreendidos numa perspectiva de complementaridade (BARRETO, s/d)³.

1.3 Convivência

Para Waldenez Oliveira, o convívio é a palavra-chave para o diálogo. *Conviver é estar junto, olhar nos olhos, conversar frente a frente* (OLIVEIRA: 2003, 94). É pelo convívio que se descobre em quem confiar e também se detecta a falsidade.

É na simplicidade da convivência que se constrói vínculos de solidariedade. A convivência no grupo de mulheres estabelece vínculos afetivos e possibilita a construção de uma rede de cuidados, que atua para além do grupo, identificando novas mulheres que precisam de ajuda, visitando as que adoecem, contribuindo com as que não têm o que comer.

Raquel Paiva indaga sobre as possibilidades de resposta da sociedade civil à voracidade economicista das elites contemporâneas e apresenta a comunidade *investida de um poder de resgate da solidariedade humana ou da organicidade social perdida* (PAIVA: 2003,19), solidariedade esta que, nada tendo a ver com o imperativo moral de ética humanista, se coloca como verdadeira estratégia dos que, *por viverem na escassez ou à margem, constroem um saber particular de convivialismo e de experiência local*.

Para esta autora, a idéia de aldeia global, interligando os povos através da circulação de informação não trouxe conscientização nem efetiva participação na solução de problemas sociais. Ao contrário, (...) *a informação, tendo alcançado seu mais alto grau de rapidez e volume, não propiciou, como se poderia supor, a experiência comum, o partilhamento do real; ao contrário, simulou essa vivência* (PAIVA: 2003,22).

A interpretação do mundo e a intervenção no real exigem que se priorize o local, o regional, o contato, embora não se possa abrir mão do aparato técnico que envolve o indivíduo em seu despertamento e nomadismo, próprios da era atual.

A comunidade e seus recursos se colocam como uma saída possível. Nas palavras da autora: *Os sujeitos individuais e coletivos podem escapar aos ditames do poder, às pressões da alienação, graças ao impulso dado pela experiência da pluralidade, da expressão múltipla. A comunidade é esse sujeito coletivo* (PAIVA: 2003, 26).

Paiva, ao se perguntar sobre o que faz com que a experiência da partilha e da comunhão seja tão fundante para o indivíduo, cita Heidegger acerca da disposição do ser-no-mundo, na prerrogativa da coexistência, do ser-com-os-outros. O ser-em-comum que se constitui como instância responsável pela presença no mundo da linguagem, da comunicação como partilha do discurso.

Para Stein (1997) *a linguagem é um ato a dois. Torna-se linguagem, quando se encontra com a linguagem daquele que escuta* (STEIN: 1997, 152).

Se o simples fato de estar junto não significa partilhar da experiência do outro, pertencer a um grupo parece possibilitar a experiencição do outro, numa atitude recíproca de interioridade. Este pertencimento significa o enraizamento do indivíduo no cotidiano do outro e também o reconhecimento de sua própria existência. Afinal precisamos do olhar do outro para nos percebermos, e isso implica em convivência.

Quando alguém conta sua história, na verdade está recontando e refazendo a sua história. Precisamos do outro para nos construir enquanto sujeitos. Ao nascer, é através do par mãe-bebê que fazemos uma primeira distinção entre o Eu e o não-Eu. Aos poucos, vários “outros” vão se introduzindo nesta relação e, assim, vai se dando o processo de construção do Eu. Com o crescimento, iniciamos um caminhar *rumo a uma autonomia cada vez maior* (WINNICOTT, 1983) e, assim, construímos identidades múltiplas que nos permitem assumir diversos papéis sociais. A idéia de Winnicott, de *um caminhar rumo a*, nos dá a idéia de um processo que não se esgota. Este processo, a meu ver, se dá justamente no espaço do coletivo, onde se entrelaçam o “Eu” e os vários “Outros” em construção. A subjetividade é, portanto, um processo que se dá na intersubjetividade.

O apoio emocional de um grupo parece ampliar as possibilidades de lidar com as dificuldades da vida, diminuindo as chances de adoecimento. Para as mulheres que compartilham suas experiências de vida, o grupo é uma forma de apoio social que fortalece enquanto sujeito. No grupo, as mulheres participam, trocam experiências, oferecem e recebem ajuda. O problema de cada uma, muitas vezes se transforma em competência para ajudar na solução do problema de sua companheira de grupo. Assim, juntas, vislumbram outras formas de lidar com o cotidiano, constroem um espaço para a alegria e adoecem menos.

Alda Lacerda e Victor Valla (2003), numa releitura sobre a teoria do apoio social, afirmam que este compreende os diversos recursos (emocionais, informativos e instrumentais) que os sujeitos recebem através das relações sociais sistemáticas e que gera efeitos positivos tanto em quem recebe como em quem oferece o apoio, apontando para uma relação de troca e de envolvimento. Enfatizar os relacionamentos sociais significa dar relevância ao conceito de redes sociais, definida como uma teia de relações que circunda os indivíduos conectados pelos vínculos sociais.

Estar junto é uma forma de lidar com o sofrimento difuso, mas não é só isso. O grupo funciona como elo de apoio social e expressão para o sofrimento, mas é também um espaço de liberdade, de autonomia e de construção de sentido, onde o individual e o

coletivo se imbricam na reconstrução da história e da subjetividade, que permite a elaboração e valorização de idéias sobre vida e saúde.

Para Stotz (1994), é necessário superar o paradigma segundo o qual a atenção à saúde é pensada em termos de uma equação entre demanda e oferta, que o setor saúde seria ou não capaz de resolver. É preciso avançar na direção de *se pensar a saúde pública como expressão de forças sociais, identificando as tendências que destacam as possibilidades de vida historicamente dadas em nossa sociedade* (STOTZ: 1994, 135).

Segundo o autor, está em questão o *controle que as pessoas exercem sobre seu próprio destino*, ou seja, o poder que elas têm para lidar com as várias pressões exercidas pela sociedade capitalista de nossos tempos. Destaca que os membros das classes dominantes dispõem de recursos para compensar as adversidades cotidianas, o que lhes confere maior controle sobre seus destinos. Ao contrário, os membros das classes dominadas, individualmente exercem muito pouco controle sobre os seus destinos, o que pode ser relevante nos processos de adoecimento.

Stotz considera que as diversas propostas de associativismo, mais do que “opção política”, podem ser encaradas como formas de autodefesa diante das necessidades prementes e diárias, de sobrevivência da população.

¹ O texto: “As doenças da alma dos excluídos” me foi entregue pessoalmente pelo autor e não está datado.

² Adalberto Barreto é professor da graduação e pós-graduação do Departamento de Saúde Comunitária da Faculdade de Medicina da Universidade do Ceará. Coordena, há 15 anos, um Projeto de Pesquisa e Extensão na área de Saúde Mental Comunitária na Comunidade de Quatro Varas, na Favela do Pirambu - Fortaleza – CE.

² O texto: “As doenças da alma dos excluídos” me foi entregue pessoalmente e não está datado.

¹ O texto: “As doenças da alma dos excluídos” me foi entregue pessoalmente e não está datado.

² Adalberto Barreto é professor de graduação e pós-graduação do Departamento de Saúde Comunitária da Faculdade de Medicina da Universidade do Ceará. Coordena, há 15 anos, um Projeto de Pesquisa e Extensão na área de Saúde Mental Comunitária, na Favela do Pirambu, Comunidade de Quatro Varas – Fortaleza – CE

³ O texto me foi entregue pelo autor e não está datado.

³ O texto me foi entregue pelo autor e não está datado.

Capítulo 2

ASPECTOS METODOLÓGICOS

Neste trabalho constam três percursos metodológicos, a saber: o grupo de mulheres, a pesquisa da Ouvidoria Coletiva e seis entrevistas abertas realizadas com mulheres que participaram do grupo.

Meu trabalho com o grupo de mulheres tem início em junho de 2001 e se estende até dezembro de 2003. Por esta ocasião, a Congregação que solicitara ajuda para formação do grupo e o acolhia em uma casa que mantinha na comunidade, teve mudanças em toda sua equipe que trabalhava no local, o que culminou com a desmobilização do grupo. Tempos depois, fico sabendo que a referida Congregação não mais atuava na área da Maré.

Com a finalidade de melhor compreender as expressões do sofrimento das mulheres e a relevância do grupo de convivência para lidar com suas amarguras, entrevisto seis participantes desse grupo, selecionadas a partir de critérios que serão descritos oportunamente.

Na análise dos resultados, resgato situações trazidas para o grupo por mulheres que não foram entrevistadas. Para isso, utilizo as anotações de diário de campo, registradas ao longo dos dois anos e meio de reuniões.

Durante o ano de 2004, participei da pesquisa: “Vigilância Civil da Saúde na Atenção Básica – Uma Proposta de Ouvidoria Coletiva na AP 3.1, Rio de Janeiro”, coordenada pelos professores Victor Vincent Valla, Eduardo Navarro Stotz e Maria Beatriz Lisboa Guimarães. Tal pesquisa fez parte de uma seleção de projetos aprovados no Programa: Pesquisa Estratégica, Desenvolvimento e Inovação (PED), da Escola de Governo em Saúde – ENSP/FIOCRUZ, e contou com o seu apoio técnico e financeiro, visando, assim, proporcionar intercâmbio e aprendizagem institucional. Como um dos produtos obtidos neste projeto é uma avaliação qualitativa das condições de saúde da população na AP 3.1, utilizo, no meu estudo, os resultados obtidos na região da Maré – espaço onde realizei o grupo de mulheres. Minha opção em apresentar tais resultados justifica-se por confirmar, com mais clareza, situações de vida da comunidade em questão, muitas vezes apresentadas no grupo pelas mulheres.

A seguir, apresentarei alguns aspectos metodológicos de cada uma das etapas citadas e que compuseram este estudo.

2.1 O grupo de convivência feminino e a observação participante

Utilizo a metodologia da observação participante, advinda da antropologia, que inclui o convívio e o acompanhamento sistemático, além do registro em diário de campo.

Em nosso grupo de convivência, nos propomos a acolher o sofrimento e trocar experiências. Juntas, buscamos ampliar nossa compreensão da realidade, bem como identificar e fortalecer as capacidades de cada mulher e do grupo em encontrar saídas para seus sofrimentos. Para isso, faz-se necessário colocar-se em diálogo e, para haver um diálogo verdadeiro, é imprescindível conviver. A convivência nos permite conhecer o outro e/no seu contexto, ampliando a compreensão da realidade e promovendo aprendizado mútuo (MARIA WALDENEZ DE OLIVEIRA, 2003).

Meu papel é o de mediadora das situações vivenciadas pelo grupo. Portanto, não me furto a um envolvimento com ele. Durante os encontros, procuro estimular as falas, e a escuta, buscando compreender e clarificar sua dinâmica, apontar suas possibilidades de ação e suas implicações, tanto no âmbito individual quanto no coletivo, transformando, sempre que possível, “ruídos” em “conhecimento”. Entendo que é justamente esse estar junto que possibilita o entendimento da problematização do que aflige verdadeiramente essas mulheres.

No grupo é preciso estar atento às formas de comunicação verbais e não-verbais (gestos, silêncios, choro, etc), observando como são transmitidas e recebidas as mensagens comunicadas. Da mesma forma, requer atenção o desempenho de papéis por parte de cada um dos seus componentes, levando-se em conta que, em geral, o indivíduo está desempenhando esses mesmos papéis em diversas áreas de sua vida e evitando a estereotipia. Outro aspecto, cada vez mais valorizado, é a configuração que adquirem as ligações vinculares entre as pessoas, com destaque para o fenômeno grupal conhecido como “pertencência”, ou seja, o quanto cada um necessita ser reconhecido pelos demais como alguém que pertence ao grupo. O mediador do grupo deve ser verdadeiro em suas colocações, capaz de conter as angústias e necessidades dos membros do grupo – inclusive as suas próprias – e também de extrair o que há de comum nas mensagens, de

modo a integrá-las (ZIMERMAN, 1997).

Durante todo o tempo em que o grupo se reuniu, após as reuniões, foi registrada a memória do acontecido em diário de campo.

2.2 - Entrevistas

A fim de conhecer o olhar das mulheres sobre o grupo e, assim, melhor compreender a função do grupo enquanto espaço que possibilita a expressão/enfrentamento do sofrimento, entrevistei seis participantes do grupo, um ano após o seu término. Foram entrevistas do tipo semi-estruturado, com blocos temáticos para orientar a abordagem das entrevistadas. Nessas entrevistas, procuro conhecer um pouco da trajetória de vida de cada mulher, seus sonhos e suas opiniões sobre a experiência de participar de um grupo de convivência (o roteiro das entrevistas pode ser visto no Anexo 1).

Entendo que o fato de termos convivido em grupo, proporcionou uma relação de proximidade e confiança entre nós, o que me permitiu ter acesso a informações valiosas acerca da situação de vida daquelas mulheres e, também, facilitou o sempre delicado processo das entrevistas.

Bourdieu (1997) chama atenção para o fato da participação do entrevistador levar o entrevistado a se colocar de maneira sincera, num processo de maiêutica da realidade, reduzindo a violência simbólica que se pode exercer nessas situações.

As entrevistas transcorreram num clima ameno e respeitoso, em que foi possível acolher as emoções e refletir sobre a experiência de forma construtiva.

Foram elaborados dois termos de consentimento livre e esclarecido: um para as participantes do grupo e outro para as entrevistadas (Anexos 2 e 3). As entrevistas foram gravadas e, depois de transcritas, as fitas foram desgravadas.

A participação das mulheres não se dá da mesma forma, nem tampouco elas estiveram presentes em todas as fases do grupo. Por se tratar de um grupo aberto, uma certa rotatividade faz parte de sua rotina. Algumas mulheres tiveram uma participação muito ativa tendo, inclusive, demonstrado uma certa liderança. Outras, embora sempre presentes, participaram silenciosamente. Algumas freqüentaram o grupo regularmente em sua primeira fase e, depois, não puderam mais estar presentes por motivos diversos.

Outras entraram no grupo depois de um certo tempo, passando a freqüentar com regularidade. Há, também, aquelas que nunca se vincularam realmente ao grupo.

Para selecionar as seis mulheres a serem entrevistadas, considerei a participação no grupo, dando preferência àquelas que se destacaram trazendo temas relevantes, questionamentos, e exerceram certa liderança, ou àquelas cuja presença, mesmo silenciosa, tenha sido marcante.

Procurei entrevistar mulheres que tenham tido formas diversas de estar no grupo:

- a) presença no grupo desde o início;
- b) participação ativa na fase inicial do grupo e abandono;
- c) participação ativa na segunda fase do grupo, não estando presente em sua fase inicial;
- d) participação num primeiro momento, abandono e retorno ao grupo;
- f) não vinculação ao grupo.

Neste último item, o critério que adotei foi o de ter estado presente a mais de uma reunião, não ter continuado no grupo e aceitar ser entrevistada.

Tendo optado por apresentar alguns resultados da pesquisa “Vigilância Civil da Saúde na Atenção Básica – Uma Proposta de Ouvidoria Coletiva na AP 3.1, Rio de Janeiro”, mais especificamente os resultados obtidos no Fórum Maré, abordarei, a seguir, um pouco da sua metodologia.

2.3 - Ouvidoria Coletiva

Esta pesquisa, de natureza qualitativa, tem por objetivo elaborar e implementar uma nova metodologia de Ouvidoria Coletiva em vigilância da saúde, a fim de contribuir para a formulação de políticas públicas de promoção da saúde que considerem a experiência e o saber das populações. Busca organizar um sistema de vigilância capaz de identificar e compreender os problemas de saúde da população e as alternativas utilizadas por ela para enfrentar esses problemas.

Trata-se de sistematizar informações e conhecimentos que se encontram difusos na sociedade (conhecimento científico, senso comum e religioso) para a produção de novos conhecimentos e, sobretudo, contribuir para a formulação de políticas públicas.

Utiliza como opção metodológica um procedimento de coleta de dados que

busca obter informações fora do sistema formal, a partir da fala de grupos constituídos – fóruns – em torno de três centros de saúde da região da Leopoldina, no município do Rio de Janeiro, a saber: Maré, Mangueiras e Penha.

Este novo modelo de Ouvidoria vai além da escuta passiva, uma vez que promove um aprofundamento das informações sobre as condições de vida das comunidades, por meio da incorporação do olhar de atores sociais, que não somente vivenciam essa situação, mas também se constituem porta-vozes dos grupos que representam.

Cada fórum foi composto por um(a) profissional do posto de saúde; um(a) agente comunitário(a) de saúde; um(a) líder comunitário(a) e dois representantes de centros religiosos.

A escolha dos participantes tem a ver com a escuta da diversidade. Optamos por trabalhar com representações de várias falas, buscando o olhar de diferentes atores locais, atuantes em cada área. Para isso nos colocamos em diálogo com esses atores – pessoas que convivem no local e são representantes de grupos da sociedade civil, ou seja, são ouvidores naturais da comunidade.

Cada fórum se reuniu durante cinco meses para refletir e debater sobre alguns temas propostos pela equipe, a saber: o acesso a alimentos pela população; as expressões do sofrimento; o acesso aos serviços de saúde; a intensidade endêmica de determinadas doenças; a frequência de morte ou morbidade (adoecimento) por causas externas; os problemas na atenção à saúde da população; e as iniciativas da população em busca de solução para seus problemas.

2.4 - Análise

Para tornar claro os resultados da pesquisa que serão analisados, apresento, num primeiro momento, breve relato sobre os encontros do grupo. Como as reuniões não foram gravadas, o texto é construído a partir das anotações registradas em diário de campo. Trata-se, portanto, do meu olhar sobre o grupo, assim como pude percebê-lo destacando aquilo que, para mim, foi mais marcante.

Num segundo momento, trabalho com o olhar das mulheres. A partir das entrevistas, construo texto onde procuro destacar e contextualizar algumas falas, além de registrar a comunicação não verbal.

Após esta apresentação, analiso o material das entrevistas, utilizando a metodologia do Discurso do Sujeito Coletivo, proposta por Fernando Lefèvre e Ana Maria Cavalcanti Lefèvre (2003).

Esta metodologia, consiste em analisar o material verbal coletado (discurso), extraindo-se de cada depoimento suas idéias centrais e ancoragens com as correspondentes expressões-chave. A partir das idéias centrais e ancoragens semelhantes, compõe-se discursos-sítese na primeira pessoa do singular. Para os autores, tais discursos emitidos na *primeira pessoa (coletiva) do singular*, ao mesmo tempo em que sinalizam a presença de um sujeito individual do discurso, expressa uma referência coletiva, ou seja, um pensamento social.

Na discussão, resgato o material do diário de campo e faço uma reflexão com base na bibliografia estudada.

Capítulo 3

OS RESULTADOS DA PESQUISA

3.1 O Contexto da Vida na Maré

Localizada na zona norte do Rio de Janeiro, em uma região originalmente pantanosa, com vários mangues e brejos, nas margens e sobre as águas da baía da Guanabara, a Maré é habitada por milhares de pessoas. Situa-se em uma área bastante movimentada – entre a Linha Vermelha, a Linha Amarela e a avenida Brasil. Passando de carro pela Linha Vermelha, a impressão é de que se trata de uma imensa e homogênea favela. Na verdade, é um complexo que abriga várias comunidades diferentes, com processos de formação peculiares.

Segundo Paola Jacques (2002), o início da ocupação na área da Maré aconteceu na década de 1940, pouco antes da construção da avenida Brasil (1946), que simboliza a época de expansão da industrialização da cidade. O processo de decadência da agricultura e de industrialização favorece intensos movimentos migratórios em direção às cidades, obrigando a população, que precisa morar perto do trabalho, a ocupar terrenos que, pela dificuldade de acesso ou mesmo de construção (mangues, morros e terrenos inundáveis), haviam escapado da especulação imobiliária.

Em função das características geográficas, a ocupação da Maré se dá com construções nada tradicionais. A habitação era construída sobre uma base de madeira que, por sua vez, ficava sobre as palafitas – estacas verticais fincadas na lama – ficando assim protegida do sobe-e-desce das marés.

Atualmente, após inúmeros aterros, já não se vê o mar e nem as palafitas. Após uma longa história de construções, reconstruções e muita luta, foi com o Projeto Rio que as palafitas desapareceram completamente, transferindo muitos moradores para os conjuntos habitacionais recém-construídos. A partir daí, a comunidade se consolidou de forma definitiva em casas de alvenaria e os serviços urbanos básicos foram concluídos.

As 16 comunidades integrantes do bairro possuem características e processos espaciais bastante distintos, embora não haja nitidez de fronteiras geográficas entre elas.

Tomando como base o censo realizado em 2000 pelo Centro de Estudos e Ações Solidárias da Maré (CEASM, 2003), vê-se que ela aparece como o complexo de comunidades populares de maior concentração demográfica. Com uma população de 132.176 habitantes, a presença feminina é predominante – 66.976 mulheres e 65.200 homens – acompanhando a tendência da distribuição por gênero no estado e no município do Rio de Janeiro. Com 38.273 domicílios, que abrigam 132.176 habitantes distribuídos em suas 17 comunidades, possui uma média habitante/domicílio de 3,45. (para efeito do censo, o CEASM considerou uma comunidade a mais)

Outro dado relevante refere-se à participação de crianças de 0 a 14 anos na estrutura populacional, representando 30% do conjunto de habitantes do bairro, o que cria demandas específicas em termos de políticas públicas de educação, cultura e lazer. O Censo identificou que 6,4% das crianças de 7 a 14 anos estão fora da escola, sendo que 2% delas, nesta faixa etária, exercem alguma atividade de trabalho. Esta média pode ser considerada alta, quando comparada à taxa do município do Rio de Janeiro (0,6%), sendo próxima às taxas de capitais brasileiras como Fortaleza (2,4%), Goiânia (1,9%) e Salvador (1,9%), consideradas as mais altas do país.

Apesar de ser considerada oficialmente como bairro, desde o final da década de 1980, e de nove das suas dezesseis comunidades terem sido construídas pelo poder público, a Maré é reconhecida como um dos maiores complexos de favelas da cidade, seguida do Morro do Alemão, Rocinha e Jacarezinho, todos definidos, oficialmente, como bairros.

Neste espaço, o narcotráfico está sob o comando de várias facções, o que faz com que as fronteiras, apesar de invisíveis, não sejam ultrapassadas pelos moradores, segundo uma hierarquia que coloca em risco, principalmente, os homens, jovens e negros.

3.1.1 Caminhando pela Maré:

Se passar de carro pela Linha Vermelha, em direção ao centro da cidade, dá uma visão de homogeneidade, caminhar pelas ruas, ao contrário, permite ver a diversidade e a contínua modificação da paisagem.

Sempre tem uma obra, alguém consertando, fazendo melhorias ou mesmo ampliando sua moradia. Às vezes, vê-se material de construção se avolumando, sinalizando que a melhoria da casa está por vir. Como não há terreno, as casas crescem

verticalmente. A construção da laje é uma festa já tradicional e comunicada com orgulho.

Ao contrário do que se possa supor, a estratificação social está presente. Habitações precárias se avizinham de “pet shop” e até de agência de turismo, que exhibe, em sua porta cartazes de companhias aéreas e cartões de crédito. Casas bem organizadas, com até três andares, e outras de chão batido, em meio ao lixo, e que, ainda assim, muitas vezes se subdividem para abrigar mais famílias em situação de urgência.

Andando pelas ruas pode-se avistar escolas, igrejas de diferentes orientações religiosas e um comércio bastante variado. A venda de ervas medicinais e remédios caseiros – as garrafadas – parecem resgatar um pouco da cultura de seus moradores.

É um espaço de diferenças e, também, de resistência. Lutam por uma vida melhor e mais digna e, mesmo na adversidade, criam possibilidades de lazer. Numa esquina o esgoto rompe o asfalto e fica a céu aberto; em outra, jovens e crianças tomam banho de mangueira para se refrescarem do calor. A porta da velha geladeira quebrada se transforma em barco que navega pelo canal poluído, conduzido por um sorridente menino. Em contrapartida, pedaços de madeira se transformam em armas nas mãos de meninos muito pequenos e são apontadas para os parceiros/rivais nas brincadeiras, ou mesmo para quem passa.

Em tempos de paz, a Maré tem um constante burburinho no vai-e-vem de pessoas que interrompem o caminhar para uma prosa com alguém conhecido ou fazem uma saudação em voz alta, nas mães que chamam seus filhos, na música alta que vem de algum lugar, na algazarra das crianças brincando... até os cães contribuem para a sonorização do cotidiano, com seus latidos, em geral instigados por algum transeunte ou pela brincadeira das crianças. É certo que, de um momento para o outro, todo esse burburinho pode ser cortado pelo som de um tiroteio, emudecendo toda a comunidade.

Não é apenas a história de ocupação de um espaço geográfico adverso, com todo aprendizado que isto possibilitou, que os moradores deste lugar compartilham. Além da solidariedade e de uma inegável criatividade nos modos de andar a vida, participam de um modo de viver no qual estão presentes pobreza, violência e sofrimento.

Segundo Milton Santos (1979), a pobreza é um problema social. Trata-se de uma categoria política e não apenas de uma categoria econômica, razão pela qual sua definição deve ir além de uma análise baseada em indicadores sócio-econômicos, como profissão, renda e escolaridade.

Para Vera da Silva Telles (1999), durante muito tempo a pobreza figurou como sinal de atraso a ser superado pelo progresso e hoje, pelos imperativos do mercado em tempos de aceleração econômica e revolução tecnológica, parece fixar-se como realidade inexorável. Para esta autora, a modernização, em um país de periferia como o nosso, não cria o emprego e a cidadania prometidos. Ao contrário, agrava a pobreza na medida que desqualifica e descarta quem não tem como se adaptar à velocidade das mudanças e às atuais exigências da competitividade econômica.

Voltando ao carro que passa pela Linha Vermelha em direção ao centro da cidade, dele é possível ver a Maré como uma grande e homogênea favela, mas não só. Avista-se também a pobreza naturalizada como uma paisagem situada no espaço a que se denomina periferia, ou seja, um espaço limítrofe entre a inclusão e a exclusão, que pertence – e ao mesmo tempo não pertence – à cidade.

Nas palavras de Vera da Silva Telles:

... entre os “resíduos” do atraso de tempos passados e as determinações da moderna economia integrada nos circuitos globalizados do mercado, a pobreza é fixada onde sempre esteve – como paisagem na qual é figurada como algo externo a um mundo propriamente social, como algo que não diz respeito aos parâmetros que regem as relações sociais e que não coloca por isso mesmo o problema das injustiças e iniquidades inscritas na vida social.

3.1.2 Ouvindo a Maré: a experiência da Ouvidoria Coletiva

A seguir, apresentarei alguns resultados da pesquisa “Vigilância Civil da Saúde na Atenção Básica – Uma Proposta de Ouvidoria Coletiva na AP 3.1, Rio de Janeiro”. Esta pesquisa constituiu três fóruns de discussão, referenciados a serviços de saúde da região da Leopoldina, a saber: Maré, Penha e Manguinhos.

O Fórum de cada localidade se reuniu durante cinco meses e foi composto por um(a) profissional do posto de saúde; um(a) agente comunitário(a) de saúde; um(a) líder comunitário(a) e um ou dois religiosos. Cabe ressaltar que a escolha dos participantes privilegia a diversidade.

O texto a seguir refere-se aos resultados obtidos nas discussões do fórum da Maré, do qual participei.

Segundo o Fórum, a fome ainda é um problema sério no local e identificar os mais necessitados é uma tarefa difícil, principalmente porque, em geral, eles não aparecem. Escondem-se durante o dia porque têm vergonha, saindo somente à noite

para catar restos nos lixos. A igreja católica tenta minimizar esse problema com visitas domiciliares, que procuram identificar os que padecem de maior privação, e evitar superposição de benefícios. Mesmo assim, reconhece que não é suficiente.

Dentre os assistidos, existem aqueles que necessitam de assistência temporária, por estarem desempregados, por exemplo, e os que necessitam permanentemente de ajuda, como é o caso dos idosos e doentes crônicos, que não têm como trabalhar.

Para lidar com as situações de urgência, a igreja católica conta com a ajuda de instituições religiosas e da própria comunidade, num trabalho de estímulo à solidariedade. Assim, a igreja recebe de um conhecido colégio de classe média, doação de cem bolsas de alimentos para serem distribuídas. Consegue, entretanto, aumentar essa ajuda em cinquenta por cento, contando com a participação solidária da própria comunidade.

Para os membros do fórum, a qualidade dos alimentos doados, via de regra de baixo valor nutritivo, é um problema para as pessoas, pois pode favorecer a desnutrição e a obesidade. Além disso, a quantidade não é suficiente para o mês, uma vez que, em geral, destinam-se a famílias numerosas.

Outro problema que o Fórum Maré identifica como agravante da fome é a gravidez precoce: *“mães se tornam mães cada vez mais cedo”* e sem nenhuma noção do que vão fazer. Até porque *“às vezes se tornam mães por besteira”*. Relacionam isso com o que a mídia coloca na TV, principalmente nas novelas, que incentivam atitudes irresponsáveis, mostrando que as pessoas conquistam as coisas à custa de muita *“armação”*.

Uma das características mais marcantes do Fórum Maré é a reflexão sobre o papel da educação e da mídia nos problemas da fome da população pobre. Para o grupo, a mídia traz dificuldades para que as pessoas tenham uma noção mais clara dos problemas, uma vez que faz propaganda obedecendo aos critérios do mercado e, não, às necessidades nutricionais das pessoas. Para agravar, nunca se referem ao que tem que ser feito para ter acesso ao alimento.

Consideram que as pessoas perderam a noção do valor das coisas e dos alimentos. Não só do valor nutricional dos alimentos, mas também do seu valor monetário. A educação é apontada como uma saída, uma forma de dar condições às pessoas de conquistarem, não só uma alimentação mais saudável, como também melhores condições de vida: *“a educação é uma forma de mostrar a pessoa, de dar à*

peessoa condições de disputar, não só disputar o trabalho, mas também de disputar o conforto". Apontam, também, para a ineficácia de determinados programas governamentais diante de uma situação de miséria.

Ter acesso aos bens de consumo que definem o lugar das pessoas na sociedade faz parte dos desejos e lutas. Mas, o mundo do consumo amplo não é para todos. Uma sociedade capitalista, na qual tudo se transforma em mercadoria, produz demandas de forma igualitária, ao mesmo tempo em que amplia as desigualdades. Um mundo fascinante, que concretiza em objetos de consumo valores como bem-estar, sucesso e poder, "entra" indistintamente em todas as casas por meio da televisão – muitas vezes única forma de lazer possível – gerando muitos problemas, principalmente onde não há, sequer, garantia de sobrevivência. Isso afeta principalmente os jovens. As demandas produzidas, por este modo de viver que privilegia o ter, incluem a todos, mas o reconhecimento do outro, enquanto sujeito de desejos, não. Nem, tampouco, o acesso a oportunidades que possibilitam melhores condições de vida está presente na vida de todas as pessoas. Parece tratar-se de um cruel jogo de forças que, ao mesmo tempo, inclui a todos como consumidores potenciais, mas exclui uma grande maioria dos meios que possibilitam não apenas o consumo amplo, mas também o acesso à satisfação das necessidades básicas. Num mercado de trabalho informal em vias de saturação, a luta contra a exclusão exige movimentação, criatividade e capacidade de trabalho inabalável. Qualquer dificuldade que interrompa este ciclo implica em exclusão e num processo de re-inclusão cada vez mais custoso.

Para Martins (1997) a exclusão é *apenas um momento da dinâmica de um processo mais amplo*, é o conjunto das dificuldades *de uma inclusão precária e instável*. A sociedade capitalista exclui, para incluir de outro modo. E esse período entre um momento e outro está, cada vez mais, se tornando um modo de vida. Um modo de vida que inclui economicamente, à custa da degradação pessoal (MARTINS, 1997).

A exclusão social muitas vezes é enfrentada pela inclusão econômica, mesmo que precária e/ou marginal. À violência do problema opõem-se outras formas de violência. Formas ilegais e criminalmente imputadas, empresas que não cumprem a legislação, negócios ilícitos, crime organizado, corrupção policial. Este "mundo" afeta mais profundamente os pobres.

O narcotráfico impõe regras à comunidade que, desprotegida, só pode mesmo obedecer. Monopoliza o comércio do gás, aumentando o preço e dificultando ainda mais o acesso das pessoas, que acabam optando por comprar em outra localidade.

Estabelecem fronteiras, em função do controle dos pontos de venda de drogas entre as facções criminosas. Com isso, cerceiam a liberdade de ir e vir dos moradores, inviabilizando, muitas vezes, namoros, amizades e até mesmo a possibilidade de freqüentar uma escola. Contudo, é preciso silenciar “*para garantir a sua própria sobrevivência*”.

Ainda assim, algumas pessoas conquistam o direito de ir e vir. Religiosos e profissionais de saúde, inicialmente, andam acompanhados. Depois, quando se tornam conhecidos, passam a poder circular livremente. Alguns jovens que participam de projetos sociais através da igreja e/ou de ONGs, também adquirem o direito de ir e vir.

Da mesma forma, com a polícia a relação não é fácil. Embora representantes do poder público, com a função de proteger os cidadãos, poucos policiais a exercem. Muitas vezes entram na comunidade atirando, sem o menor cuidado com quem está na rua. Agem como se considerassem a todos bandidos. Entretanto, muitos recebem dinheiro do próprio tráfico e – não é raro – achacam quem está trabalhando.

Mesmo assim, uma característica destacada por todos os componentes do Fórum é a alegria das pessoas na Maré e sua capacidade de resistência.

Em noites de tiroteios, uma casa com luz acesa pode implicar em alguém bater à porta e exigir abrigo. Jovens estudantes usam de muita criatividade para dar conta de suas tarefas escolares à noite. Os computadores devem ficar de costas para a janela, de modo a não dar nenhum sinal de luminosidade para a rua. As leituras são feitas quase no escuro, apenas com um pequeno foco de luz: “*se tem um tiroteio a minha mãe ficava reclamando: “Desliga a luz”. E aí comprei um abajur pequenininho assim, de uma luz... que eu tinha que estudar (...) não podia deixar de estudar*”.

O Fórum faz distinção entre o “malandro” de antigamente e o “bandido” atual. O malandro era menos violento e não enfrentava a polícia como hoje. “*A coisa era mais negociada*”. O malandro tinha vínculo com a comunidade e era cuidadoso com ela. Os tiroteios tinham hora marcada, em geral de madrugada, e todos eram avisados.

Além disso, os moradores da Maré têm que enfrentar a violência do preconceito, da exclusão, da superpopulação e da invisibilidade.

Discriminados por morarem neste espaço, muitas vezes incluem seu endereço no bairro vizinho para não perder a oportunidade de, pelo menos, concorrer a um emprego.

A visibilidade e o poder ganham o imaginário de jovens atraindo-os para o crime organizado como possibilidade de ascensão social e às vezes até para conquistar a namorada - *“Ah, deixa estar! Quando eu estiver no poder você vai me querer.”*

De fato, algumas jovens ganham status através de suas relações com os traficantes. Ainda muito novas, engravidam e *“é como se fosse uma fábrica de sucessão”*.

Pelos olhos da mídia, se vêem como *“pessoas que não valem a pena”*, o que contribui para um sentimento de menos-valia, tão comum entre os jovens. Mostra a favela como lugar de bandido ou *“de pessoas miseráveis que servem para nada”*. Suas lentes raramente focam a luta cotidiana por uma vida digna, a criatividade para superar os problemas, a alegria e até mesmo a dor dos que vivem neste espaço. Ao contrário, as tomadas aéreas sinalizam que o local é tão perigoso que não se pode andar pelas ruas.

Apesar da inegável capacidade de encontrar respostas para tantos problemas, o sofrimento é grande e fica estampado no rosto das pessoas. Chega ao posto de saúde e também nos espaços religiosos em busca de reconhecimento e acolhimento. A necessidade de se expressar em condições de sigilo e proteção é premente.

A igreja católica local disponibiliza um horário de atendimento, que pode ser usado para confissão ou simplesmente para uma conversa, mas, em geral, as pessoas solicitam confissão. Sem pecado, confessam seu sofrimento. *“ quando a gente vê não é bem uma confissão é mais um desabafo”*.

Também no posto de saúde, as pessoas solicitam atendimento e acabam desabafando. As agentes comunitárias de saúde, que circulam pelas ruas, muitas vezes são chamadas a lugares que não estão agendados para aquele dia porque algum sofredor precisa de ajuda. Têm que lidar com a dor das pessoas, ocasionada por problemas que extrapolam suas atividades.

Entretanto, o desabafo e a confissão são expressões do sofrimento predominantemente femininas. O infortúnio dos homens, de modo geral, se expressa de outra forma e acaba gerando uma outra forma de violência... a de gênero: *“Cerveja todo dia, segunda, terça...”*

São muito comuns os relatos de violência doméstica e o alcoolismo é responsável por grande parte dessas situações.

O Fórum Maré destaca duas razões de sofrimento: a falta de perspectiva de vida, que limita sonhos e projetos – *“Eu acho que toda essa situação, a doença, a falta de perspectiva, aquela rotina que você não consegue sair dela, eu acho que tudo isso causa sofrimento”* – e a falta de lazer.

Na comunidade não há opção de lazer, o que exige dinheiro ao menos para pagar a passagem de ônibus. Novamente, a mídia faz chegar às pessoas opções inacessíveis, como ir ao teatro ou ao cinema, por exemplo. Principalmente os jovens se ressentem pela exclusão do direito ao lazer.

Por outro lado, a violência local dificulta o lazer. Atualmente é mais difícil organizar encontros na casa de amigos, porque as pessoas não podem se locomover com segurança. Não é possível descansar, ter um momento de descontração com os amigos, em função dos freqüentes tiroteios que impossibilitam o uso do espaço público para o encontro:

(...) o ônibus cheio, um salário miserável, contas pra pagar, enfim, filas do posto, que nunca tem médico suficiente pra todo mundo, chega no final do dia, a pessoa está oh! transbordando, aí quando tem cinco minutos pra sentar na calçada, pra jogar conversa fora, não pode. Não pode”.

A saúde física e mental das pessoas fica abalada em função das inúmeras situações de violência vividas no cotidiano. Uma de suas formas – a criminalidade ligada ao narcotráfico – é um tormento para todos. As mães se preocupam com seus filhos, por um lado, pela iminente possibilidade de sedução e, por outro, pelo risco dos tiroteios freqüentes. As crianças muitas vezes são surpreendidas na saída da escola.

No dia seguinte a uma noite tumultuada, a fila do posto de saúde aumenta. Idosos, hipertensos, grávidas com sangramento, crianças com vômito, diarreia e dor de cabeça são os que mais contribuem para o aumento da demanda. Fila quilométrica no posto de saúde gera insatisfação e revolta. Os profissionais não conseguem dar conta de atender. Alguns atribuem a demora no atendimento à incompetência do serviço e tornam-se agressivos. O aumento da demanda não é percebido, por muitos, como consequência da violência.

“(...) nós conseguimos enxergar e entender isso, mas a maioria das pessoas na comunidade não, eles não vêem essa ligação, esse ponto de ligação

que na noite anterior teve um tiroteio tremendo e que no dia seguinte, aquela senhora que tem a casa de esquina vai ficar com a pressão alta, a grávida que estava no sexto mês começa a perder sangue (...) eles não conseguem... (...) Isso é rotina. Isso é fruto de processo repressivo.”

Por outro lado, o profissional que não faz parte da comunidade muitas vezes não sabe o que aconteceu e também não relaciona o sintoma com a situação de estresse vivida: “*Aí no dia seguinte [a um tiroteio que surpreendeu muitas crianças brincando na rua] (...) as crianças estão com diarreia, vomitando, queixam de dor de cabeça, aí vão no pediatra... “Ah, é uma virose qualquer”.*

O serviço de saúde local enfrenta dificuldades de ordens diversas. Além do fato de haver uma demanda muito maior do que os serviços oferecidos, tem que lidar com o problema da falta de profissionais: Muitos se recusam a trabalhar na Maré, por medo. Em geral, os que aceitam são indicados por quem já trabalha no local.

Numa rede de saúde precária, o posto local de atenção básica enfrenta problemas na distribuição de medicamentos e no encaminhamento para exames diagnósticos, consultas especializadas e internações. Alguns profissionais chegam a fazer grupos de orientação e estímulo para que as pessoas não desistam de fazer os exames e/ou tratamento em função da demora. Alguns casos, entretanto, não podem esperar e geram angústia nos trabalhadores que, muitas vezes, utilizam recursos pessoais para tentar resolver o problema.

Aos olhos de ‘nossos ouvidores’ em situações de vida tão adversas, algumas doenças ganham destaque, como câncer, aids, tuberculose, pneumonia e, principalmente, a depressão. As pessoas que trabalham com grupos consideram a depressão, a baixa-estima, como a doença mais visível. Dissipada pela comunidade, muitas vezes só chegando ao posto de saúde quando em estado grave e, em geral, através da intervenção de algum vizinho ou parente.

A situação de vida contrariada, muitas vezes leva ao alcoolismo e outros vícios. Então, surgem as doenças associadas a esses problemas, que acabam desestruturando a família e desencadeando outras doenças. Para os componentes do fórum Maré, o consumo de drogas lícitas, como o álcool, tem aumentado. Na falta de assistência, muitas vezes a própria comunidade alimenta o vício para aliviar o padecimento de alguém, como o dono do bar que oferece bebida para o alcoólatra trêmulo que pede um café.

Entretanto, na opinião dos integrantes do Fórum, o álcool pode ser a porta de entrada para outras drogas, assim como o vício também pode ser a porta de entrada para o tráfico, muitas vezes até para pagar a dívida.

A Maré é, reconhecidamente, local de tráfico de drogas, mas o uso é “comedido”. Nunca se ouviu falar de morte por overdose... Consumo em excesso, só mesmo das drogas lícitas. Morrer por “overdose” de cocaína não é coisa pra pobre: “*ter uma overdose é chique...*”

Numa tarde, todo o grupo reunido, lançamos a pergunta:

— Do que se morre mais, na comunidade?

A resposta veio rápida, sonora...

— “*Tirando a doença só sobra tiro*”.

Mais uma vez o uso da força se mostra implacável. Os comentários sobre morte, dentro da comunidade, em geral referem-se a mortes violentas. Muitos jovens ligados ao tráfico morrem em confronto com alguma facção rival ou com a polícia. Também não é raro uma bala perdida encontrar alguém que simplesmente está passando pelo local.

Outra forma de violência que tira a vida de muitos jovens, são as chamadas “*mortes encomendadas*”. Nestes casos a pessoa apanha muito e fica em casa sem poder procurar atendimento médico. Quando chega a ir para o hospital, depois de muitos pedidos, na maioria das vezes já é tarde. Estas mortes, em geral, atingem jovens que têm envolvimento com o tráfico.

Na opinião dos componentes deste fórum, as políticas públicas, de uma forma geral, não têm favorecido as pessoas. Com relação à educação, as políticas servem mais às estatísticas do que às necessidades das pessoas de terem preparo para melhorar a qualidade de suas vidas. Uma idéia que passa subjacente é a de que não vale a pena investir na educação de crianças pobres.

Na Maré, os projetos sociais não têm continuidade. Ficam à mercê das políticas internas e dos candidatos. Citam, como exemplo, o fechamento da Vila Olímpica e a sua reabertura em precárias condições antes das eleições municipais.

Em ano de eleição muitos candidatos aparecem oferecendo serviços – “*porque a Maré pode ajudar a eleger muita gente, não é?*” Levam para a comunidade, médicos, dentistas e outros profissionais que prestam serviços, mas só naquele período. Depois

somem. Mesmo assim, a necessidade fala mais alto e faz com que as pessoas utilizem esses “serviços”, prestados com interesse eleitoreiro.

Algumas promessas de candidatos se repetem ao longo dos anos, sendo a mais recorrente a que se refere ao título de propriedade das casas.

Existe uma expectativa de que o poder público possa atuar de maneira diferente dentro das comunidades, conhecendo melhor suas necessidades e não atuando apenas como força de repressão.

A qualidade da presença do Estado se materializa pela promoção da melhoria da qualidade de vida, através de projetos educacionais, como escolas profissionalizantes, creches, atividades culturais, de lazer, acesso ao trabalho e garantia de respeito aos direitos humanos: *“Respeitando os direitos humanos... você pode punir, sem humilhar, sem maltratar, sem espancar”*.

Para enfrentar condições de vida tão adversas, a população se organiza em torno das igrejas, de ONGs e dos próprios serviços de saúde, e assim encontra apoio. Nesses espaços, busca-se oportunizar trabalho e renda, promover lazer gratuito e também refletir sobre os valores da sociedade atual. Nessas reflexões, a educação e a religiosidade se destacam. Entendem que só assim seja possível resgatar valores humanistas como fraternidade, respeito e também o valor sacro da vida.

O Fórum Maré empunha a bandeira da educação como fator primordial para a esperança de um mundo melhor. Uma educação capaz de formar cidadãos críticos, que saibam *“lidar com as informações e discernir o fictício do real”*.

3.2 O Grupo de Mulheres: anotações do diário de campo

A demanda para a formação de um grupo de mulheres parte de uma religiosa, membro de uma congregação que mantém na comunidade uma casa voltada para a missão social. Frequentemente, ela recebia em sua casa mulheres que precisavam ser ouvidas e, em função do grande número das que buscavam ajuda, pensou em agrupá-las, solicitando, para isso, o auxílio do ELOS. Há, portanto, uma demanda institucional, percebida com sensibilidade por alguém que convive na localidade. Segundo a religiosa, as mulheres se queixam muito de problemas familiares, principalmente com os maridos que, muitas vezes por alcoolismo, tornam-se violentos. Tal queixa, no entender da

religiosa, vinha agravada por limites impostos pela realidade, que fazia com que essas mulheres não tivessem meios para sair dessa situação, pois sem profissão, sem trabalho e com “filhos para criar”, viam-se impedidas de tomar alguma atitude junto aos maridos agressores. Este contexto justificava a idéia da religiosa de formar uma cooperativa de trabalho, a fim de dar condições às mulheres para mudar o rumo de suas vidas.

Em junho de 2001 o grupo se encontra pela primeira vez, reunindo moradoras de várias comunidades da Maré. Vale ressaltar que nossos encontros acontecem na casa mantida pela Congregação.

O grupo é composto por mulheres, em sua maioria com idade entre 35 e 60 anos. São donas de casa, mães cuidadosas e preocupadas com seus filhos. Dentre as casadas, de fato, muitas têm problemas com seus maridos. As que são separadas, em geral lutam muito, e sozinhas, para manter os filhos.

As exigências das suas vidas impõem uma certa rotatividade ao grupo. Em geral não possuem atividade laborativa contínua fora de casa. Algumas trabalham voluntariamente, outras têm pequenos negócios e outras, ainda, ganham seu sustento como ambulantes, vendendo alimentos caseiros. Quem consegue trabalho formal fica impossibilitada de participar das reuniões, que acontecem nas tardes de terça-feira.

O primeiro encontro com as mulheres é marcado por uma imensa “necessidade de desabafar”. Diante da minha solicitação para nos apresentarmos, todas as mulheres o fazem, falando de seus problemas. Em algumas situações, é necessário interromper a exposição, solicitando que a mulher diga pelo menos o seu nome. As falas circulam pelas mulheres, cada uma a seu tempo. Com exceção de uma ou outra palavra de alento, não há interrupções. São falas longas e emotivas que, quase sempre terminam em lágrimas.

As mulheres querem ser ouvidas. Algumas apresentam com riqueza de detalhes os problemas que estão vivendo. Outras, fazem verdadeiros resumos de suas vidas, relatando “traumas” e decepções. A família está presente em todos os depoimentos. Margarida fala do marido violento e dos filhos, principalmente da caçula, que é da idade de seu neto. Sente-se culpada por estar estudando à noite, o que significa estar “pensando em si”. Já Coruja, sente-se revoltada, por entender sua última gravidez como um ato proposital do companheiro para impedi-la de aproveitar a vida. Ambas, apesar de motivos diferentes, pensaram em fazer aborto, mas não fizeram.

Violeta fala muito de seu problema de saúde e o relaciona com o desgosto que teve com sua filha, para quem fez uma bela festa de 15 anos, com tudo do bom e do melhor e sonhava com a festa do casamento... mas a menina engravidou e optou por não casar. Em contrapartida, Dália, timidamente, conta que casou grávida.

Assim, aos poucos, vão aparecendo temas como feminilidade e sexualidade, violência dos maridos contra as mulheres e também dos pais e mães contra os filhos. A preocupação com os filhos é uma constante na fala de todas as mulheres. Questionam-se quanto ao modo de educar e as opiniões divergem quanto à função de “umas boas palmadas” – que, às vezes, são chineladas –, na educação dos filhos.

Chama a atenção o número de mulheres que faz uso de medicamentos psiquiátricos. Quase todas se queixam de insônia, dor de cabeça, tristeza, desânimo, dores pelo corpo... Identificam esse mal-estar como problema de saúde e buscam atendimento médico. São medicadas, mas suas queixas persistem.

Veza por outra, uma mulher olha para trás enquanto fala. Questiono, então, o espaço físico das reuniões. A maioria prefere continuar na casa da Congregação, alegando que os que passam pela rua estão mesmo só de passagem. Algumas mulheres, timidamente, expressam algum receio, mas acabam cedendo à opinião da maioria. Percebendo a delicadeza da situação, deixo claro que a qualquer momento o assunto pode ser retomado como tema de reflexão.

O grupo segue entre desabafos e construções. Questões como intimidade e privacidade ganham destaque. Embora a geografia local, algumas vezes, não favoreça a privacidade, fica claro que este é um bem apreciado. Assim, apesar da premente necessidade de se expressarem, algumas mulheres explicitam que não querem expor suas intimidades no grupo “porque amanhã a gente se encontra na rua”. Deixo claro que as pessoas não são obrigadas a se expor e que devem falar apenas sobre assuntos que desejem refletir com o grupo e com os quais se sintam à vontade. Além disso, fica combinado que o grupo é um espaço de possíveis soluções para as dificuldades que surjam e que as colocações ali feitas não devem ser assunto de outros espaços de convivência.

Uma situação de conflito vivenciada no grupo traz à tona a questão da confiança. Uma das mulheres relata uma situação difícil vivida com sua filha – que após brigar com o irmão ingeriu medicamento tranqüilizante da mãe – e é questionada por outra participante do grupo, que entende que a mãe não deveria ter deixado a filha sair para trabalhar. No final do grupo a moça entra na casa para falar com a mãe, diz que está

indo para a aula e que tomou outro comprimido. A mesma mulher, que havia questionado a atitude da mãe, intervém, dizendo que ela pode se prejudicar fazendo isso e que não deve sair sozinha nessas condições. Por fim, solicitam minha ajuda numa conversa individual com a moça que, rapidamente, aceita a proposta, o que faço após encerrar a reunião.

No encontro seguinte, o tema central foi a confiança. O grupo é continente para as opiniões divergentes das duas mulheres que, assim, conseguem refletir sobre o que dizem. Ao final da reunião, as mulheres passam a falar de um tema até então latente: a violência do narcotráfico. O “poder paralelo” que invade casas, tira os moradores de suas camas, obriga as mulheres a cozinhareem, esconde armas nas lajes ainda descobertas e ameaça a integridade física das pessoas. Os tiroteios freqüentes que tiram o sono, a preocupação com seus filhos e filhas. Algumas mulheres vivem atormentadas com a situação dos filhos que, por um lado, sofrem com a falta de perspectiva sobre possibilidades de ascensão social e, por outro, a presença constante e marcante do narcotráfico como ameaça de sedução para o uso e/ou tráfico de drogas. No caso das meninas, ainda temem a possibilidade de uma gravidez precoce, agravada pelo risco de que se envolvam afetivamente com alguém do tráfico. As agressões dos maridos, provocadas muitas vezes por ciúmes, machismo ou alcoolismo. Enfim, a violência dentro e fora de casa.

Na reunião seguinte, último encontro antes das minhas férias, poucas mulheres comparecem. Possíveis motivos para o fato, levantados pelas presentes, englobam desde os afazeres domésticos até o medo por terem se exposto demais em muito pouco tempo. Combinamos uma avaliação quando do meu retorno das férias e, de imediato, surge uma proposta de “fazer coisas leves” nas reuniões, tal como festejar os aniversários do mês.

No retorno, todas querem continuar se encontrando. Consideram que o grupo é um espaço para desabafar, encontrar conforto e ajuda. Novas mulheres se juntam ao grupo. A presença da estratificação social é marcante. Algumas contam com certa estabilidade financeira, enquanto outras passam muita necessidade. Há quem não consiga trabalho porque já tem “certa idade” e tem filhos e netos para alimentar. Mas há também aquela que não consegue trabalhar porque, muito jovem, com três filhos pequenos e outro na barriga, não tem como se ausentar de casa.

A violência, em suas diferentes formas de expressão, e o sofrimento, são temas constantes e atinge a todas. A religiosa, mentora da idéia do grupo, lança a idéia de

formarmos uma cooperativa de trabalho, a fim de dar condições às mulheres para mudarem o rumo de suas vidas. Entretanto, não há consenso sobre essa idéia. O grupo decide o que quer ser. As mulheres definem que querem continuar se encontrando para conversar, falar dos problemas e fazer “coisas leves” como expressão corporal, dançar, festejar os aniversários e passear. A falta de consenso sobre constituir o grupo como espaço de geração de renda pode ser explicado, em parte, pela estratificação social presente no grupo – as mulheres têm necessidades diferentes – mas, de certa forma, define o grupo enquanto espaço de expressão do sofrimento e também de resistência.

Em meio a tantos problemas, as mulheres desejam um tempo para pensar em si mesmas. Não desistem da vida, são combativas. Quando se reúnem, é verdade, sofrem e choram muito. Por si mesmas, por suas famílias, por seus amigos e pelos semelhantes, mas também trocam experiências e buscam um espaço para a alegria.

O grupo segue entre relatos acerca das histórias de vida, das relações familiares e da vida na comunidade. O problema de cada mulher adquire nova dimensão. Compartilhados por todas, senão enquanto vivência, mas certamente enquanto possibilidade, os problemas se tornam desafios na busca de respostas, adquirindo novo sentido e construindo laços de solidariedade.

Ao final do ano de 2003, como de costume, interrompemos nossas atividades para as férias de fim de ano, que se estendem até o final de janeiro. Desta vez, entretanto, as religiosas viveram processo de transferência para outros estados e, com isso, se ausentaram da casa por mais tempo, o que desmobilizou o grupo. Todas foram substituídas e esta situação marca o fim de nossos encontros. Algum tempo depois fico sabendo que a Congregação havia se retirado da Maré. A casa, que antes habitavam, agora abriga um projeto, até então coordenado por estas religiosas e agora sob a responsabilidade de uma ONG.

3.3 A fala das mulheres: as entrevistas

Com a saída da Congregação da comunidade, o contato com as mulheres torna-se mais difícil. Durante algum tempo tentei, em vão, contato telefônico. Decidi, então ir à Maré para, pessoalmente contatar as mulheres, a fim de convidá-las para a entrevista.

Havia alguns meses que não andava por lá. Minha primeira impressão, ao caminhar pelas ruas, é de um certo abandono. Era um dia quente e as ruas estavam mais

vazias que o habitual. De repente me dei conta de que algumas “biroscas” estavam fechadas e me tornei atenta, pensando na possibilidade de ser um daqueles dias em que o comércio é obrigado a fechar as portas. Rapidamente observo que havia lojas abertas, o que me faz descartar esta possibilidade e aumenta a minha sensação da decadência.

Caminhando pela rua na qual se situa a casa onde o grupo se reunia, de longe avisto duas mulheres conversando e sigo em direção a elas. Ao chegar mais perto reconheço Esmeralda. Foi uma festa! Ela me recebe com muita alegria e um abraço apertado, ao som, de “olha quem está aqui!” Ao me virar, dou com os olhos em Margarida. Estávamos ao lado da casa dela. Esta também me faz muita festa e logo me convida para tomar um café. Converso com cada uma sobre a entrevista, agendamos nossos encontros e explico que preciso fazer contato com outras mulheres. Prontamente me acompanham até as casas de outras participantes do grupo.

Como Margarida prefere ser entrevistada em sua casa, Orquídea comenta que não considera prudente eu ficar andando sozinha por lá. Esmeralda, a princípio, discorda, alegando que todos já me conhecem por ali. Orquídea justifica dizendo que “*tem muito bandido novo e que a situação por lá não está nada boa*”. Conta, então que tem havido muito assalto, coisa que antes não acontecia. Parece que os bandidos recém-chegados têm hábitos diferentes, que não mais respeitam as regras estabelecidas há muito tempo pelo crime organizado. Orquídea exemplifica sua afirmação contando alguns assaltos a estabelecimentos locais. Resolve, então, que me pegará no ELOS no dia em que eu tiver que ir na casa de Margarida. No caso de Cravo, a situação é oposta. Ela prefere que a entrevista seja realizada no ELOS, mas não sabe chegar lá e fica combinado que Esmeralda a levará.

Assim, de certa forma, o convite para a entrevista mobiliza a rede de solidariedade construída entre nós.

As entrevistas apresentaram conteúdo de tal riqueza, que optei por apresentá-las individualmente, o que farei a seguir.

ENTREVISTAS

ESMERALDA

O grupo de mulheres já existia há algum tempo, quando Esmeralda começou a participar. Seu primeiro contato com o grupo deu-se numa tarde em que estávamos reunidas e ela chegou, acompanhada da filha, para conversar com uma das religiosas. Passou chorando pela sala onde o grupo estava reunido e, pouco tempo depois, a religiosa solicitou minha presença em outro cômodo, onde então, me apresentou à mulher chorosa, falou dos problemas pelos quais estava passando e da importância de sua participação no grupo.

Um longo tempo se passa até que Esmeralda fosse a uma reunião do grupo. Entretanto, depois que foi a primeira vez, tornou-se assídua e cada vez mais participante. Muito sofrida, vivendo sérios conflitos familiares, aos poucos vai se deixando conhecer, e a timidez cede espaço para uma atitude mais interativa. Expõe suas opiniões com franqueza e respeita as dos outros. Perspicaz e solidária, sua presença no grupo é agregadora.

No dia combinado para a entrevista, chega pontualmente ao ELOS. Está tensa. Pedes que, antes de ligar o gravador, eu diga mais ou menos o que vou lhe perguntar, para que ela possa se preparar. Procuo tranqüilizá-la, explicando que não há respostas certas ou erradas; ao contrário, minha intenção é conhecer um pouco mais de sua história e sua opinião sobre o grupo de mulheres. Aproveito para reiterar o meu compromisso de não escrever nada que possa identificá-la ou expô-la.

Escolhe ser chamada pelo nome de uma pedra preciosa – Esmeralda, embora em outro momento tenha manifestado vontade de escolher nome de flor.

Esmeralda nasceu no Ceará, tem três irmãs e quatro irmãos. Alguns de seus familiares mudaram-se para o Rio e ela sonhava fazer o mesmo. Suas irmãs e uma prima, da sua idade, moram no Rio. Sempre que a prima vai para o Ceará, de visita, fala com entusiasmo de como é bom morar no Rio, deixando-a “*louquinha*” para vir também.

Queria vir para o Rio solteira para trabalhar, passear, conhecer lugares e mandar dinheiro para ajudar sua família. Seu pai vivia da lavoura e, de vez em quando, trabalhava em casa como barbeiro, cortando o cabelo de alguns idosos a um preço mais em conta que o do mercado.

Mora em casa própria – construída na laje da casa da irmã – mas muitas vezes passa necessidade. Até recentemente todos, com exceção de sua filha mais velha, estavam desempregados. Agora, o marido e o filho conseguiram emprego, mas como ainda não receberam o primeiro salário, têm que enfrentar a dificuldade de conseguir dinheiro para as passagens. Apesar de tudo, considera que morar no Rio é melhor. Apenas uma das suas irmãs está no Nordeste e, há pouco tempo, um irmão que acaba de separar-se da mulher, voltou, mas, em sua opinião, ele não está bem, porque lá não há emprego. Segundo sua avaliação, só é bom para quem é aposentado ou trabalha na roça.

Casada há 25 anos, tem 3 filhos: um rapaz de vinte anos, que é filho adotivo, e duas meninas, uma com dezenove e outra com quatorze anos.

Durante a entrevista, quando lhe peço que conte a história de adoção do rapaz, teve um acesso de tosse. Sirvo-lhe um copo d'água e desligo o gravador. Explica que passou a noite tossindo e que chegou a pensar em me ligar para marcarmos um outro dia para a entrevista. De fato, ao chegar, me encontrou preparando um pequeno lanche e logo me avisou que não poderia tomar gelado por estar com muita tosse. Ofereci a ela uma bala e procurei tranquilizá-la, abrindo a possibilidade de remarcarmos a entrevista para outro dia, caso seja necessário. Aos poucos a tosse foi cedendo e recomeçamos nossa conversa, falando de assuntos mais amenos. Em outro momento será possível resgatar a história da adoção do menino.

Conta, então, que tinha muita vontade de ter um filho e já estava casada há cinco anos e, mesmo sem fazer nada para evitar, não engravidava. Achava que seu marido tinha problemas porque, de todos os irmãos, apenas um teve filhos. Então, numa viagem ao Ceará, ficou sabendo que uma moça grávida, abandonada pelo namorado e expulsa de casa pelo pai, queria dar o bebê. A moça estava vivendo numa casa muito pobre, com uma família que, em função da seca, foi embora, deixando para traz a casa e a moça de barriga. Emocionada, conta que diante de tal situação passou a alimentar a gestante até o dia em que o bebê nasceu, quando então o tomou como filho.

Logo depois Esmeralda engravidou. Embora tenha sido o próprio marido quem lhe sugerira entrar em contato com a tal moça, ele não aceita o rapaz e muitas vezes a agride, dizendo que as meninas não são suas filhas.

Refere-se às meninas como filhas “*quase exemplares*”, mas o rapaz já lhe deu um certo trabalho. Mais trabalho ainda lhe dá o marido, fazendo com que algumas pessoas questionem ela ainda estar casada. Entretanto, continua “*torcendo pra que dê certo, porque é muito ruim os filhos viver sem o pai*”. Para ela, a presença do pai na família é muito importante, principalmente para os filhos. Considera que muitos meninos vivem “soltos” na comunidade porque não têm um pai em casa. Mas também se preocupa com a qualidade dessa presença e fala sobre a importância do exemplo:

“(...) E então o menino anda naquele mesmo ritmo do pai, aprendeu aquilo. Já o meu marido ele jogava sinuca, ele ia beber, e o menino acho que via aquilo, vivia aí destratando ele dentro de casa, falando palavrões, por isso que o menino ficou daquele jeito, às vezes eu culpo é o pai (...)”.

Perspicaz, está sempre atenta ao ambiente onde os filhos estão crescendo. No grupo já manifestava preocupação com o fascínio que o narcotráfico exerce sobre as crianças desde muito pequenas. A admiração pelas armas, pelos carros importados, pelas roupas e tênis “de marca”; as brincadeiras com armas improvisadas com pedaços de madeira e a inserção de crianças cada vez menores no tráfico. Defende a idéia de que todas as escolas locais deveriam contar com a presença de um profissional de saúde que pudesse “*trabalhar essas coisas na cabecinha das crianças*”. Assustada com o que vê e ouve na comunidade, chama atenção para a dimensão do problema a qual só tem acesso quem vive perto.

“É assim, a gente vê eles [as crianças] falarem, porque a gente estando ali dentro, não é como vocês que tão aqui de fora, que vocês vêem, assim, só por alto, a gente vê tudo no geral, né. (...)”.

Entende que a desestrutura familiar contribui para os descaminhos de muitos jovens.

“(...) Também as mães vão beber, né. As mães bebem, aí os filhos já vendo... às vezes, as mães também tem muitos caras, assim, entra e sai toda hora, toda hora. E os filhos vão vendo aquilo, aí eles fazem coisa ruim. E se o pai e a mãe for melhorzinho até que o filho é bom”.

Sua filha mais velha terminou o segundo grau e quer muito continuar os estudos. Está fazendo um cursinho em Caxias, onde passa os sábados, para não ter que gastar passagem todo dia, o que sairia muito caro. Conta que a menina quer muito fazer faculdade, mas reconhece que a filha tem muita dificuldade em redação e gramática.

Diante disso, falo com ela sobre o CEASM, que tem cursinho pré vestibular à noite, e Esmeralda então responde:

“O negócio é ir lá [no CEASM] de noite. Ave Maria, é muito ruim subir aquele morro à noite. Só de tiro, eu tenho medo, entendeu? Eu nem sei se é o mesmo comando, parece que nem pode ir gente daqui. Porque é lá no Timbau, né?”

Parece ser mais seguro estudar longe da Maré do que ultrapassar as fronteiras internas. Mesmo assim, é preciso cuidado e a mulher vigia a situação local para informar à filha, pelo celular comprado para este fim, se ela pode ou não entrar na comunidade e ir para casa.

Queixa-se de não ter paz na sua rua. Durante o dia meninos brincam, jogando pedra em seu portão, que muitas vezes abrem para subir e descer correndo pela escada que dá em sua casa. Seu marido reclama e logo vem a ameaça de “chamar os caras”. À noite, meninas de quatorze, quinze anos ficam fazendo algazarra até o amanhecer. Gritam palavrões, riem alto, cantam funk, falam “coisas horríveis” e, com tudo isso, não deixam ninguém dormir. Quando seu marido e filho saem para trabalhar elas ainda estão na rua. Se alguém reclama, elas riem... Algumas pessoas até se mudaram, por causa disso. Ninguém pode falar nada porque, se reclamar, elas dizem que “vão mandar o rapaz de lá pra resolver”.

Mas não é só na Maré que existe violência. Há um tempo atrás, a irmã de Esmeralda mandou buscar os pais para morarem aqui no Rio. O senhor não se acostumou. Tinha muito medo de ladrão. O casal, então decide voltar para o Ceará.

“(...) Mas aí foram embora pro Ceará e quando chegou lá no Ceará, meu Deus! Tomaram o relógio dele e mataram ele”.

Sua fisionomia muda. Certa vez, no grupo, ela já havia contado esta história com detalhes e aos prantos. Visivelmente emocionada fala sobre a disseminação da violência.

De fato, a violência está em todo canto, inclusive dentro de casa. Quando bebe, o marido de Esmeralda torna-se muito agressivo com ela e com os filhos. Grita e desrespeita todos dentro de casa. Durante muito tempo foi impedida pelo marido de trabalhar e até de sair de casa.

“(...) sabe o que ele fazia se eu não tivesse em casa? Ele pegava sofá, pegava tudo e botava na porta. E eu não conseguia mais entrar. Nem que eu tivesse com as chaves. Não ia valer. (...)”

Com o filho, ele já fez isso, mesmo sem estar bêbado. Trancou as portas, escondeu as chaves da mulher, para que ela não ajudasse o rapaz, e colocou a geladeira atrás da porta.

Esmeralda temia muito por seu filho. O rapaz vivia sendo agredido pelo pai e estava cada vez mais revoltado. Não estudava, não trabalhava e não tinha medo, diferente da mãe e das irmãs. Enfrentava o pai, deixando sua mãe muito aflita.

“(...) eles [o marido e o filho] queriam brigar, e eu tinha medo dele pegar a faca, sabe? Eu escondia faca, escondia tesoura, eu tinha medo, porque quando ele chegava, ele vinha transtornado (...) Meu Deus do céu, que eu morria de medo. Então, eu não conseguia dormir à noite. Eu fingia que tava dormindo. Quando ele chegava, quando ele batia no portão, a minha menina mais nova já morria de medo, já corria pra cama”.

Desde a adolescência Esmeralda sonhava em vir para o Rio e tinha planos de realizar seu sonho assim que concluísse o segundo grau, mas aí conheceu o marido, cearense que morava em Brasília. Começaram a namorar depois de uma festa e mesmo sem nenhuma intenção de casar com ele, foi cedendo à insistência do rapaz e perdendo o comando de sua vida. Na verdade:

“(...) Eu tinha outro namorado e esse era muito legal. Que é coisa que nunca esqueço. Era muito, muito, muito, muito... bom. Não sei como é que pode as coisas, assim, desandar pra outro lugar de uma certa maneira, menina. Sei não, as coisas acontecem...”

Casou-se, mas morar em Brasília, como ele queria, ela não vai e, bem ou mal, realiza seu sonho de vir para o Rio. Chegando aqui, no entanto, sofre muito com o ciúme do marido. Cerceada, sem poder *“sorrir nem sair”*, sente-se sem espaço, sem vida própria. Depois que tem filhos, passa a ficar *“assim só cuidando de filhos, filhos”*. O marido começou a beber, tornou-se agressivo e as coisas pioram muito.

A violência de dentro de casa se mistura com a violência externa e aumenta seu padecimento. Durante o mês de agosto, de um ano que não se lembra bem, a comunidade viveu um momento de muita turbulência e todos os dias, por volta das seis horas da tarde, *“eles se armavam em cada esquina, e aí começa o tiroteio, até as cinco horas da manhã”*. Esmeralda não esquece dessa época, quando experimenta um sentimento de profunda tristeza, e que relata na entrevista com o olhar distante de quem revive a sensação do sofrimento.

“(...) Então, quando ia anoitecendo, cinco horas da tarde, eu começava ficar tão triste, mas tão triste nessa época... Não lembro o ano não, faz mais ou menos dez anos talvez, ou menos por aí, não sei. (...) Mas eu ficava muito triste quando chegava esse horário, meus filhos eram pequenos, graças a Deus, porque se é hoje, eles fossem, assim, pra uma escola à noite, ah, então, eu tinha ficado maluquinha (...)”

Assustada e com muito medo, queria que as filhas lhe fizessem companhia para evitar ficar a sós com o marido. Entretanto, as meninas tratam de ir para suas camas tão logo o homem abre o portão de casa. Já o rapaz, preferia que estivesse dormindo para evitar algum confronto. Esmeralda, então, assume a função de controlar a casa, principalmente para proteger os filhos. O filho, cada vez mais revoltado, passava as noites na rua e ela, em casa, controlava o marido e rezava:

“(...) Eu ficava noites e noites só rezando, pedindo pra Deus, nosso senhor Jesus Cristo, pra ajudar que não acontecesse nada com ele, nem ele fizesse também nada com as outras pessoas. (...)”

Muito atenta, percebe a movimentação do filho, seu horário de sair e de chegar e desconfia que o jovem esteja se envolvendo com o que não deve. Um dia resolveu perguntar para o rapaz que, imediatamente, contou que estava ficando com o “rádio” para o pessoal do tráfico. Muito aflita, e com medo da reação do marido, decidiu esconder o que estava acontecendo e tentou ajudar o filho de todas as maneiras. Conversa com ele, procura emprego, cursos e até um diploma do ensino fundamental ela consegue, para que ele tenha melhores oportunidades de trabalho. Mas estava se sentindo muito perturbada.

“Nesse período eu tava muito perturbada com o homem bêbado, com ele sem emprego e com ele com ‘radinho’, e com ele com aquelas coisas tudo, eu tava tão maluca...”

Todas as suas tentativas de fazer algo de bom por si mesma eram boicotadas pelo marido. No dia que Esmeralda passou chorando pelo grupo para conversar com a religiosa, estava desistindo de dar aula na escola, coisa que gostava muito de fazer, por imposição do marido, que lhe fazia inúmeras ameaças. A mesma coisa ele já tinha feito em outros trabalhos da mulher, que então mergulhou numa profunda tristeza e se refugiou em seus sonhos

“(...) eu vivia só dentro de casa, eu vivia muito triste, eu só dormia. (...) Mas olha, eu dormia porque tinha muita perturbação, aí quando eu estava dormindo eu tava noutra, eu viajava, sinceramente. (...) É por isso que eu dormia tanto. Porque eu adorava meus sonhos. Olha só! a gente só viver de sonho... Horrível, né? Porque quando você tá dormindo, você não, também, não tá vivendo tua vida, você tá vivendo em relação àquele sonho, mas aquilo não é realidade, não passa daquilo né. Enquanto você estando acordada você vê o que tá se passando: as notícias, tudo o mais”.

Esmeralda já estava perdendo o controle. Desesperada, descontava nas filhas e, ao se dar conta disso, sofria ainda mais.

Reencontrar Esmeralda, depois de algum tempo sem vê-la, foi uma grata surpresa. Mais animada, com muitas novidades e compromissos. Está participando de um grupo religioso, desenvolvendo trabalho social vinculado a uma igreja e aguardando capacitação na Fiocruz para trabalhar na alfabetização de adultos, sendo que esta última atividade será remunerada. Trabalhar, “*ser útil à sociedade*”, dá novo sentido à sua vida. Sente-se muito bem com isso e considera que sua cabeça “*deu uma melhorada*”.

Sua casa também está mais em paz. O marido não tem reclamado muito e, embora argumente que não há retorno financeiro para seu trabalho, Esmeralda contra-argumenta, dizendo que gosta muito do que faz e, como recebe vale-transporte, não gasta dinheiro com suas atividades. Para isso foi necessário se fortalecer, assumir seu desejo e ter coragem para enfrentar o marido e aceitar as oportunidades.

“(...) eu não pensei duas vezes. Ela falava assim: ‘Esmeralda, você quer [participar de uma atividade]?’ , ‘ah, quero!’ , eu falei: ‘Seja o que Deus quiser’. Agora, também, eu não vou ficar só debaixo do pé do sapato desse homem. Não, eu vou, eu vou ter a minha vida também (...)”.

Esmeralda percebe que não tem o controle de tudo e também que suas ações não têm o poder de definir a ação do outro. Em suas palavras: “*(...) Se você fizer, briga; se não fizer, briga também, é melhor fazer e arrumar briga, porque pelo menos fez, né (...)*”. Então, passa a ter perspectiva de vida, como ela mesma diz: “*agora já vejo outra vida*”.

Solidária, quer compartilhar novas perspectivas de vida. Participa de uma rede social e procura contribuir, informando sobre estágios e inscrições para empregos de que tem notícia. Reconhece que nem todos agem desta forma. Muitas pessoas só contam as coisas depois que já aconteceram, mas escolhe agir de acordo com o que acredita.

Quando lhe pergunto sobre seu sonho atual, logo fala na vida que deseja para os seus filhos. Espera que as filhas terminem os estudos e que todos consigam bons empregos “*com carteira assinada*”. Quer vê-los felizes e namorando. Torce para que encontrem “*uma pessoa muito boa para compartilhar a vida deles, porque aqui é muito difícil você andar sozinho, sem ter uma pessoa assim, amiga*”. Quer também que seu marido trabalhe e respeite a ela e aos filhos. “*Continuando assim já tá bom*”, diz ela. Depois, muito envergonhada, olhar baixo, sem ter certeza se, de fato, tem direito a sonhar, revela que tem vontade de visitar as irmãs que moram na Inglaterra. Levanta o olhar, sorri um sorriso de esperança e diz:

“(...) Quem sabe se agora com o meu marido, assim, bem melhor, um dia eu vá. Minha irmã falou: ‘eu te dou a passagem de ida e volta’. Aí, eu tenho vontade de sair um pouco... Deixa as coisas melhorar”.

Esmeralda é muito religiosa. Para engravidar fez promessa e, para enfrentar as dificuldades da vida, pede ajuda. Considera que tem sido atendida em suas súplicas. Mas nunca esquece de agradecer. Pede emprego e agradece quando consegue, pede paz para sua casa e reconhece quando Deus abençoa seu lar, dá graças a Deus pelas boas filhas que tem e roga para que continuem assim. Durante a entrevista conta, com muito orgulho, seu sonho na noite anterior, em que dava um abraço em Nossa Senhora.

Sua fé não a deixa esmorecer e diante de situações que parecem não ter jeito, encontra forças porque “*pra Deus nada é impossível*”. Numa realidade com tantos sobressaltos, sente-se grata e confiante: “*Graças a Deus, nunca aconteceu e nem há de acontecer, porque quem tem Jesus na frente acho que não precisa, né, se preocupar com nada porque ele defende a gente (...)*”.

O tiroteio que acaba antes da missa terminar e o que só começa depois que sua filha chega da escola são obras do amor divino, pelas quais agradece. Mas, para receber a graça, é preciso pedir, para que Deus saiba que ela quer a sua ajuda.

“(...) Então, é assim... toda vez que eu vou sair, as meninas, entrego nas mãos de Deus e não há de acontecer nada, não. Eu creio muito, muito, muito em Jesus”.

Para Esmeralda a oração é muito importante e deve estar presente em todas as ações para se obter sucesso. Cita, como exemplo, a nossa conversa (entrevista), e explica que antes de sair de casa pediu a Deus para iluminar a nossa mente. Presa à porta de sua casa, a oração protege seu lar de “visitas” indesejáveis. No limite do sofrimento, quando seu filho estava com o “radinho” e já não sabia mais o que fazer, reza e pede que orem por ele. Como ela afirma: *“A única coisa que me restava”*.

Entretanto, para ela a oração, quando é feita em grupo, tem mais força. Rezando juntas, as pessoas estão, na mesma hora, com o mesmo pedido, com a mesma oração, e, por isso, chegam mais perto de Deus. Quando se reza só é um só pedido, uma só oração. Juntas, as pessoas formam uma corrente mais forte e podem compartilhar: *“São muitos pedidos no mesmo orar...”*

Em grupo também é mais fácil levar adiante a tarefa de rezar, o que nem sempre é possível no dia-a-dia com tantos afazeres. Além disso, em grupo é possível viver a alegria de louvar a Deus cantando os hinos. Cantar, para ela, é *“o melhor de tudo”*. Segundo dizem, *“é forma de oração duas vezes”*.

Participar de um grupo de oração tem o ganho de compartilhar as alegrias e tristezas, sentir-se em família *“junto com os irmãos”*, ajudando-se mutuamente.

“(...) A gente tá ali tão bem, então, a gente se sente, assim, apoiado uns com os outros. Se sente fortalecido. (...) E quando tem uma pessoa sofrendo, assim, quando a minha cunhada passou por aquele problemão, uma vem e dá uma palavra amiga, o outro vem e dá uma palavra amiga. E se ela tiver rezando sozinha, ela vai ficar muito deprimida. Não vai ter aquele levantamento...”

Além disso, participar de um grupo na igreja favorece o crescimento pessoal. Muito tímida, tinha muita dificuldade para fazer leituras. Certa vez, resolveu substituir a filha numa leitura, mas ficou tão nervosa que mal conseguiu levar adiante sua tarefa.

Tremia e se perdia na leitura, que interrompeu algumas vezes para pedir ajuda. Saiu dali muito envergonhada, dizendo que nunca mais iria ler. Ao freqüentar o grupo religioso que se reúne semanalmente, passa a fazer as leituras, inicialmente no grupo e depois nos eventos de sua igreja. Atualmente, mais confiante incentiva seus companheiros a fazerem o mesmo. Em suas palavras: “*não tem problema, treme. Eu também tremi. Garanto que você vai perder esse medo*”.

Esmeralda aproveita bastante bem as oportunidades que tem para enfrentar suas dificuldades. Em suas palavras:

“*(...) Eu fui [ler num evento religioso], não quero nem saber. Eu vou agora. É melhor pra mim, eu vou melhorar. A gente tem que procurar melhorar, né?*”

Esmeralda afirma que participar do grupo de mulheres foi muito bom. “*Eu dava graças a Deus quando chegava aquele dia*”. Naquela época, sua vida não estava nada fácil e ela “*vivia toda pra baixo mesmo*”. Embora sem nenhuma experiência anterior com grupos, sua motivação se deveu ao desejo de melhorar sua vida. Seu sofrimento a levou ao grupo em busca de uma saída para sua vida:

“*Então, assim, então, nessa época, eu tinha muito, muito medo dele [do marido]. Aí foi quando eu fui procurar [o grupo]. Eu falei ‘ah, tem uma solução, [uma religiosa] me falou’*”.

Explica que sua demora para chegar no grupo, após termos sido apresentadas, ocorreu em função da perturbação que sentia com tantos problemas. Controlava a casa e esquecia-se de tudo. Confundia os horários e, várias vezes, precisou se informar sobre eles até conseguir chegar a uma reunião. Em suas palavras: “*É... era assim uma coisa tão forte na minha vida que eu esquecia de tudo(...)*”.

Esmeralda afirma que sua vida “*foi melhorando*” depois que passou a conversar no grupo. Pergunto a ela se, na sua opinião, o grupo contribuíra para essa melhora. Este é o momento da entrevista em que ela mais se emociona. Fala de seu sofrimento contido, de seus descontroles, de sua preocupação com o que estava fazendo com suas

filhas e de sua solidão. Percebia que estava chegando em seu limite e que não suportava mais dar conta sozinha de tanta amargura. Em suas palavras:

“Melhorou muito, porque eu vivia só trancada. E eu só vivia estourando pra cima das minhas duas filhas que toda hora quando eu respirava, assim, eu pensava: “meu Deus, o que eu tô fazendo com essas duas meninas? Meu Deus, eu não posso, Jesus Cristo, todos os meus problemas descarregar em cima dessas duas meninas. Tô enlouquecendo, eu sei que elas não merecem!”, porque, adolescentes, novinhas, eu pensava assim: “eu tô fazendo alguma coisa pro futuro dessas meninas mais tarde. Elas vão ficar tão, assim, sem rumo na vida”. Aí, eu ficava quieta, não posso mais falar nada com elas não. Não, eu tenho que me segurar pra mim sozinha. Aí, eu ficava dizendo “pra mim sozinha não dá”. Aí, eu estouro. Aí, eu pegava o telefone, ligava pras minhas cunhadas, não ligava pra minha família de jeito nenhum, porque eu tinha medo, assim, delas sofrerem mais do que eu. Com certeza iam sofrer, né?”

Emocionada, chora e após uma breve pausa, continua sua fala. Ainda em lágrimas chama a atenção para a função do mediador do grupo:

“Aí, eu não contava pra elas [suas irmãs]. Porque, com certeza, é aquele negócio, se eu falar, eles vão sofrer mais. Aí, então, eu ligava só pras minhas cunhadas. Conversava, conversava, conversava... Aí, foi quando eu entrei para esse seu grupo e gostei, porque eu tinha com quem conversar. Ser uma pessoa de fora é muito bom (...).”

Perguntei, então, de que maneira o grupo ajudou-a e, sem hesitar, Esmeralda falou da troca de experiências - *“Assim, cada um conta a sua história, e você vai vendo aquelas histórias(...).”* Realmente, a cada história que se apresentava, ela ficava atenta às atitudes, às saídas que cada mulher encontrava para seus problemas e, assim, passou a rever suas atitudes e sua vida. Percebeu que sua submissão não produzia o efeito desejado de evitar as confusões e decidiu que queria ter sua própria vida.

Em sua opinião, o grupo lhe proporcionou “*uma visão, assim... outra visão*”. Compartilhar experiências lhe possibilitou relativizar seus conflitos e descobrir novas maneiras de lidar com os problemas.

“É, isso é muito bom, compartilhar, e ver assim, cada um ver, todos nós vivemos num mesmo conflito, mas, tem umas que reagem de um jeito, outras reagem de outro jeito. Então, a gente vai vendo ali, vai tirando ali um pouquinho daqui, um pouquinho dali, e vai dizendo: ‘ah, acho que tá faltando fazer isso, acho que tem que melhorar aqui nesse ponto vou fazer do jeito que ela fez. Pra ela deu certo, acho que é isso...’. A gente pensa de um jeito, e quando vê outra conversando ali, a gente abre um pouquinho a mente.”

Ouvir outras histórias produz também um certo distanciamento de seus próprios problemas, o que permite lançar um novo olhar para o velho sofrimento.

“(...) Por que às vezes você tá tão bloqueada que não dá pra raciocinar. E se for sozinha não consegue sair não. Às vezes não consegue não. Sozinha não consegue não. Cada vez mais entra no poço, e quando você convive, assim, com um tipo de pessoa, um grupo, você vai melhorando muito, vai ficando mais esclarecida (...).”

Estar junto dá força e coragem para ver o mundo:

“(...) porque às vezes você até sabe das coisas... Mas aquela pessoa não quer deixar você ir à frente, nunca deixa você abrir uma porta, assim, pra ver o que tem do outro lado, né. Porque, se você abrir uma porta, você vê que tem o outro lado de lá, você não esquece o lado de cá, não vai dar. Então, o grupo ajuda, ajuda a você ter coragem, aquela coragem de você poder abrir a portinha pra ver o que está do outro lado. Aí, você vai em frente e vê: ah, o mundo é assim”.

Algum tempo após seu ingresso, o grupo passa por um momento de esvaziamento, em que algumas mulheres saem, por diferentes motivos, e em que outras mulheres não chegam, apesar dos insistentes convites. Para ela, essa é a maior dificuldade do grupo.

“(...) Eu não achei dificuldade lá não. Por mim tava bom. Só que, assim, as pessoas vinham pouco, não se interessavam às vezes pra vim, aí, eu ficava pensando ‘poxa, por que esse pessoal não vem? É tão bom’ (...).”

Identifica esse mesmo problema em outras iniciativas. Refere-se ao desinteresse das pessoas em participar dos grupos da igreja e até em freqüentar a escola. Em sua opinião falta alguma coisa *“pra essas pessoas se interessarem pela vida”*.

Valoriza muito ter alguém para conversar, acredita que ficar sozinha não é muito bom. Particularmente, procura aproveitar ao máximo todas as oportunidades que tem de trocar idéias com outra pessoa. Após a morte de seu pai, sua mãe resolveu casar-se novamente, deixando-a muito contrariada. Durante uma consulta, queixa-se da situação e a médica lhe mostra o quanto está com ciúmes da mãe. Aliviada por se dar conta de seu sentimento, afirma: *“(...) às vezes uma palavra tira você de um sufoco, assim (...).”*

Esmeralda sinaliza que algumas pessoas não gostam de falar num grupo, preferem conversar individualmente, mas ela pondera:

“(...) Tem pessoa que fala assim; ‘ah, não vou falar isso não, porque tá no meio das pessoas. Se fosse só pra ela, individual, assim, eu falava, mas no meio assim de todo mundo, todo mundo ficar sabendo o que a gente passa...’. Aí, tem umas que não querem. Mas, todo mundo tem sofrimento. Eu acho que é assim: é melhor ficar em grupo, conversando mesmo, do que ficar sozinho. (...) porque as pessoas vão e uma fala ali, outra fala aqui. Aí, são muitas opiniões assim. Aí, é bom”.

Considera que a troca de experiências no grupo enriquece e possibilita a construção de novos caminhos ou de um novo jeito de caminhar.

“É, encontra um caminho, uma saída pra você sair pra outra. E se tiver sozinha, às vezes, mesmo que seja assim... com a psicóloga diretamente com ela... Tá certo, você vai ouvir só ela, mas e as outras que passaram pelo teu problema ali? Que às vezes encontraram a saída de outro jeito. A gente não vai ter como saber. E, assim, tendo, assim, a conversa, assim, uma fala: ‘ah, eu passei por esse mesmo problema, e foi assim...’. Às vezes eles dizem assim: ‘eu procurei um psiquiatra, eu procurei um analista, eu procurei isso’.... Eles vão tendo aquela troca de informações: ‘em tal lugar é bom e tem isso. Você lá se diverte. Você lá tem isso, tem assim, tem exercícios...’. Então, aquilo ali, cada um diz uma coisa, você vai acrescentando, você vai aprendendo, você vai sabendo onde são aqueles lugares que têm aquelas coisas (...) Então, a gente vai ficando com muitas coisas assim, aprendendo, sabe, tem muito conhecimento. É por isso que eu acho que o grupo é muito bom. Ele enriquece muito as pessoas. Porque eu digo uma coisa que eu sei, aquela lá não sabia. Aquela lá sabe uma coisa que eu não sei, e ela passa pra mim, eu passo pra ela, e a gente vai trocando...”

Após ter desligado o gravador, Esmeralda continua falando.

Conta um pouco sobre a violência local, comentários que tem ouvido e impressões sobre a situação da Maré

Depois, passa a falar sobre seus pais. Tem seu pai como um homem muito inteligente e que, como ela, gostava de ler. A mãe, agora com 80 anos, é analfabeta e atormentava muito seu pai. Sentia ciúmes e inventava coisas. Faz uma leitura interessante de tudo isso. Percebe a relação com sua situação com o marido e diz que *“a defesa de cada um é o seu preparo”*. Alguns estão preparados para conversar, outros só têm preparo para atirar pedras. Após a morte do pai, a mãe casou-se novamente, mas o atual marido não é como seu pai e faz a mãe sofrer. Com ele, a mãe não faz o que fazia com o primeiro marido. Acrescenta, então: *“a formiga sabe a folha que rói”*.

Assim, relaciona o preparo que cada um tem para enfrentar a vida com o limite dado pelo outro. É o que ela está fazendo agora. Mais fortalecida, toma para si as rédeas de sua vida. Diz ter aprendido isso no grupo, conversando e ouvindo outras experiências. Percebeu que assim sua casa ficou mais harmônica.

MARGARIDA

Esteve presente no grupo desde o primeiro encontro até o dia em que se separou do marido. Nesta ocasião, por determinação judicial passou a levar os filhos menores para tratamento psicológico e, com isso, não pôde mais participar das reuniões. Quando surgia uma oportunidade, fazia uma visita e contava as novidades.

Sua participação no grupo foi muito intensa e verdadeira. É uma mulher autêntica e também afetuosa. Fala de seus problemas e expressa suas opiniões de forma bastante direta e, em alguns momentos muito delicados, esse seu jeito causou um breve mal-estar. Nada que chegasse a provocar mágoas ou desavenças, uma vez que, ao perceber ter afetado alguém, ela própria tratava de reconsiderar sua fala, mudar o tom de voz enfim, acolher o sentimento provocado por alguma intervenção mais desatenta. Sua presença no grupo é sempre muito marcante. Chora muito, esbraveja contra o marido, mas também faz muita festa ao nos encontrar e procura incentivar as companheiras.

Com muitos problemas, Margarida tem sempre muita ânsia para falar. Na primeira reunião do grupo, ao propor que nos apresentássemos, aos prantos expõe sua situação de vida, antes mesmo de dizer seu nome. Como sua fala era comovente e contundente, foi difícil encontrar um momento para perguntar seu nome e continuar a apresentação.

Indo à Maré para contatar as mulheres, encontro-a na rua. Ela faz uma enorme festa ao me ver, me dá um forte abraço e logo me leva para conhecer sua casa, pedindo para que eu não repare na bagunça. É a única que prefere ser entrevistada em sua casa.

No dia marcado, ao chegar lá, percebo que tudo está cuidadosamente preparado para me receber. Margarida ainda dá os retoques finais na arrumação, passando o pano no chão e esticando o lençol sobre o sofá. A cozinha está impecável, com toda a louça lavada. Ela faz a costumeira festa ao me ver e vai logo oferecendo o sofá da sala para eu sentar. Terminados os retoques finais, vem me oferecer almoço: “*arrozinho fresquinho com lingüiça frita*”. Agradeço, e explico que já havia almoçado. Optei por fazer a entrevista na parte dos fundos da casa, onde há uma mesa e também mais privacidade. Lemos juntas o termo de consentimento e ela assina seu nome com muito orgulho. Explica que as aulas estavam suspensas, mas que já havia dito a Esmeralda que assim que recomeçarem irá continuar estudando, para “*não esquecer o pouco que aprendeu*”.

Ao escolher seu pseudônimo, logo pede minha confirmação. “*Não tem uma flor chamada Margarida? Então! Eu quero ser uma Margarida bem bonita, bem bonita!*”

Ao encontrá-la, no dia em que fui fazer o convite para participar da entrevista, percebo seu semblante mais tranqüilo. Entretanto, demonstra o quanto está ansiosa para começar a falar e vai logo dizendo: “*é pra falar, né? Eu vou falar tudo!*”

O que Margarida mais quer é falar de sua vida com o ex-marido. Repete histórias já contadas no grupo, só que agora, sem chorar, fala de um problema superado. Sem dúvida alguma, esse é o tema central de sua entrevista. Todas as falas se encaminham para esse assunto. Agora, sente-se “*em paz*”. Os filhos mais velhos, já casados, ajudam nas despesas da casa. Ela lava roupa pra fora e toma conta do filho da vizinha e do neto pequeno. A família está unida e com projetos, inclusive de sair da Maré. Tiveram uma oportunidade, mas o dinheiro não foi suficiente para fechar o negócio.

Paraibana, com seis irmãos, quando tinha nove anos foi morar com a madrinha, que estava precisando de uma pessoa para ajudar nos afazeres domésticos e lá ficou até se casar. A madrinha morava em frente à casa da sua mãe, mas tinha melhores condições de vida: “*tinha de um tudo*”, como ela diz.

O pai, só viu uma vez quando já estava grávida de sua primeira filha. Sua mãe e seu avô contavam que ele bebia muito e trabalhava longe, cortando cana. Um dia, ele mata seu compadre e companheiro de copo, deixando sua mãe sozinha, com sete filhos para criar. O incidente ocorreu no mesmo ano em que nasceu. Sua mãe passou a trabalhar na roça para sustentar os filhos, o que fazia com muita dificuldade. Por este motivo, entende que sua mãe não ligou muito quando ela foi morar com a madrinha. Na verdade, via a mãe todos os dias e, a madrinha ajudava a toda sua família, principalmente com a alimentação.

Não se lembra de nenhum sonho. Afirma que não pensava em coisa alguma, porque tinha uma vida boa. Não lhe faltava nada e ainda passeava com a madrinha. Seus irmãos sofreram, mas ela não. Pensava que a vida aqui no Rio seria diferente. Pondera sobre essas diferenças e conclui que, por um lado, a vida aqui é mais fácil porque lá para ter o que comer, tem que lutar muito na roça; aqui tem mais opções de trabalho e de ganhar um dinheiro. Por outro lado, está ficando mais difícil arrumar trabalho e aí não se tem como comer.

Com pouco menos de vinte anos, Margarida começa a namorar e cinco meses depois engravida. Segundo ela, não estavam muito apaixonados, mas “*sabe como é lá no nordeste, né?*” Pergunto, então “*como é lá no nordeste?*” – e ela diz que é muito ruim: “*hoje em dia ainda está melhor, mas antigamente era ruim de se viver*”. Sem divertimento, tudo muito longe, ela só trabalhava. Sua madrinha era costureira, fazia vestidos de noiva, e Margarida ajudava, cuidava da casa e dos filhos dela.

Os jovens, então, são obrigados pelas suas famílias a se casarem. O rapaz chegou a fugir, mas o pai o trouxe de volta. Poucos meses após o casamento, ele veio para o Rio deixando-a grávida na Paraíba. Afeito a jogos, nunca mandou nada para a mulher nem para a filha, que só foi conhecer quando já estava com quase quatro anos. Margarida foi ajudada por sua madrinha e pelo sogro.

Seu pai de criação estava morando no Rio e sua madrinha estava para vir com os filhos e, então, seu irmão pergunta se ela quer vir trabalhar no Rio. Margarida aceitou, mas tanto o irmão quanto o sogro enfatizam que ela deve vir para trabalhar e viver sua vida porque seu relacionamento com o marido não daria certo. Chegando no Rio, ficou na casa da cunhada (irmã do marido) e, com isso, só trabalhou três meses... engravidou novamente e foi morar com o marido, que dividia um barraco com o irmão. Segundo ela, tal fato deixou seu irmão muito aborrecido. Não sabe bem porque voltou com o marido – nem sua família nem a dele queriam. Às vezes se pergunta se não foi por “*pirraça*” ou por “*orgulho*”, mas depois que nasceu o segundo filho resolveu ficar e, segundo ela, “*ficou até o fim, até não agüentar mais*”.

Margarida suportou trinta e dois anos de vida “*muito difícil*”. Como ela mesma diz: “*Só agüentando desaforo... era briga, era bebida, então, era muita coisa*”. Mesmo assim nunca teve coragem de largar sua casa e procurar a família, por pensar que “*iria abandonar seus filhos*”.

No começo, morou com o marido num quarto cedido pelo cunhado no barraco de palafita, onde este residia. Só bem mais tarde preencheu sua ficha e a do cunhado, e conseguiram mudar, cada um para sua casa.

“*Ah, era muito difícil, meu Deus do céu!*” morar na Maré, na época das palafitas. Naquela época, de bom só tinha o fato de não ter tanta violência como tem agora, mas a vida nas palafitas era muito complicada. Quando ventava, todos tinham medo. Uma vez seu barraco caiu. Felizmente pôde contar com a ajuda de um primo carpinteiro que passava os fins de semana na sua casa. Quando a maré estava seca, o mau cheiro era horrível e, quando não, “*passava corpo morto, muita, muita coisa ruim mesmo*”. Seus

dois filhos mais velhos, quando pequenos, caíram na maré. A menina, Margarida viu quando caiu e logo pulou na lama para “*puxar*” a filha. Já com o menino, foi mais complicado. Era fim de tarde e ela não viu quando tudo aconteceu. Os vizinhos gritaram para avisar, pois estavam tendo dificuldades para chegar onde o menino estava. Ela pulou na lama, mas demorou a encontrar o pequeno. Quando conseguiu tirar o menino, deu-lhe um bom banho e um copo de leite, que é bom “*pra limpar o estômago (...) pra não entrar sujeira*”.

Hoje, separada, diz que pra ela o marido está morto. Não quer mais vê-lo. Ele fugiu e não cumpre a determinação judicial de dar pensão aos filhos menores. Vive da ajuda dos filhos mais velhos e do que recebe lavando roupa e cuidando de criança. Os filhos abastecem sua geladeira. Segundo ela, gastam muito com a “*mistura*”, legumes, frutas e carnes. Como está tudo muito caro hoje em dia, sempre que aparece uma promoção eles chegam com uma bolsa – “*trazem asa, lingüiça, hamburger, traz tudo que precisa*”. Para Margarida o importante é ter saúde e, com relação ao ex-marido que não ajuda no sustento dos filhos, o melhor é deixar pra lá. Como ela diz:

“Tá pensando que eu vou atrás dele? Eu não vou não. Não vou não porque graças a Deus não tá faltando nada, os meus filhos está arcando com tudo, graças a Deus. Passava fome quando eu tava com ele, mas agora eu não passo mais não”.

“*É porque a parada é dura, né!*” Assim define a vida na Maré. Afirma que hoje não se tem segurança “*nem de um lado nem de outro*”. Deixa muito claro que não confia em ninguém, não confia mais na polícia, porque vê os “desastres” que tem feito por aí. Acredita que ainda exista policial honesto, “*mas a gente vai adivinhar qual é?*” Não vai adivinhar, então não confia em ninguém.

Há períodos em que o “clima” fica “*brabo mesmo*”. Às vezes é surpreendida ao sair na rua e encontrar tudo fechado. Vai levar as crianças na escola e é informada de que as aulas foram suspensas. Ao perguntar sobre o motivo, a resposta não convence: “*ta faltando água*”. Explica que isso é “*conversa*”. Na verdade são outros os motivos.

Para lidar com a violência local, se abriga em sua casa. Só sai para as coisas que são realmente necessárias e também não deixa seus filhos saírem. Um de seus filhos, um adolescente de quinze anos, fica só na varanda da casa. Se vai à rua em frente de casa

para jogar um pouco, logo é chamando pela mãe: *“Venha pra dentro, você sabe que aqui a gente não tem confiança de ficar na rua”*.

Margarida tem muito medo de bala perdida. A ameaça de um tiroteio de repente é uma constante, mas quando ela fica na rua um pouco permite que os filhos fiquem também. Pergunto então do que ela tem medo, além dos tiroteios, e ela responde que também tem medo das amizades:

“(...) porque tem muitos garotinhos que conhecem ele,, coleguinha dele, até da escola mesmo, tá envolvido. É. Na escola tem muita gente... garoto pequeno envolvido eu tenho muito medo. Aí, desde os nove, ele vai pra escola só, né. Mas, de vez em quando, quando ele tá indo pra escola, eu to indo atrás. Caladinha, sem ele me ver. Não... eu vou soltar de vez, não. Eu não confio não...”

Tem criado todos os seus filhos assim, sem sair de casa, e afirma que até agora deu certo. Não sabe o que será daqui pra frente, porque ainda tem os dois menores, mas os mais velhos estão bem e pensam com a *“cabeça deles”*. Não tem a menor dúvida de que assim é melhor para eles. Passear, só nos fins de semana, com a irmã mais velha e longe da Maré. Em caso de desobediência aplica um *“corretivo”*. Várias vezes é criticada por isso, mas defende sua opinião com veemência. Fala com firmeza e uma certa doçura. É como sabe cuidar e proteger seus filhos dos descaminhos da vida.

“(...) Eu disse “eu bato sim, padre. Se eu não exemplar os meus filhos, quem é que vai exemplar? (...) Então, vou deixar os meus filhos na esquina, vou deixar a polícia pegar meus...”, não, pra dentro de casa, não tem esse negócio de achar ruim não. Dá exemplo pros filhos. (...) eu falei mesmo assim pra ele: Pode sim! A gente não pode é tirar sangue do filho, mas de vez em quando umas palmadinhas, não faz mal não”.

Entretanto, existe outra violência da qual ela não pode proteger seus filhos: a violência de dentro de casa. Cresceram presenciando as brigas dos pais. Margarida, muitas vezes, foi parar no hospital de tanto apanhar do marido.

Com o marido muito ciumento, não saía “*pra nenhum canto*” e nem podia se relacionar com as pessoas. Como ela mesma diz:

“(...) eu não ia pra nenhum canto. E outra coisa, se eu conversasse com qualquer pessoa, aí... ai, meu Deus! Se eu tivesse conversando com qualquer pessoa a briga tava pronta. Não podia conversar com ninguém. Não podia falar só com ninguém não. Não ia na casa de ninguém, não ia nem na minha vizinha, que ele reclamava. Isso era vida? Era nada! (...)”.

Não podia sair e nem tampouco ter as coisas em casa, porque seu marido quebrava tudo. Um dia, quando ainda era possível pedir ajuda à polícia, fez uma tentativa. Dirigiu-se a um policial e explicou que o marido estava quebrando tudo e que se ela tentasse entrar em casa ele iria bater nela. O policial riu, deixando-a com muita raiva, e lhe perguntou se ela não tinha panela de pressão em casa. Ela respondeu que sim e indagou o porquê da pergunta. Então o policial lhe disse que quando o marido fosse lhe bater, que ela “*desse uma panelada na testa dele*”. Indignada, perguntou ao policial: “*se eu matar ele, quem vai presa sou eu, não é?*”.

Muito tempo se passou e a mulher continuou apanhando do marido. Numa noite chuvosa, seu marido chegou em casa e resolveu acordar um dos filhos para ir à rua comprar cigarro pra ele. Revoltada, ela disse que nenhum de seus filhos iria sair para comprar cigarro. Como ele veio da rua, deveria ter comprado; se quisesse fumar, que voltasse pra rua e comprasse seu cigarro. Furioso o homem se preparou para lhe bater. Já “*estava cheia de apanhar*” e, neste momento, as palavras do policial lhe vieram na cabeça. Como “*não deu tempo de pegar a panela*”, ela passou a mão numa pequena cadeira e avisou que se ele encostasse nela, iria machucá-lo. Sem medo, ele avançou contra ela. Margarida, então, jogou a cadeira. Pela primeira vez revidou suas agressões. O homem caiu no chão sangrando muito e ela corre, com medo de ser pega pela polícia. Uma vizinha vai ajudar e consegue estancar o sangue. No dia seguinte, um conhecido o levou para o hospital e perguntou o que houve. Ele disse que se acidentou na obra. Margarida ficou muitos dias sem poder voltar pra casa e se justifica: “*era pra ter dado com a tampa da panela, mas não deu tempo de pegar*”.

O tempo passa e os problemas se sucedem. Os filhos, mesmo crescidos, continuam presenciando as brigas. Muitas vezes defendem a mãe e também são

agredidos. Já com vinte e seis anos, seu filho apanhou do pai pelas costas, com um cabo de vassoura. O motivo foi a briga dos irmãos menores. Margarida gritou para pedir ajuda na hora que o rapaz chegou. Irritado, ele diz que o que está acontecendo naquela casa é a falta de um pai responsável. O jovem diz isso depois de apartar a briga, quando já estava sentado, de costas para a porta e tirando seus sapatos. O pai, que acabara de chegar, ouviu e agrediu o rapaz. Vez por outra esse mesmo rapaz recebia, no trabalho, ligação de algum vizinho, pedindo que ele voltasse para casa porque a mãe estava apanhando do pai. Certa vez, quando chegou, foi informado de que a mãe tinha ido para o hospital. Após ser atendida, ao voltar para casa, é questionada pelo filho: “*até quando a senhora vai agüentar? Porque a gente já tá tudo casado, já tá tudo criado, até quando vai agüentar?*” *Aí, eu tomei a iniciativa de tratar no juiz (...)*”.

O marido de Margarida já não botava em casa nem o feijão com arroz, mas comia e brigava. Os momentos, desde que levou o caso à justiça até a solução final, foram muito tensos. Ele fazia ameaças e continuava com as agressões. Certa vez, num churrasco de família, jogou toda a comida fora e, como foi visto pela filha casada, que questionou sua atitude, agrediu a moça.

Foi um longo tempo de espera. Margarida se orgulha de nunca ter solicitado ajuda dos “meninos” para resolver seu problema, apesar de muita gente ter-lhe incentivado a tomar esta atitude.

*“(...) Porque eu conheço muita gente que sofria muito, as mulher apanhava tudo, vinha, resolvia, mas eu não consigo não. Um dia ele vai sair da minha casa sem precisar de ajuda de certas qualidades de gente. Um dia vai sair tudo bem. Eu não sei não, eu nunca quis não. Eu tenho uma cisma, né. (...) *Aí, foi passando uns tempos, passando uns tempos, até que chegou o tempo de eu me livrar dessa criatura de vez.*”*

Margarida sempre sofreu muito com enxaqueca. Sem nunca conseguir um remédio para seu problema, entende que “*essa tal de enxaqueca só dá isso no nordeste, porque por aqui não tem médico que descobriu o que é isso, não tem remédio pra isso*”.

Entretanto, após a separação, faz uma simpatia que ouviu no rádio:

“(...) na sexta-feira da Paixão, na sexta-feira, às seis horas, você toma banho, lava a cabeça bem lavada, bem, bem lavadinha mesmo. Nunca mais você lava a cabeça na sexta-feira. E eu não passei quase um ano sem me dar enxaqueca?”

Mas um dia a filha resolveu pintar o cabelo da mãe. Ela não se lembrou que era sexta-feira e lavou a cabeça. A enxaqueca voltou.

Mesmo grávida, Margarida não queria se casar. Pretendia criar a filha sozinha, mas naquele tempo, no Nordeste... Nem registro ela tinha, mas sua madrinha resolveu tudo para poder fazer o casamento. Vez por outra, se pergunta como tudo isso foi acontecer em sua vida. Acha que foi um castigo, mas depois volta atrás, porque sua filha é muito boa e lhe ajuda muito.

O tempo foi passando sem que ela percebesse. Às vezes o marido passava um tempo um pouco melhor, depois piorava novamente. A casa cheia de filhos, quando ele trabalhava *“botava um bocado pra dentro de casa”*. Sua família sempre ajudava e as irmãs dele também: *“Aí, foi passando, foi passando o tempo... Quando eu vim a abrir os olhos eu já tava velha, com cinqüenta e poucos anos... Agora eu tô com cinqüenta e quatro”*.

Certa vez, passou por sua cabeça a idéia de largar o marido e voltar pro nordeste. Pediu ajuda ao irmão, mas ele negou. Afinal, ele avisara que ela não deveria ficar com o marido. Aconselhou-a a deixar os filhos com o marido e seguir sua vida. *“Ah! eu chorei tanto de tanto desgosto”*, diz ela. E resolveu, então, que iria agüentar. Não vai deixar seus filhos e não vai pra lugar nenhum. Sua mãe de criação não aceitava a idéia de uma possível separação, dizia que seu marido era *“bonzinho”* e justificava suas atitudes com a bebida. Entretanto, o marido não precisava estar bêbado para usar de agressividade. Mesmo sóbrio, várias vezes agrediu a mulher e os filhos.

“(...) Sabe como é esse povo do norte? Ruim com ele, pior sem ele. Ah, meu Deus, hoje eu penso... se fosse que nem hoje, eu não ficava nem um mês com essa criatura, quanto mais 32 anos, 32 anos (...)”.

Mesmo reconhecendo que isso “*não era vida*”, estava decidida a agüentar e não se arrepende.

“(...) Então, foi muito sofrimento pra mim, mas eu não me arrependo não porque os meus filhos hoje estão me ajudando, são muito bons pra mim, nenhum caiu na vida errada, tudo estuda como pode, mas todo mundo estuda, tem curso, graças a Deus...”

O cuidado dos filhos sempre foi de sua inteira responsabilidade. Nunca contou com o marido para coisa alguma.

“(...) desde o primeiro dia que essas crianças começaram a estudar, nunca teve uma assinatura do pai. Ele nunca foi pra fila. Tudo foi eu, tudo foi eu. E eu não sabia andar aqui pra nenhum canto (...)”.

Com medo da violência do marido, muitas e muitas vezes ficou na rua, sem poder entrar em casa. Depois que a filha casou, várias noites dormiu na casa dela. Mas, cada vez mais se questiona: “*Que vida é essa?*” Não se conforma de não ter paz para ficar “*um segundo*” dentro da sua própria casa.

Na audiência, diante do juiz, o marido a acusou de ser viciada e maltratar os filhos. Alegou que moram em duas casas e, por isso, ele devia ficar com uma. Na verdade o segundo andar, um cômodo único, não é independente do restante da casa e não está em condições de ser habitado. Revoltada, até hoje ela não esquece a raiva que sentiu. O juiz determinou que fosse submetida a exames. Seus filhos também se revoltaram e, na audiência seguinte, depuseram contra o pai.

Margarida sempre deixou seu sofrimento visível para seus vizinhos e amigos e tem certeza que isso lhe foi de grande valia nesse momento, pois todos sabiam muito bem quem era ela e tudo o que padecia.

Passara a vida cuidando dos filhos e sente-se orgulhosa e recompensada por isso. Mesmo assim, olhar para sua vida lhe causa uma certa amargura:

“De noite, eu fico deitada, eu fico pensando: “meu Deus, o quê que eu fiz da minha vida?”. Passei a vida toda. Nunca fui pra nenhum canto. A Quinta, eu não sei onde é a Quinta não. Na época que eu tava com ele, eu não conhecia, nem sabia pra onde era a Quinta. Nunca fui com as crianças...”

Não saía da Maré. De casa, só saía quando necessário. Para ir ao Fórum e dar seguimento ao processo de separação, precisava de companhia. Primeiro a irmã, depois a vizinha, a filha da vizinha... sozinha não ia. Andar na passarela para atravessar a avenida Brasil, só mesmo acompanhada por alguém de muita confiança. Sentia tanto medo, que seu corpo tremia todo. Entretanto, agora consegue atravessar. Ainda treme um pouco, mas atravessa sozinha. Pergunto a que ela atribui essa mudança e ela responde:

“Eu não sei. Não sei se era que eu vivia já... já pensava assim: eu chegava em casa ia ter briga, né? Era briga e mais briga dentro de casa. Eu sei lá. Eu não sei não. Eu já vivia, assim, nervosa direto...”

Margarida aos poucos, reage à tirania do marido. Passa a conversar com os vizinhos e não permite que ele controle toda sua vida

(...) Aí, eu mudei, aí, eu dei pra conversar com meus vizinhos. Dei pra conversar com todo mundo, com meus conhecidos... Eu não sou escrava dele. (...) não fui criada com meu pai, como é que eu vou arrumar um pai agora? Não deixo não. A minha mãe de criação nunca, ela nunca chamou, nunca, nem de brincadeira, ela não falou nada de errado pra mim. Nunca (...).

Impulsionada pelo filho, procura uma advogada, assiste palestras e dá início ao seu processo de separação. Tem coragem para se expor e enfrentar o medo. Sai vitoriosa. Fica com a casa, com o carinho e o respeito dos filhos. Realizou um sonho e já se prepara para sonhar outros.

“O meu maior sonho? É o sossego que eu tô tendo. Cuidando dos meus netos, cuidando dos meus filhos ainda mais. Pronto: se eu quiser ir pra um canto eu vou, se eu não vou é porque eu não sei andar aqui só. Se eu andasse...”

Ainda tem muito que andar, mas já conhece alguns lugares. Vai à praia com as irmãs, vai ao “shopping” com a família e com uma amiga. Diverte-se, contando do seu medo da escada rolante e das invenções do seu genro para que ela utilizasse a novidade.

Já pensa até em sair da Maré. Chegou a ver uma casa – na verdade, um terreno com duas casas –, ideal para eles, já que a mudança inclui também sua filha casada. O dinheiro não foi suficiente. Sua casa não está em bom estado e acredita que não conseguirá por ela um valor que lhe permita comprar outra coisa. De toda forma, o projeto não está abandonado, aguarda apenas melhores oportunidades.

“(...) Porque num dia, quando os meninos quiser vender, achar uma coisa melhor, tiver todo mundo trabalhando aí a gente vê como é que vende isso aí, mas por enquanto...”

Seu filho do meio está investindo muito em seus estudos. O rapaz desenha muito bem e conta para a mãe que até o final do ano deve começar a estagiar. Não sabe dizer o que ele faz, acha que é alguma coisa de estrutura naval, não entende bem mas não esconde sua satisfação em vê-lo tão dedicado.

Tomou pra si sua vida e não permite mais que o pai de seus filhos lhe importune. Noutro dia, o filho mais velho passou em sua casa antes de ir para o trabalho e contou que o pai ligou pra ele, mas não falou nada. Margarida percebeu a preocupação do filho e, assim que o rapaz foi trabalhar, ligou para seu cunhado e mandou o recado para o ex-marido.

“(...) Oh, só! não fica telefonando pra casa do meu filho porque aborrece, não é a ele não, me aborrece a mim e aborrece a ele. A ele não é tanto, porque é o pai dele. Mas, eu não quero que ele.... Ele fugiu do juiz pra

não dar um bocado de comida. O juiz exigiu uma cesta básica pra ele dar, ele não deu. Por quê que ele fica perturbando? Então, eu vou lá, dar o endereço da sua casa, que é pro juiz pegar ele e dar pensão pros meninos. Acabou. Nunca mais ninguém telefonou de lá”.

Outro dia encontrou uma amiga, que se surpreende ao vê-la “nova e bonita”. A senhora, logo quer saber a razão de tão boa aparência e ela explica: “Descanso, paz...”. A amiga lhe perguntou, então, pelo seu marido e, sem pensar duas vezes, ela respondeu: “morreu”. Diante do espanto da amiga, rapidamente acrescenta: “Ele morreu pra mim, pros outros ele tá vivo”.

Para Margarida agora “a vida é muito boa!”. Enquanto esteve envolvida numa vida repleta de violência, várias vezes, pensou em sumir. Hoje, sabe que é preciso caminhar:

“(...) Antigamente, como eu tinha raiva quando começava a briga, aí, dava vontade de eu sumir... Vou sumir pra onde, gente? Pra onde é que eu vou sumir? Eu tenho que ficar é dentro de casa mesmo, vou sumir pra onde, pra onde é que eu vou? Eu falava, assim, no meu pensamento, né: se tivesse um canto pra mim sumir do mapa, eu sumia. Mas isso tudo é ilusão a gente pensar isso. Tudo é ilusão. Não adianta não”.

A religiosidade está presente em sua vida. Com tantos afazeres em casa, não pode participar de muitas atividades em sua igreja. Mesmo assim, não deixa de comparecer, pelo menos uma vez por semana, nem tampouco de se fazer presente nas datas especiais.

Para lidar com os infortúnios da vida, conta com a ajuda de Deus: “Pra resolver [os problemas] Deus me ajudou muito. (...)”. A fé acolhe sua dor e a confiança lhe dá força para agir. Para andar pelas ruas precisa da proteção divina.

“Andar na rua, a gente não tem segurança. Só Deus pra proteger a gente mesmo, só basta só Deus mesmo, mais ninguém. Não tem quem, não

tem quem nem a gente chamar nessas horas, só Deus que tá perto, tem que chamar por Jesus mesmo”.

Para Margarida, participar do grupo era uma coisa muito boa. Poder falar, desabafar, segundo ela, alivia o sofrimento.

“(...) Ah, como era bom! [participar do grupo] Eu chegava em casa toda aliviada, tão bom a gente poder falar, desabafar... É a coisa melhor que tem. Já sofri a vida toda calada, porque tem muita gente aí que é assim. Sente as coisas calada, não fala nada pra ninguém. Eu o quê? Eu vou morrer só o quê? Eu falo mesmo. (...)”

Em sua opinião, o grupo era continente para as aflições. Era confiável.

“(...) Era bom. O que a gente falava ali, ali mesmo ficava, entendeu? Ninguém sabia do que tava se passando. Ali mesmo a gente falava, ali, ali mesmo ficava”.

Não sentiu nenhuma dificuldade para participar.

“Não tinha nada difícil ali não... Não era difícil pra mim. Pra mim não tinha nada difícil não. Porque eu conversava, escutava. Eu falava e também escutava as outras conversar, não tem nada de difícil não”.

O grupo ajudou Margarida a se expressar, vencer sua timidez e se relacionar.

“Me dava mais coragem, ali eu já... Eu não sabia nem conversar, gente. Aí, eu fiquei mais, eu fiquei mais aberta, entendeu, mais, já falando... Eu tinha a maior vergonha de falar na frente dos outros. Tinha a maior

vergonha. Aí, pra mim foi tudo melhor. Nunca saía, nunca saía de casa mesmo, nunca saía”.

Participar do grupo de mulheres lhe ajudou a participar de outro: o grupo de mulheres vítimas de violência doméstica, no CIAM. Mais fortalecida Margarida expunha seu problema e ouvia outras histórias, às vezes piores que as suas. “*Ficava bem mesmo*”, diz ela. Também “*dava conselhos*” para aquelas mulheres que não tinham coragem de falar nada: “*olha, não pode ficar calada, tem que conversar, tem que falar*”. *Agora eu falo tudo. Toda a vida eu falei, né, eu nunca escondi nada*”.

Margarida afirma que gostaria de participar de outra experiência de grupo de convivência na Maré. Ela tem um novo netinho, de um ano, e outro já está a caminho. Cuida deles para que os filhos possam trabalhar. Mas afirma que: “*se formar o grupo, se eu puder ir eu vou*”.

Durante a entrevista percebo que toda vez que termina um lado da fita, Margarida faz algum comentário, querendo saber se já acabou. Ao mesmo tempo, não demonstra nenhum constrangimento em falar e nem com o gravador.

No horário combinado, Orquídea chega para me buscar, justo na hora que estávamos encerrando a entrevista. A dona da casa convidou-a para entrar e logo se inicia uma conversa. Margarida resolveu “passar um café” e sugeriu que Orquídea fosse à padaria comprar pão. Assim que ela saiu, Margarida se aproximou de mim e falou que precisava me contar um segredo que só os filhos adultos é que sabiam. Explica que estava esperando o fim da gravação para poder me contar e que agora precisava falar rápido pra dar tempo de contar tudo.

Quando Orquídea retornou com o pão, de fato seu segredo já estava revelado. Fizemos, então um gostoso lanche. A filha mais velha chegou do trabalho e elogiou a mesa. Margarida me apresenta, e logo conta de nossa conversa: “*Foi bom à beça. Falei muito*”. A filha, muito simpática, me cumprimenta e comenta que a mãe está mesmo precisando falar, porque anda muito nervosa. Conversamos mais um pouco e me levantei para ir embora, apesar de Margarida querer que eu ficasse mais e que comesse mais também. Já na rua, me abraçou e agradeceu por eu ter estado em sua casa. Pediu para eu ir um dia almoçar com ela... “*A gente pode ficar conversando a tarde toda, vai ser tão bom,*” ela me diz. Me abraçou forte e agradeceu mais uma vez. Tocou novamente no tal assunto sigiloso, falando baixinho.

Nos despedimos. Agradeço por ter me ajudado com a entrevista, mas ela não aceita. Entende que ela é quem deve me agradecer, o que fez várias vezes. Afinal, pôde falar.

ORQUÍDEA

Começou a participar do grupo nos primeiros encontros. De início um tanto calada e arredia, aos poucos passa a interagir com as demais participantes. Primeiro, falava dos outros, estava sempre pedindo alguma coisa para pessoas necessitadas que não faziam parte do grupo. Depois, levava novas componentes para o grupo e se comportava como sua porta-voz.. Sua fala quase sempre era intermediada por um pedido ou uma queixa. Com o passar do tempo, consegue se expressar melhor, falar de si mesma e expor suas opiniões.

O aspecto cuidador de Orquídea é marcante e assume, no grupo, papel de fundamental importância. Reúne as pessoas, dá os recados e, após alguns problemas envolvendo a minha segurança e a da estagiária, passa a nos acompanhar em todo trajeto de ida e volta, da Fiocruz para a casa onde o grupo se reúne, e em nossas andanças pela Maré. Assim garante a realização do grupo.

Ao retornar ao local para contatar as mulheres para as entrevistas, encontro-a com a aparência descuidada, os cabelos enormes e em desalinho... Dias depois, ao retornar, ela já havia se arrumado e cortado os cabelos. Durante a entrevista, Orquídea confirma que se arrumou porque eu estava indo lá.

Ao me ver na Maré, logo avisa dos perigos de andar por lá e se prontifica a me acompanhar. É uma forma de cuidado e também de ficar perto. Afinal, enquanto vamos e voltamos, conversamos.

No dia da entrevista, chega quando eu já estava terminando de arrumar o lanche. Sentamos à mesa e digo a ela para ficar à vontade e se servir do que quiser. Ela sorri e diz: *“Eu já estou à vontade, eu fico à vontade... a senhora fica tão à vontade na favela que eu tenho que ficar à vontade aqui também, ne?”* Ri novamente e repete o que acabara de dizer.

Explico a pesquisa e lemos juntas o termo de consentimento. Feito isso, peço que escolha seu pseudônimo. Ela me pergunta se alguém já escolhera Margarida. Respondo que sim e, então, se decide por Orquídea.

Carioca, nasceu no Méier e logo se mudou para a favela da Catacumba, onde passou a infância. Ao dizer isso, sorri e brinca: “*Na Lagoa (...) Morei bem, né? Muito bem, né, pôxa...*”

Conta suas lembranças sobre a remoção, que aconteceu, segundo ela, quando tinha mais ou menos onze anos - “*Ai, meu Deus, eu não gosto nem de passar por ali, porque é uma tristeza...*”.

Após a remoção os moradores distribuíram-se em vários locais – Nova Holanda, Manguinhos e Vila da Penha, para onde Orquídea foi com a família. Lá, aposta com a irmã quem conseguirá namorar o vizinho. Ganha a aposta e, pouco tempo depois, engravida e passa a morar com o rapaz na Maré, “de aluguel”. Nesta época devia estar com dezoito ou dezenove anos. Pagar aluguel torna-se complicado, porque seu companheiro vive desempregado. Tenta resolver seu problema negociando um barraco que estava fechado, com um policial, para quem entrega um anel de ouro que ganhara de presente. Entretanto, quando vai fazer sua mudança, a polícia intervém, sob a alegação de que o dono da moradia está voltando de viagem. Assim, perde o abrigo e o anel e, então, o casal se muda para um lugar bem distante da Maré, onde sua mãe tem uma casa.

Lá, Orquídea sente-se isolada e presa, só em casa cuidando de criança. Um dia pega a filha e volta para a casa de seus pais. Como seu pai já estava doente, passa a trabalhar na feira com a mãe. Refere-se a esse período como um tempo feliz. Gostava de ir para a feira e conhecer gente. Sua filha passou a ficar na casa de uma pessoa a quem pagava para cuidar da menina. Segundo ela, “*também não deu certo*” porque queimaram o pezinho da menina que tinha, na época, nove meses. A queimadura foi séria e causou muito sofrimento para Orquídea, sua família, e também para a família do pai da menina. Não sabe como aconteceu a queimadura e não procurou saber. Na verdade, a criança não estava sendo bem cuidada. Além da queimadura grave, estava também com piolho. Sua sogra, então, resolve cuidar da neta, o que faz até hoje. A menina já está com dezessete anos. A família do ex-marido tem uma “*situação melhor*” e não queria que a menina ficasse na favela com a mãe. Naquela época Orquídea trabalhava e “*uma criança na favela solta não dá certo*”.

Trabalhando na feira e sem a filha, comprou um barraco em outra localidade e mudou-se novamente. Lá, tem um outro relacionamento, mas que não dura muito tempo. Além de muito farrista, o rapaz decide entrar para a polícia militar, deixando Orquídea com muitos questionamentos. Entende que seu companheiro irá se modificar e resolve seguir sua vida, deixando para trás seu barraco.

“(...) Ele tinha um mundo, ele ia pra um outro mundo totalmente diferente do dele, né, e eu achava que ele ia mudar como de fato mudou mesmo, né. Meu medo era esse. Aí, eu deixei meu barraco lá em Ramos – tava trabalhando na Ilha, aluguei um quarto pra mim (...) numa área que foi condenada pela defesa civil (...)”

Na enchente de 1988, quando Orquídea chegou do trabalho, todos os seus vizinhos já estavam alojados no CIEP e em outros lugares próximos. Neste momento de sua história, inicia uma longa trajetória, até conseguir sua casa na Maré.

Conta minuciosamente sua luta. Saiu do emprego, enfrentou outras chuvas, muitos ventos e, como sempre costuma fazer, cita nomes de todos os que lhe ajudaram e também dos que tentaram prejudicá-la. Empolga-se falando de pessoas de outra condição social, mas que lutam pelos pobres e são “*simples e boas*”, como um médico do Hospital Geral de Bonsucesso e um comandante da defesa civil. Emociona-se e chora ao falar de sua tristeza ao ver todos os seus pertences afundados na lama que tomou conta da barraca do exército onde morou muito tempo.

“Foi, a chuva. Não dava nem pra entrar. Eu me deparei, assim, no ombro do vizinho e chorei muito. Não tinha nem como fazer. Foi muito difícil pra viver, foi muito difícil. (...)”

Por ocasião do preenchimento das fichas para receber a casa, Orquídea foi coagida a se cadastrar junto com outra pessoa, ou seja, a casa seria dividida pelas duas. Como era ou isso ou nada, assina, mas, preocupada, procura resolver seu problema. No seu discurso fica clara a função dos bandidos da época. Controlavam tudo e funcionavam, de certa forma, como ‘justiceiros’. Assim, numa tarde, quando entrava no

mercado, foi abordada por um bandido que, primeiro, certificou-se de estar falando com a pessoa certa, dizendo seu nome completo, e depois avisa que o “chefe” quer lhe falar. Orquídea descreve todos os sinais que denunciam a intensidade de seu medo. O “chefe”, ao chegar, logo indaga o porquê de seu cadastro estar junto com o de outra pessoa. Assustada, ela responde que não sabe e o homem, demonstrando indignação, diz que eles terão que resolver o problema que criaram, porque um terreno só para duas famílias não é possível. Mais tarde, após várias reuniões e muita luta, reorganizam o cadastro e, finalmente, recebe sua casa.

Hoje Orquídea considera que morar na Maré é bom em parte.

“(...) porque em favela... a senhora sabe... é complicado quem mora em favela, né: um já é Deus pra si e o diabo pro outro, né. Mas também tem gente muito legal lá na favela. Muita gente prestativa, muita gente amiga... né, né... [pausa] Mas também é muito pouco, não é muito não. É bem pouco. As pessoas também falam muito, mas na hora de fazer..”

Para ela poucas pessoas são solidárias. Mesmo na igreja tem muitas pessoas que ficam lá *“comendo a hóstia e fazendo o que não deve, prejudicando as pessoas”*

Sem segurança e sem tranqüilidade, apesar de toda luta, se pudesse *“não morava aqui, mas eu vou morar aonde? Não tenho onde morar”*.

Mesmo contando com infra-estrutura básica – água, luz e esgoto – os problemas são muitos.

“(...) Eu tenho que carregar água, aí, eu fico meio... A água chega tarde. E aquela água dá um problema. Tá pior, doutora Elaine, a água lá tá pior. Não sei o que acontece com aquela água (...) Antigamente de tarde ainda tinha, agora não tem mais não. Agora ela chega nove, dez, meia noite... (...)”

Desempregada há muito tempo, volta e meia procura uma atividade diferente para defender algum trocado. Já tentou vender bolo caseiro nas redondezas, café em

hospitais e até velas na porta do cemitério. Entretanto a concorrência é grande e, em geral, os pontos que são bons para a venda já têm ‘dono’.

Vive da solidariedade de alguns amigos e, quando fica muito desesperada, busca auxílio na igreja. Mais uma vez Orquídea se emociona muito durante a entrevista. Com a voz embargada e entre pausas diz:

“(...) eu não sei o que fazer mais, eu não sei... Vender bolo não dá pra vender (...) porque um bolo bem feito fica caro. (...) Então, eu não sei... [breve pausa] Sei passar uma roupa bem (...). E tem gente que gosta de explorar as pessoas. Tem gente na favela que se acha... que tem uma coisa melhor, gosta de pisar em quem não tem”. [refere-se a uma roupa que passou e foi paga com sabonete e outras coisas sem utilidade para a dona da casa]

Sem trabalho e sem dinheiro, pouco vê sua filha e sua mãe, porque não tem como pagar a passagem.

Sobre um sonho do passado, primeiro diz que não tinha sonho, não sonhava com nada. Depois se lembra que, quando criança, gostava muito de ir da Lagoa para Ramos, onde morava sua madrinha. Mais tarde, fala de um sonho já quase esquecido: estudar e ser professora, mas só pôde cursar até a terceira série primária.

Seu sonho atual é voltar à “vidinha” que tinha na Catacumba. Em sua lembrança:

“(...) O pessoal era mais amigo, era mais humano, agora, eu não sei, pessoal parece que é bicho, não sei... É muita violência. Não, claro, que a violência, se a gente tivesse lá, ia ser a mesma coisa, mas acho que ia ser menos (...)”.

Conta de um homem, a quem trata de compadre porque batizou sua boneca. Apesar da vida sacrificada, ter que carregar água e descer até as sete bicas para lavar a roupa, usufruía um convívio mais solidário:

“(...) Era mais o convívio com as pessoas, porque lá era tudo junto (...) mas era muito gostoso. Muito gostoso (...).”

Quando ocorreu a enchente de 1988, Orquídea deixou o emprego para conseguir sua casa, mas a briga por uma moradia é ferrenha. Nessa ocasião, um homem, que se sentiu ameaçado por achar que ela queria tomar seu barraco, denunciou-a para o ‘chefe’ do local. Livra-se da situação por estar acompanhada de uma amiga, antiga moradora do local e que se dispõe a explicar sua situação.

Finalmente conseguiu uma barraca do exército para morar e, sozinha, além de enfrentar os ventos que derrubavam tudo, as chuvas e os bandidos, também teve que lidar com a polícia. Ouvia dizer que quando a polícia chegava no local, ocultava as identificações – nome e número do camburão, chamava todo mundo de marginal e ameaçava as pessoas, dizendo que o governo não iria dar casa para ninguém, e que todos iriam morrer de “bala”. Já cansada e muito assustada, ela questiona: *“ainda tem mais isso?”*. Entretanto, um dia, às cinco e meia da manhã exclamou: *“ainda tem mais isso!”*. Todos tiveram que deitar no chão e Orquídea, muito assustada por estar sozinha em sua barraca, confiou em sua fé: *“bom, mas como eu tenho muita fé em Deus e eu rezo muito, não vai acontecer nada não”*.

Enfrentava muita violência, mas não desistia de lutar pela sua casa.

“(...) Aqui já foi gente estuprada, “ai meu Deus”, aqui tem muita gente doente. E eu tendo que passar por tudo isso. Tem que passar porque eu tenho que conseguir a minha casa. Também não desisti não”.

Os bandidos controlavam o cadastramento. Queriam saber da situação de cada um para evitar que quem já tivesse casa se cadastrasse novamente. Reuniões aconteciam neste sentido e ela relata sobre uma, que não pôde participar por estar passando mal com seu problema de estômago.

“(...) Aí, quando eu cheguei do trabalho, passei lá e ele disse ‘na reunião aconteceu isso, isso e isso. Era pra saber quem tem casa e você não tem. Não tem que ter medo’”.

Quando, finalmente, consegue a casa, sua sogra de vez em quando leva a menina para ver a mãe. Um dia, quando caminhavam em direção à Avenida Brasil para pegar o ônibus e voltar para casa, são surpreendidas por um tiroteio. Todas ficam muito assustadas, inclusive Orquídea, que acompanhava as duas. A senhora, com problemas cardíacos, é obrigada a correr em busca de abrigo. Esta é a última vez que recebe uma visita da sua filha.

Ainda hoje vive um dia-a-dia de muita violência, em suas várias formas. A falta de trabalho, os tiroteios, a precariedade das estruturas locais e, segundo ela, cada vez perdendo-se mais coisas. Ouve no rádio, e também de uma amiga, que o posto de saúde vai fechar.

“Deu no rádio, eu ouvi no Wagner Monte [programa de rádio], e a minha colega disse que vai fechar também. Dizem... [pausa] que... que... que os meninos... [pausa] querem dinheiro do posto [fala rápido, como desabafo]”.

Mas não é só:

“É, dizem que vai fechar também [a Vila Olímpica]. Então, é complicado. A gente não tem mais nada. Um lugar que era pra ter tudo, não tem... Não tem mais nada. E a gente vai conversar com quem? Não tem mais com quem conversar. Porque a gente gosta de conversar, né, desabafar um pouquinho, porque tudo que acontece a gente não... vai falar com quem?”

Com problemas renais e uma gastrite que a acompanha há muitos anos, faz tratamento psiquiátrico e tem episódios depressivos mais graves. Quando começou no grupo, fazia tratamento com um psiquiatra, de quem se queixava muito. Com dificuldade de organização, trocava os horários e faltava muito às consultas, fazendo sempre uma certa confusão com os medicamentos. Outras mulheres do grupo tentam ajudá-la, mas acaba sendo encaminhada para outro serviço, onde passa a ser atendida por uma médica, que conquista sua simpatia. Não consegue explicar porque, mas relata

ter sido transferida para um terceiro serviço e acaba abandonando o tratamento. Não chega sequer a conhecer esse novo lugar para onde foi encaminhada e está sem tomar os medicamentos.

Orquídea tem muitas queixas do posto de saúde do local onde mora e, por isso, prefere não ir lá. Alega ter sido maltratada sempre que acompanhava uma senhora doente, de quem gostava muito. Há pouco tempo atrás, levou um tombo e se machucou. Recebeu atendimento no posto, mas continua optando por não se cuidar lá.

Relata ter “*pressão alta*”, mas não cuida para não ter que ir ao posto de saúde. Procuo entender melhor, mas não fica claro se ela, de fato, é hipertensa e necessita de acompanhamento, ou se teve um episódio isolado. Afirma que, por ocasião de sua cirurgia, sua pressão ficou alta. Depois disso só aferiu a pressão durante algumas campanhas, quando profissionais fazem esse trabalho na comunidade. Segundo ela, estava normal. Ao mesmo tempo, relata dor de cabeça: “*dor de cabeça sempre às vezes eu tenho, mas eu acho que isso é normal*”.

Mesmo assim, ainda encontra espaço para um pouco de humor. Enquanto relata sua luta para conseguir a casa, inicia uma frase dizendo: “*Ah! Doutora Elaine, naquele dia eu quase morri de...*”. Neste momento se dá conta da quantidade de vezes em que havia dito que quase morreu e complementa: “*Eu só vivia morrendo... [riso], ainda bem que meu coração é bom, porque senão era uma morte em cima da outra (...)*”.

Orquídea vive preocupada com os outros e comentando sobre as agruras e as vitórias de seus conhecidos. Está sempre disponível para ajudar a quem precisa, e isso parece dar sentido à sua caminhada. Apesar de solidária, é também uma mulher solitária.

Refere-se a dois relacionamentos amorosos, sem maiores entusiasmos, ambos com pouca duração. Não convive com a filha e pouco vê seus familiares, principalmente sua mãe, que mora longe. Uma outra mulher do grupo comenta comigo que, às vezes, a vê caminhando pelas ruas, sozinha e chorando.

Durante a entrevista, várias vezes Orquídea se emociona ao reviver momentos dolorosos de sua vida. A queimadura do pé de sua filha, a visão de seus pertences afundados na lama dentro da barraca do exército em dia de chuva forte, seu desemprego... Mas é ao falar de sua solidão que ela mais se emociona. Não ter com quem conversar, para desabafar um pouco, parece ser um sofrimento a mais. A

impossibilidade de compartilhar as amarguras de sua vida é pontuada por ela todo o tempo.

“(...) Eu falei mesmo: as (...) foram embora, o (...) não gosta de conversar, a gente estamos abandonado, não tem, não tem mais com quem conversar. O grupo acabou. (...)”.

Mesmo entendendo que um religioso não gosta de conversar, desesperada, vai à igreja para desabafar.

“(...) Eu conversei com ele, mesmo sem ele gostar, eu queria conversar com alguém, não tinha quem, e eu fui lá na igreja. Ele tinha que ouvir e ele me ouviu. (...). Eu fui, eu tava, eu tava desesperada, tinha que conversar com alguém, não tinha quem, eu falei ah é, tem que ser ele... Ele querendo ou não ele vai ter que me ouvir. E foi. Aí, ele falou ‘onde você quer conversar?’, eu falei no confessionário. A gente entramos lá e eu falei. Eu me desabafei com ele (...)”.

Orquídea chora muito ao fazer o relato. Fala de sua condição de vida, sem emprego e, sem saber o que fazer, pede ajuda:

“(...) falei: você quer que eu vá roubar? Ele disse, não. Você quer que eu vá virar uma prostituta? Ele disse, não. Eu falei, pois é, então, tem que me ajudar. Porque eu já não sei mais o que fazer. Eu não sou... [chorando] eu não sou preguiçosa, eu não sou... mas eu não to conseguindo. Não tenho... Vou procurar como, de que jeito? Eu sei que ele me ouviu (...)”.

Depois, em lágrimas, confessa a intensidade da sua dor:

“(...) Aí, quando eu disse pra ele que eu ia tomar chumbinho, aí ele disse assim... aí ele não gostou. Aí, ele disse: você já parou pra pensar na cruz que Ele carregou por nós? (...)”

E me conta que chegou a comprar o chumbinho, mas que uma amiga sua, percebeu a situação e levou embora.

Entretanto, a solidariedade é uma maneira que encontra para amenizar seu sofrimento. Ocupa-se com o próximo e, assim, deixa de ser tão só.

“É, eu gosto, eu gosto. [de ajudar os outros]. Se eu sei que tem uma pessoa precisando eu vou lá ajudar, por que não? Mas tem gente que já viu o outro precisando e passa por cima e vai embora. E não é bem assim. Eu acho que não é assim, né (...)”

Mesmo passando necessidade, não hesita em ajudar a quem, em sua avaliação, precisa mais do que ela.

“Consegui uma faxina, mas uma colega minha tinha quatro filhos, né, aí eu dei pra ela, né, porque ela tá precisando mais do que eu. Porque quatro crianças, né, já pensou? É dose... Aí, eu dei pra ela. Ainda bem que apareceu, mas...”

Orquídea precisa de muito pouco para sair do seu abandono. Ao comentar sobre a transformação de sua aparência, ela explica que tem um vizinho que é cabeleireiro e costuma cortar seu cabelo sem cobrar. Entretanto, o salão do rapaz fica numa comunidade muito distante de onde mora e, desanimada, tinha muita preguiça de ir até lá. Ao me encontrar, logo se anima para fazer a longa caminhada.

“(...) mas agora vou ter que ir porque eu vou lá no Elos e eu não vou aparecer lá com um cabelo desse tamanho, né. Pode a Elaine aparecer de

novo, né... aí eu fui. Aí, ela [Elaine] vai dizer 'acho que a Orquídea agora... dessa vez, enlouqueceu'".

Orquídea tem muita fé em Deus e está sempre contando com a sua proteção. Entretanto, questiona a convivência na igreja. Segundo ela, na igreja tem algumas beatas que são muito falsas.

"(...) Elas rezam aquilo todo dia e faz tudo diferente; comem a hóstia todo dia e faz tudo diferente. Eu não tomo a hóstia, não rezo todo dia e não faço diferente. Eu tenho certeza que eu acho que Deus está gostando mais do que eu tô fazendo, acho, do que a maioria do que elas estão fazendo, acho que Deus ainda tá meio assim com elas".

Tem restrições, inclusive ao padre. – o atual e ao que estava antes dele. Considera que os dois são pessoas que não gostam de ouvir... Na verdade, me parece que se ressentem do fato do religioso não valorizar as tradições. Do padre atual se queixa que ele só joga água benta na missa da manhã e que não distribui o pão de Sto Antônio no dia do santo. Está sempre de cara fechada e questiona a confissão.

Reitero minha impressão de que suas queixas referem-se, principalmente, à desatenção do religioso com relação aos valores culturais da comunidade. Entende que na favela tudo é diferente, em toda igreja se joga água benta na missa matutina e vespertina, na igreja da Maré, não; em toda igreja, no dia de Santo Antônio, o pão é distribuído, na comunidade não, e assim por diante... São gestos plenos de sentido que amenizam com esperança o sofrimento da vida cotidiana, e que dão ao fiel a idéia de que estão fazendo a parte que lhes cabe.

Outro ponto levantado por ela, com relação à religiosidade, é a alegria e a disponibilidade para atender as pessoas. Certa vez, no grupo, se queixou do padre, que não tinha feito uma visita a alguém necessitado, conforme ela havia solicitado. Outra pessoa do grupo ponderou, dizendo que como ela gosta muito de ajudar, às vezes solicita ajuda para quem não quer. Lembra de algumas situações em que o religioso atendeu seu pedido, mas a pessoa não queria essa ajuda.

Orquídea ficou sabendo do grupo por uma religiosa e logo se interessou em participar. Relata que gostava de estar no grupo para ouvir as pessoas, saber do que estava acontecendo no lugar onde mora e falar um pouco. Também gostava de estar comigo e com a estagiária, com quem estabeleceu um vínculo bastante forte. Sua maior motivação para estar presente às reuniões era poder conversar, porque *“eu sozinha em casa não tenho com quem conversar, né, só tenho o rádio e a televisão, mas tem hora que o rádio e a televisão enche”*.

Chama atenção para a questão da confiança. Diz que quando vai à rua conversa um pouco, fica sabendo de alguma coisa, mas nem tudo pode falar *“porque a gente não sabe com quem a gente tá conversando”*.

Afirma que o grupo ajudou muito a *“melhorar sua cabeça”*. Pergunto, então, de que forma e ela, mais uma vez, pontua a possibilidade de *“dividir”* um pouco seus problemas e com isso, ficar *“mais leve”*. Relembra uma noite em que vários policiais subiram em sua laje e o medo que sentiu. Pensou em tirar as roupas do armário e arrumar sobre a cama porque, se eles entrassem, iriam mexer em tudo mesmo e, assim, pelo menos não fariam confusão. Depois ela ouviu tiros e pensa em pegar o *“lencinho branco”* e descer. Aí decidiu me telefonar para contar o que estava acontecendo. Fala comigo rapidamente, apenas para me deixar ciente. Na entrevista, então, explica que, ao me ligar, se sente fortalecida, mais segura. Caso acontecesse alguma coisa eu conheceria os fatos, porque *“eles têm mania de botar droga e arma e dizer que é da pessoa, né, e eu sozinha dentro daquela casa...”*

Ao lhe perguntar se percebeu alguma diferença em sua saúde durante o período em que participou do grupo, respondeu que se sentia mais animada e que agora, ao contrário, está desanimada e triste: *“É... Agora eu tô muito triste... Eu não quero nem falar”*. Neste momento, cala-se e chora.

Orquídea estabeleceu relações com algumas mulheres do grupo e mantém contato mais próximo com três delas. Uma, infelizmente, está em intenso sofrimento psíquico e, por este motivo, sente-se impossibilitada, pelo menos temporariamente, de estar junto dela, como gostaria. Com as outras duas ela tem um contato maior, mas não suficiente para sentir-se acolhida.

Sinaliza que no grupo a troca permite que se adquira mais experiência, a partir da vivência da outra pessoa. Em suas palavras: *“um fala um pouquinho da sua vida, né, o outro escuta, né, já apanha um pouquinho de experiência, né”*.

Em sua opinião, compartilhar os problemas com o grupo, além de diminuir a solidão, fortalece a pessoa para enfrentar e superar os problemas: “*já não se sente muito sozinho, porque aquele tá sofrendo, poxa, mas eu também to, mas ele tá dando pra superar, então, eu também posso, né*”

O grupo lhe possibilitou conhecer pessoas e estabelecer vínculos. Identifica as mulheres, às quais se ligou, como o grupo das “mais carentes, mais sofredoras”. Para ela, sua única dificuldade foi “*quando acabou*”. Complementa dizendo: “*Tudo que é bom dura pouco, né... mas essa vida é assim mesmo...*”.

Ao lhe perguntar se gostaria de viver nova experiência, de participar de um grupo, responde afirmativamente e sugere que o grupo se reúna na igreja. Não concorda que se faça as reuniões no posto de saúde.

Em uma reunião do ELOS com a religiosa que solicitou ajuda para a formação do grupo, esta avalia que Orquídea havia se beneficiado muito do grupo. Segundo sua opinião, ela havia se tornado mais sociável.

CRAVO

A participação de Cravo no grupo se dá em dois tempos. Num primeiro momento, frequenta o grupo de forma irregular e sem estabelecer vínculo. Nas reuniões se coloca como alguém de fora e demonstra não ver muito sentido em estar ali. Passa um tempo sem comparecer e depois retorna, desta vez assídua e participante. Assim permanece até quando o grupo se desfaz.

Sempre fazendo seu crochê, se coloca no grupo com autenticidade. Fala com sinceridade, tanto para questionar sua presença no grupo – quando não via razão para isso – quanto para compartilhar sua experiência de vida, quando se vincula. Nesta segunda fase, passa por um sério problema e não hesita em pedir e aceitar a ajuda do grupo para enfrentá-lo.

No dia da entrevista, chega acompanhada de Esmeralda. Mal abro a porta, ela diz: “*Até que enfim!*”, e comenta sobre a dificuldade de nos encontrarmos, demonstrando o quanto está satisfeita em ter conseguido chegar para conversarmos.

De fato, tivemos alguns problemas com o horário da entrevista. Precisamos remarcar nosso encontro várias vezes, porque, naqueles dias, ela vivia uma situação difícil em sua família. Sua sobrinha de um ano, filha de uma de suas irmãs, adoece e precisa ficar internada. Cravo passa a cuidar da irmã da menina, que ainda não completara três anos, para que a mãe possa ficar com a pequena no hospital. Mudamos o local da entrevista para a sua casa, mas a situação da menina se agravou e as coisas ficaram confusas. Combinamos, então nova data. Entretanto, na tarde anterior, houve muita violência na comunidade e à noite sua cunhada telefona para minha casa falando da dificuldade de me encontrar no horário combinado. Não fica claro, na verdade, se o maior impedimento é com relação à minha entrada no local ou com o problema de saúde em sua família – a neném está muito mal. A conversa telefônica foi meio reticente. No grupo, já haviam expressado desconfiança de que os telefones do local são todos “grampeados” pelos ‘meninos’, que assim ficam sabendo de tudo o que se passa.

Adiamos novamente a entrevista. No fim de semana recebo um telefonema informando que a menina havia morrido. Remarcamos então nosso encontro.

Antes de ligar o gravador, diz que sente muito a minha falta e que gostaria de um dia conversar comigo como profissional, não como amiga que nós somos, porque ela tem uns problemas que precisa falar comigo. Segundo ela, sua irmã também precisa falar comigo profissionalmente, porque não está nada bem depois da morte da menina e está “*descontando em todo mundo, inclusive agredindo a filha mais velha, que ainda não tem três anos*”. Conversamos um pouco e procuro orientá-la com relação à situação de sua irmã.

Ao pedir que escolha seu pseudônimo, explica que prefere nome de flor, por ser mais delicado. Escolhe, então ser chamada por Cravo, uma flor de que gosta muito. Cheia de pétalas e bem delicada. Emociona-se bastante durante a entrevista e, para minha surpresa, chora ao falar da importância do grupo na sua vida.

Cearense de nascimento, é a filha mais velha de oito irmãos e teve uma infância muito sofrida. Seu pai maltratava muito a sua mãe. Embora fosse marceneiro e ganhasse bem, bebia, jogava e deixava a família passando necessidade. Além disso, sua mãe vivia como “*prisioneira*”. Não podia ter amigas, conversar com as pessoas nem sair de casa, mesmo que fosse para levar um filho ao médico. Constrangida, conta que seu pai alugava casa sem janela em lugares afastados, sem vizinhos por perto, para que a mãe não fizesse amizade com ninguém. Às vezes, quando saía, trancava todos dentro de casa e levava as chaves.

Desde muito nova, trabalha com crochê, o que possibilitou seus estudos. O chinelo, comprado com o dinheiro do seu trabalho, ela calçava pela manhã e ia para a escola. No fim da aula, voltava correndo para passar o chinelo para o irmão também poder ir à escola. Cravo ressalta que hoje em dia o governo dá tênis, uniforme e material escolar para os alunos que não podem comprar, mas que no seu tempo não era assim.

Aos quatorze anos, vai trabalhar numa casa de família para continuar seus estudos. Lá conhece seu marido. Casou-se aos quinze anos, para sair do jugo do pai. Logo após o casamento, realizou seu maior sonho: vir para o Rio de Janeiro.

Nesta ocasião, o pai saiu de casa e deixou sua mãe com sete filhos pequenos, passando muita necessidade. Tempos depois, sua mãe reencontrou um antigo namorado que havia ficado viúvo. Casaram-se e é esse homem que ajuda sua mãe a criar seus irmãos. Refere-se a ele como seu padrasto, por quem nutre consideração e gratidão. Relata que seus irmãos o consideram mais que ao próprio pai. Atualmente, em sua terra natal só estão sua mãe, seu padrasto e uma irmã com as filhas. Seus outros irmãos, com exceção de dois já falecidos, moram no Rio

Cravo está casada há mais de vinte anos e tem três filhos dos quais cuida com muito zelo. Rindo, reconhece que às vezes exagera um pouco no cuidado. Sente-se satisfeita fazendo tudo para eles. Lava, passa, cozinha e serve a comida no prato. Marca horário para chegarem em casa. Quando têm uma festa, não saem de casa sem deixar o telefone de onde vão estar. Quando atrasam, ela logo liga para saber o que está havendo. Às vezes, concede mais “*uma horinha*” de festa. Mora em casa própria, tem tudo que precisa e até algum conforto, como televisão no quarto dos filhos e videogame. Fala com orgulho que seus filhos nunca passaram por privações e se diz contente com tudo o que conquistou. Para ela, a vida no Rio é muito melhor porque aqui é possível trabalhar e conseguir alguma melhoria de vida, enquanto que no nordeste as oportunidades de trabalho são muito escassas.

Seu sonho atual é de muita paz em sua família e ir uma vez mais no Ceara para rever seus familiares e conhecer as sobrinhas. Entretanto, voltar a morar Nordeste não quer nem pensar e também não quer isso para seus filhos.

Cravo gosta muito da Maré, que considera ser um lugar muito bom para viver. Em sua opinião, ali tem tudo que ela quer: boas escolas, posto de saúde com bons profissionais, mercado e transporte. Entretanto:

“(...) Mas a violência... é isso que não dá. E às vezes eu tenho até vontade de sair daqui pra morar em outro lugar, mas as minhas condições não dá. (...) se eu tivesse também assim uma coisa melhor pra mim poder vender aqui pra comprar uma outra casa lá fora, fora que eu digo assim um lugar mais...tranqüilo”.

Realmente, a vida na Maré tem muitos sobressaltos. Conta um episódio recente, em que jogaram uma bomba num carro de polícia. Não sabe ao certo, mas acha que ninguém morreu. Isso significa que a qualquer momento pode haver um confronto violento e, portanto, os moradores devem ficar atentos antes de sair de casa.

“Que a policia... vê que a policia é traiçoeira, é a mesma coisa os ‘meninos’, né. Aí, eles estão revoltados porque perderam um carro de policia, ainda bem que não perdeu policial, porque se tivesse perdido policial teria sido no mesmo dia” [a guerra].

Ao chegar no Rio, ela e o marido trabalharam muito, com a intenção de ajudar sua família e juntar dinheiro para trazer dois dos seus irmãos. Um deles é assassinado pelos traficantes. O rapaz trabalhava como copeiro em um restaurante e resolveu dividir aluguel com um amigo. Há uma confusão com armas, que são escondidas na casa de uns parentes desse amigo, que resolveu entregar para polícia, mas diz que foi o irmão de Cravo quem denunciou. Em suas palavras:

“Mataram meu irmão de tiro. Foram buscar ele dentro de casa. (...) Os ‘caras’... [os traficantes] Aqui, foi... Morreu como X9 (...) O rapaz falou que tinha sido o meu irmão. Aí, eles foram pegar o meu irmão dentro de casa. Ele tava dormindo (...)”.

Recentemente, viveu outra situação de violência, desta vez envolvendo seu filho mais velho. O rapaz foi à praia com a namorada e o irmão. Ao chegar lá encontrou alguns amigos e um deles pediu para o filho de Cravo segurar seu celular enquanto ia na água. O rapaz pega o celular, acreditando ser do seu amigo, e o coloca no bolso. De

longe vê uma correria, mas não se dá conta do que está acontecendo. Na verdade, este dia foi notícia em todos os jornais da cidade. Era um domingo de muito sol e houve arrastão em toda a orla do Rio. Alguém vê quando o amigo lhe passa o celular e logo chega a polícia com o dono do telefone. O rapaz explica que aquele celular pertence a seu amigo que está na água. Todos vão para a beira d'água procurar pelo rapaz que, a esta altura, já estava longe. Antes de passar o telefone ele tira o chip. O rapaz, então, vai preso.

Na Polinter, divide uma cela com oitenta pessoas. Como o espaço é pouco, os presos fazem revezamento para dormir. Toda semana ela leva para o filho uma colcha grossa para ele amarrar na grade e poder dormir, utensílios para banho, lanche, vinte reais para ficar com ele e o dinheiro para pagar a televisão – os policiais cobram um real de cada preso para permitir que assistam TV. O que leva para o filho não deve ser de boa qualidade porque, se for, os policiais tomam e depois vendem. Alguns presos não recebem visita e, para sobreviver, prestam serviços aos outros e recebem por isso. Durante todo esse tempo, conversava muito com o filho e aconselhava: *“não pague ninguém pra fazer nada pra você, você faça”*.

Acabara de perder sua sobrinha com apenas um ano de idade e estava muito mobilizada com a situação. Segundo ela, a menina tinha sido internada por dois dias e teve alta. Uma semana depois sua irmã voltou com a filha para o hospital, mas a situação se agravara muito e a menina morreu. Então, comenta: *“o médico deu alta, não era pra ter dado, né”*.

Cravo relata que tem labirintite e controla com medicamento. Tem também “pressão alta”, mas é emocional.

“Minha pressão é controlada só assim, quando eu tenho emocional, aí eu tomo Olcadil. O Olcadil é só calmante né, meu cardiologista passou”.

Sua pressão sobe quando está muito aflita ou passa por algum aborrecimento. Segundo ela, morte de parente, problema com filho *“só coisa muito grave”*, Quando o filho esteve preso *“tomava remédio direto”*.

Cravo tem muita clareza do tipo de problema que faz sua pressão subir. Por duas vezes viveu a experiência dolorosa de ser “traída” pelo marido. Mas, em nenhuma delas

sua pressão subiu: “(...) *porque eu boto pra fora, brigo, aí eu acho que botando pra fora não...*” [sobe a pressão].

Entretanto, há um outro problema, que faz sua pressão subir e a obriga a tomar remédio – a violência na Maré.

“(...) quando é intenso [o troteio], eu tenho que tomar remédio que minha pressão sobe. Porque eu sei que meu marido tem que sair pra trabalhar, meu filho tem que sair pra trabalhar, meu cunhado tem que sair pra trabalhar, meus irmãos, e às vezes é sempre na hora da volta pra casa deles, aí eu fico agoniada... por isso, que eu fico... ligo pra um, ligo pra outro, enquanto não ta todo mundo dentro de casa... aí eu tenho que tomar remédio pra agüentar”.

Quando menina, sofreu muito não só pelas privações a que era submetida, mas também por presenciar o sofrimento de sua mãe. Revoltada, queria reagir. Como não podia, acabava indignada com a mãe, por aceitar tal situação de vida. Relembra as coisas que dizia para sua mãe. Não queria ser como ela, não queria nada da vida dela. Certa vez disse para a mãe:

“(...) mãe, Deus vai me dar um marido um dia, mas vai ter que ser um marido bom, porque se for que nem o da senhora ou eu mato ele, ou eu vou me embora na mesma hora (...). Ela dizia assim pra mim ‘que Deus não escute suas palavras ruins, só escute as boas’”.

Mesmo assim, acha que aprendeu com sua mãe a ser “*guerreira*” pelos filhos. Fala com orgulho do quanto sua mãe lutou pelos filhos e do quanto, ela também, luta pelos seus.

De fato, ela conseguiu um marido bem diferente do seu pai, um homem bom, como ela diz. Entretanto, casou-se muito jovem e inexperiente. Imaginava conviver com o marido em casa, da mesma forma que com seus irmãos. Até hoje sofre por não sentir “*aquele amor*” por ele. Dedicou ao marido a “*mesma atenção que dedica aos filhos*”,

gosta dele e o respeita muito. Queria ter amor por ele, mas não tem. Ou, pelo menos, acha que não tem. E assim, leva a vida “*fazendo o certo*”.

Muito apegada aos filhos, diz que o marido queixa-se muito disso. Reconhece que é “*muito grosseira com ele*” e que, ao contrário, ele é sempre carinhoso com ela. Acha que ele gosta mais dela do que ela dele. Sente-se mal por não retribuir o afeto do marido e já pensou até em sair da vida dele.

Toca neste assunto várias vezes durante a entrevista e, cada vez que retoma, o faz com mais emoção... Fico com a impressão que esse é o assunto que ela gostaria de conversar comigo “*profissionalmente*”. Em certo momento, toda a determinação de Cravo dá lugar a uma mulher cheia de dúvidas, que questiona seus sentimentos, mas que está afetada por eles. Fala com emoção que nunca procura o marido e que não sente falta - é só ele que a procura. Pergunto se ela gosta quando ele a procura. Sem hesitar e com olhar sorridente, responde afirmativamente. Fala de sua dificuldade em ser carinhosa e questiona se é assim porque não o ama. Cravo está sempre preparada para uma separação e faz questão de deixar isso muito claro, mas diz ter vivido um “*sofrimento terrível*” quando, por duas vezes, o marido se envolveu com outra mulher.

Lá pelas tantas começa uma frase: “*quando ele viaja...*” Por tudo que já havia dito, imagino que ela vá falar que fica aliviada ou qualquer coisa parecida. No entanto, expressa sua saudade e a falta que sente dele. Entretanto, parece que é só quando ele está longe que ela se rende a esses sentimentos; quando está perto o afasta. Cravo se pergunta se é louca. Mulher de fala clara e alta, neste momento sua voz torna-se embargada e, muito emocionada, chora.

Todo ano seu marido vai para o Ceará visitar a família, mas ela se recusa a ir junto. Diz não sentir falta nem vontade de ir lá. Ao mesmo tempo, se emociona ao falar de seus familiares. A mãe e a sogra, que são pessoas que ama, sua irmã e até as sobrinhas que só conhece por fotografia. Em outro momento da entrevista, diz que seu sonho era poder voltar ao nordeste para rever as pessoas e também para que seus filhos conheçam sua terra.

Lamenta pela irmã que morreu jovem de leucemia e chora muito ao falar do irmão que morreu assassinado. Com o olhar baixo, fala do quanto se sente culpada por tê-lo trazido do Ceará. O rapaz tinha vinte e um anos e estava no Rio há apenas três. Mais uma vez sua voz muda de tom e, de certa forma, busca em mim uma confirmação de que a morte do irmão não foi culpa sua.

Mãe zelosa, está sempre muito preocupada com os filhos. Fez de tudo para que o filho mais velho continuasse os estudos, mas após concluir a oitava série o rapaz opta por trabalhar. A pedido da mãe, tenta trabalhar de dia e estudar à noite, porém acha muito cansativo.

O tempo em que seu filho esteve preso foi de muito sofrimento para ela: *“Três meses e quatro dias. Contadinhos, não esqueço não! Ele entrou dia 26 de outubro, saiu dia 30 de janeiro, do outro ano, passou o natal e ano novo lá dentro”*. Só podia ver o filho uma vez por semana. Em casa, vê a cama vazia, suas roupas e perfumes e pensa em seu menino naquele ambiente sujo. Sofre por ele e também pelos outros. Não se conforma com os pais que abandonam seus filhos num lugar como aquele. Achava que o filho ia ter muitas dificuldades, porque em casa estava acostumado a tê-la sempre presente, fazendo tudo para ele e na prisão não tem nada. No entanto, parece que o rapaz se saiu bem, aprendeu a lavar roupa e cozinhar. Considera que o infortúnio acabou sendo proveitoso, porque tornou seu filho melhor.

Outro grande sofrimento para Cravo é a solidão. Se ficar em casa dois ou três dias, quando sai passa a ter medo. Não sabe explicar, não é sempre que isso acontece. Mas uma coisa é certa: não gosta de ficar só.

Conta muito com seus familiares. Está sempre próxima dos irmãos e sua mãe; mesmo à distância, acompanha sua vida. Como ela mesma diz: *“adoro a minha família, eu tenho apoio de todos eles. (...) Apóia um no outro”*.

Com a dor da mãe, aprendeu a ser dona de suas decisões. Uma única vez, seu marido disse para ela não ir a um aniversário no qual ele não estaria presente, em um bairro muito distante da Maré. Cravo foi. A briga durou uma semana, mas foi e deixou claro que não aceita esse tipo de imposição. O fato nunca mais se repetiu e ela conclui:

“(...) Não dou, não dou liberdade, não dou confiança, porque eu acho, assim, que se eu der confiança pra alguém vai querer sempre e eu vi muito dentro da minha casa, minha mãe (...)”.

Solidária e generosa, responde ao imenso sofrimento de ver seu filho preso, ampliando seus cuidados a todos os companheiros de cela, em especial aos que não têm visita.

Muito tocada pelo abandono de alguns presos, num lugar onde todos estão na mesma situação – *“ta todo mundo igual ali, ali não tem ninguém melhor nem pior não”* – Passa a levar de tudo *“mais um pouquinho”*, para que o filho divida com quem não tem. Chorando, diz que o filho tem um bom coração e dividiu com os outros.

Em função da superlotação e das péssimas condições de higiene, todos na cela têm “sarna”. Cravo fica aflita com a situação, pensa como vai fazer e então decide: *“Eu me desdobrei, comprei remédio pra eles lá dentro tudinho e pro meu filho (...)”*. Cravo compra garrafadas e sabonetes para todos os presos.

Considera que, neste momento, ser moradora da Maré foi um fator decisivo e muito positivo. Como ela diz: *“Aqui ruim ou bom todo mundo conhece todo mundo”*. Pensa que se morasse em outro lugar onde ninguém conhecesse seu filho, talvez ele fosse visto por todos como ex-presidiário, o que lá não aconteceu. Ao contrário, todos acolheram seu filho quando ele chegou de volta e enquanto esteve preso, Cravo conseguiu um abaixo-assinado com 450 assinaturas, confirmando que o rapaz é honesto e trabalhador.

Cravo sempre conversa com Deus. De casa mesmo, em seu quarto, faz suas orações, seus pedidos e agradecimentos. À igreja, vai aos domingos e nas reuniões semanais do grupo que passou a freqüentar, onde, compartilha momentos *“bons e ruins”* da vida e todos rezam por cada um.

Depois que saiu da prisão, seu filho voltou a trabalhar e Cravo agradece a Deus por ter iluminado o caminho do rapaz. E pede para ajudá-lo a progredir em seu trabalho, embora reconheça que *“vai muito dele, né. Não tem estudo, mas tem a cabeça dele e a coragem”*. Mas a fé em Deus ajuda.

Diante da morte, a fé em Deus conforta e dá sentido ao sofrimento, mesmo que não se possa compreender. Cravo diz para a irmã que acaba de perder a filha, que *“Deus sabe o que faz e nós não sabemos o que vivemos”*. Pondera com a irmã sobre o sofrimento da menina, doente, tendo que suportar intervenções dolorosas no leito de um hospital. E assim a morte se transforma em descanso para quem “vai” e, para quem fica, a dor quase insuportável adquire uma dimensão finita quando se crê que Deus *“só dá o sofrimento que sabe que a pessoa agüenta”*.

Cravo, além de rezar gosta também de ouvir orações no rádio. Segundo ela, é uma forma de *“se apegar”*. Ela explica:

“É uma segurança, eu acho que é que nem um filho, um filho se segura muito na mãe né, a gente como não tem pai, não tem mãe, a gente se segura numa oração, numa palavra de Deus, numa pessoa que ta passando aquela palavra pra gente”.

O sentimento de desamparo e os problemas cotidianos são enfrentados com fé e muita oração. Sua aflição durante os tiroteios encontra conforto nas orações. É assim que consegue se acalmar. Mesmo sem saber se está “*guardada*” dentro de casa, oferece suas preces para as pessoas que estão na rua, desprotegidas.

Cravo não sabe bem o porquê, de início, não gostava de participar do grupo. Não tinha motivo para não gostar, mas achava que não tinha o que falar. Foi, incentivada por Esmeralda, sua cunhada. Primeiro afirma que também não sabe o que a fez gostar e ficar no grupo. Depois, acha que começou a frequentar quando passou a conhecer melhor as pessoas e a gostar delas, inclusive de mim.

O grupo passa a ser um motivo para sair de casa, ver os amigos e conversar. E ela gosta disso:

“(...) A gente tinha aquele gosto, toda semana, a gente ficava contando (...) ficava naquela expectativa oh, terça-feira a dona doutora Elaine vai vir, ali era o encontro de todo mundo ali, ali a gente discutia tudo da nossa vida (...)”.

O grupo de mulheres foi o primeiro “*grupo de conversa*” do qual participou. Agora frequenta encontros semanais em sua igreja, que procurou por ter sentido falta da convivência em grupo.

[Sentiu falta] *“Da convivência daquela hora, daquele horariozinho ali... Já tinha aquele horário certo da gente tá ali. Então, quando acabou, ficou vago. Ficou faltando alguma coisa, né. (...)”.*

Cravo se emociona e chora ao falar da importância do grupo. Durante o tempo em que seu filho esteve preso: “*eu tive muita, muita, muita força eu arranquei dali*”.

Lembra das vezes que chegou no grupo desesperada, chorando e nós estávamos ali para ouvir e acolher sua aflição. Saber que não está sozinha em sua jornada, poder chorar, desabafar, contar com os amigos, é muito bom. Guerreira e confiante em Deus, teria superado seu sofrimento mesmo sozinha, mas com apoio é melhor. Em suas palavras:

“(...) Eu tive muita força dali. Que se não fosse aquele grupo ali não teria... não sei, poderia ter tido porque eu sou guerreira. Eu luto e venço, acima de mim tem Deus, né, mas só que, com mais uma força é bom”.

Em sua opinião, o maior benefício de participar de um grupo é o apoio das pessoas, o calor humano. Pertencendo a um grupo, não se sente solitária. Quando está só fica mais estressada e suas dificuldades aumentam.

A diversidade de opiniões e de maneiras de lidar com os conflitos enriquece: *“(...) eu acho que mais gente é melhor. Porque um fala uma coisa de um jeito, um fala de outro. E eu acho que a gente precisa disso”.* Além disso, trocar experiências ajuda a relativizar os problemas. Perceber que existem situações mais graves que a sua, muitas vezes consola.

Cravo está se beneficiando muito com o grupo da igreja do qual participa. Ressalta a rede de solidariedade que se forma, quando se pertence a um grupo. Ser ajudada e também ajudar os outros é uma experiência que lhe faz bem. Se alguém precisa de alimento, rapidamente cada um traz uma coisa de sua casa para oferecer, se alguém está doente e não pode comprar o remédio, o grupo se junta e compra. O mesmo acontece com as doenças do espírito:

“(...) Se você tá doente, mesmo do espírito, precisando de um apoio, de uma palavra eles estão ali pra lhe ajudar. É isso que eu acho importante e é isso que nós precisamos. Do apoio humano, dos irmãos, porque todos nós somos irmãos”.

Gosta de ver as pessoas reunidas toda semana. Isso lhe traz tranquilidade, principalmente por morar na Maré, onde “vê gente muito agitada”. Acredita que se

todos fizessem isso haveria mais paz no lugar. Mas nem todos pensam assim e, para ela, *“existe mais maltrato aqui do que a bondade”*.

Está satisfeita por viver essa nova experiência de grupo e diz que gostaria muito que o nosso grupo de mulheres voltasse a acontecer. Acredita que esta opinião não é só sua, mas também de todas as mulheres que dele participavam.

Ao final, lhe agradeço pela entrevista e ela rapidamente fala: *“Não, eu é que agradeço por ter conversado com a senhora. Foi muito bom”*.

CORUJA

Coruja esteve presente desde o primeiro encontro do grupo e participou assiduamente durante vários meses. Por motivo de trabalho, passou a ter dificuldade em comparecer. Chegou a propor que eu fizesse uma declaração, solicitando sua dispensa do trabalho em função da importância de sua participação no grupo. Ficou de trazer o formulário adequado, mas não volta por um longo tempo. Depois, comparece no grupo eventualmente.

Trata-se de uma mulher bastante articulada e que participa ativamente da vida do local. Muito bem informada, sempre tem uma notícia ou uma orientação para oferecer. Um tanto queixosa, por sentir-se sem reconhecimento por seu trabalho comunitário, não dá continuidade, entretanto, a nenhuma das idéias que surgem, no sentido de resgatar histórias da luta da comunidade, nas quais, sem dúvida alguma, tem importante participação.

Muito falante, foi a única entrevistada que demandou dois longos encontros. Coloca-se disponível, entretanto atrasa-se muito para as entrevistas. Ao solicitar que escolha seu pseudônimo, sem hesitar decide-se por Coruja.

Coruja nasceu na Paraíba e é a filha mais velha de quatro irmãos do primeiro casamento de sua mãe.

Após presenciar o assassinato do pai, quando tinha apenas quatro anos, passou mais um ano com a família na cidade onde morava e depois se mudou para a casa do seu avô, no interior. Lá, a mãe trabalha na agricultura e, com isso, ela assume a casa e o cuidado dos irmãos mais novos. Aos seis anos, *“já era uma dona de casa”*.

“(...) quando eu reflito a minha vida de adolescente e criança, eu acho que eu entrei na guerra, sabe, dona Elaine, na minha adolescência eu fui uma guerreira, porque eu venci muitas batalhas, né, e uma delas foi, assim, eu ter criado as minhas irmãs”

Querida muito estudar, mas precisava cuidar da casa e dos irmãos. Muito curiosa, se alfabetizou sozinha, com alguma ajuda de uma vizinha que é professora. Só quando veio para o Rio é que conseguiu, de fato, frequentar a escola.

No interior a vida não é fácil. Quando o clima é favorável, a colheita é dividida em duas partes iguais. Metade fica com quem trabalha e a outra metade para os donos da terra.

Aos treze anos, foi obrigada a casar-se com um homem mais velho e que não tinha nenhuma responsabilidade com a família. Com ele teve três filhos e trabalhou muito para sustentar as crianças. Com esforço, comprou uma pequena casa a prestação.

Tempos depois, com o marido morando no Rio, deixou os filhos com sua mãe e mudou-se para este estado, em busca de uma vida melhor. Entretanto, logo que chegou, decepcionou-se, achou *“que era uma ilusão”*. Mas, ao mesmo tempo em que pensa ter *“entrado numa furada”*, olha pra frente com esperança e diz para si mesma: *“Se os outros estão vivendo, se tem pessoas que alcançaram os seus objetivos, eu vou alcançar o meu também”*. Quer vencer e trazer seus filhos.

Aqui no Rio, o marido não assumia uma casa com a família e também não permitia que ela trabalhasse. A tia de Coruja, com quem moravam, arruma um emprego para ela como faxineira que, então, começa a trabalhar escondida do marido.

Depois de um tempo passa a contratada de uma firma de limpeza e, poucos meses depois, compra a prestação, um barraco de palafita na Maré. Morar nessas condições foi um *“martírio”* para ela.

“Porque no norte, por difícil que seja, mas não tem essa situação de vida, né, não tem. Não existe esses barracos, não existe, assim, mendigo, existe uma pobreza, mas uma pobreza diferenciada da que a gente vê aqui, né.”

Tais condições de vida violentavam Coruja, que descreve seu pânico diante da situação. Cadáveres amarrados às palafitas sob os barracos e os banheiros, tábuas com um buraco para que os dejetos caíssem na maré, mas que, dependendo da altura da água, voltavam para dentro de casa.

Finalmente conseguiu trazer seus filhos. Sua mãe vem acompanhando as crianças e permaneceu durante um tempo, para ajudar. Lutou com muita dificuldade. Aos sábados, ia com a mãe à feira para pegar as sobras das frutas e levar para os filhos.

E assim vive, até que, após o cadastramento, muda-se para uma casa de alvenaria. Sempre em busca de melhores condições de vida, Coruja diversifica suas atividades de trabalho. Separa-se do marido e tem uma nova relação, desta vez com um homem que, apesar de casado, muito a ajuda, e com quem tem três filhos. Atualmente, vive seu terceiro relacionamento afetivo e continua sua luta por uma vida digna para si mesma e sua família, apesar dos problemas que ainda tem, especialmente com seus filhos mais velhos.

Além de contratada para desenvolver trabalhos no bairro, é proprietária de um pequeno negócio e participa ativamente da vida comunitária.

Ao longo de sua vida Coruja vivencia muitas e diferentes situações de violência.

Aos quatro anos presenciou o assassinato do pai, junto com a mãe, que estava grávida de sete meses. Seu pai, além de trabalhar na agricultura, era proprietário de um bar. Foi morto por um amigo que não gostou de ser cobrado pela dívida que fizera no bar.

Após a morte do pai, teve que assumir o cuidado da casa e das irmãs, sendo tolhida de sua infância e em seu imenso desejo de estudar.

Quando a mãe se casa pela segunda vez, tem que enfrentar uma relação difícil com o padrasto, que bebia e brigava com ela. Embora ele não demonstrasse querer “abusar” sexualmente dela, percebia uma certa “afinidade”, que se transformava em agressividade. Ele pegava cordas para enforcá-la e lutava com ela. Não chegava a lhe bater porque “atrevida” e “muito brava”, ela o enfrentava como podia, mordendo ou atirando coisas. Muitas vezes sua mãe teve que separar “brigas horrorosas” entre os dois.

Seu casamento também foi uma violência. Sua mãe criou uma história de que Coruja não era mais virgem e, até hoje, ela não sabe se, de fato, sua mãe acreditava em tudo que dizia. Conheceu o marido, um parente muito distante de sua mãe, em uma animada festa onde dançaram muito. Daí em diante, a história criada vai culminar no casamento de uma menina despreparada.

“(...) E sei que nisso fizeram o meu casamento, e eu não sabia nem o que era um pênis de um homem, né, eu nunca tive esse contato, né, não namorava assim como hoje, né, as meninas sabem tudo, né, vê na televisão e tal... Então, quando eu me casei, parece que aquilo era uma brincadeira de boneca, né”.

Já no Rio de Janeiro, Coruja passou a enfrentar, também, a agressividade do marido. Enquanto moravam na casa da sua tia, trabalhava, sem que ele soubesse, pois este considerava que mulher que trabalha, não presta. Um dia, o marido chegou em casa mais cedo e quando ela retornou do emprego, tentou agredi-la. Seu tio, que sabia que ela estava trabalhando, não permitiu que ele fizesse qualquer coisa contra ela. A partir daí, já não escondia mais que estava trabalhando.

Quando se mudou para o barraco de palafita, sem a proteção dos tios, além de enfrentar condições de vida, por si só desestruturantes, o marido passou a morar de fato com ela e tornou-se cada vez mais violento. Coruja começou a dar sinais de que não estava mais suportando.

“Ele [o marido] foi pro barraco comigo. Só que um ciúme, assim, desesperador, não saía comigo, não me dava atenção, só me usava quando queria. Quando queria me aterrorizar, ele me aterrorizava, assim, desligava o relógio da energia e me deixava no escuro. Ficava com a faca brilhando pra dizer que ia me matar (...)”.

Já morava na casa de alvenaria, quando o marido a agrediu violentamente. Coruja, então, foi ao posto policial e deu queixa dele. Passam a viver separados, dentro da mesma casa, até que um dia ela conseguiu que ele saísse..

Sua vida na comunidade é perpassada pela violência local, que cria situações antes inimagináveis para ela.

Um de seus filhos do seu primeiro casamento era disciplinado, “*um bom garoto*” até que, de repente, “*virou tudo*”. O rapaz se envolveu com drogas e com o tráfico. Coruja percebeu logo e, antes que as pessoas fossem lhe dizer onde ele estava, ela já sabia. Inúmeras vezes foi atrás dele para levá-lo de volta para casa. Para isso, teve que dialogar com os ‘meninos’, que acabavam cedendo aos seus argumentos de mãe e “liberavam” o rapaz. Manda o filho para São Paulo, mas de nada adianta. De volta ao Rio continuou fazendo as mesmas coisas, até que um dia se envolveu numa confusão e quase foi executado pelos traficantes, não fosse a mãe chegar a tempo de evitar o pior. Nessa época ela, em função do seu trabalho, era conhecida na comunidade e contava com o respeito de todos.

Mais uma vez tirou o filho do Rio. Desta vez, o jovem foi para Salvador, para a casa de uma de suas irmãs. Lá aprendeu vários ofícios e parou com o vício. Após quatro anos, voltou para o Estado do Rio e passou a morar em outro município, na casa de uma das irmãs de Coruja. Por ocasião da mudança na facção criminosa que controla o tráfico de drogas no local onde mora, permitiu que o filho voltasse para sua casa.

O jovem passou a freqüentar a igreja, a trabalhar e a ter uma vida mais tranqüila. Recentemente, desempregado, conseguiu, por indicação da mãe, trabalho num projeto da comunidade, mas deixou de freqüentar a igreja e voltou a usar drogas, criando situações de muita violência na casa de Coruja, onde ainda mora. Indignada, avisou ao filho:

“(...) olha, quando você era adolescente eu fiz de tudo pra te ajudar, agora você é de maior. A porta da rua é a serventia da casa. Você não vai ficar comigo fazendo, usando o que você está usando. Mas não vai mesmo (...)”.

Preocupada com o exemplo que seu filho adulto está dando aos irmãos menores, filhos do seu segundo casamento, revolta-se com a situação. Enfrenta o rapaz e as brigas estão se tornando piores. Sente-se aviltada em seu direito de mulher, mãe e chefe da família.

“(...) aí foi quando ele chamou o [seu atual companheiro] pra briga, né. Aí eu fiquei muito chocada com aquilo, eu acho que ele quis me expor, pra meus vizinhos, porque moro em comunidade, sou uma pessoa pobre, sou uma pessoa... mas eu quero manter o meu respeito de mulher, de mãe (...)”.

Uma das filhas do seu primeiro casamento, por outros caminhos também se envolveu com o tráfico e traz para Coruja e para si mesma, situações muito difíceis. Enquanto acreditava que a filha namorava um bom rapaz, filho da sua amiga e vizinha, a jovem na verdade, estava envolvida com um traficante do local. Pouco tempo depois, o rapaz foi assassinado e deixou a jovem grávida. Revoltada, entende que a filha deve interromper a gravidez, mas a moça não concorda e dá à luz uma menina.

Tempos depois, Coruja recebeu em sua casa correspondência vinda do presídio. Descobre, deste modo, que a filha está se relacionando com o irmão de uma amiga que está preso. Preocupada com o que a situação poderia causar à sua família, em função da rivalidade entre os comandos, vai até a casa da amiga da filha e afirma que não quer ter problemas com os traficantes locais e, por este motivo, não quer mais receber em sua casa cartas vindas do presídio, o que identificaria para os traficantes locais o comando ao qual pertence o remetente das cartas. Com muita firmeza, avisa que não vai colocar em risco a sua vida e nem a da sua família, portanto, se chegar outra carta irá denunciar. Nunca mais chega carta em sua casa. Entretanto, sua filha começou a frequentar a casa da mãe da tal amiga, situada num local bem distante da Maré. Coruja desconfia e, por fim, confirma que o rapaz está solto e que a filha continua com ele.

Conversam e a jovem diz para a mãe que eles estão bem juntos, e que o rapaz está trabalhando. A moça então, vai com sua filha morar com o rapaz em um lugar bem longe da Maré. Tempos depois, esse rapaz também foi assassinado e a filha de Coruja ficou novamente sozinha e com mais um filho para criar. Temendo por sua segurança, nossa entrevistada aconselhou a filha a sair de onde mora.

Na opinião de Coruja, sua filha é muito *“cheia de nhem, nhem, nhem....”* e por isso se deixa levar pelo poder de sedução desses rapazes – *“Ela gosta assim de muito carinho e esses caras são muito bons nisso”*.

Sua filha mais velha casou-se com um bom rapaz e teve com ele uma filha. Mas também vive um momento conturbado. Deixou o marido, passou a frequentar *“ambientes horrorosos”* e se envolveu com um rapaz mais novo, que vive às suas custas

e lhe agride fisicamente, deixando a neta de Coruja com muitos problemas em função do ambiente em que está vivendo.

A depoente compartilha com todos os moradores da Maré a dificuldade de conviver com o tráfico de drogas e a discriminação por viver numa comunidade. Em suas palavras:

“(...) a comunidade não fabrica drogas, não tem maconha, não tem essa coisa toda, é... que a gente convive, né, então tem gente muito alta, tem gente de alto escalão por trás disso, né, e nós somos obrigados a conviver com isso, nossa família, nossos filhos, né, e sofrendo discriminação porque somos de comunidade (...)”.

Para Coruja, seus problemas de saúde começaram quando passou a morar no barraco de palafita.

“(...) Aí, eu comecei a me sentir doente, né. (...) Eu ia aos médicos e os médicos não achavam a doença em mim. Aí, comecei a tomar anti-depressivo, né. Esses calmantes doidos pra poder dormir e me acalmar”.

Sentia muito medo, muitas dores pelo corpo e não conseguia dormir. Na época teve um diagnóstico de depressão e, embora sem saber o que era isso, passa a fazer uso de medicamentos. Embora alguns médicos tenham dito que seu problema era psicológico, o psiquiatra entendia que deveria fazer uso de medicamentos, o que faz ainda hoje.

“(...) o psiquiatra achava que eu tinha que tomar determinados medicamentos, né, e eu fui respeitando isso, fui respeitando isso, e até acho que o meu organismo se acostumou com essa, com essas... Eu acho que hoje já é uma consequência pra mim. Eu ter que viver todos os dias com estes medicamentos sabe”.

Ao longo de sua história, teve que enfrentar situações de vida para as quais não estava preparada e considera ter sido ajudada por seu psiquiatra.

“(...) eu estou com psiquiatra, que me ajuda muito, né, até porque quando eu comecei com essa problemática de família, de comunidade, passei a sair do mundo que eu tinha preparado pra mim, aí, passei pra um outro que eu achava que não pertencia a mim e à minha família, quer dizer, aquilo foi um choque pra mim, e eu não tava preparada pra isso, e eu tinha que procurar alguma solução, né (...)”

Coruja continua fazendo uso dos medicamentos que sempre usou, mas recentemente, em sua última consulta, recebeu “*mais duas receitas*”. Queixa-se de não estar dormindo bem.

“(...) Assim, é como se o meu subconsciente tivesse acordado, então, eu não descanso, eu não descanso. Eu durmo e acordo cansada. Então, aquilo eu fico sufocada, parece como se eu tivesse assim nadando e não conseguisse ou então remando um barco e não conseguisse alcançar aquele determinado tempo (...).

Está com sério problema na coluna, o que tem limitado sua vida. Segundo ela, passeia “*só em hospital*”. Tem procurado buscar outras formas de tratamento e diz estar se beneficiando bastante com a acupuntura que tem, inclusive, amenizando “*essa parte do medicamento*”.

Para ela, sua luta como chefe da sua família e como uma liderança da sua comunidade interfere diretamente em sua saúde.

“(...) por exemplo, eu quero desenvolver o meu trabalho, né, quero um projeto pra determinadas coisas (...) você avançou um passo, quando você vai avançar os dois você vê o obstáculo, né. Quer dizer, não deixa de manter, não deixa de mexer com a nossa saúde, não deixa de mexer com a nossa capacidade”.

A infância de Coruja, além da presença da violência, foi também permeada por muito sofrimento. Após a morte do seu pai, sua avó costumava lamentar o fato de Coruja não ser homem para vingar a morte do pai.

O segundo casamento de sua mãe foi “*muito duro*” para ela. Amava seu pai e após a morte dele passou a ocupar seu lugar na cama da mãe. Não foi preparada para receber outro homem em sua família e ressalta que a maioria dos homens da Paraíba são “*muito ignorantes*”, “*machistas*” e bebem muita cachaça, o que lhe causava “*tédio*”.

Outro fator gerador de muita amargura para ela foi não ter podido estudar. Chorava para ir à escola e não podia. Coruja “*tinha uma loucura*” por colégio de freiras. Seu maior sonho era entrar para um convento.. Gostava do ambiente tranquilo e da forma carinhosa de conversar das irmãs. Assim, fez contato com umas tias que moravam em outra cidade, onde havia um convento e, após muita insistência, conseguiu que a mãe a levasse. Ficou lá um tempo, com previsão de ir para casa uma vez por mês. Quando ia iniciar seus estudos, a mãe foi buscá-la, dizendo que era para ela conhecer a irmã. Foi “*induzida*” pela avó a não voltar para o convento, sob a alegação de que todos os bens que eram do seu pai lhe pertenciam e que ela poderia estudar perto de casa. De fato o que aconteceu é que passou a cuidar das irmãs e a ir para a roça capinar em época de chuva ou catar algodão em tempos de colheita. Para Coruja:

“(...) ela não queria mesmo que eu fosse estudar com as freiras, né, e nisso me tirou de Itaperuá e acabou a minha vida. Acabou, assim, o meu sentido de estudar, o meu sentido de, assim... fiquei ali mesmo capinando e naquela ignorância junto com a minha família, até casar”.

Seu casamento foi razão de muita amargura e desencadeou diversos problemas em sua vida. Por ser uma menina alegre, despertava comentários de que era “*muito fogosa*” e que, por isso, sua mãe deveria ter muito cuidado, pois certamente iria “*se perder muito cedo*”.

Quando seu futuro marido começou a frequentar a casa, sua mãe apoiou e, assim, criou-se uma situação de namoro. Nesta ocasião ela gostava de um rapaz, filho de mãe solteira, o que desencadeou enorme confusão na família para impedir qualquer relacionamento entre os dois. As histórias criadas a partir de então, se transformam em

verdadeiras armadilhas em sua vida e definem parte do seu caminho.

Sua mãe dizia que *“se beijar na boca não é mais virgem”*, e como se agradava de beijar o rapaz por quem se enamorara, vivia o conflito de se pensar “perdida” conforme as preleções de alguns. Quando o homem, que veio a ser seu marido, resolveu mudar-se para o Rio de Janeiro, sua mãe entendeu que ele estaria fugindo por lhe ter *“feito mal”* e obrigou-o a casar-se.

Embora Coruja negasse que tivesse havido qualquer envolvimento entre os dois, ninguém lhe deu ouvidos. O casamento realizou-se e, para aumentar seu sofrimento, não pôde se vestir de noiva.

“Foi, assim, com um vestidinho tipo uma dama de honra (...) eu não podia ir vestida de noiva, né? E com uma grinaldazinha (...) detesto pensar nisso! Detesto pensar nisso!”.

Com três filhos e sem contar com a ajuda do marido, que aparece quando quer e não se responsabiliza pela família, foi obrigada a trabalhar muito. Quando decidiu vir para o Rio, pensou em uma possibilidade de mudar de vida, inclusive separar-se do marido, o que em sua terra natal não seria possível. Como ela mesma diz: *“(...) Eu não ia agüentar viver a minha vida inteira sozinha, morrendo de trabalhar (...)”*.

Entretanto, as condições de vida que precisa enfrentar lhe impõem um sofrimento maior do que o que é capaz de lidar, e Coruja começa a adoecer:

“(...) Aí, eu entrei em pânico, eu entrei em pânico, e não consegui mais, assim... enfrentar a realidade, enfrentar, caminhar, comecei a ficar doente... (...)”.

Coruja passou a sentir medo, dores pelo corpo e a não dormir, mas os médicos não achavam sua doença.

Quando, finalmente, consegue se separar do marido, encontra um companheiro com quem tem um bom relacionamento, mas que é casado. Convivem durante vinte e três anos e têm três filhos. Ela, que ao longo da entrevista confundia-se muito com as datas de alguns marcos da sua vida, sabe dizer, sem hesitar, todas as datas referentes a

seu segundo relacionamento. Refere-se a ele sempre com muito afeto e reconhece a importância que ele teve em sua vida. Com ele passa a viver sua sexualidade de forma prazerosa: “(...) *eu tinha trauma do sexo. Ele que, assim, foi um grande guerreiro pra quebrar essa barreira. Porque eu tinha trauma (...)*”.

Vive com ele uma relação afetuosa e considera que ele foi seu marido, companheiro e amigo. Entretanto, ele tinha outra família e ela passa vinte e três anos “*tentando entender esse outro lado*”. Durante todos esses anos, Coruja respeita os espaços, se coloca como “(...) *aquela amante mesmo, de respeitar, de saber qual era a minha hora, de saber qual eram os meus dias, e enfim... mas isso me incomodava muito, muito (...)*”.

Mesmo assim, o casal decidiu ter um filho. Foi uma gravidez difícil. A preocupação com a situação de sua vida, segundo ela, lhe trouxe problemas de saúde.

“(...) É porque, aí, eu fiquei ainda com aquela coisa na cabeça do que os outros pensavam porque eu engravidei e fiquei morando na mesma comunidade e com os outros meus filhos... (...) e a minha pressão foi subindo, foi mexendo com todo o meu organismo, né. (...) minha cabeça tava um nó (...)”.

Embora a intenção do casal fosse fazer a ligadura, isso não foi possível devido à situação de risco, e quando seu menino estava com três meses, engravidou novamente, segundo ela fazendo uso de anticoncepcionais. Nasceu outro menino, de parto normal e tranquilo.

Ao descobrir a existência de Coruja e das crianças, a família de seu companheiro torna-se mais exigente, obrigando-a a se desdobrar trabalhando, apesar de nunca ter deixado de contar com a ajuda dele. Começa a se cansar e a querer mudar de vida:

“(...) eu não vou viver essa vida de Amélia, só cuidando de casa e de filho. (...) indo na psiquiatria e na psicóloga, tomando uma série de remédios e mais remédio que tavam me intoxicando. E cada vez eu ficando pior...”

Deseja sair, passear e conversa com seu companheiro sobre isso. Embora ele reafirme seu afeto e se disponha a tomar uma decisão de ficar com ela, situações de sua família o impedem de realizar seu intento. A relação começa a ficar abalada. Nesta época Coruja vivia um momento de intensa atividade na comunidade e estava decidida a aproveitar a vida, mas engravida novamente. Entende a gravidez como um ato proposital do companheiro para prendê-la. Pensa em não levar a gravidez adiante, mas aborta a idéia... No dia em que ia sair para fazer o aborto tem uma vivência que considera importante. Não queria ver suas crianças antes de se dirigir à clínica e, mesmo consciente de que seu filho mais novo estava na escola, sente a presença dele ao seu lado. Tem medo de morrer durante a intervenção e sente a dor de deixar seus filhos e a falta que as crianças sentiriam dela, além da desilusão de saber o que ela estava fazendo. Já na clínica, seu companheiro mais uma vez se coloca a seu lado para assumir o cuidado da criança e, então, Coruja voltou para casa.

Com o menino pequeno, passou a desenvolver uma atividade que a deixa sem horário certo para sair ou chegar em casa. Dividida entre as tarefas maternas e seu trabalho, recusa-se a transferir para o filho mais velho a tarefa de cuidar do irmão e, então, paga uma pessoa para ficar com o menino nos períodos em que nem ela nem seu companheiro podem estar com ele. Com isso o menino passou a ficar bastante tempo na casa dessa mulher, até que mais tarde conseguiu uma outra organização em sua vida que permite acolhê-lo em sua casa.

Após vinte e três anos de convivência, separa-se de seu companheiro e passa a investir numa outra relação, com um homem viúvo, o que para ela representa a possibilidade de formalizar uma vida a dois que seja satisfatória. Entretanto, parece estar encontrando dificuldade no item satisfação. Considera que se entendiam mais enquanto eram apenas amigos e companheiros de trabalho.

Ao falar de seu sonho atual, Coruja revela seu grande sofrimento. Imagina ter construído para seus filhos um mundo protegido da maldade e das drogas. Quando surgem os bailes funks, proíbe os filhos de frequentarem esses lugares:

“(...) eu queria, sabe, meu mundo... me separar de tudo isso, separando meus filhos, separando meus filhos, né. Quando meus filhos passaram, desse, dessa, dessa linha aqui, que eu tinha separado pra outra, então aquilo já foi um pânico pra mim, já foi um pânico pra mim”.

Coruja se vê perdendo o controle de sua família. Sente-se bem na comunidade, mas teme que seus filhos não avaliem as conseqüências de suas escolhas e se deixem levar pela vaidade, para esse “*outro lado*”. Seu maior sonho é ver seus filhos e filhas ignorarem todo esse mundo.

“(...) eu só tenho medo dos meus filhos não vêem o grau de seqüelas, ou então passar pro outro lado, achar que aqui é bom, né? E buscar aquele outro lado, é da droga, da... dessa questão da comunidade, é ter uma visão (...) da vaidade, se um veste uma roupa, os outros querem acompanhar aquele mesmo ritmo e eu sempre fui, assim pé no chão com eles, a gente tem o que comer, se é um pão tem que dividir pra todo mundo (...)”

Hoje, já não acredita mais ter construído um mundo protegido para sua família e por isso, muda sua atitude. Não proíbe mais seus filhos de irem para nenhum lugar, procura apenas que eles vejam “*o certo e o errado*”.

Seus problemas na coluna têm-lhe exigido repouso e várias idas ao hospital. Durante a entrevista, comenta que está com uma nova receita do seu psiquiatra, porque não está dormindo bem. Lembra-lhe uma situação difícil que compartilhara com o grupo. Passara uns cinco dias desempregada e, naquele período, mesmo tomando os medicamentos de rotina, não dormia. Após recuperar seu emprego, voltou a dormir e, ao refletir sobre tal experiência com o grupo, conclui que não havia nela uma doença específica que justificasse a sua insônia. Eram as coisas da sua vida que lhe tiravam o sono.

Ao lembrar este episódio, Coruja imediatamente traz a situação para sua vida atual e fala do seu sofrimento em abrir mão de sua relação afetiva de tantos anos e ver seu filho se desencaminhar na vida.

“(...) eu já tinha até esquecido que eu tinha é... vivido esse momento e que eu tinha alcançado esse ponto de vista, (...) E tô com problema também, não é o mesmo, mas não deixa de ser, porque eu saí de uma pessoa que eu amei muito, até hoje gosto, é pai dos meus filhos e estou com outra pessoa, tentando me habituar, tentando me acostumar, caminhar, uma série de coisas, isso também pode ser que esteja mexendo também com meus

neurônios, né. Outra coisa também é essa dificuldade do meu filho com 28 anos, né, de não ter... assim também, de estar comigo e não ter também essa... essa vontade, essa busca, essa vontade de crescer, de vencer (...) ele largou a igreja, voltou a fazer uma série de besteiras voltada ao vício (...)”.

A vida de Coruja é de muita luta e, também, de muitas conquistas. A principal delas é a sua dignidade, que considera ser a maior herança que pode deixar para seus filhos.

“(...) a minha dignidade – eu acho que é uma herança que eu vou deixar pros meus filhos. Eu acho que isso tá acima de qualquer coisa (...)”.

Desde muito nova sempre foi muito responsável e se esforçou para crescer, para melhorar e foi recompensada com o reconhecimento e a ajuda das pessoas. Em tempos de profunda amargura e solidão, contou com a convivência e o carinho de pessoas que a acolhiam:

“(...) A minha sorte, né – sempre tem um anjo aqui pra nos ajudar – que lá (...) onde eu trabalhava, tinha um senhor (...) tinha dias que eu não dormia (...) e assim, com aquela fisionomia de quem tinha chorado, e ele falava, tinha aquele carinho comigo, né, e perguntava o que tinha acontecido, e como eu tinha aquela confiança, (...) eu me desabafava com ele. (...) A convivência... Eu sempre conversava com ele, conversava os meus problemas com ele”.

Aos infortúnios de sua vida, responde sempre com criatividade e trabalho. Aprendeu a cortar o cabelo dos seus filhos, depois passou a cortar o das crianças vizinhas, por fim alguns adultos também queriam cortar o cabelo com ela. Quando ficou desempregada, abriu um salão de beleza e passou a trabalhar por conta própria.

É uma mulher que luta por sua família e também pelo que acredita. Em suas atividades comunitárias enfrenta algumas dificuldades pessoais, como a timidez e o constrangimento por “*não ter alcançado um determinado grau de escolaridade*”. Para

superá-las, conta com a ajuda especial de uma religiosa que a estimula a ter mais confiança em si mesma.

Em sua vida pessoal, cria espaço para a alegria e quando se dá conta de que o mundo que havia criado para sua família não estava tão protegido como pensava, responde com solidariedade.

“(...) foi quando veio a vontade de fazer curso de agente de saúde, quando veio a vontade de trabalhar com pastoral na igreja, né, (...) foi coisas que eu passei a ter vontade, a entender, a enxergar depois que eu saí daquele mundo que eu tinha separado só pra mim e pra minha família, pros meus filhos”.

Coruja é religiosa e participa de um grupo de oração que, segundo ela, vive a religiosidade de maneira consoante com a sua. Experimenta vivências que transcendem e dão sentido a muitas das suas emoções e sensações. Suas intuições lhe são apresentadas como revelações em momentos de oração e assim, a impelem à ação. Em geral, em situações limites, como os sérios problemas de seus filhos, e a decisão de fazer ou não o aborto.

“(...) As pessoas que têm seus princípios, seus princípios religiosos, também conta na vida de cada um, né (...) Aí, eu comecei a ficar calada ali, mas comecei, assim, vendo a voz de deus, assim, trabalhando sobre a minha mente, né, que eu comecei a sentir como se eu tivesse numa caverna junto com bastantes pessoas ruins que tivesse programando a morte de uma pessoa indefesa, de um ser humano qualquer que não tem defesa nenhuma, e sabe? Foi passando coisas assim que foi me atormentando a minha cabeça e as minhas emoções”.

Conhecer a opinião de Coruja sobre o grupo de mulheres não foi uma tarefa fácil. Ao lhe perguntar sobre o grupo, passa a falar do grupo que constituiu para encaminhar suas lutas na comunidade. Depois de insistir na pergunta várias vezes, ela fala que se sentiu “*um pouco lesada*”. Novamente volta a falar de seu trabalho na

localidade. Relata que há muito tempo atrás já discutia a idéia de formar um grupo para dar suporte às mães sofridas que perderam seus filhos jovens na criminalidade. Segundo ela, a religiosa absorvia todas as suas idéias. Conta também que durante um período contou com uma profissional que, como voluntária, realizou um grupo de mulheres durante um tempo. Em sua opinião, este projeto era “muito acadêmico” e acabou tendo problemas, como ela previra. Resolveram, então, suspender a atividade e pensar melhor em como recomeçar o grupo.

Coruja se afastou por um tempo das atividades sociais da localidade e foi convidada para participar do grupo, sem ter sido chamada para conversar antes. Ressente-se por não ter participado do processo de organização que, desta vez, ficou a cargo da religiosa que solicitara ajuda diretamente ao ELOS. Entende que as religiosas da Congregação se fecharam com ela e também com o próprio grupo e considera, que por este motivo, as pessoas ficaram “*meio perdidas*”, querendo falar e, ao mesmo tempo, desconfiadas porque, na verdade, gostariam de falar comigo individualmente.

Para ela, eu, como profissional de saúde, deveria desenvolver esse trabalho no posto de saúde.

“(...) Nós temos um posto de saúde, você é uma profissional (...) Então, o posto de saúde não tem esse trabalho e nós temos uma grande necessidade na comunidade. Nós temos, então, eu pensava que nós íamos chegar nesse objetivo (...)”.

Muitas vezes, ao falar do grupo, se coloca como uma observadora:

“(...) Eu ficava na minha, mas a minha cabeça ficava trabalhando. É tanto que eu falava sempre no posto de saúde. Não sei se vocês observaram”.

Sinalizo para ela que, apesar de ter ficado tão aborrecida, foi ao grupo e participou regularmente das reuniões durante bastante tempo, tendo se afastado em função das novas exigências do seu trabalho. Mais uma vez pergunto o que a levou a freqüentar o grupo e ela responde: “*Sim, mas aquilo que aborrece a gente faz a gente*

também ficar curioso pra fazer você descobrir se você está certo ou se você está errado". Coruja quer saber se suas idéias serão válidas e se será ouvida. Quer se certificar de que há espaço para ela. E conclui que sim, mas não encontra, nas religiosas, o mesmo empenho de antes.

Reafirma a intimidade que compartilhavam antes e o distanciamento sentido naquele momento. Hoje, a compreensão que tem do fato é de que as religiosas estariam preparando as mulheres para a saída da congregação, o que aconteceu mais de um ano depois.

"(...) Então, naquela época, naquele momento eu não percebi isso, não percebi isso, mas é aquele tal negocio, o tempo é a resposta de tudo".

Ao lhe perguntar sobre o que achou de participar do grupo, a resposta mais uma vez é evasiva. E novamente passa a falar do seu trabalho com a comunidade.

"Eu olhando pro grupo, eu achava interessante como, assim... o ser humano é diferente, né, como o ser humano é diferente, como as idéias são diferentes, como a questão dos pensamentos é diferente, uma vez que eu levei até um informe (...)".

Mais uma vez, ressalta sua "forte impressão" de que as pessoas não se sentiam seguras para falar e eu "*representava uma psicóloga ali, né, você não deixava de ser psicóloga daquelas mulheres, da gente*". Afirma que ela própria tinha vontade de conversar comigo, mas o grupo começava a conversar e aí "*passava aquela vontade de conversar daquele problema*". Insinua que não se colocava para não "tomar o tempo...". Relembro o quanto ela falava no grupo e rapidamente justifica, dizendo que desabafava, falava outras coisas, mas não aquilo que a incomodava e que, assim, fazia com que o seu incômodo "*saísse naquelas outras coisas*" que falava. Segundo ela, isso "*amenizava a minha situação*".

Apesar de tudo, considera que participar do grupo era bom, por ser um momento em que se podia parar, conversar e conhecer melhor aquela pessoa que é da própria comunidade. Mais uma vez, afirma que eu ser uma psicóloga "*falava mais forte*" e diz que aproveitou muito, porque se sentia à vontade, mas insiste em que as pessoas

queriam um atendimento profissional individual.

Para Coruja, o grupo gerou diversas expectativas, até por ser realizado na casa mantida pela Congregação religiosa, que desenvolvia várias atividades no local. Entretanto, considera que participar do grupo foi bom, “*foi mais um aprendizado*”. Pergunto qual foi esse aprendizado e ela, então, responde:

“Eu aprendi, quer dizer, foi bom lhe conhecer, se não fosse o grupo eu não estava aqui hoje com você, né, (...) Então, aquele espaço ali quando eu colocava o meu trabalho, como eu falo sempre, eu não quero partir dessa vida, até porque eu tenho muito medo de morrer, tá, sem deixar isso registrado mesmo pra comunidade como um histórico mesmo, que foi a minha luta, a luta do posto que isso, isso pra mim foi muito marcante. Foi uma coisa, assim, sofrida, mas foi um sofrimento que deu fruto, que eu acho que com o tempo, as pessoas, as mulheres, vão valorizar isso, vão, sabe, cair na real, o que é a mulher deixar a sua casa, seu filho (...)”.

Coruja quer ser reconhecida:

“(...) E na semana passada eu olhando de uma casa de uma amiga pra baixo eu olhei duas coisas importantes, que graças a Deus, graças às pessoas que trabalharam comigo, porque eu sozinha não ia alcançar isso, que deu uma grade visão pra comunidade, que era o que nós temos: é o campo de futebol que eu falei pra você, o ‘Maracanã’, que eu falei pra você, quero ter o prazer de ter a sua visita lá conosco, e do posto de saúde, e do posto de saúde. Está precário? Está sem médico? Está sem medicamento? Está. Está. Mas, vamos conquistar tudo isso novamente”.

Insisto na pergunta sobre seu aprendizado com o grupo e ela fala de uma mulher, através de quem encontrou “*caminhos que não acreditava que existissem*” e fala de um grupo religioso que passou a frequentar e que deu um “*grande sentido*” à sua vida.

Coruja afirma que gostaria de repetir uma experiência de grupo. Diz que, às vezes, está na cama e até sonha com isso porque tem momentos em “*que você tá a fim de querer conversar mesmo*”.

Questiono se valeria a pena mesmo não podendo falar do que realmente incomoda, e ela responde: “*Mas tinha alguém pra mim conversar, pra mim sorrir...*”.

No final da entrevista, indaga se eu tenho possibilidade de voltar para a Maré com esse trabalho de grupo.

JASMIM

Participou de poucas reuniões, mas sua presença me impressionou. Chegou ao grupo acompanhada por Orquídea, que se colocou como sua porta-voz e ressaltou sua necessidade de participar e receber ajuda. Jasmim, entretanto, mantém-se calada e tudo que o grupo sabe acerca de sua situação é por intermédio de Orquídea. Naquele momento, a moça lutava com o filho mais velho, de quatro anos que, vítima de uma bala perdida, estava em tratamento e aguardava nova cirurgia. Grávida de cinco meses e com mais dois outros filhos, separara-se do marido há pouco tempo em função de maus tratos. Ele não contribuía para o sustento das crianças e ela estava impossibilitada de trabalhar em função das condições de sua vida.

Todas no grupo se sensibilizam com a situação da jovem e dão sugestões de lugares onde pode pedir ajuda. De todos os recursos sugeridos, utilizou apenas um. Abandonou o grupo depois de algumas semanas. Orquídea, entretanto, continuou solicitando ajuda para a moça através de doações.

A situação de vida de Jasmim e seu silêncio me impressionaram muito. Parecia ter desistido da vida, mas, em contrapartida, estava gerando outra vida e cuidando dos seus filhos.

Apesar do pouco contato que tivemos e de sua timidez, não esqueci dela. Sua presença foi intrigante e por isso pensei em entrevistá-la. Temendo que minha presença pudesse constrangê-la de alguma forma, peço a Orquídea que entre em contato com ela para saber se concordaria em participar da entrevista. Como a resposta foi positiva, combinamos de nos encontrarmos no ELOS.

Chega, acompanhada por Orquídea que, depois de uma rápida conversa, despede-se e vai embora.

Explico sobre o mestrado e a pesquisa, lemos juntas os termos de consentimento

e assinamos. Solicito sua autorização para gravar e ela me perguntou onde eu vou passar a fita. Esclareço acerca da gravação e ela, então, concorda. Peço que escolha seu pseudônimo... Ela sorri, encabulada, pensa um pouco e escolhe Jasmim.

Carioca, atualmente com vinte e cinco anos, é moradora da Maré desde que nasceu. Seu pai morreu atropelado quando ela tinha doze anos. Sua mãe está aposentada, mas ainda trabalha passando roupa.

Estudou até a quarta série. Com ar de arrependimento afirma que, quando criança, não dava muito valor para os estudos, pois achava que não adiantaria de nada. Entretanto, sua letra é muito bonita e faço um comentário a respeito. Ela sorri e eu lhe pergunto se ela agora tem vontade de estudar. Demonstra vontade, diz que gosta de estudar, mas que não tem mais como aprender nada, porque agora precisa ensinar para os filhos. Acredita que o tempo será pouco para tanta coisa.

“(...) Aí, eu vou ter que me preocupar com os estudos e com as crianças dentro de casa, e também com os estudos deles, né, que não é muito bom (...) Eu fico com a minha cabeça...”

De fato, Jasmim é atenta aos estudos dos filhos e muito preocupada, principalmente com o mais velho, que está com oito anos na segunda série e ainda não sabe ler. Lamenta não ter conseguido colocar os três meninos na escola no mesmo horário. Isso dificulta muito, porque nos dias em que trabalha, se o marido estiver trabalhando por perto leva o menino na escola. Caso contrário, tem que esperar a sobrinha chegar da escola para levá-lo, o que nem sempre ocorre em tempo hábil.

Voltou a viver com o marido, pai de três dos seus quatro filhos. O menino mais velho, filho de um ex-namorado com quem nunca viveu, estava com dois meses quando ela conheceu o atual marido. Não tem nenhum contato com o pai do seu primogênito, embora o menino o conheça e saiba que ele é seu pai.

Atualmente, trabalha como faxineira duas vezes na semana, gosta da patroa que, segundo ela é muito boa e a ajuda muito. Uma vez por mês faz faxina na casa da mãe da patroa. Seu marido trabalha como ajudante de pedreiro e ganha vinte reais por dia. A renda mensal da família depende de quantos dias ele consegue trabalhar e também do seu humor. Quando brigam, ele gasta todo o dinheiro na rua, deixando faltar as coisas para as crianças.

Seus pais brigavam muito, porque o pai batia muito nos filhos e a mãe não gostava. As surras deixavam marcas que ficavam no corpo por vários dias.

Jasmim e o marido também brigam muito, mas por outros motivos. Em função disso, já se separaram algumas vezes. Muito ciumento, ele “cisma” até quando ela vai pegar água na casa da vizinha, o que acontece cada vez com mais frequência, em função do problema de água, na localidade, estar cada vez pior. Quase não sai de casa. Seu único passeio é ir com os filhos à casa do irmão.

Atualmente, ele não a agride mais fisicamente porque ela ameaça “chamar os meninos”:

“(...) Se eu não fizesse isso ele me agrediria. Porque eu acho que ele tem medo dos ‘meninos’ vim, né, agredir ele também na frente de todo mundo, porque nunca se sabe a reação desses meninos”.

Na verdade, uma vez chegou a ir na “boca” para chamar os “meninos”. Como chovia muito, ela não encontrou ninguém. Então desistiu. Agora, apenas ameaça, mas acredita que se quiser que o marido vá embora é só pedir, que os “meninos” intervêm junto ao marido para que ele procure “*seu rumo*”. Acha até que se chegar uma mulher na ‘boca’ e pedir para que ‘eles’ dêem um ‘couro’ no marido, terá seu pedido atendido. Com isso, seu marido, quando está com raiva, dá soco na parede, chuta as coisas, mas não a agride.

Muito constrangida, revela que seu marido usa drogas, embora não tenha nenhum envolvimento com o tráfico. Entretanto, não é quando está sob efeito das drogas que ele a agride. Ao contrário, nesses momentos ele não importuna e não cria nenhuma confusão. Como ela mesma afirma: “*Ele drogado ele não reage a nada, ele nem procura briga não*”. Em sua opinião, o homem mais violento é o que bebe ou o que mistura tudo. Reconhece que alguns homens ficam agressivos quando cheiram cocaína, mas não o seu marido. Ele não mistura, não bebe nada e quando está drogado “*ele fica quieto*”.

Jasmim diz que as brigas são tantas que ela nem sabe bem porque começam. Tudo é motivo de confusão. Uma coisa é certa: se ela não quiser ter relação sexual com ele, a confusão está armada.

“(...) Aí, se a gente brigar ele já gasta o dinheiro todo. Aí, às vezes, pra ele não gastar o dinheiro todo, mesmo sem eu querer tenho que ter relação com ele pra ele não ter que gastar o dinheiro todo. Aí, pra mim não deixar as crianças sem nada, aí, eu vou e tenho relação com ele”.

Jasmim é vítima de violência dentro de casa e também fora. Seu filho mais velho, na época com quatro anos, foi atingido por uma bala perdida enquanto brincava na rua. Ela havia saído de casa com o bebê mais novo no colo para ir até a casa da vizinha pegar um pouco de açúcar. Mal entrou na casa, começou o tiroteio e assustada, com o bebê no colo, correu para dentro, para proteger a si mesma e ao bebê. Lembra-se que o mais velho estava em frente ao portão e voltou correndo. Antes de chegar na rua já ouviu os gritos do marido, chamando por ela. Quando olhou, ele já estava com o menino no colo. Os dois correram atrás dos policiais pedindo ajuda. Eles, então, param a perseguição para socorrer o menino e levá-lo para o hospital. Acredita que a bala tenha vindo dos bandidos.

Relata muita preocupação em criar seus filhos, quatro meninos, na Maré. Mas não sabe onde conseguiria comprar uma casa. Gostaria de se mudar para um lugar melhor para criar seus meninos. Sua mãe há uns anos atrás fez isso.

“Depois dessas guerras que teve. [a mãe mudou-se para bem longe da Maré] Tempo aí que teve aí uma guerra do Comando com o Terceiro. Era Comando que tava aqui dentro, né, e o terceiro queria invadir. Aí, muita guerra, muita guerra... A minha mãe já tava entrando em um estado de nervos, aí, ela decidiu se mudar. Foi numa época aí. Acho que foi em 92, em 93... Acho que foi lá pra 92, por aí”.

A guerra do narcotráfico também já foi impedimento para que recebesse ajuda. Na ocasião em que estava grávida, sem trabalho e separada do marido, pegava leite gratuitamente. Entretanto, só pôde utilizar esse benefício durante dois meses, porque a ‘guerra’ se intensificou e, como o local de distribuição ficava em outra comunidade, atravessar as fronteiras poderia ser perigoso:

“(...) peguei uns dois meses o leite, mas depois começou essa guerra aí, e eu não quis mais saber (...) Quando tá em guerra, pra atravessar pra outro lugar, assim... aí, eu saí”.

Jasmim tem muita dor de cabeça, mas ela própria identifica a preocupação como causa.

“A minha dor de cabeça eu acho que é mais preocupação. Preocupação porque nessa semana eu tava com três dias de dor de cabeça já porque eu tava com a conta atrasada e tinha que pagar, sendo que ele tinha, a gente tinha brigado, ele tinha gastado o dinheiro todo e a gente ficou sem dinheiro pra pagar... com medo do meu nome ir pro SPC, aí, eu fiquei preocupada, faltando as coisas dentro de casa, como é que eu vou fazer? Aí... Mas aí, graças a Deus, ele trabalhou essa semana e deu pra mim pagar. Deu pra mim comprar as coisinhas pra dentro de casa. Mas a minha dor de cabeça, às vezes mais é isso. É preocupação”.

Além da dor de cabeça em função da preocupação, sabe que precisa ir ao ginecologista para fazer o exame preventivo, mas não consegue ir porque sente muita vergonha, principalmente quando o médico é homem.

“Se eu saber que é homem eu não vou mesmo [médico ginecologista]. Não sei... Ai, não... Teve uma colega minha que falou assim: “mas na hora de ter neném você não quer saber se é homem ou se é mulher”, aí, eu falei assim: “ah, mas aí, a gente tá cheia de dor, não quer saber, tá cheia de dor”. Mas, ir pro médico sem dor nenhuma, e ter que abrir as pernas... Ai, Nossa Senhora...”

Entretanto, alguns médicos são sensíveis à situação e conversam, facilitando a realização do exame. Outros ficam indiferentes.

“Até que tem uns [médicos] fica, que conversa com a gente e diz: “relaxa... Não precisa ficar com vergonha”, e quando tem aqueles que nem fala nada? Que só manda abrir as pernas. A gente fala que tá com vergonha, ele fala ‘ah, vergonha nada, que não sei o que’. Porque tem gente que conversa, né, aí, a gente perde a vergonha”.

O maior sonho de Jasmim é ter uma casa bonita. *“Humilde, mas bonita”.* Pergunto como é essa casa bonita e ela responde: *“Ah, de azulejo no chão, tudo novinho...”*. Emociona-se e chora ao dizer que o que mais quer é dar o melhor para os seus filhos. Quer que eles cresçam sabendo que ela lutou para dar uma casa bonita para eles. Lembra com tristeza que quando era pequena nunca teve uma casa assim e que seu pai, mesmo sendo pedreiro, não cuidava da casa da família.

Relata sua situação com o marido demonstrando pesar e constrangimento. Conta que ele se torna agressivo e ela não entende o porquê. Às vezes, gasta todo dinheiro na rua com drogas e deixa os filhos passando necessidade. A discussão começa e, qualquer coisa é motivo de confusão. Durante as brigas, embora não a agrida mais fisicamente, ele a ofende com acusações infundadas, grita e dá socos nas coisas em casa. Magoada com as ofensas, fica sem vontade de ter relação sexual com ele e as coisas pioram muito. Mais briga, mais dinheiro gasto na rua e mais ainda as crianças passam privações. Segundo ela, o principal motivo das brigas é mesmo a vida sexual do casal.

“(...) Se a gente brigar e ele me xingar aí eu fico muito já sem vontade. Aí, que piora tudo mesmo. Aí, quanto mais eu não ter relação com ele, mais briga a gente tem”.

Com tantas brigas, muitas vezes pensa em se separar, mas quando conseguem conversar, fica bem e desiste da separação. Além do mais, ele é ajudante de pedreiro e está aprendendo a fazer muitas coisas e, assim, Jasmim está podendo fazer algumas melhorias em sua casa. Mesmo quando estão bem, sem brigar, ela não esquece tudo que ele lhe disse e fez.

“(...) ele fala que eu sou vingativa, não é que eu sou vingativa, é que eu não esqueço fácil, as coisas que ele me fala, nem o que ele faz comigo. Aí, eu fico bem com ele, mas não deixo de pensar nas coisas que ele me falou”.

Entretanto, cede muitas vezes para garantir o sustento dos filhos:

“Essa semana não, nessa semana eu tive relação com ele, ele foi trabalhar... Ele foi trabalhar com um outro menino aí e ficou quatro dias. Foi trabalhar na Cidade, ficou quatro dias lá. Aí, antes de ele ir eu tive que é... ter relação com ele. Aí, eu tive que ter relação com ele, aí ele chegou e me deu o dinheiro e comprei as coisas das crianças. Mas, se eu não tivesse tido, nem sei”.

Assim, estão juntos há nove anos e, apesar das agruras, vai *“levando a vida como Deus quer”*. Contudo, pensa também no bem-estar do marido. Segundo ela, caso se separem, ele terá que pagar aluguel, porque já trabalha na Maré há algum tempo e lá estão seus contatos. A mãe do rapaz mora longe e arcar com o custo das passagens, para continuar trabalhando na Maré, também seria inviável. Assim, a jovem fica entre *“sentir pena”* e *“sentir raiva”* do marido.

Muito dividida, já nem sabe dizer como se sente com a situação que vive. Acha até que já se acostumou. Às vezes passa por sua cabeça *“largar”* o marido, mas fica sempre pensando em como será sua vida.

“(...) Eu fico pensando, se eu largar... mal ou ruim, ele dá as coisas pras crianças. Se eu largar, quem é que vai me ajudar com essas crianças? Aí, eu não sei mais o que eu penso”.

Gostaria que seu companheiro fosse bom para ela, que a levasse para passear, mas, principalmente, que fosse um marido preocupado. Sente-se sobrecarregada, tendo que cuidar de tudo. As crianças ainda estão sem o material da escola e ele gastando o dinheiro com drogas. Sente-se muito só no cuidado e educação dos filhos. Ele não se preocupa em saber como os meninos estão, se falta alguma coisa para eles, como têm se

saído na escola nem com quem estão andando. Jasmim acredita que quando os dois estão atentos aos filhos estes se desenvolvem mais.

“(...) se ele pegasse mais no pé deles [dos filhos], eu pego, né, mas eu acho que se ele me ajudasse mais, eles ia aprender mais. Os dois pegando, né, as crianças, eu acho que se desenvolve mais”.

Sente-se “*pesada*”, tendo que arcar sozinha com o cuidado dos filhos. Conversa sobre sua vida, apenas com uma amiga, cujo marido é “*preocupado*”. Às vezes, comenta o quanto gostaria que o seu fosse assim também. A amiga pondera e lembra que seu companheiro também tem um lado ruim, mas Jasmim não se importa. Para ela, ter um marido “*preocupado*” com os filhos seria o bastante, seria tudo. Emocionada às lágrimas, fala de sua preocupação com os filhos e de seu medo de não conseguir, sozinha educá-los como gostaria.

“(...) Porque no mundo de hoje tem que se preocupar, tem que pegar no pé. Então, eu acho que eu sozinha eu não vou conseguir. Eu sozinha eu fico pensando: eu não vou conseguir educar tanto assim”. [longa pausa]

Muito aflita, considera que criar filho homem é muito difícil. Fala várias vezes sobre sua vontade de trocar sua casa. Quer pelo menos mudar de rua. Aos poucos vai ficando claro seu receio de que os filhos se envolvam com amigos inconvenientes e comecem a fazer uso de drogas. Próximo à sua casa existe uma ‘boca’ e as crianças só querem saber de brincar na rua. Considera importante a influência do ambiente na formação dos filhos e, por este motivo, não gostaria de vê-los crescerem na Maré. Deseja, pelo menos, mudar para uma rua que “*não tenha criança*”.

Seu trabalho como faxineira lhe dá meios para lidar com algumas dificuldades. Segundo ela, seu marido já sabe que quando gasta o dinheiro na rua, perde o direito de comer. Para não deixar suas crianças passando fome, Jasmim compra comida, gasta até o dinheiro da passagem, quando é necessário. Prepara a comida e todos se alimentam, exceto o marido.

Na igreja que frequenta, participa de um dos conjuntos de canto. Tímida, não é muito chegada a conversas, nem mesmo com o religioso, que reserva horário para atender aos fiéis. Vai aos ensaios do conjunto e ao culto, em geral aos domingos.

Gosta de ir à igreja. Lá, se distrai e esquece dos problemas, é como um refúgio: *“Acho que é o único lugar que a gente esquece dos problemas é na igreja”*. Peço que fale um pouco mais sobre isso e ela explica:

“Ah, porque é assim a gente se desliga do mundo. A gente se desliga do mundo e só fica... só pensa em Deus, só fica só orando. Aí, eu esqueço, eu acabo me esquecendo, aí, quando eu chego em casa já é outro mundo, já estou em outro lugar”.

Na igreja, se sente em paz. Ninguém a xinga, nem grita com ela. Apesar de seus insistentes convites, seu marido foi à igreja apenas uma vez. Quando brigam, ele diz que não quer saber de igreja. Jasmim vê na Igreja uma possibilidade de melhorar sua vida. Acredita que, caso ele fosse, teria que largar o vício e parar de arrumar confusão.

Passa a saber do grupo através da religiosa, que a convida para participar. Aceita o convite, mas vai para escutar, porque tem vergonha de falar.

Afirma ter gostado de participar, mas não voltou porque não queria mesmo falar da sua vida. Lembra de um dia em que lhe dei a palavra no grupo. Naquele momento, todas se calaram e insistiram para que ela falasse. Diante de sua negativa, procurei deixá-la à vontade para falar quando quisesse. Jasmim, entretanto, entende que, como todo mundo fala, ela não poderia ficar calada para sempre. Entretanto, gostava de ouvir. Pergunto o que considerava bom em participar do grupo, apenas ouvindo e ela responde: *“(...) os conselhos das vidas das outras pessoas eu concluía com a minha... Não sei”*.

Sente-se envergonhada da vida que leva e teria muita dificuldade em admitir que seu marido usa drogas. Temia que alguém lhe perguntasse sobre sua vida conjugal, o que a deixaria muito constrangida: *“aí ia ser a parte que mais ia ser horrível falar”*. Demonstra considerar que sua vida não é digna de ser compartilhada e que nada tem a acrescentar às outras vidas: *“Minha vida toda... Toda doida. Aí, eu não ia falar nada”*.

Reafirma, no entanto, que estar em grupo ajuda as pessoas. Pergunto como se dá

essa ajuda, e ela responde: *“Porque, assim, muitas pessoas gostam de falar, de ouvir um conselho, uma coisa assim. Igual eu, eu não gosto de falar, eu gosto mais de ouvir”*.

Jasmim tem o seu jeito de participar de um grupo. No grupo da igreja ela também não conversa nem fala da sua vida. Apenas canta e usufrui a paz que sente naquele ambiente.

Além da vergonha de expor sua vida, outro motivo a afasta do grupo. Estava grávida, sem poder trabalhar, separada do marido e tendo que cuidar do filho que ainda estava com colostomia, se recuperando do tiro que levava. Eram tantos problemas que ela *“ficava com a cabeça em casa.”*

Capítulo 4

ANÁLISE DOS RESULTADOS

Este estudo refere-se à experiência de um grupo de convivência feminino e, para analisar os resultados, tomo o grupo como tema e resgato a fala das entrevistadas, destacando suas motivações para participar do grupo, as expressões de seus sofrimentos, os recursos utilizados para lidarem com esses sofrimentos e suas dificuldades em participar do grupo.

Tais categorias foram questões norteadoras das entrevistas, uma vez que meu objetivo era, justamente, compreender a maneira pela qual o grupo permite a expressão do sofrimento e possibilita o seu enfrentamento.

Por motivação estou entendendo aquilo que mobilizou as mulheres a participarem do grupo. Busco, em cada discurso, uma fala que sintetize a razão pela qual enfrentaram suas dificuldades para chegarem ao grupo e freqüentar suas reuniões.

As expressões do sofrimento são diversas e, apesar das singularidades de cada história, procurei selecionar relatos onde a dor de cada uma mantivesse um traço em comum com as demais.

Por formas de enfrentamento do sofrimento, entendo os recursos utilizados para lidarem com seus problemas cotidianos.

No item acerca das dificuldades, procuro incluir relatos sobre constrangimentos e questionamentos que possam favorecer uma reflexão sobre a experiência.

Como cada mulher relata um pouco da sua história, já apresentada no capítulo anterior, aqui procuro destacar o que há de comum em seus discursos, entendendo que as entrevistadas são representativas das demais mulheres do grupo.

Para cada uma das quatro categorias, construí quadros com três colunas. Na primeira, destaco trechos da fala das entrevistadas, que considerei relevantes para a referida categoria - Expressão-chave. Na segunda coluna, apresento a Idéia Central e, na terceira, a teoria ou idéia à qual a fala se remete – Ancoragem – que, portanto, refere-se a contextos mais amplos.

Extraír pequenos trechos do discurso de um sujeito, visando à construção de um outro que represente o pensamento coletivo é uma tarefa bastante difícil, pois implica

em abrir mão da riqueza da diversidade e singularidade nele contidas. A fim de minimizar o problema, procurei apreender o conteúdo da fala e ressaltar os aspectos mais significativos. Para contemplar uma gama maior de idéias, optei por elaborar tantos discursos coletivos quantos foram necessários para caracterizar o que pude perceber como mais emergente nas falas. Por esta razão, algumas vezes subdividi as ancoragens, de modo a me permitir enfatizar, em cada uma delas, aspectos diversos do mesmo problema.

Optei por elaborar uma discussão geral, onde resgato, além das falas das entrevistadas, situações vividas pelo grupo, e proponho uma reflexão à luz da bibliografia pesquisada. Nesta ocasião, recorrendo às flores e às pedras preciosas, nomeio algumas mulheres que participaram do grupo.

Cabe ressaltar a fluidez das categorias. Uma mesma fala, muitas vezes pode ser inscrita em mais de uma categoria. Procurei identificar sua expressão mais marcante, a fim de evitar o máximo possível, sobrepô-las. Entretanto, nem sempre isso foi possível e me permiti, algumas vezes, utilizar fragmentos de uma mesma fala em mais de uma categoria. A análise que se segue é, portanto, apenas um olhar dentre outros possíveis.

A fim de não tornar a leitura demasiado extensa, apresento um resumo dos quadros que deram origem ao Discurso do Sujeito Coletivo, contemplando alguns exemplos de cada uma das ancoragens. Os quadros na íntegra estarão disponíveis no Anexo 4.

4.1 - MOTIVAÇÃO PARA FREQUENTAR O GRUPO DE MULHERES

Expressões-chave	Idéias Centrais	Ancoragem
Era uma coisa tão intensa assim na minha cabeça... Então, assim, então, nessa época, eu tinha muito, muito medo dele [do marido]. Aí foi quando eu fui procurar [o grupo]. Eu falei 'ah, tem uma solução, ela [uma religiosa] me falou'. (...) Eu dava graças a Deus quando chegava aquele dia. (ESMERALDA)	Com muito medo do marido, está em busca de uma solução para sua vida. Sente-se aliviada em participar	Sofrimento

<p>Então, aquele espaço ali quando eu colocava o meu trabalho, como eu falo sempre, eu não quero partir dessa vida, até porque eu tenho muito medo de morrer, tá, sem deixar isso registrado mesmo pra comunidade como um histórico mesmo, que foi a minha luta, (...) isso pra mim foi muito marcante. Foi uma coisa, assim, sofrida, mas foi um sofrimento que deu fruto, que eu acho que com o tempo, as pessoas, as mulheres, vão valorizar isso, vão, sabe, cair na real, o que é a mulher deixar a sua casa, seu filho.</p> <p>(CORUJA)</p>	<p>Freqüenta o grupo para ter um espaço onde seja possível ser reconhecida pelo seu trabalho</p>	<p>Reconhecimento</p>
---	--	-----------------------

DISCURSO DO SUJEITO COLETIVO

Trinta e dois anos casada com ele, só agüentando desaforo. Era briga, era bebida, então, era muita coisa. Era uma coisa tão intensa assim na minha cabeça... Então, nessa época, eu tinha muito, muito medo do meu marido. Aí foi quando eu fui procurar o grupo. Eu falei “ah, tem uma solução, uma religiosa me falou”. Ela conversou comigo, falou pra mim ir que eu ia gostar, aí eu fui. Mas eu fui mais pra escutar também. Eu tinha vergonha de falar. Ah, principalmente essa parte do meu marido que usa drogas, essa minha vida toda... toda doida. Depois que eu comecei a me enturmar, aí passei a vim freqüentemente, porque comecei a conhecer melhor as pessoas e, também comecei a gostar da senhora. Eu me sinto só. Eu não sei, eu acho que eu não gosto de ficar só. Não gosto... eu gosto de estar sempre com uma pessoa por perto, eu não sei porque. Eu fico, assim, mais estressada. Eu gostava de estar ali pra ouvir as pessoas, saber o que tá acontecendo aonde a gente mora, e também falar um pouquinho. A gente tinha aquele gosto, toda semana, a gente ficava contando, ficava naquela expectativa: “oh, terça-feira a dona doutora Elaine vai vir”. Ali era o encontro de todo mundo, ali a gente discutia tudo da nossa vida. Eu dava graças a Deus quando chegava aquele dia.

4.2 - EXPRESSÕES DO SOFRIMENTO

Expressões-chave	Idéia central	Ancoragem
Quando eu cheguei aqui eu achei que era uma ilusão, que eu tinha entrado numa furada... (CORUJA)	Desilusão com a migração para o Rio	Migração
Ah, como era bom! Eu chegava em casa toda aliviada, tão bom a gente poder falar, desabafar... É a coisa melhor que tem. Já sofri a vida toda calada, porque tem muita gente aí que é assim. Sente as coisas calada, não fala nada pra ninguém. Eu o quê? Eu vou morrer só o quê? Eu falo mesmo. (MARGARIDA)	Compartilhar, não sofrer calada e sozinha	Necessidade de Interação
Porque no norte, por difícil que seja, mas não tem essa situação de vida, né, não tem. Não existe esses barracos, não existe, assim, mendigo, existe uma pobreza, mas uma pobreza diferenciada da que a gente vê aqui, né. (CORUJA)	Vida em situação de miséria	Pobreza
Era um tempo bom e um tempo ruim. Então, eu não tinha pra onde correr. Com a casa cheia de filhos, um... Se... quando ele trabalhava, ele botava um bocado pra dentro de casa. E eu fui passando os tempos. A minha família também ajudava. As irmãs dele também ajudavam. Aí, foi passando, foi passando o tempo... Quando eu vim a abrir os olhos eu já tava velha, com cinquenta e poucos anos...De noite, eu fico deitada e fico pensando: Meu Deus, o quê que eu fiz da minha vida? (MARGARIDA)	Gastou sua vida sem poder usufruir	Relações familiares / Casamento
Eu tomo cuidado. Outro dia ele falou: “ah, mãe a senhora não deixa nem eu ficar aqui”, eu digo: “Não! Fica dentro de casa. Não tem televisão? Não tem rádio? Já fez seus deveres? Quando fizer isso tudinho e não quiser fazer mais nada vai dormir pra	Cuidado com os filhos	Relações familiares / Cuidado com os filhos

<p>descansar”. Aí, graças a Deus, meus filhos, até hoje – não sei de amanhã em diante, né porque ainda tem os pequenos ainda e não sei o que vai acontecer – mas até hoje agem pela cabeça deles..</p> <p>(MARGARIDA)</p>		
<p>Eu queria, sabe, meu mundo... me separar de tudo isso, separando meus filhos, né. Quando meus filhos passaram, dessa linha aqui, que eu tinha separado pra outra, então aquilo já foi um pânico pra mim, já foi um pânico pra mim.</p> <p>(CORUJA)</p>	<p>Impossibilidade de proteger os filhos</p>	<p>Relações familiares / Preocupação com os filhos</p>
<p>Me usava quando queria. Quando queria me aterrorizar, ele me aterrorizava</p> <p>(CORUJA)</p>	<p>Submissão</p>	<p>Relações familiares / Violência</p>
<p>É, medo. Quantas vezes, quantas vezes, eu ficava na rua, não podia entrar pra dentro de casa. Ele... por causa dele, porque se eu entrar ele ia me bater, então, pra evitar, aí, eu ficava na rua. Pra dormir, eu ia dormir na minha filha. (MARGARIDA)</p>	<p>Humilhação</p>	<p>Relações familiares / Violência</p>
<p>Eu chego às vezes a ameaçar ele, eu falo que vou chamar os “meninos” pra ele. Tive que fazer isso, porque senão... Se eu não fizesse isso ele me agrediria. Porque eu acho que ele tem medo dos “meninos” vim, né, agredir ele também na frente de todo mundo, porque nunca se sabe a reação desses “meninos” (...). Teve uma vez que eu fui, mas fui mesmo pra chamar, mas sendo que não tinha ninguém, aí eu desisti. Não vi ninguém, aí, eu vim embora – tava chovendo.</p> <p>(JASMIM)</p>	<p>Poder local e ausência de direitos</p>	<p>Relações familiares / Violência</p>
<p>Porque eu vivia só trancada. E eu só vivia estourando pra cima das minhas duas filhas que toda hora quando eu respirava, assim, eu pensava: ‘meu Deus, o que eu tô</p>		

<p>assim, eu pensava: ‘meu Deus, o que eu tô fazendo com essas duas meninas? (...) Tô enlouquecendo, eu sei que elas não merecem!’ Porque, adolescentes, novinhas, eu pensava assim: ‘eu tô fazendo alguma coisa pro futuro dessas meninas mais tarde. Elas vão ficar tão, assim, sem rumo na vida’. Aí, eu ficava quieta, não posso mais falar nada com elas não. Não, eu tenho que me segurar pra mim sozinha. Aí, eu ficava dizendo ‘pra mim sozinha não dá. Aí, eu estouro’. Aí eu pegava o telefone, ligava pras minhas cunhadas, não ligava pra minha família de jeito nenhum, porque eu tinha medo, assim, delas sofrerem mais do que eu (...) Aí foi quando eu entrei pra esse seu grupo e gostei, porque eu tinha com quem conversar. Ser uma pessoa de fora é muito bom. (ESMERALDA)</p>	<p>No limite do sofrimento, perde o controle, mas busca ajuda</p>	<p>Sintoma</p>
<p>Aí, eu entrei em pânico, eu entrei em pânico, e não consegui mais, assim... enfrentar a realidade, caminhar, comecei a ficar doente... (...). Eu ia aos médicos e os médicos não achavam a doença em mim. Aí, comecei a tomar anti-depressivo, né. Esses calmantes doidos pra poder dormir e me acalmar. (CORUJA)</p>	<p>Sofrimento psíquico</p>	<p>Sintoma</p>
<p>A comunidade não fabrica drogas, não tem maconha, não tem essa coisa toda, é que a gente convive, né. Então tem gente muito alta, tem gente de alto escalão por trás disso, né, e nós somos obrigados a conviver com isso, nossa família, nossos filhos, né, é sofrendo discriminação porque somos de comunidade. (CORUJA)</p>	<p>Discriminação</p>	<p>Violência Externa</p>
<p>Ele [filho de 4 anos] tava na frente de casa, aí eu fui, quando eu... Eu saí da minha casa e fui na minha vizinha. Até hoje eu lembro, eu fui pedir a ela um pouco de açúcar. Aí, quando eu entrei no portão, ele tava num poste lá, em frente a minha casa, na</p>	<p>Angústia</p>	<p>Violência Externa</p>

<p>tendinha em frente a minha casa. Aí, ele foi e dali chamou: “mãe!” Quando eu entrei, aí, começou o tiroteio. Aí, quando eu lembrei dele, ele já tinha sido baleado. Aí, eu escutei os barulhos dos tiros bem perto, muito perto mesmo. (JASMIM)</p>		
<p>Tinha três anos de Rio de Janeiro. Esse [irmão] eu trouxe comigo... eu fui lá [no Nordeste] e trouxe ele. Eu me senti até um pouco culpada, sabe. Foram buscar ele dentro de casa. (...) Os “caras”... Morreu como X9... (CRAVO)</p>	<p>Culpa por não ter podido evitar que o rapaz morresse</p>	<p>Violência Externa</p>
<p>Quando dava seis horas da tarde, eles se armavam em cada esquina, e aí começa o tiroteio, até as cinco horas da manhã (...) Então, quando ia anoitecendo, cinco horas da tarde, eu começava a ficar tão triste, mas tão triste nessa época... (ESMERALDA)</p>	<p>Confrontos freqüentes e tristeza</p>	<p>Violência Externa</p>
<p>Quando é intenso [o tiroteio], eu tenho que tomar remédio que minha pressão sobe. (...), aí eu fico agoniada... por isso, que eu fico... ligo pra um, ligo pra outro, enquanto não tá todo mundo dentro de casa... aí eu tenho que tomar remédio pra agüentar. (CRAVO)</p>	<p>Poder local interferindo na saúde das pessoas</p>	<p>Violência Externa</p>
<p>A gente estando ali dentro, não é como vocês que tão aqui de fora, que vocês vêem assim só por alto, a gente vê tudo no geral, né. As crianças falam assim: “mas que arma linda, (...) ah que aquilo ali é muito bonito”, eles pegam aqueles madeiras, ai saem assim, tudo dando tiro, de madeirinha, assim, que eles fazem arma e saem brincando. E eles acham lindo aquelas armas, acham brilhosa, acham um outro não sei que cor, acham muito bonito. (...) Então aquelas crianças ficam tudo boba, eles [os traficantes] têm roupa de marca, tênis de marca, já entram com quatorze anos tudo assim oh, naquele ritmo, já de roupa boa (...) cada menino</p>	<p>Sedução do tráfico e a formação das crianças</p>	<p>Violência Externa / Sedução do Tráfico</p>

pequeninho de oito anos que tá na boca. (ESMERALDA)		
--	--	--

O DISCURSO DO SUJEITO COLETIVO

Ancoragem 1: Migração

E eu ficava louquinha pra vim para o Rio, mas eu queria vim solteira, conhecer lugares, trabalhar e ajudar minha família... Eu pensava que aqui no Rio também era diferente, entendeu? Quando eu cheguei aqui eu achei que era uma ilusão, que eu tinha entrado numa furada... Mesmo assim, aqui é possível trabalhar pra ter, enquanto lá não tem trabalho e, é por isso que os jovens vêm de lá pra cá.

Ancoragem 2: Necessidade de interação

Se eu ficar dois, três dias dentro de casa, quando eu saio na rua eu tenho até medo. Eu não sei explicar, não é sempre. Mas eu não gosto de ficar só. Sozinha em casa, eu não tenho com quem conversar, só tenho o rádio e a televisão, mas tem hora que o radio e a televisão enche. Ah, como era bom participar do grupo. Eu chegava em casa toda aliviada, tão bom a gente poder falar, desabafar... Por isso que eu desabafava, mesmo falando outras coisas, eu fazia que aquilo que mais me incomodava saísse naquelas outras coisas que eu falava, então amenizava a minha situação. Desabafar é a coisa melhor que tem. Já sofri a vida toda calada, porque tem muita gente aí que é assim. Sente as coisas calada, não fala nada pra ninguém. Eu o quê? Eu vou morrer só o quê? Eu falo mesmo. A gente fica um pouco mais leve quando divide com outra pessoa um pouquinho do que tá acontecendo com a gente, o que a gente passou. Também é bom ficar sabendo do que acontece onde a gente mora. Quando eu vou na rua eu fico sabendo de alguma coisa e falo alguma coisa também, mas a gente não pode nem falar tudo porque a gente não sabe com quem está conversando, então, tem que vim pra casa. No grupo era bom. O que a gente falava ali, ali mesmo ficava, entendeu? Ninguém sabia do que tava se passando. Ali mesmo a gente falava, ali mesmo ficava. Eu acho que mais

gente é melhor. Porque um fala uma coisa de um jeito, um fala de outro. E eu acho que a gente precisa disso. No grupo era um momento que era bom, era um momento que a gente pára, é um momento que você conversa, é um momento que você conhece melhor aquela pessoa que é da própria comunidade, que você não tem aquele tempo de parar, de dialogar, de conversar. Eu falei mesmo: a Congregação foi embora, o padre não gosta de conversar, O grupo acabou. A gente estamos abandonado, não tem, não tem mais com quem conversar.

Ancoragem 3: Pobreza

Eu falei: você quer que eu vá roubar? Ele disse, não. Você quer que eu vá virar uma prostituta? Ele disse, não. Eu falei, pois é, então, tem que me ajudar. Porque eu já não sei mais o que fazer. Eu não sou... eu não sou preguiçosa, mas eu não to conseguindo trabalho. Vou procurar como, de que jeito? Eu sei que ele me ouviu. Aí, quando eu disse pra ele que eu ia tomar chumbinho, aí, ele disse: você já parou pra pensar na cruz que Ele carregou por nós? Quando a gente tem amigo, um quebra o galho do outro. Aí, quando eu tô muito no desespero eu vou lá na igreja e, quando dá, eu também faço alguma coisa para os outros e ganho um dinheiro, né, aí vou lá e compro alguma coisa. E é assim que eu to vivendo. A minha sogra pegou a minha filha pra tomar conta dela. Tá até hoje, né, porque agora eu to desempregada, mas na época eu trabalhava e não podia ficar com ela. E eles também não queriam deixar ela na favela comigo porque uma criança na favela solta não dá certo, né, e a família do meu ex-marido tem uma situação melhor, aí, ficou com ela. Ah, era muito difícil, meu Deus do céu! Ah, era muito difícil esses barracos de madeira. Com a chuva, não dava nem pra entrar. Eu me deparei, assim, no ombro do vizinho e chorei muito. Não tinha nem como fazer. Foi muito difícil pra viver, foi muito difícil. No norte, por difícil que seja, mas não tem essa situação de vida, né, não tem. Não existe esses barracos, não existe, assim, mendigo, existe uma pobreza, mas uma pobreza diferenciada da que a gente vê aqui, né.

Ancoragem 4: Relações familiares

Ancoragem 4a: Casamento

Eu tinha outro namorado e esse era muito legal. Que é coisa que nunca esqueço. Era muito, muito, muito, muito... bom. Não sei como é que pode as coisas, assim, desandar pra outro lugar de uma certa maneira, menina. Sei não, as coisas acontecem... Eu queria ter o amor, não tenho. Mas eu tento levar a minha vida desse jeito. Fazendo certo. Torcendo pra que dê certo, porque é muito ruim os filhos viver sem o pai. Era um tempo bom e um tempo ruim. Então, eu não tinha pra onde correr. Com a casa cheia de filhos. Quando ele trabalhava, ainda botava um bocado pra dentro de casa. Eu ficava pensando, se eu largar... mal ou ruim, ele dá as coisas pras crianças. Se eu largar, quem é que vai me ajudar com essas crianças? E eu fui passando os tempos. Aí, foi passando, foi passando o tempo... Depois, a minha filha chegava e não tinha nem arroz com feijão de comida. De uns tempos desses pra cá ele parou de trabalhar. Parou de vez. Aí, ele só tava só comendo e fazendo briga dentro de casa. Quando eu vim a abrir os olhos eu já tava velha, com cinqüenta e poucos anos... Não sei o quê que foi, só sei que eu fiquei com ele até o fim. Enquanto eu não agüentei mais, eu fiquei. Eu não podia rir, não podia respirar, não podia falar, não podia olhar, não podia nada, nada, nada, nada... Então, aquilo ali é muito ruim pra gente, pra nossa vida, pra minha vida. De noite, eu fico deitada e fico pensando: Meu Deus, o quê que eu fiz da minha vida?

Ancoragem 4b: Cuidado com os Filhos

Quando meus meninos tá na rua eu não durmo... acho que mãe nenhuma, né. Eles estão na rua eu sei onde eles estão, mas eu fico com medo da vinda de lá pra cá, da distância da casa onde ele está pra minha, à noite, aí eu não durmo, posso tá com o sono que tiver. Eu queria que o meu marido pegasse mais no pé das crianças. Eu pego, mas eu acho que se ele me ajudasse mais, eles iam aprender mais. Os dois pegando, as crianças se desenvolvem mais. Porque no mundo de hoje tem que se preocupar, tem que pegar no pé. Então, eu acho que eu sozinha eu não vou conseguir. Eu sozinha eu fico pensando: eu não vou conseguir educar tanto assim. Eu tomo cuidado. Outro dia ele falou: “ah, mãe a senhora não deixa nem eu ficar aqui”, eu digo: Não! Fica dentro de casa. Não tem televisão? Não tem rádio? Já fez seus deveres? Quando fizer isso tudinho

e não quiser fazer mais nada vai dormir pra descansar. Aí, graças a Deus, meus filhos, até hoje – não sei de amanhã em diante, né porque ainda tem os pequenos ainda e não sei o que vai acontecer – mas até hoje agem pela cabeça deles... Um dia eu falei pro padre - eu tava com raiva mesmo porque a gente bota o filho no mundo e a gente faz tudo pro filho responder? – aí ele perguntou: “Ah, o que você fez com ele?”, aí eu disse, “ah, eu dei umas porradinhas só, umas palmadinhas nas pernas”. Aí, ele falou assim: “não pode bater não”. Diz que padre é juiz, né, mas ele não é nem padre daqui. Mas aí eu disse pra ele: “eu bato sim, padre. Se eu não exemplar os meus filhos, quem é que vai exemplar?” Então, vou deixar os meus filhos na esquina, vou deixar a polícia pegar meus meninos? Não, pra dentro de casa, não tem esse negócio de achar ruim não. A gente não pode é tirar sangue do filho, mas de vez em quando umas palmadinhas, não faz mal não. Eu tenho medo de bala perdida e também tenho medo que eles se envolvam com más companhias. Porque tem muitos garotinhos que conhecem ele, coleguinha dele, até da escola mesmo, tá envolvido. É. Na escola tem muita gente... garoto pequeno envolvido, eu tenho muito medo. Aí, desde os nove, ele vai pra escola só, né. Mas, de vez em quando, quando ele tá indo pra escola, eu to indo atrás. Caladinha, sem ele me ver. Não, eu vou soltar de vez não. Eu não confio não...

Ancoragem 4c: Preocupação com os Filhos

Eu queria, sabe, meu mundo... me separar de tudo isso, separando meus filhos. Quando meus filhos passaram, dessa linha aqui, que eu tinha separado pra outra, então aquilo já foi um pânico pra mim. Eu estava desconfiada, porque eu sou uma pessoa muito atenta, eu percebo, eu fico olhando assim, o horário dele chegar, dele sair. Ele acha que eu não tô vendo, mas eu tô percebendo. Uma vez eu falei assim: “oh, você entra tal hora, tal hora você sai. O que tá acontecendo?”. Aí, ele fala tudo: “eu tô fazendo isso, isso e isso”. “Mas, meu filho, se seu pai souber disso?” E, às vezes, eu encobria do pai. Aí, eu ficava numa aflição. Que não era certo eu tá encobrindo, né? Porque o pai tinha que ficar sabendo. Mas também tinha o outro lado: se ele soubesse ia piorar, a reação dele, né? Aí, eu ficava... era muito ruim, sabe? Ele gostava de rua, aí eu passava a noite sem dormir. Eu ficava noites e noites só rezando, pedindo pra Deus, nosso senhor Jesus Cristo, pra ajudar que não acontecesse nada com ele, nem ele fizesse também nada com as outras pessoas e até agora, graças a Deus, tá tudo bem. O pai vivia aí destratando ele dentro de casa, falando palavrões, por isso que o menino ficou desse jeito. Eu não acreditei quando ele chegou todo doído dentro de casa, assim com a cara

estranha, um cheiro diferente, e eu falei: olha, quando você era adolescente eu fiz de tudo pra te ajudar, agora você é de maior. A porta da rua é a serventia da casa. Você não vai ficar comigo usando o que você está usando. Eles queriam brigar, e eu tinha medo dele pegar a faca, sabe? Eu escondia faca, escondia tesoura, eu tinha medo, porque quando ele chegava, vinha transtornado, ele não tinha medo, né. E a gente tava dormindo, e ele gritava. Ele fazia coisa comigo. Meu Deus do céu, que eu morria de medo. Então, eu não conseguia dormir à noite. Eu fingia que tava dormindo. Quando ele chegava, quando ele batia no portão, a minha menina mais nova já morria de medo, já corria pra cama. Agora, o pai botou pra trabalhar, e seguiu tudo bem.

Ancoragem 4d: Violência Doméstica

Ele tinha ciúme de mim, de quê meu Deus? Se eu tivesse conversando com qualquer pessoa a briga tava pronta. Não podia conversar com ninguém. Não podia falar só com ninguém não. Não ia na casa de ninguém, não ia nem na minha vizinha, que ele reclamava. Isso era vida? Era nada! Sabe o que ele fazia se eu não tivesse em casa? Ele pegava sofá, pegava tudo e botava na porta. E eu não conseguia mais entrar. Nem que eu tivesse com as chaves. Não ia valer. Me usava quando queria. Quando queria me aterrorizar, ele me aterrorizava. Se eu vou na casa da minha vizinha, que aqui é muito difícil ter água, então, tenho que sempre tá na minha vizinha pegando água, aí ele cisma. Aí, a causa da briga toda é isso, mais quando ele gasta o dinheiro todo na rua com drogas e quando ele fica me dando homem e quando eu não quero ter relação com ele. Pra ele não gastar o dinheiro todo, mesmo sem eu querer tenho que ter relação com ele. Se a gente brigar e ele me xingar aí eu fico muito já sem vontade. Aí, que piora tudo mesmo. Aí, quanto mais eu não ter relação com ele, mais briga a gente tem. Ele fala que eu sou vingativa, não é que eu sou vingativa, é que eu não esqueço fácil, as coisas que ele me fala, nem o que ele faz comigo. Essa semana, eu tive relação com ele, ele foi trabalhar na Cidade, ficou quatro dias lá. Aí, antes de ele ir, eu tive que é... ter relação com ele. Aí, ele chegou e me deu o dinheiro e comprei as coisas das crianças. Mas, se eu não tivesse tido, nem sei. Ele me batia muito eu já fui parar no hospital muitas vezes. Eu vivia com medo. Quantas vezes, eu ficava na rua. Não podia entrar pra dentro de casa por causa dele, porque se eu entrasse ele ia me bater, então, pra evitar, eu ficava na rua. Pra dormir, eu ia dormir na minha filha. Não é possível, gente, eu não ter paz de ficar um segundo dentro da minha casa. Que vida é essa? Eu chego às vezes a ameaçar ele, eu falo que vou chamar os ‘meninos’ pra ele. Tive que fazer isso, porque senão... Se

eu não fizesse isso ele me agrediria. Porque eu acho que ele tem medo dos ‘meninos’ vim e agredir ele também na frente de todo mundo, porque nunca se sabe a reação desses meninos. Teve uma vez que eu fui, mas fui mesmo pra chamar, mas sendo que não tinha ninguém, aí eu desisti. Não vi ninguém, aí, eu vim embora – tava chovendo.

Ancoragem 5: Sintoma

Eu cheguei aqui, eu vivia só dentro de casa, eu vivia muito triste, eu só dormia. (...) Mas olha, eu dormia porque tinha muita perturbação, aí quando eu estava dormindo eu tava noutra, eu viajava, sinceramente. É por isso que eu dormia tanto. Porque eu adorava meus sonhos. Olha só! a gente só viver de sonho... Horrível, né? Porque quando você tá dormindo, você não tá vivendo tua vida, você tá vivendo em relação àquele sonho, mas aquilo não é realidade, não passa daquilo né. Enquanto você estando acordada você vê o que tá se passando: as notícias, tudo o mais. Ao mesmo tempo, é como se o meu subconsciente tivesse acordado, então, eu não descanso. Eu durmo e acordo cansada. Então, isso me deixa sufocada, é como se eu tivesse nadando e não conseguisse chegar. Dor de cabeça sempre às vezes eu tenho, mas eu acho que isso é normal, eu acho que é mais preocupação. Preocupação... porque nessa semana eu já estava com três dias de dor de cabeça, porque eu tava com a conta atrasada e tinha que pagar, a gente tinha brigado, ele tinha gastado o dinheiro todo e a gente ficou sem dinheiro pra pagar... com medo do meu nome ir pro SPC, aí, eu fiquei preocupada, faltando as coisas dentro de casa, como é que eu vou fazer? Naquele dia eu quase morri de... Eu só vivia morrendo..., ainda bem que meu coração é bom, porque senão era uma morte em cima da outra. Também, eu fiquei ainda com aquela coisa na cabeça do que os outros pensavam porque eu engravidei e fiquei morando na mesma comunidade e com os outros meus filhos e a minha pressão foi subindo, foi mexendo com todo o meu organismo, né. Minha cabeça tava um nó. Minha pressão é controlada, mas quando eu tenho emocional, aí eu tenho que tomar Olcadil, o Olcadil é só calmante né, meu cardiologista passou. É só por isso mesmo, aflição, só coisa muito grave, aborrecimento, assim, de filho... Só, assim, quando morre um parente. Quando eu boto pra fora, brigo eu fico bem. Eu acho que botando pra fora a pressão não sobe. Quando a situação lá em casa complicou, eu tava muito perturbada com o homem bêbado, com ele sem emprego e com meu filho com ‘radinho’ e com ele com aquelas coisas tudo, eu tava tão maluca... eu ficava com muito medo do que poderia acontecer. Aí eu não conseguia dormir. Eu fingia que tava dormindo mas não dormia, eu ficava controlando tudo dentro de casa.

Aí, eu entrei em pânico, eu entrei em pânico, e não consegui mais, assim... enfrentar a realidade, caminhar... comecei a ficar doente, mas eu ia aos médicos e os médicos não achavam a doença em mim. Aí, comecei a tomar antidepressivo né. Esses calmantes doidos pra poder dormir e me acalmar. Faz pouco tempo que eu tô passando a passarela só, porque eu não passava. Assim mesmo ainda passo me tremendo, mas passo. Antes não passava de jeito nenhum. Tinha que ir sempre com alguma pessoa conhecida. Não saía até pouco tempo. Agora já tô saindo só. Eu não sei... Não sei se era que eu vivia já... já pensava assim: eu chegava em casa ia ter briga, né? Era briga e mais briga dentro de casa. Eu sei lá... eu não sei não. Eu já vivia, assim, nervosa direto. Porque eu vivia só trancada. E eu só vivia estourando pra cima das minhas duas filhas que toda hora quando eu respirava, assim, eu pensava: “meu Deus, o que eu tô fazendo com essas duas meninas? Tô enlouquecendo, eu sei que elas não merecem!” Porque, adolescentes, novinhas, eu pensava assim: “eu tô fazendo alguma coisa pro futuro dessas meninas mais tarde. Elas vão ficar tão, assim, sem rumo na vida”. Aí, eu ficava quieta, não posso mais falar nada com elas não. Não, eu tenho que me segurar pra mim sozinha. Aí, eu ficava dizendo “pra mim sozinha não dá. Aí, eu estouro”. Aí eu pegava o telefone, ligava pras minhas cunhadas, não ligava pra minha família de jeito nenhum, porque eu tinha medo, assim, delas sofrerem mais do que eu. Aí foi quando eu entrei pra esse seu grupo e gostei, porque eu tinha com quem conversar. Ser uma pessoa de fora é muito bom.

Ancoragem 6: Violência Externa

Nunca saí daqui da Maré pra lugar algum. Eu gosto muito daqui, aqui é um lugar muito bom pra se viver, tem tudo que você quer, tem escola boa, tem o postinho, tem muito médico bom ali, tem mercado... tem tudo, não precisa você ir lá pra fora e se quiser ir tem transporte pra deixar na porta. Mas a violência... é isso que não dá. E às vezes eu tenho até vontade de sair daqui pra morar em outro lugar, mas as minhas condições não dá, se eu tivesse também assim uma coisa melhor pra mim poder vender aqui pra comprar uma outra casa lá fora, fora que eu digo assim um lugar mais... Tranquilo. A comunidade não fabrica drogas, não tem maconha, não tem essa coisa toda. Então tem gente muito alta, tem gente de alto escalão por trás disso, mas nós somos obrigados a conviver com isso, nossa família, nossos filhos e ainda sofrendo discriminação porque somos de comunidade. A vida aqui não é tranquila não. Se eu

pudesse, eu não morava aqui, mas eu vou morar aonde? Não tenho aonde morar. O leite, eu só peguei uns dois meses depois, começou essa guerra aí e eu não quis mais saber. É muito ruim subir aquele morro à noite. Só de tiro, eu tenho medo... Eu nem sei se é o mesmo comando, parece que nem pode ir gente daqui. Visita, a gente não pode receber. Quando eles vieram aqui uma vez, teve um tiroteio danado e a minha sogra tem problema de coração: saiu todo mundo correndo e quando chegou na Avenida Brasil ela disse assim: olha, a gente não vem mais aqui não. Também não tenho paz na minha rua, porque um bocado de meninas de quatorze anos, outra com quinze e até de dezesseis anos, elas ficam a noite inteira na minha porta gritando palavrões, cantando músicas, aquelas músicas horríveis que o funk tem, e falando coisas horríveis, gritam, ri muito alto, não deixa ninguém dormir... Teve gente que já se mudou... meu Deus, tem que acordar quatro da manhã, essas meninas entra cinco horas, quando as pessoas saem pra trabalhar elas ainda estão na rua. É assim. E a gente não pode falar com elas, elas dizem que vão chamar o 'rapaz' de lá pra resolver. Outro dia, deu no rádio, eu ouvi no programa de Wagner Monte, que o posto de saúde vai fechar. Dizem que os 'meninos' querem dinheiro do posto. Também ouvi dizer que a Vila Olímpica vai fechar. Então, é complicado. A gente não tem mais nada. Um lugar que era pra ter tudo, não tem... Não tem mais nada. E a gente vai conversar com quem? Não tem mais com quem conversar. A gente gosta de conversar, né, desabafar um pouquinho, porque tudo que acontece a gente vai falar com quem? A parada é dura! Na Maré a gente não tem segurança, hoje a gente não tem segurança não. Nem de um lado nem de outro. Eu não confio, eu vou falar uma coisa pra você, eu não confio em ninguém, eu não confio mais em polícia não, porque eu tô vendo os desastres que a polícia tá fazendo aí. Porque tem polícia honesta, ainda tem. Mas, a gente vai adivinhar qual é? A gente não vai adivinhar, então eu não confio não. Vê que a policia é traiçoeira, é a mesma coisa os 'meninos', né... Porque nunca se sabe a reação desses 'meninos'. Ele tinha três anos de Rio de Janeiro. Esse eu trouxe comigo, eu fui lá no Norte e trouxe ele. Eu me senti até um pouco culpada, sabe. Os 'caras' foram buscar ele dentro de casa. Morreu como X9... Eu também tenho medo de uma bala perdida. De repente, de sair tiroteio. Teve uma época que quando dava seis horas da tarde, eles se armavam em cada esquina, e aí começava o tiroteio até as cinco horas da manhã. Então, quando ia anoitecendo, cinco horas da tarde, eu começava a ficar tão triste, mas tão triste... A coisa era feia demais! Batiam nos portões, queriam entrar dentro de casa e se as pessoas não abrissem eles quebravam o portão. Muita guerra, muita guerra... A minha mãe já tava entrando em um estado de nervos... aí, ela decidiu se mudar. Quando o tiroteio é intenso, eu tenho que tomar remédio porque

minha pressão sobe. Eu fico agoniada... por isso, que eu fico... ligo pra um, ligo pra outro, enquanto não tá todo mundo dentro de casa eu não tenho sossego, aí eu tenho que tomar remédio pra agüentar. Quando ela batia a porta, eu: ah, graças a Deus minha filha chegou! O tiro começava. É! Mas um dia ele tava na frente de casa, aí eu fui, na minha vizinha... Até hoje eu lembro, eu fui pedir a ela um pouco de açúcar. Aí, quando eu entrei no portão, ele tava num poste em frente a minha casa, na tendinha em frente a minha casa. Aí, ele dali chamou “mãe!” Quando eu entrei na vizinha, começou o tiroteio. Quando eu lembrei dele, ele já tinha sido baleado. Eu escutei os barulhos dos tiros bem perto, muito perto mesmo.

Ancoragem 6a: Sedução do Tráfico

A gente estando ali dentro, não é como vocês que tão aqui de fora, que vocês vêm assim só por alto, a gente vê tudo no geral, né. As crianças falam assim: “mas que arma linda! Ah, que aquilo ali é muito bonito!” Eles pegam aqueles madeiras, aí saem assim, tudo dando tiro, de madeirinha. Eles fazem arma e saem brincando. Eles acham lindo aquelas armas, acham brilhosa. Então aquelas crianças ficam tudo boba, os ‘caras’ têm roupa de marca, tênis de marca, já entram com quatorze anos tudo assim oh, naquele ritmo, já de roupa boa. Você vê cada menino pequenininho de oito anos que tá na boca. Essa minha filha é muito cheia de nhem, nhem, nhem.... sabe como é? Ela gosta assim de muito carinho e esses ‘caras’ são muito bons nisso. Eu só tenho medo dos meus filhos não vêm o grau de seqüelas e passar pro outro lado, achar que é bom e buscar aquele outro lado, da droga.

4.3 - FORMAS DE ENFRENTAMENTO

Expressões-chave	Idéia central	Ancoragem
<p>Eu tive muita, muita, muita força eu arranquei dali. Lembra que eu chegava lá desesperada, chorava. E a senhora tava ali pra ouvir a gente, a senhora e todas elas que tavam ali. Eu tive muita força dali. Que se não fosse aquele grupo ali não teria... não sei, poderia ter tido porque eu sou guerreira. Eu luto e venço, acima de mim tem Deus, né, mas só que, com mais uma força é bom. Você sabe que naquela jornada você não tá sozinha, você quer desabafar, você vai ali e desabafa, você quer chorar você chora e aquela pessoa lhe ouve, tá muito bom, é bom a gente ter amigo... (CRAVO)</p>	<p>Força para lutar</p>	<p>Apoio</p>
<p>Eu não pensei duas vezes. Ela falava assim: ‘Esmeralda, você quer [trabalhar]? ‘Ah, quero!’, eu falei: ‘Seja o que Deus quiser’. Agora, também, eu não vou ficar só debaixo do pé do sapato desse homem. Não, eu vou ter a minha vida também. (ESMERALDA)</p>	<p>Apossando-se da própria vida</p>	<p>Autonomia</p>
<p>Na primeira vez eu não gostei não [do grupo], ainda fui mais por incentivo da Esmeralda. Eu não gostei, assim, não sei porque. Não tinha motivo pra não gostar, mas achei ‘ai, a gente vai ficar ali, e falar sobre o que? Eu não vou’. (...) Aí, eu não sei, não sei o que me fez gostar e ficar. (...) Foi depois que eu comecei a me enturmar, depois eu comecei a vim freqüentemente, aí, comecei a conhecer as pessoas mais, direito. Me enturmei. (...) Tinha os meus crochês que eu podia levar, como eu levava, né. Aí, também comecei... comecei a gostar</p>	<p>Pertencimento e vínculo afetivo</p>	<p>Convivência</p>

<p>da senhora também. Aí, “ah, vamos”. Acho que foi isso também. Não lembro de muito detalhe não, acho que foi isso. (...) Eu me sinto só. Eu não sei, eu acho que eu não gosto de ficar é só. Não gosto... eu gosto de estar sempre com uma pessoa por perto, eu não sei porque. Eu fico, assim, mais estressada. (CRAVO)</p>		
<p>Por que às vezes você tá tão bloqueada que não dá pra raciocinar. E se for sozinha não consegue sair não. Às vezes não consegue não. Sozinha não consegue não. Cada vez mais entra no poço, e quando você convive, assim, com um tipo de pessoa, um grupo, você vai melhorando muito, vai ficando mais esclarecida. (ESMERALDA)</p>	<p>Estar em grupo ajuda a ver o que não se consegue ver sozinha</p>	<p>Convivência / Conhecimento</p>
<p>É uma segurança, eu acho que é que nem um filho, um filho se segura muito na mãe né, a gente como não tem pai, não tem mãe, a gente se segura numa oração, numa palavra de Deus, numa pessoa que tá passando aquela palavra pra gente. (CRAVO)</p>	<p>Desamparo e fé</p>	<p>Religiosidade / Fé</p>
<p>É muito alegre. A gente fica assim... É uma alegria... (...) É, porque a gente sabe que, assim, a gente está junto com os irmãos, aquilo ali é uma família, e tá todo mundo ali unido, todo mundo não quer, assim, o mau um do outro. A gente tá ali tão bem, então, a gente se sente, assim, apoiado uns com os outros. Se sente fortalecido. A gente fala: “gente, se vocês tiverem uma dificuldade, vocês exponham ao grupo, que a gente ajuda uns aos outros”. E quando tem uma pessoa sofrendo, assim, quando a minha cunhada passou por aquele problemão, uma vem e dá uma palavra amiga, o outro vem e dá uma palavra amiga. E se ela tiver rezando sozinha, ela vai ficar muito deprimida. Não vai ter</p>	<p>Força do grupo para encarar o sofrimento</p>	<p>Religiosidade / Apoio social</p>

aquele levantamento... (ESMERALDA)		
Ah, porque é assim a gente se desliga do mundo. A gente se desliga do mundo e só fica... só pensa em Deus, só fica só orando. Aí, eu esqueço, eu acabo me esquecendo, aí, quando eu chego em casa já é outro mundo, já estou em outro lugar. (JASMIM)	A realidade de difícil assimilação	Religiosidade / Refúgio
Consegui uma faxina, mas uma colega minha tinha quatro filhos, né, aí eu dei pra ela, né, porque ela tá precisando mais do que eu. Porque quatro crianças, né, já pensou? É dose... Aí, eu dei pra ela. Ainda bem que apareceu, mas... (ORQUÍDEA)	Compaixão pelo mais necessitado.	Solidariedade

O DISCURSO DO SUJEITO COLETIVO

Ancoragem 1: Apoio

Nossa, o grupo era muito bom! Eu dava graças a Deus quando chegava aquele dia – que era naquela época que eu vivia assim toda pra baixo, vivia toda pra baixo mesmo. Quando eu saía dali, eu saía, assim, mais aliviada, a gente conversava... E botava aquelas coisas que tinha pra fora, e desabafava um pouco. É, era muito bom. Era bom que voltasse de novo aquele grupo, conseguisse voltar. E tem umas pessoas que já estão até animadas pra ir. Eu tive muita, muita, muita força eu arranquei dali. Lembra que eu chegava lá desesperada, chorava. E a senhora tava ali pra ouvir a gente, a senhora e todas elas que tavam ali. Muitas pessoas gostam de falar, de ouvir um conselho, uma coisa assim. Igual eu, eu não gosto de falar, eu gosto mais de ouvir. Eu tive muita força dali. Que se não fosse aquele grupo ali não teria... não sei, poderia ter tido porque eu sou guerreira. Eu luto e venço, acima de mim tem Deus, né, mas só que, com mais uma força é bom. Você sabe que naquela jornada você não tá sozinha, você quer desabafar, você vai ali e desabafa, você quer chorar você chora e aquela pessoa lhe

ouve, tá muito bom, é bom a gente ter amigo... ter o apoio, ver aquele pessoal reunido toda semana. Eu gosto de ver isso, traz tranquilidade pra gente... Eu acho que aqui nesse lugar a gente vê gente muito agitada. Se todo mundo fizesse isso, acho que melhorava. Mas nem todo mundo pensa assim, né, que nem a gente. Teria mais paz no lugar, todo mundo unido. Mas eu acho que existe mais maltrato aqui do que a bondade. Eu penso isso. No grupo de mulheres eu achei muito apoio de todo mundo, porque eu acho que sem aquilo ali eu não ia... eu ia sobreviver como eu sobrevivi, mas sem aquilo ali era pior, seria pior. Bem pior porque eu ia ficar dentro de casa, não ia conversar. Eu me sinto só. Eu não sei, eu acho que eu não gosto de ficar é só. Não gosto... eu gosto de estar sempre com uma pessoa por perto, eu não sei porque. Eu fico, assim, mais estressada. Eu acho que mais gente é melhor. Porque um fala uma coisa de um jeito, um fala de outro. E eu acho que a gente precisa disso. Amenizava a minha situação porque eu não deixava de estar conversando, de estar falando, e, assim, de estar sentindo que de alguma forma eu também tava ajudando. Gostei muito, tanto é que me ajudou a melhorar muito a minha cabeça.

Ancoragem 2: Autonomia

Aí, eu mudei e passei a conversar com meus vizinhos. Dei pra conversar com todo mundo, com meus conhecidos... Eu não sou escrava dele. Aí, eu mesmo, por minha conta, por minha força de inteligência, eu comecei a me esforçar em aprender a cortar cabelo, em casa mesmo. Ele sabe que se ele gastar o dinheiro ele fica com fome, eu não dou comida a ele. Deixo ele com fome. Com o meu dinheiro eu compro comida pras crianças... Eu gasto até o dinheiro da passagem, eu compro comida pras crianças e ele não come nem... Não bebe nem água, que dirá comida. Se você fizer, briga se não fizer briga também, então é melhor fazer e arrumar briga, porque pelo menos fez, né. Aí, eu comecei a sair um pouquinho, passeando, coisa que ele não queria que eu fizesse. Até que ele parou de me proibir mais. Minha vida melhorou por causa disso também, foi quando eu disse: não agüento mais ficar só ali, às ordens dele. A partir de hoje eu não vou agüentar mais nada. Aí, foi quando eu reagi. Eu fui, não quero nem saber. Eu vou agora. É melhor pra mim, eu vou melhorar. A gente tem que procurar melhorar, né? O meu maior sonho? É o sossego que eu tô tendo. Pronto: se eu quiser ir pra um canto eu vou. Eu não pensei duas vezes. Alguém me perguntava: você quer participar desse trabalho? “ah, quero!”, eu falei: “Seja o que Deus quiser”. Agora, também, eu não vou

ficar só debaixo do pé do sapato desse homem. Não, eu vou ter a minha vida também. Eu me sinto, assim, mais feliz um pouco, tô mais feliz, tô assim mais alto astral um pouco, né. Porque quando a pessoa só vive dentro de casa, parece que não é útil à sociedade, nem nada. Agora não, agora já vejo outra vida. A vida é muito boa!

Ancoragem 3: Convivência

Ir no grupo me dava mais coragem. Eu não sabia nem conversar, gente! Na primeira vez eu não gostei não do grupo, ainda fui mais por incentivo da Esmeralda. Eu não gostei, assim, não sei porque. Não tinha motivo pra não gostar, mas achei “ai, a gente vai ficar ali, e falar sobre o que? Eu não vou”. Aí, eu não sei, não sei o que me fez gostar e ficar. Foi depois que eu comecei a me enturmar, depois eu comecei a vim freqüentemente, aí, comecei a conhecer as pessoas mais, direito. Me enturmei. Tinha os meus crochês que eu podia levar, como eu levava, né. Aí, também comecei, comecei a gostar da senhora também. Aí, “ah, vamos”. Acho que foi isso também. Não lembro de muito detalhe não, acho que foi isso. Aí, eu fiquei mais... eu fiquei mais aberta, entendeu, falando mais... Eu tinha a maior vergonha de falar na frente dos outros. Tinha a maior vergonha. Aí, pra mim foi tudo melhor. Quando eu tive que participar do grupo das mulheres vítimas de violência, eu ficava bem mesmo. Dava conselho pras outras. Elas não tinham coragem de falar nada eu dizia: “olha, não pode ficar calada, tem que conversar, tem que falar”. Agora eu falo tudo. A gente já não se sente muito sozinho, porque aquele tá sofrendo, poxa, mas eu também tô, mas ele tá dando pra superar, então, eu também posso, né. Quando a gente sente que a pessoa é boa, legal com a gente, a gente gosta, a senhora tem uma presença maravilhosa. A gente tinha aquele gosto, toda semana, a gente ficava contando, ficava naquela expectativa: “terça-feira a dona doutora Elaine vai vir”, ali era o encontro de todo mundo, ali a gente discutia tudo da nossa vida. Ali era um motivo pra você sair também um pouco, conversar, se distrair e ver os amigos. Mas agora vou ter que ir no salão cortar o cabelo, porque eu vou lá no Elos e eu não vou aparecer lá com um cabelo desse tamanho, né. Pode a Elaine aparecer de novo aqui, né... aí ela vai dizer que desta vez eu enlouqueci mesmo.

Ancoragem 4: Convivência e Conhecimento

Todos nós vivemos num mesmo conflito, mas tem umas que reagem de um jeito, outras reagem de outro jeito. Então, a gente vai vendo ali, vai tirando um pouquinho daqui, um pouquinho dali, e vai dizendo: “ah, acho que tá faltando fazer isso, acho que tem que melhorar aqui nesse ponto, vou fazer do jeito que ela fez. Pra ela deu certo, acho que é isso...”. A gente pensa de um jeito, e quando vê outra conversando ali, a gente abre um pouquinho a mente. Porque às vezes você tá tão bloqueada que não dá pra raciocinar. E se for sozinha não consegue sair não. Às vezes não consegue não. Sozinha não consegue não. Cada vez mais entra no poço, e quando você convive, assim, com um tipo de pessoa, um grupo, você vai melhorando muito, vai ficando mais esclarecida. Porque, se você abrir uma porta, você vê que tem o outro lado de lá, você não esquece o lado de cá, não vai dar. Então, o grupo ajuda, ajuda a você ter coragem, aquela coragem de você poder abrir a portinha pra ver o que está do outro lado. Aí, você vai em frente e vê: ah, o mundo é assim! Às vezes uma palavra tira você de um sufoco! Um fala um pouquinho da sua vida, o outro escuta e já apanha um pouquinho de experiência, né. Os conselhos das vidas das outras pessoas eu concluía com a minha.... A minha dignidade, eu acho que é uma herança que eu vou deixar pros meus filhos. Eu acho que isso tá acima de qualquer coisa.

Ancoragem 5: Religiosidade

Ancoragem 5a: Religiosidade e Fé

Meu marido soube uma vez que o filho ficou com o ‘radinho’. E isso ele entrou mais de duas vezes, três, quatro vezes. Então, eu falava com a religiosa, pede uma oração. Bota o nome dele na oração. Só isso... a gente não sabia mais o que falava com ele, nem nada. A gente só pedia oração. A única coisa que me restava. Meu marido sempre dizia: “num tem jeito, num tem jeito...” Eu falava tem, pode deixar. Pra Deus nada é impossível. Porque creio muito em Deus. Graças a Deus, nunca aconteceu e nem há de acontecer, porque quem tem Jesus na frente acho que não precisa se preocupar com nada porque ele defende a gente. Durante os tiroteios eu posso estar aflita do jeito que eu tiver dentro de casa, se eu começar a rezar, me acalma. Eu acho que foi uma forma que eu achei pra mim, me acalmar. Aí eu começo a rezar e ofereço pra aquela

pessoa que tá na rua. Eu nem sei se eu tô guardada, mas pelo menos tô dentro de casa, aquela pessoa que tá na rua, tá indefesa. Pode ser até que a pessoa que tá na rua está mais segura do que eu que tô dentro de casa, porque aqui ninguém sabe nada, né? Mas é a forma que eu achei. Olha, a gente tem um plano, mas Deus tem um outro. As pessoas que tem seus princípios, seus princípios religiosos, também conta na vida de cada um, né. É uma segurança. Eu acho que é que nem um filho... um filho se segura muito na mãe né, a gente como não tem pai, não tem mãe, a gente se segura numa oração, numa palavra de Deus, numa pessoa que ta passando aquela palavra pra gente. Deus sabe o que faz e nós não sabemos o que vivemos. Só tendo muita sorte da bala não ter pegado nele, porque foi muito perto dele o tiroteio, foi muito perto. Foi em frente de onde ele tava. Aí, eu disse: bom, mas como eu tenho muita fé em Deus e eu rezo muito, não vai acontecer nada não. Foi Deus mesmo, né, porque ele não chegou a morrer. Pois é, tudo que a gente pede a ele, a Deus, a gente conversa e graças a Deus eu sempre tive retorno. Agradeço muito depois que eu recebo também.

Ancoragem 5b: Religiosidade e Apoio social

A gente tá ali tão bem, então, a gente se sente, assim, apoiado uns com os outros. Se sente fortalecido. A gente fala: “gente, se vocês tiverem uma dificuldade, vocês exponham ao grupo”, que a gente ajuda uns aos outros. E quando tem uma pessoa sofrendo, assim, quando a minha cunhada passou por aquele problemão, uma vem e dá uma palavra amiga, o outro vem e dá uma palavra amiga. E se ela tiver rezando sozinha, ela vai ficar muito deprimida. Não vai ter aquele levantamento... Tudo que acontece na nossa vida na semana a gente participa ali no grupo religioso, de bom e de ruim, e ali tá todo mundo pra fazer as preces pra aquele momento que você ta passando, se for de bom, você faz preces, se for de ruim também. São muitos pedidos no mesmo orar... É muito alegre. A gente fica assim... É uma alegria... É, porque a gente sabe que, assim, a gente está junto com os irmãos, aquilo ali é uma família, e tá todo mundo ali unido, todo mundo não quer, assim, o mau um do outro.

Ancoragem 5c: Religiosidade como Refúgio

Na casa de Deus a gente se desliga do mundo e só pensa em Deus, só fica orando. Aí, eu acabo me esquecendo dos problemas. É diferente porque é uma paz,

assim, você não ter ninguém te xingando, não ter ninguém gritando com você. Sei lá, eu me sinto bem. Quando eu chego em casa já é outro mundo, já estou em outro lugar.

Ancoragem 6: Solidariedade

Eu gosto de ajudar os outros. Se eu sei que tem uma pessoa precisando eu vou lá ajudar, por que não? Outro dia apareceu uma faxina, mas uma colega minha tem quatro filhos, né. Aí eu dei pra ela, porque ela tá precisando mais do que eu. Porque quatro crianças, né, já pensou? É dose... Aí, eu dei pra ela. Ainda bem que apareceu, mas... Agora, tem gente que já viu o outro precisando, passa por cima e vai embora. E não é bem assim. Eu acho que não é assim, né. Esse nosso convívio aqui na comunidade tá cheio de problemas. Às vezes eu passo e vejo uma pessoa assim, de manhã cedo, com a cabeça baixa, assim, com os olhos... que parece que chorou a noite inteira. Eu fico olhando assim, mas eu sozinha vou chegar perto dela? Não vai dar certo. Aí, eu passo, mas se a gente tivesse um grupo, a gente fosse conversar com aquela pessoa, às vezes ela vive sozinha, os filhos maltrataram ela, ou ela é sozinha com o marido, aí, ela ia gostar muito de ter um grupo. Todo mundo gosta. E tem muita gente aqui que precisa. Depois que eu saí daquele mundo que eu tinha separado só pra mim e pra minha família, foi quando veio a vontade de fazer curso de agente de saúde, quando veio a vontade de trabalhar nos projetos sociais.

4.4 - **DIFICULDADES NO GRUPO**

Expressões-chave	Idéia Central	Ancoragem
Não tinha nada difícil ali não... Não era difícil pra mim. Pra mim não tinha nada difícil não. Porque eu conversava, escutava. Eu falava e também escutava as outras conversar, não tem nada de difícil não. (MARGARIDA)	Não sentia dificuldade em se comunicar	Ausência de dificuldade
Eu não sei. Acho que não tinha não [dificuldades]. Na primeira vez eu não gostei não [do grupo], ainda fui mais		

<p>não gostei não [do grupo], ainda fui mais por incentivo da Esmeralda. Eu não gostei, assim, não sei porque. Não tinha motivo pra não gostar, mas achei: “ai, a gente vai ficar ali, e falar sobre o que? Eu não vou”. (...) Aí, eu não sei, não sei o que me fez gostar e ficar. (...) Foi depois que eu comecei a me enturmar, depois eu comecei a vim freqüentemente, aí, comecei a conhecer as pessoas mais, direito. Me enturmei. (...) Tinha os meus crochês que eu podia levar, como eu levava, né. Aí, também comecei, comecei a gostar da senhora também. Aí, “ah, vamos”. Acho que foi isso também. (CRAVO)</p>	<p>Pertencimento e afeto</p>	<p>Superação das dificuldades</p>
<p>Era assim uma coisa tão forte na minha vida que eu esquecia de tudo. Eu esquecia. Quando às vezes eu pensava: será que era quarta? Ou era quinta a reunião? Esqueci! Aí, eu corria na casa da Congregação e perguntava: “Quando é mesmo a reunião?”, “é tal dia”, “ah, tá, então, tá. Eu venho”. Aí, às vezes, não dava certo. Eu ficava controlando muito a minha casa (...) (ESMERALDA)</p>	<p>Sente-se perturbada e confusa em função do sofrimento</p>	<p>Sufrimento</p>
<p>[Sentiu falta] Da convivência daquela hora, daquele horarizinho ali... Já tinha aquele horário certo da gente tá ali. Então, quando acabou, ficou vago. Ficou faltando alguma coisa, né. (CRAVO)</p>	<p>O fim do grupo deixa um vazio</p>	<p>Término do grupo</p>
<p>É porque eu sentia que as pessoas queriam falar, mas tinham medo da outra, né, tinha medo do próximo ali que estava ao lado, então, isso é uma maneira que eu mesmo me descobri que se fez bem pra mim, ia fazer bem pras outras também. E que a gente podia avançar a partir daquele passo a gente</p>	<p>Medo do outro. Em função do seu trabalho vê-se impedida de</p>	<p>Desconfiança</p>

<p>avançar a partir daquele passo, a gente podia avançar, né, só que infelizmente eu não tinha oportunidade de caminhar mais com o grupo, né, não tive por conta do meu trabalho, como eu expus, até que eu tinha pedido... Falei pra você que eu precisava de um documento, mas a coisa ficou tão preta no meu trabalho que não foi possível eu conseguir nem com documento. (CORUJA)</p>	participar	
<p>É, ali eu ainda fiquei um pouco assim um pouco lesada. Eu vou te colocar assim com bastante clareza porque nós tínhamos um trabalho de parceira... nessa época a gente já discutia essa questão de estar buscando esse grupo de convivência (...) Só que a gente não tinha um nome, a gente queria dar uma assistência àquelas mulheres, àquelas mães sofridas, que perderam seus filhos cedo na criminalidade, que ficava sem nenhuma vontade de viver, e perderam a esperança e tinha acabado a vida ali. (...) E pras pessoas, o psicólogo pras pessoas sempre é uma coisa muito difícil, por mais que a gente ache que não, mas é difícil, né, difícil de você aceitar (...) [se sente lesada] Nas minhas idéias. [Se afastou por um tempo] Aí, quando eu voltei (...) me convidaram pra participar do grupo que já era com você, mas ninguém, me chamou pra conversar como antes (...) Até pra gente discutir melhor a questão do grupo de convivência (...) (CORUJA)</p>	Sentimento de alijamento da proposta de organização do grupo	Precariedade

O DISCURSO DO SUJEITO COLETIVO

Ancoragem 1: Ausência de Dificuldade

Eu não achei dificuldade lá não. Por mim tava bom. Só que, assim, as pessoas vinham pouco, não se interessavam às vezes pra vim, aí, eu ficava pensando “poxa, por que esse pessoal não vem? É tão bom”. Não tinha nada difícil ali não... Não era difícil pra mim. Porque eu conversava, escutava. Eu falava e também escutava as outras conversar, não tem nada de difícil não.

Ancoragem 2: Superação

Eu não sei. Acho que não tinha não, dificuldade. Na primeira vez eu não gostei não, ainda fui mais por incentivo da minha amiga. Eu não gostei, assim, não sei porque. Não tinha motivo pra não gostar, mas achei “ai, a gente vai ficar ali, e falar sobre o que? Eu não vou”. Aí, eu não sei, não sei o que me fez gostar e ficar. Foi depois que eu comecei a me enturmar, depois eu comecei a vim freqüentemente, aí comecei a conhecer as pessoas mais, direito. Me enturmei. Tinha os meus crochês que eu podia levar, como eu levava, né. Aí, também comecei, comecei a gostar da senhora também. Aí, “ah, vamos”. Acho que foi isso também.

Ancoragem 3: Término do Grupo

Quando acabou! Tudo que é bom dura pouco, né... mas essa vida é assim mesmo... É... Agora eu to muito triste... Eu não quero nem falar. Senti falta da convivência daquela hora, daquele horariozinho ali... Já tinha aquele horário certo da gente tá ali. Então, quando acabou, ficou vago. Ficou faltando alguma coisa, né.

Ancoragem 4: Sofrimento

Pra mim falar é difícil... eu sou muito calada. Eu falava assim “ah, não vou falar nada da minha vida não”. Eu tinha vergonha mesmo, principalmente essa parte do meu marido que usa drogas. Se tocar, assim, “ah, como você vive com o seu marido?”, aí ia ser a parte que mais ia ser horrível falar. Minha vida toda... toda doida. Aí, eu não ia falar nada. Mas eu gostava de ir no grupo pra escutar. Mas todo mundo falava... Eu ia ficar sempre quieta? Eu tinha que falar alguma coisa. Sei lá, também era tanto problema em casa... Eu demorei a ir no grupo porque era assim uma coisa tão forte na minha vida que eu esquecia de tudo. Eu esquecia. Quando às vezes eu pensava: “será que era quarta? Ou era quinta a reunião? Esqueci!”. Aí, eu corria na casa da Congregação e perguntava: “Quando é mesmo a reunião?”, “é tal dia”, “ah, tá, então, tá. Eu venho”. Aí, às vezes, não dava certo. Eu ficava controlando muito a minha casa. Como eu falei pra senhora, naquele tempo era muito problema, assim... eu me desligava das coisas, assim... ficava com a cabeça em casa. Aí, eu não me ligava muito nas coisas, e não queria... e aí, acabava que eu não queria falar nada, eu queria só escutar.

Ancoragem 5: Desconfiança

É, eu sentia isso muito forte, essa impressão era muito forte. Porque ao mesmo tempo que era um grupo de convivência você também representava uma psicóloga ali, né, você não deixava de ser psicóloga daquelas mulheres, da gente. Tinha dias que eu mesma queria conversar com você. E aí, começava a conversar de outras coisas, aí, passava aquela vontade de conversar daquele problema, eu guardava aquele problema “não, esse dá pra passar, dá pra empurrar, né”. Eu sentia que as pessoas queriam falar, mas tinham medo da outra, né, tinham medo do próximo que estava ao lado, então, isso é uma maneira que eu mesmo me descobri que se fez bem pra mim, ia fazer bem pras outras também. E que a gente podia avançar a partir daquele passo. Só que infelizmente, eu não tive oportunidade de caminhar mais com o grupo, por conta do meu trabalho.

Ancoragem 6: Precariedade

Não é que eu tive dificuldade, é o que eu observava. Eu tive, mas dava pra passar de letra, mas, como eu disse antes: cada caso é um caso e as coisas às vezes não ficavam muito bem colocadas. Quando a gente convidava, as pessoas... Tinha gente que tava desempregada e sonhava em chegar lá e arrumar um emprego, arrumar uma cesta básica, né... muitas expectativas, foi muita coisa diferente, entendeu?... Outro achando que era pra emprego e outro achando que era pra psicóloga, entendeu? Outros achavam que aquilo ali não tinha sentido. Ou tinha medo de participar por conta do vizinho, entendeu? Mas o que aconteceu foi bom, o que durou foi bom, o que restou foi bom. Na verdade eu me senti assim, um pouco lesada. Eu vou te colocar com bastante clareza porque nós tínhamos um trabalho de parceira... nessa época a gente já discutia essa questão de estar buscando esse grupo de convivência, só que a gente não tinha um nome. A gente queria dar uma assistência àquelas mulheres, àquelas mães sofridas, que perderam seus filhos cedo na criminalidade, que ficava sem nenhuma vontade de viver, e perderam a esperança e tinha acabado a vida ali. E pras pessoas, ir ao psicólogo sempre é uma coisa muito difícil, por mais que a gente ache que não, mas é difícil de aceitar. Então, eu me senti lesada nas minhas idéias. Precisei me afastar por um tempo e quando eu voltei, me convidaram pra participar do grupo que já era com você. Mas ninguém, me chamou pra conversar como antes, pra gente discutir melhor a questão do grupo de convivência.

4.5 - DISCUSSÃO

Apesar das singularidades, todas as entrevistadas são motivadas para frequentar o grupo de mulheres, por seus sofrimentos. Uma exceção, entretanto, é Coruja, ativista comunitária que vai para o grupo movida por outros conflitos e em busca de reconhecimento. Optei por não incluir sua fala no Discurso do Sujeito Coletivo, por ser demais particularizada e não encontrar eco nos relatos das outras mulheres.

Esmeralda e Margarida, viviam momentos muito conturbados e buscavam mudanças para suas vidas. Orquídea queria se relacionar, Jasmim só queria ouvir e

Cravo resistiu um pouco a se vincular, mas rendeu-se ao contato e afeto que o grupo lhe despertou.

Ao longo dos discursos é possível perceber as diversas expressões do sofrimento das mulheres.

Um sentimento de solidão que se traduz na necessidade de compartilhar, tão claramente demonstrado nas reuniões do grupo, aparece no discurso das entrevistadas. A possibilidade de expressar a dor era vivenciada como desabafo e produzia alívio. Entretanto, esta era também uma forma de apresentar ao outro e reapresentar a si mesmo seu modo de andar a vida e, portanto, uma forma de enriquecer-se e produzir conhecimento. Dentre as entrevistadas, apenas Jasmim refere-se à expressão como dificuldade, uma vez que sente muita vergonha em expor sua vida. Este foi um dos motivos que a levou a abandonar o grupo. Mesmo assim, beneficiou-se da escuta, o que indica que sua recusa estava, de fato, mais ligada à vergonha que sente da sua vida do que propriamente à falta de desejo. Pôde se expressar comigo individualmente, e relata uma única amiga com quem fala de sua vida.

A migração aparece no discurso das entrevistadas e, também, em vários momentos do grupo, como possibilidade de uma vida melhor. Das seis mulheres entrevistadas, quatro sonharam em mudar-se para o Rio – as outras duas são cariocas. A idéia de vir para o Rio aparece nos discursos como possibilidade de realização em vários aspectos da vida. Melhores condições de trabalho, poder ajudar à família, separar-se do marido... São muitas as expectativas depositadas nesta longa viagem. Apesar de alguma decepção ao se depararem com a realidade, a maioria das entrevistadas entende que, de fato, a vida aqui no Rio oferece melhores oportunidades. Cravo não tem a menor dúvida disso e não quer nem pensar em voltar para sua terra natal. Para ela, morar no Rio significa trabalhar muito, mas poder dar conforto aos filhos. Todas as entrevistadas, vindas do interior do Nordeste, concordam que aqui é possível trabalhar. Margarida pondera as diferenças entre a vida no Nordeste e aqui no Rio. Para ela, aqui é mais fácil porque qualquer coisa é trabalho e se transforma em dinheiro, como, por exemplo, lavar uma roupa ou tomar conta de uma criança. Entretanto, se dá conta de que está ficando cada vez mais difícil conseguir trabalho e neste caso, aqui não há como se alimentar.

Rubi, uma mulher de mais idade que freqüentava o grupo de mulheres, certa vez, chama atenção para as vantagens oferecidas não apenas pela cidade grande, mas também pelos "tempos modernos". Para ela "*pobre hoje em dia é rico*". Nascida no

interior nordestino, sua infância foi muito difícil. Segundo entende, no seu tempo não havia as comodidades que existem hoje. Lembra que naquela época “*um saquinho de pano com papa de farinha era usado como chupeta*”, enquanto que hoje em dia todo mundo pode ter uma chupeta. Compara a vida que teve no interior com a que leva agora na Maré e acha que atualmente, tem muito mais facilidades, como acesso a roupa, comida e luz. Nem sempre pôde atender aos pedidos dos filhos, mas “*comida não falta, fome não passa mais*”.

É possível observar as relações entre a organização familiar e as condições e possibilidades de vida na história de cada mulher entrevistada.

Segundo Elizabeth Lobo (1992), a família pode ser entendida como unidade de reprodução, consumo e rendimentos. Desta forma, a vida familiar utiliza a mão-de-obra disponível entre atividade remunerada e trabalho doméstico, para assegurar um *determinado nível e modo de consumo* (LOBO, 1992, 9)

Para Carmem Macedo (1985), numa sociedade capitalista, a vasta parcela da população despojada da propriedade dos meios de produção, “ganha a vida” através da venda da sua força de trabalho, que se dá individualmente. Para subsistir, a família precisa se organizar de modo a garantir o rendimento necessário para seu sustento e também a estrutura indispensável para permitir o trabalho. O trabalho feminino, portanto, assume características específicas em função tanto da sua posição no contexto familiar – se filha ou esposa – como também da situação familiar em determinado momento – se o chefe da família é presente e em que condições.

Esmeralda, por exemplo, pôde completar o segundo grau. Enquanto a mãe se ocupava do trabalho doméstico, o pai trabalhava e a família era ajudada pela irmã mais velha que trabalhava no Rio. Margarida e Coruja, ao contrário precisaram contribuir para a subsistência da família, embora de formas diferentes. Margarida passou a morar com a madrinha. Ajudava nos serviços domésticos e no cuidado das crianças em troca de melhores condições de vida para si e para sua família. Coruja, após a morte do pai, assumiu o cuidado da casa para que a mãe pudesse trabalhar. Vez por outra também ia à roça ajudar na colheita. Nas duas situações, o chefe da família estava ausente. A situação de Cravo é um pouco diferente. O pai estava presente, mas, afeito a jogos e bebida, deixava a família passando necessidade. A mãe cuidava das tarefas domésticas e era impedida pelo marido de sair de casa. Cravo trabalhava para garantir seus estudos. Com o dinheiro do seu trabalho compra o chinelo para poder ir à escola e empresta ao irmão para que ele possa fazer o mesmo. Coruja casou-se aos treze anos e, como o

marido não se responsabilizava pela família, seu trabalho assumiu novas características, uma vez que dele dependia o sustento dos filhos.

Segundo Macedo, o trabalho da mulher, enquanto filha ou esposa, é um “dever adquirido” para a realização do projeto familiar.

Também no grupo tais relatos eram comuns. De acordo com a organização familiar, as mulheres desempenhavam atividades dentro ou fora de casa, remuneradas ou não, para garantir a subsistência da família ou como possibilidade de ascensão social.

Se, por um lado, as condições de vida são limitantes, as possibilidades de vida algumas vezes são viabilizadas pelo trabalho, como no caso de Cravo que, desde menina, fazia crochê para estudar e, em outras, se vinculam a sonhos e apoios. Orquídea e Coruja têm sonhos não realizados de estudar, Margarida considera ter tido uma vida boa, por morar com a madrinha que usufruía melhores condições econômicas.

No grupo de convivência a estratificação social se faz presente através da aparência das mulheres e de seus relatos. Com necessidades diferentes, enquanto umas demonstram alguma estabilidade financeira, outras passam muita necessidade.

A situação de algumas famílias permite à mulher manter-se em casa, responsável pelas tarefas domésticas e o cuidado dos filhos. Entretanto, muitas vezes a um preço bastante alto.

Camélia, outra mulher que freqüentava o grupo, tem uma situação econômica relativamente estável, mas na condição de dependente do marido. “*Sem profissão, sem trabalho e com três filhos pra criar... Na minha família ninguém me deu apoio, todos têm medo dele.*” Com esta frase explica para o grupo porque, diante do juiz, disse que não queria se separar do marido que a maltratava. De qualquer modo, conseguiu enfrentá-lo na Justiça e, com isso se livrar das agressões físicas de que era, freqüentemente, vítima. Entretanto, continua sofrendo outras formas de violência, como as constantes ameaças de agressões físicas, desrespeito e desconsideração, que, aos seus olhos, são problemas menores, quase inevitáveis, uma vez que fazem parte da vida e da natureza masculina – “*os homens são assim mesmo*”— e, assim, conformada e desencantada, deixa no passado o sonho de uma relação afetiva satisfatória.

No grupo, enquanto algumas mulheres sofrem com seus maridos, outras sofrem a falta deles. A maioria das mulheres se desiluiu com o amor. Vivem relações violentas nos mais diferentes níveis, sentem-se desrespeitadas pelos companheiros e tudo que desejam é ficar livres. Girassol, que durante muito tempo participou do grupo, traz a

tona, entretanto, outros aspectos. Apesar de sua experiência difícil, com um marido alcoólatra e agressivo, de quem é separada, ainda acredita no afeto. Busca uma relação amorosa e explicita isso para o grupo. Sua fala, em geral, é bem humorada e provoca risos quando conta suas paqueras ou fala do quanto gosta de um “chamego”. Citada por todas as entrevistadas, Girassol⁴, no grupo, resgata a sensualidade, o afeto e, desperta o sonho já abandonado, em vidas com tantas dificuldades, por quase todas as mulheres do grupo.

Na fala das entrevistadas, o casamento aparece como mais uma situação de vida que acontece por motivações diversas sem, necessariamente, representar uma escolha amorosa.

Cravo, que durante toda sua infância, acompanhou o sofrimento da mãe, é determinada a não passar pela mesma situação e, de fato, refere-se a seu marido como um homem bom que tem por ela muito carinho. Entretanto, questiona seus sentimentos. Casou-se para livrar-se do pai e lamenta não viver com o marido uma relação afetiva. Talvez não se permita viver o amor, uma vez que isso exigiria coragem para abrir mão de suas defesas. Seu medo de passar pelo que sua mãe passou é tanto que Cravo se coloca todo tempo atenta para que nenhuma concessão sua possa se transformar em exigência por parte do marido. Por medo de sofrer, está sempre preparada para uma possível separação. Então, sofre pela impossibilidade de viver o amor.

Coruja, apesar da violência do seu primeiro casamento, refere-se a uma relação afetiva com seu companheiro, pai de três dos seus seis filhos. Entretanto, ele é casado, e esta situação impõe sérios limites à relação. Coruja, então abre mão desta relação, após vinte e três anos de convivência. As demais, referem-se ao casamento como imposição, ou como algo que aconteceu, sem que possam se dar conta do porquê. Mas que muda o rumo de suas vidas.

Talvez a vida sem perspectiva de futuro, reduzida ao momento presente, tenha levado essas mulheres a envolvimento sem escolha. Uma primeira possibilidade de encontro, torna-se a única, quando não se vislumbra o amanhã.

O projeto familiar nem sempre é capaz de agregar todos os seus membros na mesma estratégia de sobrevivência e possível realização. As dificuldades subjetivas e objetivas de cada um dos membros e do conjunto, muitas vezes gera violência no núcleo familiar. Desemprego, vício e revolta são ingredientes de uma vida familiar dilacerante.

Também no grupo, o tema tem presença constante. O filho de Girassol deu-lhe muita preocupação e sofrimento, enquanto trabalhou para o narcotráfico. Após levar um tiro, resolveu mudar de vida, entrou para a Igreja e, com a ajuda da mãe, volta a estudar. Girassol, sem emprego, decide vender bolo caseiro nas ruas. O filho a repreende, mas ela compreende: *“ele sente vergonha de ver a mãe vendendo bolo, acho que é porque ele já foi do tráfico, já teve uma situação boa... sente-se humilhado”*. Mesmo assim, ela tenta “ganhar o pão” vendendo bolo. Tempos mais tarde, o rapaz consegue emprego, mas não por muito tempo. Girassol tenta um trabalho como faxineira, parece que tudo está combinado, quando a futura patroa resolve recontratar a antiga empregada. Novamente os dois se vêem sem ter o que comer.

Numa tarde, relata para o grupo uma violenta discussão com o filho. Não havia pão em casa para o café da manhã. O filho, com fome e revoltado, ameaça voltar para o tráfico. *“De uns tempos para cá, ele anda com esses assuntos e está se afastando da igreja, já não frequenta como antes”*, diz assustada e muito preocupada. Ouve falar que os rapazes, depois de entrarem para a Igreja, quando deixam de frequentar ficam mais revoltados.

Na noite anterior, havia pedido ajuda à sua mãe. Mas a senhora também está com dificuldades. Para ajudar, ofereceu três pães. Ela comeu um e aconselhou o filho a fazer o mesmo, a fim de guardar o outro para o dia seguinte de manhã, mas ele comeu os dois. Ela explica: *“quando não se tem comida em casa, a fome aumenta”*. E também as brigas.

A maioria das entrevistadas, refere-se a situações de agressão em casa, seja com o marido ou com os filhos, e por motivos diversos. A violência, em suas diferentes formas, perpassa suas vidas.

Fora da possibilidade de controle individual, a violência que se passa externamente ao núcleo familiar invade a sua intimidade.

Mesmo sem aparecer no meu roteiro de entrevista, a violência local emerge no discurso de todas as entrevistadas. É um problema que se impõe indiscriminadamente a todos os moradores e exige estratégias de enfrentamento adequadas a cada situação.

Da mesma forma, durante todo o tempo em que o grupo se reuniu, raros foram os encontros em que, de alguma forma, o tema não estivesse presente.

Os frequentes tiroteios pelas ruas da comunidade são ameaça constante à integridade física de todos. Jasmim teve seu filho de quatro anos baleado na porta da sua

casa, Orquídea não recebe mais a visita da filha e Esmeralda, apesar das dificuldades financeiras, prioriza a compra de um celular para a filha, a fim de sinalizar para a jovem se ela pode ou não voltar para casa.

Nas reuniões do grupo as mulheres expressam o temor por seus familiares, principalmente pelos filhos, quando estes não estão em casa. As que têm filhos pequenos, penam para acalmar o sobressalto de suas crianças.

Enquanto as mulheres mais velhas reclamam da teimosia de seus jovens filhos, que querem sair à noite para festas e passeios, uma jovem mãe declara para o grupo que antes de ter seu filho também não tinha medo e gostava de sair, mas, agora que é mãe, passou a ter muito medo de sair de casa. Olha para seu bebê e não tem coragem de sair nem pra ir à igreja. A maternidade deu novo sentido à sua vida, da qual depende agora uma outra vida que lhe é muito cara.

Lírio conta para o grupo, que quando há tiroteio durante a noite, sua filha passa a ter um sono muito agitado. Ela não acorda, mas fica se debatendo na cama e falando alto. A única coisa que a acalma é o contato de pele com a mãe. Lírio deita-se na cama da menina e ambas ficam ali abraçadas, até que a noite silencie.

Entretanto, a vida tem que seguir e parece que o jeito é esquecer o medo. Somente após ter vivenciado alguns minutos de tiroteio, e ter explicitado para o grupo o imenso medo que senti, é que o assunto pôde ser discutido pelas mulheres. Girassol prontamente admitiu seu temor e foi repreendida por outras que achavam um absurdo sentir-se assim depois de tantos anos vivendo ali. Tinha que estar acostumada. Foi necessária minha intervenção para que o medo pudesse ser expresso. A discussão foi calorosa. O binômio sentir medo e andar a vida eram vivenciados como excludentes. Foi preciso falar do medo como uma atitude de cuidado e de preservação e não como algo paralisante. Aos poucos, foi sendo possível a cada mulher dizer de lembranças e atitudes que revelavam as diversas expressões de seus temores.

Papoula conta, então, para o grupo que há poucos dias atrás tinha ocorrido um tiroteio próximo à sua casa e ela, que estava sentada na calçada, permaneceu parada no mesmo lugar, ao invés de se abrigar como todos os outros. Imediatamente alguém pergunta o porquê de sua atitude e ela responde sem hesitar: “*e a perna obedecia?*”

Girassol percebe que, durante os tiroteios, seu coração bate rapidamente e com muita força. Além disso, quando está na rua, tenta se esconder, mas não pode correr devido a um problema no tornozelo. Acredita que as crianças se saem melhor nestas

situações. Mais ágeis e espertas, jogam-se no chão com muita rapidez, ficando assim, mais protegidas.

O narcotráfico impõe suas leis através do terror. As fronteiras invisíveis demarcam as áreas de domínio de cada facção e não podem ser ultrapassadas pelos moradores. O tráfico cerceia o direito de ir e vir dos cidadãos colocando em risco principalmente os jovens, homens e negros. Entretanto, as mulheres, tanto no grupo quanto a maioria das entrevistadas, expressam seu sentimento de insegurança. Entre o poder do tráfico e a ausência do Estado, enfrentam o cotidiano como podem.

A situação é muito complexa. Apesar do terror, o narcotráfico representa a única possibilidade de lei no local, o que faz com que alguns acabem por solicitar a ajuda dos ‘meninos’ para resolver problemas pessoais ou de convivência na comunidade, entendendo que as regras só são respeitadas quando há a intervenção deles. Outros, entretanto, se recusam a utilizar esse tipo de estratégia, o que não os livra de possíveis ameaças por parte de algum desafeto. Esmeralda não pode dormir, mas se solicitar silêncio das arruaceiras, recebe ameaças, Margarida já foi provocada e ameaçada pela vizinha, Jasmim, cansada de apanhar do marido, lança mão deste recurso para conter a violência do companheiro.

A influência do tráfico no local, entretanto, não se limita à demonstração de poder através da força. O *status* dos traficantes e bandidos exerce um certo fascínio sobre os jovens e atrai as meninas. O poder da sedução só encontra limite quando a violência se instala. Enquanto isso não acontece, o perigoso jogo assusta muitas mães, que tentam proteger seus filhos e filhas. Esmeralda está sempre atenta a esta questão. Vê com preocupação o fascínio de crianças pequenas pelas armas e outros pertences que os traficantes exibem pela comunidade, como carros e roupas “de marca”. Certa vez no grupo, relatou sobre as festas promovidas pelos traficantes em datas especiais, como o dia das crianças e os bons brinquedos distribuídos por eles. Questiona a visibilidade dada pela imprensa aos bandidos. De fato, suas preocupações são bastante procedentes. Para jovens com pouca perspectiva de trabalho e de futuro, invisíveis para a sociedade e moradores de um local identificado pela classe média como um lugar a ser evitado, o narcotráfico se oferece como uma possibilidade de saída.

Para Loïc Wacquant (2001), o estigma de ser pobre, numa sociedade onde a participação ativa na esfera do consumo tornou-se condição *sine qua non* da dignidade social – *um passaporte para a cidadania, mesmo entre os despossuídos* – faz com que a violência e o crime sejam, algumas vezes, o único meio possível de adquirir dinheiro e

os bens de consumo indispensáveis para *ascender a uma existência socialmente reconhecida*. (WACQUANT: 2001, 33)

Para o autor, a ruptura popular da ordem pública está relacionada à ausência de mecanismos de representação política dos pobres. Os moradores das comunidades vêm-se divididos entre a necessidade de proteção diante da criminalidade e o medo de que a intervenção policial apenas aumente a violência, uma vez que, estranha àquela localidade, torna-se incapaz de cumprir outro papel que não seja o puramente repressivo.

Em situação de pobreza, com problemas relacionais e expostas a uma cotidiana violência que cerceia direitos e ameaçam a integridade física e mental de si mesmas e de seus familiares, as mulheres da Maré expressam sua dor de diversas formas.

Com causas difusas, o sofrimento busca visibilidade aqui e acolá, tornando-se igualmente difuso. Algumas vezes dormem demais, outras vezes não conseguem “pegar no sono”, mesmo com a ajuda de medicamentos. Por vezes o medo é tanto que as impede de sair de casa. Muita tristeza, dores pelo corpo, dores de cabeça, pressão alta são algumas das queixas mais frequentes.

Entretanto, diante da possibilidade de expressão, a mulher que sofre assinala como causa de suas queixas não apenas fatores orgânicos, mas também questões subjetivas próprias de seu modo de lidar com os conflitos e dificuldades de sua vida cotidiana. Esmeralda sabe que dormia muito por precisar do sono para sonhar a vida, uma vez que sua realidade não lhe oferecia perspectivas. Em outro momento, no entanto, não podia dormir por entender que precisava controlar sua casa, a fim de evitar que o pior acontecesse. Jasmim identifica a preocupação como causa da sua dor de cabeça e Cravo sabe que sua pressão sobe quando “tem emocional”. Orquídea se entrega ao abandono, mas, diante da minha presença, volta a se cuidar. Coruja percebe que adoce frente às dificuldades da sua vida e Margarida justifica seu intenso medo de sair com as constantes brigas em sua casa, que a deixavam “nervosa direto”.

Jurandir Freire Costa, entende que a experiência do que chama de sofrimento “dos nervos”, é física e também mental, e que a expectativa de quem sofre é de ser reconhecido e *seu sofrimento tratado, tanto como um problema físico quanto afetivo* (COSTA: 1983,14).

Adalberto Barreto (s/d) afirma que a luta pela sobrevivência de indivíduos e famílias que fazem parte de uma população abandonada pelos governantes e denegada

por uma economia excludente, é uma verdadeira *via crucis*. Tal situação se oferece como elemento de agressão à identidade cultural e atinge a identidade pessoal, provocando desagregações, desajustes e desequilíbrios. Embora, não se possa negar, desencadeie também um esforço criativo de inserção social.

Para o autor, a conseqüência mais imediata da exclusão é uma sociedade partida, com uma corrente humana que vive como “fantasmas semivisíveis”, movendo-se pelo espaço urbano impulsionada pelas necessidades básicas. Ser migrante e favelado é *algo tão angustiante, tão frustrante quanto ser uma ‘alma penada’ buscando contato com os vivos, sem jamais ser visto ou ouvido* (BARRETO, s/d).

Para Barreto, a ‘alma penada’ é o protótipo das doenças da alma do século XXI. O sentimento de uma vida sem reconhecimento e sem espaços que permitam o desenvolver pleno de sua existência.

Julia Kristeva (2002), a partir de sua experiência clínica, fala de “novas doenças da alma” para referir-se ao empobrecimento da vida psíquica do homem moderno que apresenta dificuldades relacionais e sexuais, sintomas somáticos, dificuldade de expressar-se e cada vez mais recorre a neuroquímica como recurso para alívio de suas angústias, tornando-se preso ao corpo pelo sofrimento.

Tal observação fala a favor de que, o que estou aqui chamando de sofrimento difuso, não esteja vinculado a uma classe social. Ao contrário, a busca de contato num mundo cada vez mais veloz e virtual atinge a todos, apesar das profundas diferenças decorrentes das diversas formas de inserção no mundo.

O Fórum Maré, constituído pela pesquisa da Ouvidoria Coletiva, identifica a baixa-estima e a falta de perspectiva de vida como problemas de grande relevância e graves conseqüências, principalmente entre os jovens. Para este Fórum, a depressão é a doença mais visível na comunidade.

Em situação de vida contrariada essa população, por um lado tem que enfrentar, em tempos de desemprego estrutural, a situação de pobreza e, por outro o assédio do mundo do consumo amplo que “invade” suas casas através da mídia.

As limitações impostas pela pobreza num mundo veloz e de grande apelo ao consumo amplo trazem sofrimento e muita preocupação para as mães de alguns adolescentes. Camélia, freqüentadora do grupo de mulheres, tem um filho de 12 anos. Certa vez chegou chorando copiosamente a uma reunião. Entre soluços, conta que o filho havia lhe pedido uma bermuda “de marca” e que, no momento, ela não tem

dinheiro para comprar. Desesperada, relata que pediu ao jovem que tivesse paciência e confiasse nela. Precisa de um tempo para se organizar e conseguir o dinheiro para comprar a bermuda. Inúmeras vezes, reitera para o grupo suas sinceras intenções de conseguir meios para atender ao pedido do filho. Muito assustada, revela que ele não é como as meninas, suas filhas. É muito levado, já repetiu o ano três vezes e foi expulso de uma escola. Ele não gosta estudar, sempre quis trabalhar e ganhar dinheiro. Gosta de ter roupas da moda, ir ao cinema, lanchar na rua e gostaria de ter dinheiro para isso. Complementa, então: *“Mas é meu filho querido e eu tenho muito medo que ele faça uma besteira.”*

Mais do que uma realidade econômica, a pobreza é também social. Apesar da visível estratificação existente no local, todos são moradores da Maré e alvo das mais variadas formas de discriminação.

Algumas vezes, a violência da luta pela sobrevivência física e subjetiva gera outras formas de violência. O vício e a criminalidade podem constituir-se em uma possível resposta para pessoas que, em vão, buscam vínculos e o reconhecimento de que possuem uma vida interior com sonhos, desejos e expectativas. Entretanto, esta forma de responder aos anseios de visibilidade e inserção social acarreta mais violência, em especial no âmbito das relações familiares e, conseqüentemente, muito sofrimento.

Porém, esta não é a única nem sequer a mais usual forma de resposta às vicissitudes das condições de suas vidas. Ao contrário, apesar de referendados socialmente como pessoas que “não valem a pena”, demonstram grande e criativa capacidade de responderem às suas amarguras, potencializadas por pequenos estímulos.

A autonomia representa uma conquista para todas as mulheres. O trabalho, mesmo quando não remunerado, produz um sentido para a existência. Esmeralda, por exemplo, impedida de trabalhar pelo marido, ao assumir seu desejo de participar da vida social, mesmo como voluntária, toma para si as rédeas da sua própria vida. Para ela, sair de casa e sentir-se útil é o mais premente, o que não exclui seu esforço para conseguir um trabalho remunerado.

Para Jasmim, com filhos pequenos e dificuldades com o marido, o fato de ter seu próprio dinheiro é o que lhe permite algum grau de autonomia.

Coruja tem no trabalho a principal resposta ao sofrimento de sua vida, não só porque tira dele sua sobrevivência, como também sua valorização pessoal, sempre à espera de reconhecimento.

Cravo e Margarida trabalham para complementar a renda doméstica. Cravo tem um bom marido e filhos, mas trabalha desde nova. Margarida recebe ajuda dos filhos mais velhos. Ambas trabalham em casa e, portanto, o trabalho não tem a função que tem para Esmeralda – de sair de casa e conhecer outras pessoas. Para elas, essa não parece ser a maneira mais importante de responder ao sofrimento.

Da mesma forma, Orquídea tem outras respostas para suas dores, uma vez que a falta de trabalho é para ela mais um motivo de pesar.

A autonomia é uma conquista de grande importância, principalmente para as mulheres que viveram situações de muita opressão. Cravo não abre mão da sua por nada, aprendeu seu valor muito nova, a partir da vivência com sua família de origem. Já Margarida e Esmeralda aprenderam mais tarde. Lutaram muito para mudar as relações opressoras nas famílias que constituíram. Coruja iniciou sua caminhada rumo à autonomia saindo de sua terra natal, mas foram necessários alguns anos até conseguir um patamar de autonomia que considerasse suficiente. Orquídea, no entanto, não se refere a nenhuma situação familiar opressora. É sozinha e decide o que quer fazer.

A solidariedade e o apoio social são formas bastante eficazes de resposta ao sofrimento e estão presentes na vida de todas as entrevistadas. A atitude solidária faz bem a quem recebe, mas também a quem a oferece. Para Orquídea, mulher solitária, esta é a principal forma de responder aos sofrimentos de sua vida.

A religiosidade aparece no discurso de todas as depoentes, em suas várias dimensões e formas de expressão. Um dos sentidos, comum nos vários discursos, é o de proteção. Em situações de vida tão conturbadas, marcadas pela violência cotidiana e fora do controle pessoal, a fé dá o sentimento de proteção necessário para o enfrentamento da vida.

Para Freud, o homem tem necessidade de tornar tolerável seu desamparo e as idéias religiosas o protegem dos perigos da natureza e do destino e, também, dos danos que o ameaça por parte da sociedade humana. Na idéia religiosa *a vida neste mundo serve a um propósito mais elevado* (FREUD, p 30). Assim, sobre cada um de nós há uma Providência benevolente que não nos abandona às forças poderosas do destino. Até mesmo a morte é o começo de uma nova forma de existência, a caminho de uma evolução para algo mais elevado e justo. Nessa visão as leis são mantidas *por uma corte suprema de justiça incomparavelmente mais poderosa e harmoniosa*.

Ainda para o autor, o sobrenatural nos ajuda a lidar com a ansiedade através de meios psíquicos e nos possibilita a ação, uma vez que nos tira do desamparo paralisante, apesar de continuarmos indefesos.

As entrevistadas expressam formas singulares de experienciar o sentimento religioso. Orquídea vivencia sua religiosidade sem um envolvimento maior com a igreja que, apesar de freqüentar, lhe suscita algumas críticas e questionamentos, principalmente acerca da postura de alguns fiéis. Jasmim, que não gosta de falar por se envergonhar muito de sua vida, faz da igreja seu lugar de refúgio, onde vai para usufruir momentos de paz e, assim, se fortalecer para enfrentar sua vida. Freqüenta os cultos de sua igreja e participa de um grupo onde canta os hinos. Cantando, se expressa sem expor sua vida e se desliga dos seus problemas. Coruja participa de um grupo de oração com pessoas que, segundo ela, compartilham de sua maneira de viver a religiosidade. Freqüentemente, durante suas orações, vivencia situações que classifica como revelações que dão sentido a percepções e sentimentos que experimenta em sua vida cotidiana. Margarida se limita a participar das missas e a fazer suas orações. Não faz nenhuma referência à outra forma de participação mais engajada. Esmeralda e Cravo, com o término do grupo de mulheres passam a ter uma participação maior na igreja. Esmeralda se engaja em alguns projetos sociais, o que dá novo sentido à sua vida. Cravo, embora goste de rezar em sua própria casa, passou a participar de um grupo numa igreja, onde vivencia forte experiência de ajuda mútua.

As mulheres lidam com o sofrimento de diversas maneiras. É comum a todas a importância da inserção social. Sentir-se participante e integrada na vida social aumenta a auto-estima e, conseqüentemente, produz um bem-estar que se reflete nos modos de andar a vida.

Entretanto, as formas de obter tal inserção variam de acordo com as condições e possibilidades de vida de cada uma. A fé é uma das formas de enfrentar a dor, que se destaca na vida de todas as entrevistadas. No limite do sofrimento, entregar a Deus transforma o desespero em esperança e cria um sentimento de pertencimento fraterno que acolhe o sofredor. Muito ligada à religiosidade está a experiência de solidariedade e ajuda mútua – o apoio social, estimulado por muitas igrejas locais através de seus inúmeros projetos na comunidade. Para quem é sozinha e não tem trabalho, como Orquídea, estas são as suas principais formas de enfrentar seu sofrimento e seguir a vida.

Alda Lacerda e Victor Valla (2003), numa releitura sobre a teoria do apoio social, afirmam que este ajuda os sujeitos a terem maior controle das situações estressantes e a enfrentarem melhor, as adversidades da vida, com benefícios à saúde.

Trabalho e autonomia também caminham juntos. Muitas vezes, alguma autonomia é conquistada através do trabalho voluntário nos projetos da própria igreja, trazendo muitos benefícios.

Adalberto Barreto (s/d) chama atenção para o fenômeno da resiliência. Segundo ele, crises, sofrimentos e vitórias de cada um são utilizados como matéria prima no trabalho de construção da consciência social e de enfrentamento dos problemas. Assim, quem conhece o abandono e a solidão, prioritariamente responde com solidariedade, enquanto quem vive sob a égide da opressão busca saída pela conquista da autonomia.

A convivência e o sentimento de pertencimento encorajam no enfrentamento dos problemas. Os relatos das diversas experiências permitem a cada mulher refletir sobre novos modos de andar a vida.

Ao perguntar sobre as dificuldades vividas por elas para participarem do grupo, quase todas as entrevistadas negaram a existência de qualquer problema. Orquídea, diante de minha pergunta, rapidamente respondeu: “quando acabou”. Margarida também, sem hesitar, foi categórica em exaltar os benefícios que o grupo lhe propiciou.

Cabe, entretanto uma reflexão sobre a questão. Fica claro que, em alguns casos, a própria situação de sofrimento é um fator perturbador que, muitas vezes, paralisa a pessoa, impedindo-a de buscar ajuda.

Esmeralda, envolvida com seus problemas familiares, torna-se confusa e insegura para afastar-se de casa, o que adia por um longo tempo sua presença no grupo.

Jasmim, com graves problemas, não consegue permanecer no grupo durante muito tempo, não apenas pela dificuldade em falar de sua vida, da qual se envergonha, como também por não ser capaz de se desligar de sua casa. No limite do sofrimento, vive um momento de desesperança. Mesmo assim, afirma ter se beneficiado do grupo com sua participação silenciosa.

Ao longo do tempo em que o grupo se reuniu vivemos, sim, algumas dificuldades. Conflitos de idéias, desvalorização de algumas falas, desconfianças e a exigência da banalização da violência impondo a negação dos sentimentos de temor e impotência.

A convivência em grupo possibilitou o enfrentamento dos problemas e a construção de vínculos confiáveis. Portanto, entendo que as dificuldades foram esquecidas em função das conquistas, consideradas por elas como gratificantes.

Cravo, por exemplo, sequer lembrou das suas dificuldades iniciais para se integrar ao grupo. Foi preciso recordar suas ausências e questionamentos acerca de sua presença para que ela reconhecesse sua resistência em participar, embora desconheça o motivo. Revela, então a importância de conviver e criar laços, o que a meu ver facilitou sua vinculação ao grupo

Coruja, no entanto, fala em desconfiança e questiona o grupo. Num discurso longo, algumas vezes contraditório e sempre permeado por sua necessidade de reconhecimento, expressa sua opinião de que as mulheres não se sentiam à vontade para falar de suas vidas e que havia uma expectativa por parte delas, em serem atendidas individualmente. Ao mesmo tempo, fala de sua intenção em promover esse trabalho no posto de saúde já que esta é uma necessidade da comunidade. Em meio a tudo isso, explicita o fato de sentir-se lesada por eu ter sido convidada para fazer o grupo sem que ela tenha participado de sua formação. Desta vez optei por construir um discurso a partir de suas falas, por entender que de certa forma, expressam sentimentos genuínos, vividos pelo grupo em alguns momentos.

Para quase todas as entrevistadas estar em grupo foi uma experiência que ajudou na superação de algumas limitações pessoais e possibilitou novos modos de andar a vida.

No grupo, com a continuidade dos encontros, a fala individualizada, longa e sem interrupção de cada mulher dá lugar a uma conversa mais dinâmica. Colocam-se em diálogo e trocam experiências. Demonstrem gostar de estarem juntas e consideram ser esse um espaço para “desabafar, encontrar conforto e ajuda”.

Em pouco tempo de convívio já se pode observar a solidariedade. A troca de experiência possibilita novas formas de olhar e de enfrentar os problemas. Algumas mulheres vivem hoje, situações que já foram vividas no passado por outras, que podem indicar possíveis soluções. As mais engajadas em movimentos e atividades sociais e comunitárias indicam novos caminhos para as que ainda não têm essa experiência e, também, estimulam a participação das que ainda não aderiram aos nossos encontros. Algumas delas se integram ao grupo e outras vão quando podem e precisam em busca de conforto ou de uma orientação.

Propostas são levadas em função das necessidades e de suas experiências. Assim, passamos a comemorar os aniversários do mês e a disponibilizar roupas, brinquedos e alimentos para as mais necessitadas. Algumas propostas, entretanto, não foram contempladas, como a de formar um “grupo de homens” e sessões de expressão corporal, pintura e música. Mesmo assim, as mulheres foram convidadas e participaram de alguns eventos na Fiocruz. Consideraram importante a divulgação de situações que a comunidade vive através da internet na página do Elos – Observatório de Saúde. Chegamos, inclusive a produzir textos em conjunto para disponibilizar para leitura na referida página.

No dia da primeira festa de aniversariantes, as mulheres chegam vestidas com muito cuidado. Roupas de festa. Elogio o vestido de uma delas, que comenta o tempo que esperou para tê-lo, olhando-o todos os dias. Afirma: *“Ele ficou me esperando... Custou caro!”* Camélia traz um livro: *“A Importância das coisas simples”*. Nunca gostou de ler porque não entende, mas se interessou por este e está apreciando bastante. Quer compartilhar com o grupo e fala de um texto sobre “aniversário”, que será lido por sua filha quando ela chegar. A moça esteve na reunião anterior contando de sua bolsa de estudos numa Universidade e foi convidada para a festa. Ao chegar, lê o texto para o grupo. Comemoramos neste dia, o aniversário de Papoula e a importante conquista da jovem. Após cantarmos parabéns, Papoula chora emocionada e comenta: *“Tenho 53 anos e essa é minha primeira festa de aniversário. Uma vez tive um bolo, mas foi só. Este é o meu segundo bolo de aniversário”*.

Durante uma avaliação de final de ano, todas as mulheres relatam melhora.

Palma acha que já melhorou muito. Conta que ao chegar no grupo, sofria de insônia resistente à medicação e mal tinha coragem para sair de casa sozinha. Atualmente, consegue dormir e se expressa com mais facilidade. Relata que uma das coisas que mais lhe deu forças foi constatar que os seus problemas eram muito comuns dentro da sua própria comunidade e que, inclusive, havia pessoas com dificuldades piores do que as suas, e que, ainda assim, conseguiam superá-las. Sai do grupo mais animada, por ter recebido apoio das companheiras e também por ter “desabafado”. Entretanto, muitas vezes, sente-se angustiada quando ouve depoimentos de pessoas que não estão bem.

Ametista sente-se envergonhada em confessar que faz uso de “calmantes”, mas logo se tranqüiliza ao tomar conhecimento de que as colegas também lançam mão desse recurso.

Rubi demonstra estar mais autoconfiante por realizar sua vontade. Quando quer passear, ainda que seu marido não possa acompanhá-la, convida a neta para visitar alguma amiga e conversar um pouco. Também sente menos dores e dorme melhor.

Margarida afirma que no grupo aprendeu a lidar de forma diferente com seus problemas. Mudou sua “tática” com relação ao marido.

A idealizadora dessa atividade também fez uma avaliação. Segundo sua percepção, as mulheres melhoraram seus relacionamentos pessoais e encontraram uma forma melhor de lidar com seus sofrimentos diários. Entretanto, preocupa-se em agregar novas participantes. Considera um privilégio a comunidade contar com o trabalho de uma psicóloga. Entende que mais mulheres deveriam aproveitar esse benefício e lamenta que nem todas as convidadas cheguem ao grupo.

A possibilidade de expressar-se e a troca de experiências são fatores que relativizam os problemas e produzem conhecimento.

Para Maria Waldenez de Oliveira (2003), diálogo é encontro entre seres humanos que pronunciam o mundo e, após problematizá-lo, o repronunciam. É portanto, ato de criação e recriação que constrói consciência crítica. Entretanto, o diálogo pressupõe a visão do outro como sujeito de sua experiência e, portanto, de conhecimento.

Para um diálogo verdadeiro é imprescindível conviver. O convívio suscita perguntas e oferece respostas. Nos permite conhecer o outro e/no seu contexto. Amplia a compreensão da realidade, promove aprendizado mútuo e possibilita a construção de vínculos. Para conviver é necessário envolvimento pessoal. Estar junto e colocar-se sem fazer disso um instrumento de dominação.

O Grupo de Mulheres é um grupo aberto, permeado pela idéia de rede de cuidados e que tem na própria comunidade sua característica fundamental. É na comunidade que o grupo acontece e é lá que as pessoas (con)vivem. A comunidade é, portanto, o território de um determinado modo de vida, apesar da singularidade de cada vida.

Adalberto Barreto considera que toda cultura, assim como todo indivíduo, tem direito à diferença. A cultura nutre a identidade do ser humano, é elemento de referência na construção da identidade pessoal e grupal e é só a partir desta referência que é possível se afirmar, se aceitar, se amar, para então amar os outros e assumir uma identidade como pessoa e cidadão. Numa comunidade, as pessoas *pertencem a uma*

mesma cultura, partilham os mesmos recursos de comunicação e mantêm, entre si, laços de identidade (BARRETO, s/d)

Em nosso grupo nos propomos a acolher o sofrimento, trocar experiências e também nos alegramos. Juntas, buscamos ampliar nossa compreensão da realidade, bem como identificar e fortalecer as capacidades de cada uma e do grupo em encontrar saídas para seus sofrimentos. Não há soluções prontas para os problemas e, sim, construções que apontam possíveis modos de caminhar.

Winnicott⁵ lançou luz sobre o desenvolvimento humano, ao mostrar a relação entre o objeto transicional, o brincar e a vida cultural futura. Para ele, a transicionalidade, o jogo e a criatividade são elementos essenciais em uma situação terapêutica.

Partindo de sua observação como pediatra, correlaciona hábitos infantis corriqueiros, como chupar dedo, acariciar lençóis e fronhas e agarrar-se ao seu brinquedo de estimação para dormir, com as ansiedades de separação da figura materna. Designou-os de objetos e fenômenos transicionais, aos quais a criança se liga para substituir, transitoriamente, a figura materna, da qual precisa se individualizar. Esta é a primeira possessão “não-eu”. São vivenciados como objetos ao mesmo tempo internos e externos e localizam-se, segundo o bebê, dentro, fora e na fronteira entre bebê e mãe. Sua importância não é tanto seu valor simbólico e, sim, seu valor real. *O fato de ele não ser o seio (ou a mãe), embora real, é tão importante quanto o fato de representar o seio (ou a mãe)* (WINNICOTT: 1975,19)

Esta é a área intermediária de experiência, considerada por Winnicott, como a terceira área do ser humano, que se agrega ao interno e ao externo, com a qual se relacionam o pensar e o fantasiar. À medida que o bebê cresce, os objetos transicionais vão sendo substituídos por fenômenos mais abstratos – fenômenos transicionais.

Para Winnicott, são essas experiências que possibilitam o simbolismo, a diferenciação entre fato e fantasia, realidade interna e externa, criatividade e percepção.

Segundo Julio de Mello Filho (1989) entre cada participante de um grupo cria-se uma área de experimentação, um espaço-potencial, aonde vai se desenvolver a “interação-terapia”. Esse espaço intermedeia as relações entre os participantes, *constituindo-se numa ampla zona de troca de experiências, de informações, onde, dentre outras produções, vão se desenvolver a criatividade e a cultura próprias daquele grupo* (MELLO FILHO, 1989, 191).

Para este autor, é a existência desta área de ilusão e realidade que propicia as grandes contribuições do grupo para o processo terapêutico. A existência desse espaço potencial-transicional em um grupo que funcione em clima de liberdade favorece a criatividade. O uso do brincar pode ser vivido como uma atitude de aproximação, além de sugerir que a vida pode ser vivida de modo diferente.

Winnicott postulou que o olhar materno é o primeiro espelho do ser humano: *Quando olho, sou visto, logo existo* (MELLO FILHO, 1989, 196). No grupo, cada participante reflete a imagem real do outro e também o que vê *com os olhos do inconsciente* no outro. Em contrapartida, pode se ver através do outro. Ser olhado e reconhecido nos permite estruturar nossa identidade através de um “self” (si mesmo) mais íntegro e harmônico.

Parafraseando Winnicott, Mello Filho afirma que no grupo: “vemos e somos vistos, logo existimos”. Desta forma, coloca o grupo como um espaço onde as interações e trocas adquirem potencial transformador.

Pensar em que medida o sistema de saúde é capaz de incorporar esta perspectiva, é um desafio que merece a atenção da saúde pública. Uma pergunta se coloca: Seria viável tomar grupos de convivência como forma de cuidado em saúde?

Com manifestações múltiplas e em busca de reconhecimento, o sofrimento difuso chega nas igrejas, nos grupos organizados por entidades prestadoras de serviços sociais e também aos serviços de saúde. Neste último, a lógica de trabalho vigente tende a oferecer uma escuta especializada que busca enquadrar na nosografia clássica, os relatos do sofredor.

Pressionados por uma demanda superior às possibilidades de atendimento e pelas exigências burocráticas de cumprimento de metas estatísticas, os profissionais de saúde, mesmo nos serviços de atenção básica enfrentam, no cotidiano, inúmeras dificuldades. Pouco conhecimento acerca da realidade local e das necessidades da população, impotência diante dos problemas conseqüentes a essa realidade e dificuldades de encaminhamento para serviços de maior complexidade, são alguns fatores de estresse para os profissionais de saúde.

A incapacidade de contextualizar os problemas, oriunda da negação da realidade adversa e suas conseqüências danosas, gera uma postura tendente a considerar os sintomas independentes do sujeito, como uma entidade autônoma que passa a ser o alvo

da intervenção terapêutica. Tal prática potencializa a impessoalidade do sistema que acaba por gerar em todos, impotência e desânimo.

O Movimento da Reforma Psiquiátrica, propõe um novo olhar para o velho sofrimento fazendo emergir outras possibilidades de cuidado capazes de agregar atores sociais diversos. Se o louco é um sujeito e não um organismo deficitário, a loucura torna-se uma possibilidade humana e portanto, responsabilidade de todos e não uma categoria médica.

Para Benedetto Saraceno (1999), um serviço deveria ser um “lugar” (constituído de uma multiplicidade de lugares / oportunidades comunicantes) permeável e dinâmico, onde as oportunidades encontram-se continuamente à disposição de todos. Entre suas características deve estar a flexibilidade e a diversificação, *a partir de uma crítica ao serviço como produtor de uma oferta fechada à qual o paciente deve se adaptar, sob pena de expulsão* (SARACENO: 1999, 96).

Saraceno considera um bom serviço aquele com alta integração interna e externa, ou seja, onde a permeabilidade dos saberes e dos recursos prevalece. Por integração interna, compreende o conjunto de estratégias organizativas e afetivas de um serviço, enquanto que a integração externa, refere-se à permeabilidade do serviço a saberes e recursos circunstantes a ele que, em geral, não são vistos nem tampouco utilizados.

Um serviço pode se organizar de modo a reproduzir respostas estereotipadas às demandas, adaptando a singularidade e complexidade do sofrimento a uma organização cristalizada e indiscutível ou pode adaptar o saber à especificidade da situação, estratégia imprescindível para aprender: *a reanimação de si mesmo, a distinguir entre os gestos, as noções, os instrumentos que podem verdadeiramente servir para lutar contra o sofrimento e os componentes “parasitas” da identidade profissional* (SARACENO: 1999, 97).

Assim, a integração interna do serviço referida por Saraceno, inclui a adoção de um modo de trabalho⁶ com alto consumo afetivo, intelectual e organizativo, onde existem recursos disponíveis, competências flexíveis e uma organização orientada para as necessidades do paciente e não do serviço.

Segundo Saraceno, a noção de recurso é pouco clara, não apenas na psiquiatria, como, provavelmente, também na medicina. A integração externa de um serviço é função não só dos recursos existentes, mas de sua visibilidade e ativação.

Para o autor, muitos recursos existentes são deixados inativados – “recurso escondido”. Estes, são recursos não explicitamente pertencentes ao sistema sanitário, mas potencialmente agregável e ao mesmo tempo gerador de transformações do modo de trabalho.

Saraceno considera a comunidade na qual se encontra o serviço, uma fonte inexaurível de recursos existentes e potenciais, tanto humanos quanto materiais e com a qual o serviço pode entrar em relação através de processos de interação / integração: *a comunidade é uma realidade complexa e que exprime interesses contrastantes e eu me coloco como interlocutor, continuamente gerando alianças e conflitos* (SARACENO: 1999, 101).

Numa comunidade, suas instituições formais ou informais – paróquias, sindicatos, associações esportivas, etc - representam recursos potenciais de um serviço que oportunizam articulações capazes de produzir sentido, contratualidade e bem-estar.

Trata-se, portanto, de uma profunda transformação na lógica do trabalho, onde o cuidado à saúde implica no reconhecimento do outro como sujeito e na utilização de recursos e saberes múltiplos, com ênfase nas competências. O trabalhador de saúde atua como negociador de interesses diversos, capaz de organizar estratégias de ações adequadas às necessidades demandadas.

A experiência de Quatro Varas nos fala das diversas possibilidades de utilização dos recursos comunitários.

Quatro Varas é uma das 110 comunidades organizadas do Pirambu, a segunda maior favela do Brasil, situada em Fortaleza no Ceará. Sua história começa quando operários desempregados em função do fechamento da fábrica onde trabalhavam, ocupam parte das instalações como moradia e assim iniciam um movimento de luta por seus direitos, com o auxílio de um advogado – Dr Airton Barreto. Em assembléia, os moradores escolhem o nome da comunidade, atendendo a sugestão de um velho habitante do local, após seu relato sobre uma lenda. Segundo contam, há muito tempo, um velho homem perto de morrer, chamou seus quatro filhos e mandou que eles fossem à floresta e trouxessem uma vara cada. Ao retornarem, o velho pediu que cada um quebrasse sua vara e eles o fizeram com a maior facilidade. Depois, o senhor amarrou-as com uma corda e mandou que os filhos tentassem quebrá-las novamente. Nenhum deles conseguiu e o velho então disse: meus filhos, eu não tenho riquezas nem bens para deixar para vocês. Apenas essa lição. Enquanto vocês estiverem unidos, nada, nem

ninguém, vai conseguir quebrá-los, separá-los. Mas se vocês se separarem, ficarão fracos.

Airton, morador do Pirambu e coordenador do Centro dos Direitos Humanos do Pirambu – amor e justiça, fundou um centro de atendimento jurídico destinado às pessoas que têm seus direitos humanos violados. Sempre que necessário, Airton encaminhava pessoas em situação de conflito e/ou sofrimento psíquico para o Hospital das Clínicas da Universidade Federal do Ceará (UFC) para os cuidados do seu irmão – Dr Adalberto Barreto, psiquiatra, antropólogo e professor de medicina social na Faculdade de Medicina da UFC. Em função do grande número de pessoas que lá chegavam em busca de ajuda, Adalberto resolve transferir seu trabalho para a comunidade. Juntamente com seus alunos se reúne com os moradores da comunidade à sombra de um cajueiro e propõe uma nova modalidade de terapia: a partilha da sabedoria que cada um aprendeu com sua vida. Assim, nasce o Projeto Quatro Varas que desenvolve várias atividades, sempre buscando potencializar os recursos locais, estimular a troca e a construção de redes de apoio. A Terapia Comunitária parte de uma situação problema trazida por um participante do grupo e discutida por todos os outros a partir de suas próprias experiências. No grupo não é permitido fazer julgamentos, dar conselhos, fazer sermões ou interpretações. Cada participante pode relatar experiências vividas – sempre na primeira pessoa – que tenham a ver com a situação problema em discussão e o que fez para superá-la. A função do terapeuta comunitário é de suscitar a capacidade terapêutica do próprio grupo.

A partir das sessões de terapia comunitária, foi possível conhecer melhor os modos de viver daquela coletividade e aos poucos foram criados outros espaços para responder as necessidades mais específicas da comunidade, como o Ateliê de Arte e Terapia, a Farmácia Viva e outros. O projeto tem se expandido pelo Brasil e inúmeros cursos de formação de terapeutas comunitários realizados em várias cidades do país.

Tais experiências falam a favor de outras possibilidades de organização e atuação dos serviços.

Integrar-se à comunidade acolhendo suas experiências e aceitando seus desafios, significa potencializar recursos e, também, contextualizar-se enquanto serviço, colocando-se como “negociador” entre interesses diversos, de modo a garantir não a ausência de conflito, mas o seu governo. Não se trata aqui de institucionalizar a solidariedade e a humanização da atenção, mas de cultivá-las num processo de

transformação da lógica de trabalho, capaz de gerar modos mais criativos e eficazes de cuidado à saúde.

No meu entender, cabe a saúde pública o papel de facilitador desse processo, estimulando a reflexão e legitimando os diversos saberes.

⁴ Girassol teve participação marcante no grupo. Infelizmente, não foi possível tê-la como uma das entrevistadas.

⁵ In: Mello Filho, J. O Ser e o Viver: uma visão da obra de Winnicott

⁶ Saraceno utiliza a expressão *stile di lavoro* usada na literatura psiquiátrica italiana progressista e traduzida por “estilo de trabalho”. O autor, entretanto, explicita que tal tradução prejudica uma compreensão mais profunda do seu significado pelos anglo-saxões. Optei pela expressão modos de trabalho por acreditar que expressa melhor a idéia à qual se refere.

CONCLUSÕES

Ouvir os relatos dessas mulheres é comovente. Não há como deixar de ser tocada pela emoção. Ao longo dos nossos encontros e durante todo tempo em que, solitariamente, me debrucei sobre o material de campo, não pude evitar sorrisos, lágrimas e um sentimento de imenso prazer em conhecê-las.

Esse desconforto intermitente, obscuro e inominável registrado ao longo do trabalho, penso ser a expressão do sofrimento difuso. Aquele mal-estar e descontentamento inseparável e comum - como foi identificado pela prestadora de serviço social local - às pessoas desassistidas em praticamente todos os campos de sua existência.

Em luta constante por almejem reconhecimento, pertencimento, e recebendo como resposta serem mantidas alijadas dos seus direitos e das políticas públicas, a solidão, a baixa-estima, o desamor, a dor, enfim o sofrimento se instala de forma tão contundente que corpo e alma se reúnem num contingente de desesperança.

A vida na Maré “é uma parada dura”. Entretanto, apesar das dificuldades, as mulheres não desistem. Cuidam dos filhos e da casa, carregam água, defendem algum trocado, “quase morrem” de medo e de cansaço, mas têm “coração bom”. Resistem e em suas idas e vindas, entre a escola e a igreja, entre o armazém e o armarinho, tecem a solidariedade em seu espaço.

É bem verdade que por vezes, com tantos problemas e preocupações, “sentem-se perturbadas”, “entram em pânico”, não conseguem mais “enfrentar a realidade” e sofrem.

Desconsiderado pela saúde pública e desvalorizado por uma sociedade cada vez mais veloz, cujo projeto dominante enfatiza as avaliações quantitativas e a sofisticação tecnológica, o sofrimento torna-se difuso. Na busca de acolhimento, se apresenta travestido do que é reconhecido pela sociedade, adquirindo assim, características mutáveis.

É possível traçar os caminhos dos seus sofrimentos. Vão aos serviços de saúde, à igreja, participam de projetos sociais e também do grupo de mulheres... Algo nesta trajetória é comum: a busca de construção de vínculos e de esperança em uma vida melhor.

Ao se agruparem, sinais de mal-estar, que até então pareciam pertencer a cada uma, gerando sentimento de incapacidade, se inserem num determinado modo de viver e adquirem novos sentidos.

Importante ressaltar a opção do grupo como um espaço de troca e de resistência, ou seja uma possibilidade de falar de si, dos seus temores, de seus desejos, de suas conquistas, de suas histórias, de suas frustrações e de suas ilusões. Facilitando entrar em contato com seus sentimentos e emoções. Dessa forma se permitiram construir um lar, ainda que incipiente, para suas mentes inquietas repousarem e, também, nos dizem que precisam e desejam sobreviver enquanto sujeitos.

Com a convivência no grupo, aos poucos foram se entrecruzando enxaquecas, desgostos, preocupações, insônias, desânimos e falta de perspectivas. O singular e o coletivo compartilhado traçaram um novo desenho para as dores do corpo e da alma. Ao partilharem o sofrimento, não estão mais sós. A convivência cria sentido de pertencimento, resgata valores culturais e possibilita a participação, o diálogo e a reflexão, permitindo que cada uma possa vir a ser agente de sua própria transformação.

Ao falar de seu problema, a mulher transmite sua visão de mundo e comunica seu sofrimento. Sua história traz à tona a dor, antes silenciada, das outras mulheres. No diálogo que objetiva o sofrimento é possível refletir e socializar o conhecimento elaborado ao longo de suas vidas. Mais ainda, é possível construir novos conhecimentos a partir das diferentes vivências. Compartilhar problemas e sofrimentos fortalece os vínculos afetivos e gera cumplicidade na busca de soluções possíveis como também recria o espaço para a esperança e solidariedade. (BARRETO, s/d).

Pertencer a um grupo permite experienciar o outro numa atitude recíproca de interioridade (PAIVA, 2003). Este pertencimento significa enraizar-se no cotidiano do outro e também no reconhecimento de sua própria existência, afinal é preciso o olhar do outro para ser percebido. A construção do sujeito, é um processo que só ocorre na intersubjetividade, ou seja na e com a presença do outro. As participantes do grupo perceberam suas semelhanças e juntas trocam experiências, oferecem e recebem ajuda. O problema vivido por uma, muitas vezes se transforma em competência para ajudar quem precisa. A vivência que uma delas experimenta hoje é sempre uma possibilidade de todas as outras.

O grupo é fruto de uma atitude espontânea de sua idealizadora, mulher visionária e de singular sensibilidade, que prestava serviço na comunidade e pôde perceber na convivência em grupo um campo-potencial, não só para o desenvolvimento pessoal das

mulheres que recorriam a ela em busca de alento, mas também para o fortalecimento da identidade cultural e ampliação das redes sociais. Essa experiência de acolher essas pessoas sem voz e sem visibilidade, em um grupo para dialogarem sobre seus sentimentos e buscarem significado para os mesmos, a meu ver, se constitui numa alternativa simples e viável de cuidado em saúde.

A oportunidade de serem ouvidas e respeitadas em suas falas quer sejam elas queixosas, quer sejam de ânimo , de descoberta , de medo , de raiva , de fé religiosa , ou de preocupação com seus familiares demonstrou ser de grande importância em suas vidas.

Mas não só. Ao tecer relações de confiança o grupo se oferece como espelho da realidade local e reflete nuances das delicadas situações de vida da comunidade.

A convivência mostrou ser um valioso instrumento metodológico para o conhecimento dos modos de vida e das necessidades de um determinado local e de seus habitantes.

Ali, onde se imbricam as condições e as experiências de vida, o objetivo e o subjetivo, o individual e o coletivo, reside a possibilidade de transformação. A inclusão do subjetivo significa a inclusão do olhar do outro e, portanto, a oportunidade de construção de um conhecimento não excludente e de uma prática mais acertada.

Mesmo reconhecendo que a classe trabalhadora vive problemas específicos vinculados às condições de suas vidas, não podemos deixar de pensar no sofrimento como um mal-estar próprio de um modo de vida de uma sociedade que consome bens materiais, símbolos de status e também a vitalidade de corpos e mentes utilizados na indústria do lucro. Uma sociedade que de um lado, produz uma realidade social cruel apoiada no individualismo, na competição, no tédio e no medo e, de outro, os meios de fuga desta realidade.

Para pensarmos numa saúde pública mais comprometida com as possibilidades de vida e, portanto com a saúde, é necessário considerar o sujeito e seu sofrimento.

No grupo, coube a mim, enquanto coordenadora, mediar o intercâmbio das relações, facilitar a troca de experiências, potencializando as competências de cada participante, valorizando seus recursos e suas descobertas. Para tanto, foi necessário manter um clima de liberdade, acolhedor e respeitoso a fim de garantir o direito a fala, clarificar as mensagens e explicitar os interditos. Mas, principalmente, estar junto. Olhar para elas e me permitir ser olhada por elas, com todas as nossas diferenças e semelhanças.

O sofrimento, difuso em suas expressões e causas, é um pedido de socorro pleno de humanidade e esperança. A mulher que sofre necessita falar, mas seu desejo é o de ser ouvida e assim poder atribuir sentido ao seu discurso. Busca o reconhecimento não apenas de suas amarguras, mas também de seus anseios. De posse da sua subjetividade a dor, agora reconhecida pelo outro, pode ser identificada e transformada em desafio na busca de soluções, fortalecendo recursos antes dispersos.

Ao término do grupo de convivência, continuam morando na Maré e enfrentando as dificuldades da vida cotidiana. Entretanto, podendo ser um pouco mais senhoras de si, lhes é possível “abrir a porta” e olhar para aquilo que – como já imaginavam - está do outro lado.

Nas palavras de Esmeralda:

Porque, se você abrir uma porta, você vê que tem o outro lado de lá, você não esquece o lado de cá, não vai dar. Então, o grupo ajuda, ajuda a você ter coragem, aquela coragem de você poder abrir a portinha pra ver o que está do outro lado. Aí, você vai em frente e vê: ah, o mundo é assim!

BIBLIOGRAFIA

- BARRETO, A. As doenças da alma dos excluídos. Universidade Federal do Ceará, s/ data.
- BARRETO, A. Terapia Comunitária passo a passo. Universidade Federal do Ceará, s/ data.
- BERLINGUER, G. A Doença. São Paulo: EDITORA HUCITEC, 1988.
- BOURDIEU, P. “Compreender” In: BOURDIEU, P. (org) A Miséria do Mundo. Petrópolis: Ed. Vozes, 1997
- CARVALHO, M.A.P; ACIOLI, S.; STOTZ, E.N. O processo de construção compartilhada do conhecimento: uma experiência de investigação científica do ponto de vista popular. Comunicação apresentada no VI Congresso Brasileiro de Saúde Coletiva. Salvador, agosto de 2000.
- Centro de Estudos e Ações Solidárias da Maré (CEASM). A Maré em dados: Censo 2000 – Quem Somos? Quantos Somos? O Que Fazemos? Rio de Janeiro. Ed. Maré das Letras, 2003.
- COSTA, J. F. A consciência da doença enquanto consciência do sintoma: a “doença dos nervos” e a identidade psicológica. Cadernos IMS, Rio de Janeiro, 1(1):4-44,1987.
- DUARTE, L. F. D. A Outra Saúde: Mental, Psicossocial, Físico-Moral? In: ALVES P. C. & MINAYO M. C. (org). Saúde e Doença – um olhar antropológico. Rio de Janeiro, 1994.
- FREUD, S. “O Futuro de uma Ilusão” In: Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago Editora, vol XXI
- ILLICH, I. A Expropriação da Saúde – Nêmesis da Medicina. Rio de Janeiro: Ed Nova Fronteira S. A, 1975.

KRISTEVA, J. As Novas Doenças da Alma. Rio de Janeiro: Editora Rocco, 2002

LACERDA, A; VALLA, V. “Homeopatia e Apoio Social: Repensando as Práticas de Integralidade na Atenção e no Cuidado à Saúde” In: PINHEIRO, R; MATTOS, R. A de (Org). Construção da Integralidade: cotidiano, saberes e práticas em saúde. Rio de Janeiro: UERJ, IMS: ABRASCO,2003.

LEFÈVRE, F. O Medicamento como mercadoria simbólica. São Paulo: Cortez Ed, 1991.

LEFÈVRE, F; LEFÈVRE, A. M. C. Discurso do Sujeito Coletivo: um novo enfoque em pesquisa qualitativa. Caxias do Sul, RS: EDUC, 2003

LIMA, J.C.C. Solidão e Contemporaneidade no Contexto das Classes Trabalhadoras. Revista Psicologia Ciência e Profissão, 2001, 21 (4).

LOBO, E. S. “Caminhos da sociologia no Brasil: modos de vida e experiência”. In: Tempo Social. Revista de Sociologia da USP, vol 4 nº 1-2, 1992 (editado em 1994)

MACEDO, C. C. A Reprodução da Desigualdade. São Paulo: Ed Vértice, 1985

MARTINS, J. S. Exclusão Social e a Nova Desigualdade. São Paulo: Ed. Paulus, 1997.

MELLO FILHO, J. O Ser e o Viver: uma visão da obra de Winnicott. Porto Alegre: Artes Médicas, 1989.

NASCIMENTO, M. C do. Medicamentos: ameaça ou apoio à saúde? Comunicação apresentada no VII Seminário do Projeto Racionalidades Médicas, coordenado por Madel T. Luz. Instituto Medicina Social – UERJ: Rio de Janeiro, 1999.

OLIVEIRA, R. W de. Processos educativos em trabalhos desenvolvidos entre comunidades: perspectivas de diálogo entre saberes e sujeitos. São Carlos: UFSCar, 2004.

OLIVEIRA, R. M; VALLA, V. V. As condições e as experiências de vida de grupos populares no Rio de Janeiro: repensando a mobilização popular no controle do dengue. Rio de Janeiro: Cad. de Saúde Pública, 17 (suplemento):77-88, 2001

PAIVA, R. O Espírito Comum: Comunidade, Mídia e Globalismo. 2ª edição. Rio de

Janeiro: MAUAD, 2003.

PEREIRA, W.C.C. O adoecer psíquico do subproletariado. Belo Horizonte: SEGRAC, 1990

PROJETO REDES SOCIAIS *ELOS*

SABROZA, P.C. Saúde Pública: Procurando os Limites da Crise. Rio de Janeiro, agosto de 1994.

SANTOS, M. Pobreza Urbana. São Paulo: Editora Hucitec, 1979.

SARACENO, B. Libertando Identidades. Da reabilitação psicossocial à cidadania possível. Belo Horizonte / Rio de Janeiro: Te Corá Editora / Instituto Franco Basaglia, 1999.

SAVI, E. “Relatório Final da Região da Maré” In: VALLA, V. V; STOTZ, E. N; GUIMARÃES, M. B. L. (coord): Os Impasses da Pobreza Absoluta. Relatório da Pesquisa: Vigilância Civil da Saúde na Atenção Básica – Uma Proposta de Ouvidoria Coletiva na AP 3.1, Rio de Janeiro. Pesquisa do PED. Fiocruz, 2005.

SILVEIRA, M. L. O Nervo Cala, O Nervo Fala: a linguagem da doença. Rio de Janeiro: Editora FIOCRUZ, 2000.

STEIN, G. “Psicanálise compartilhada: atualização”. In: ZIMERMAN, D.; OSORIO, L. C. et al. Como Trabalhamos com Grupos. Porto Alegre: Artes Médicas, 1997.

STOTZ, E.N. “Saúde pública e movimentos sociais em busca do controle do destino” In: VALLA, V.V.; STOTZ, E.N. (org) Educação, Saúde e Cidadania. Petrópolis, RJ: Ed Vozes, 1994.

TELLES, V.S. A nova questão social brasileira: ou como as figuras do nosso atraso viraram símbolo de modernidade. Caderno CRH, Salvador, Centro de Recursos Humanos da UFBA, nº 30/31, pp. 85-110, jan./dez. 1999.

VALLA, V.V. “O que a saúde tem a ver com a religião”. In: VALLA, V. (org) Religião e cultura popular. Rio de Janeiro: DP&A, 2001

WACQUANT, L. Os condenados da cidade. Rio de Janeiro: Revan; FASE, 2001

WINNICOTT, D.W. O Ambiente e os Processos de Maturação. Porto Alegre: Sulina, 1983.

WINNICOTT, D. W. O Brincar e a Realidade. Rio de Janeiro: Imago Editora Ltda, 1975

ZIMERMAN, D. “Fundamentos teóricos”. In: ZIMERMAN, D.; OSORIO, L. C. et al. Como Trabalhamos com Grupos. Porto Alegre: Artes Médicas, 1997.

ZIMERMAN, D. “Classificação geral dos grupos”. In: ZIMERMAN, D.; OSORIO, L. C. et al. Como Trabalhamos com Grupos. Porto Alegre: Artes Médicas, 1997.

ROTEIRO DAS ENTREVISTAS

As entrevistas serão norteadas por perguntas abertas que permitam traçar a trajetória de vida de cada mulher até chegar a Maré, buscando compreender sua motivação para freqüentar o grupo de convivência e sua visão sobre o grupo.

1) Dados pessoais:

- 1.1 pseudônimo para ser chamada na pesquisa
- 1.2 idade
- 1.3 estado civil
- 1.4 filhos / quantos / idade deles
- 1.5 profissão
- 1.6 trabalho
- 1.7 local de nascimento

2) História

- 2.1 Um pouco sobre a família de origem
- 2.2 Um pouco da sua infância
- 2.3 Um sonho do passado
- 2.4 O que a trouxe para a Maré (caso seja pertinente)

3) Vida Atual

- 3.1 Relações familiares
- 3.2 Relações sociais (com a comunidade)
- 3.3 Um sonho do presente

4) O Grupo

- 4.1 O que levou você ao grupo de mulheres?
- 4.2 O que motivou você a participar do grupo?
- 4.3 O que levou você a se afastar do grupo?
- 4.4 Estar em grupo ajuda as pessoas a expressarem e enfrentarem seus sofrimentos?
- 4.5 Quais as dificuldades de participar de um grupo de convivência?
- 4.6 Você gostaria de reviver a experiência de participar de um grupo de convivência?

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Você está sendo convidado para participar da pesquisa – **O Sofrimento Difuso das Mulheres na Maré: Estudo sobre a experiência de um grupo de convivência.** Você foi selecionado por ter participado do grupo de convivência feminino e sua participação não é obrigatória. A qualquer momento você pode desistir de participar e retirar seu consentimento. Sua recusa não trará nenhum prejuízo em sua relação com a pesquisadora ou com a instituição.

O objetivo deste estudo é entender o grupo de convivência como uma forma de exprimir e lidar com o sofrimento.

Este estudo poderá contribuir para o conhecimento de formas alternativas de cuidados da saúde que considerem as experiências adquiridas pelas pessoas, ao longo de suas vidas, na tentativa de lidar com os problemas cotidianos que lhes trazem sofrimento.

A sua colaboração na pesquisa constará de uma entrevista onde conversaremos sobre o grupo, buscando compreender se esta forma de cuidado à saúde ajuda na expressão e superação do sofrimento.

O seu depoimento será gravado, caso você permita, ou registrado posteriormente por escrito. Se você permitir a gravação, depois de feita a transcrição, as fitas serão desgravadas. As informações obtidas através da entrevista serão confidenciais e asseguramos o sigilo sobre sua participação. Possivelmente a pesquisa será publicada, mas sempre que forem utilizados os registros, integralmente ou em parte, não haverá qualquer possibilidade do leitor identificar as pessoas que forneceram seus depoimentos ou simplesmente participaram de reuniões do grupo.

Esta pesquisa faz parte dos estudos para conclusão do curso de mestrado de **Elaine Sandra Amorim Savi**, realizado na Escola Nacional de Saúde Pública da

FIOCRUZ. As entrevistas serão realizadas em sala do ELOS – Núcleo de Estudos Locais em Saúde, situado à Av. Brasil, 4036 sala 905.

Precisando entrar em contato comigo, posso ser encontrada neste endereço ou no tel. 2260-7453

Elaine Sandra Amorim Savi

ELOS/ ENSP/ FIOCRUZ

Av Brasil, 4036 sala 905

Tel 2260-7453

Declaro que entendi os objetivos, riscos e benefícios de minha participação na pesquisa e concordo em participar.

Sujeito da pesquisa

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Para finalizar meu curso de mestrado na Escola Nacional de Saúde Pública/FIOCRUZ, estou realizando a pesquisa – **O Sofrimento Difuso das Mulheres na Maré: Estudo sobre a experiência de um grupo de convivência.**

Como você participou do grupo de convivência feminino, solicito sua autorização para utilizar, em minha dissertação, relatos de nossos encontros. Sua autorização não é obrigatória e sua recusa não trará nenhum prejuízo em sua relação com a pesquisadora ou com a instituição.

O objetivo deste estudo é entender o grupo de convivência como uma forma de exprimir e lidar com o sofrimento.

Este estudo poderá contribuir para o conhecimento de formas alternativas de cuidados da saúde que considerem as experiências adquiridas pelas pessoas, ao longo de suas vidas, na tentativa de lidar com os problemas cotidianos que lhes trazem sofrimento.

Asseguro que os relatos utilizados na dissertação ou em possíveis publicações futuras serão feitos de forma a garantir o sigilo da identidade das participantes.

Precisando entrar em contato comigo posso ser encontrada no seguinte endereço:

ELOS – Núcleo de Estudos Locais em Saúde
Av. Brasil, 4036 sala 905.
tel. 2260-7453

ELAINE SANDRA AMORIM SAVI
ELOS/ ENSP/ FIOCRUZ
Av Brasil, 4036 sala 90 2260-7453

Declaro que entendi os objetivos, riscos e benefícios de minha participação na pesquisa e concordo em participar.

Sujeito da pesquisa

QUADROS PARA O DISCURSO DO SUJEITO COLETIVO

MOTIVAÇÃO PARA FREQUËNTAR O GRUPO DE MULHERES

Expressões-chave	Idéias Centrais	Ancoragem
<p>Era uma coisa tão intensa assim na minha cabeça... Então, assim, então, nessa época, eu tinha muito, muito medo dele [do marido]. Aí foi quando eu fui procurar [o grupo]. Eu falei 'ah, tem uma solução, ela [uma religiosa] me falou'. (...) Eu dava graças a Deus quando chegava aquele dia. (ESMERALDA)</p>	<p>Com muito medo do marido, está em busca de uma solução para sua vida. Sente-se aliviada em participar</p>	Sofrimento
<p>Aí, passei 32 anos casada com ele, só agüentando desaforo. Era briga, era bebida, então, era muita coisa. (MARGARIDA)</p>	Relação conjugal violenta	Sofrimento
<p>Eu gostava de estar ali pra ouvir também as pessoas, né, e saber o que tá acontecendo aonde a gente mora, e também falar um pouquinho, né. (ORQUÍDEA)</p>	<p>Busca de integração. Deseja conversar e saber das coisas.</p>	Sofrimento
<p>Foi depois que eu comecei a me enturmar, depois eu comecei a vim freqüentemente, aí, comecei a conhecer as pessoas mais (...) Aí, também comecei, comecei a gostar da senhora também.(...) Eu me sinto só. Eu não sei, eu acho que eu não gosto de ficar é só. Não gosto... eu gosto de estar sempre com uma pessoa por</p>	<p>Passa a participar do grupo depois que estabelece vínculos afetivos</p>	Sofrimento

<p>perto, eu não sei porque. Eu fico, assim, mais estressada. (CRAVO)</p>		
<p>A gente tinha aquele gosto, toda semana, a gente ficava contando (...) ficava naquela expectativa oh, terça-feira a dona doutora Elaine vai vir, ali era o encontro de todo mundo, ali a gente discutia tudo da nossa vida. (CRAVO)</p>	<p>Encontrar-se, conversar sobre as coisas da vida</p>	<p>Sofrimento</p>
<p>Ela conversou comigo, falou pra mim ir que eu ia gostar, aí eu fui. Mas eu fui mais pra escutar também. Eu tinha vergonha de falar. (...) Ah, principalmente essa parte do meu marido que usa drogas (...) Minha vida toda... Toda doída. (JASMIM)</p>	<p>Quer participar do grupo, mas tem vergonha de expor sua vida</p>	<p>Sofrimento</p>
<p>Então, aquele espaço ali quando eu colocava o meu trabalho, como eu falo sempre, eu não quero partir dessa vida, até porque eu tenho muito medo de morrer, tá, sem deixar isso registrado mesmo pra comunidade como um histórico mesmo, que foi a minha luta, (...) isso pra mim foi muito marcante. Foi uma coisa, assim, sofrida, mas foi um sofrimento que deu fruto, que eu acho que com o tempo, as pessoas, as mulheres, vão valorizar isso, vão, sabe, cair na real, o que é a mulher deixar a sua casa, seu filho. (CORUJA)</p>	<p>Freqüenta o grupo para ter um espaço onde seja possível ser reconhecida pelo seu trabalho</p>	<p>Reconhecimento</p>

EXPRESSÕES DO SOFRIMENTO

Expressões-chave	Idéia central	Ancoragem
Eu pensava que aqui [no Rio] também era diferente, entendeu? (MARGARIDA)	Esperança na migração para o Rio	Migração
Quando eu cheguei aqui eu achei que era uma ilusão, que eu tinha entrado numa furada... (CORUJA)	Desilusão com a migração para o Rio	Migração
E eu ficava louquinha pra vim [para o Rio]. Mas eu queria vim solteira... (ESMERALDA)	Sonha em mudar-se para o Rio	Migração
Eu falei mesmo: a Congregação foi embora, o padre não gosta de conversar, a gente estamos abandonado, não tem, não tem mais com quem conversar. O grupo acabou. (ORQUÍDEA)	Abandono	Necessidade de Integração
Ah, como era bom! Eu chegava em casa toda aliviada, tão bom a gente poder falar, desabafar... É a coisa melhor que tem. Já sofri a vida toda calada, porque tem muita gente aí que é assim. Sente as coisas calada, não fala nada pra ninguém. Eu o quê? Eu vou morrer só o quê? Eu falo mesmo. (MARGARIDA)	Compartilhar, não sofrer calada e sozinha	Necessidade de Interação
A gente fica um pouco mais leve, né. De dividir um pouquinho, ne... o que tá acontecendo com gente, o que a gente passou com outra pessoa. (ORQUÍDEA)	Poder dividir os problemas com o outro faz se sentir mais leve	Necessidade de Interação
Por isso que eu desabafava e falava outras coisas, mas aquilo que estava me incomodando eu não falava. Mas aquelas outras coisas que eu fazia, e aquilo que tava me incomodando saísse naquelas outras coisas que eu falava, né, que eu falava, então, amenizava a minha situação . (CORUJA)	Falar, mesmo com reservas, ameniza o sofrimento	Necessidade de Interação
Era bom. O que a gente falava ali, ali mesmo ficava, entendeu? Ninguém sabia do	Convivência e confiança	Necessidade de Interação

que tava se passando. Ali mesmo a gente falava, ali, ali mesmo ficava. (MARGARIDA)		
Quando eu vou na rua eu fico sabendo de alguma coisa, aí, falo alguma coisa, mas também a gente não pode nem falar tudo porque a gente não sabe com quem a gente tá conversando, né, então, tem que vim pra casa. (ORQUÍDEA)	Não conviver, não conhecer a pessoa impossibilita a confiança	Necessidade de Interação
Eu acho que mais gente é melhor. Porque um fala uma coisa de um jeito, um fala de outro. E eu acho que a gente precisa disso”. (CRAVO)	Necessidade de troca	Necessidade de Interação
Era um momento que era bom, era um momento que a gente pára, é um momento que você conversa, é um momento que você conhece melhor aquela pessoa que é da própria comunidade, que você não tem aquele tempo de parar de dialogar, de conversar. (CORUJA)	Conhecer o outro, conversar	Necessidade de Interação
Eu sozinha em casa não tenho com quem conversar, né, só tenho o rádio e a televisão, mas tem hora que o radio e a televisão enche. (ORQUÍDEA)	Não tem com quem compartilhar a vida	Necessidade de Interação
E se eu ficar dois, três dias dentro de casa eu fico, assim, tipo, quando eu saio na rua eu tenho até medo de sair na rua. É tipo assim, eu não sei, eu não sei explicar. Não é sempre, não é sempre. Eu não gosto é de ficar é só. Sozinha eu me sinto muito... Eu não gosto. (CRAVO)	Insegurança e medo	Necessidade de Interação
Ah, quando a gente tem amigo, um quebra o galho do outro. Aí, quando eu to muito no desespero aí eu vou lá na igreja. (...) E... eu também faço alguma coisa para os outros, ganho um dinheiro, né, aí vou lá e compro alguma coisa. E é assim que eu to vivendo... (ORQUÍDEA)	Sobrevivência sem emprego	Pobreza
Porque no norte, por difícil que seja, mas não tem essa situação de vida, né, não	Vida em situação de miséria	Pobreza

<p>tem. Não existe esses barracos, não existe, assim, mendigo, existe uma pobreza, mas uma pobreza diferenciada da que a gente vê aqui, né. (CORUJA)</p>		
<p>Aí, foi onde a minha sogra pegou ela [a filha] pra tomar conta dela. Tá até hoje, né, porque eu trabalho, só que agora eu to desempregada, mas na época eu trabalhava e não podia ficar com ela. E eles também não queriam deixar ela na favela comigo porque uma criança na favela solta não dá certo, né, e a família dele [ex-marido] tem uma situação melhor, aí, ficou com ela. (ORQUÍDEA)</p>	<p>Situação de vida determinando a separação da mãe e da filha</p>	<p>Pobreza</p>
<p>Falei: você quer que eu vá roubar? Ele disse, não. Você quer que eu vá virar uma prostituta? Ele disse, não. Eu falei, pois é, então, tem que me ajudar. Porque eu já não sei mais o que fazer. Eu não sou... [chorando] eu não sou preguiçosa, eu não sou... mas eu não to conseguindo. Não tenho... Vou procurar como, de que jeito? Eu sei que ele me ouviu. Aí, quando eu disse pra ele que eu ia tomar chumbinho, (...). Aí, ele disse: você já parou pra pensar na cruz que Ele carregou por nós? (ORQUÍDEA)</p>	<p>Desespero por não conseguir trabalho</p>	<p>Pobreza</p>
<p>Ah, era muito difícil, meu Deus do céu! Ah, era muito difícil esses barracos de madeira. (MARGARIDA)</p>	<p>Dificuldade de viver em habitação precária</p>	<p>Pobreza</p>
<p>Foi, a chuva. Não dava nem pra entrar. Eu me deparei, assim, no ombro do vizinho e chorei muito. Não tinha nem como fazer. Foi muito difícil pra viver, foi muito difícil. (ORQUÍDEA)</p>	<p>Dificuldade de viver em habitação precária</p>	<p>Pobreza</p>
<p>Então, aí, é assim, chegava, a minha filha chegava e não tinha nem arroz com feijão de comida. Aí, de uns tempos desses pra cá ele parou de trabalhar. Parou de vez. Aí, ele só tava só comendo e fazendo briga dentro de casa. (MARGARIDA)</p>	<p>O marido pára de contribuir para o sustento da família, além de ser agressivo. Rompe-se o elo</p>	<p>Relações familiares / Casamento</p>

<p>Mas eu queria ter o amor, não tenho. Mas eu tento levar a minha vida desse jeito. Fazendo certo. (CRAVO)</p>	<p>Esvaziamento afetivo</p>	<p>Relações familiares / Casamento</p>
<p>Era um tempo bom e um tempo ruim. Então, eu não tinha pra onde correr. Com a casa cheia de filhos, um... Se... quando ele trabalhava, ele botava um bocado pra dentro de casa. E eu fui passando os tempos. A minha família também ajudava. As irmãs dele também ajudavam. Aí, foi passando, foi passando o tempo... Quando eu vim a abrir os olhos eu já tava velha, com cinquenta e poucos anos...De noite, eu fico deitada e fico pensando: Meu Deus, o quê que eu fiz da minha vida? (MARGARIDA)</p>	<p>Gastou sua vida sem poder usufruir</p>	<p>Relações familiares / Casamento</p>
<p>Eu tinha outro namorado e esse era muito legal. Que é coisa que nunca esqueço. Era muito, muito, muito, muito... bom. Não sei como é que pode as coisas, assim, desandar pra outro lugar de uma certa maneira, menina. Sei não, as coisas acontecem... (ESMERALDA)</p>	<p>Desapropriação de si mesma</p>	<p>Relações familiares / Casamento</p>
<p>Eu fico pensando, se eu largar... mal ou ruim, ele dá as coisas pras crianças. Se eu largar, quem é que vai me ajudar com essas crianças? Aí, eu não sei mais o que eu penso. (JASMIM)</p>	<p>Aprisionada à necessidade</p>	<p>Relações familiares / Casamento</p>
<p>Torcendo pra que dê certo, porque é muito ruim os filhos viver sem o pai. (ESMERALDA)</p>	<p>Pelos filhos, tenta manter o casamento</p>	<p>Relações familiares / Casamento</p>
<p>Não sei o quê que foi, só sei que eu fiquei com ele até o fim. Enquanto eu não agüentei mais, eu fiquei. (MARGARIDA)</p>	<p>Suportar o conflito até o limite</p>	<p>Relações familiares / Casamento</p>

<p>Eu não podia rir, não podia respirar, não podia falar, não podia olhar, não podia nada, nada, nada, nada... Então, aquilo ali é muito ruim pra gente, pra nossa vida, pra minha vida. (ESMERALDA)</p>	<p>Submissão a uma relação conjugal opressora</p>	<p>Relações familiares / Casamento</p>
<p>Se ele [o marido] pegasse mais no pé deles [dos filhos], eu pego, né, mas eu acho que se ele me ajudasse mais, eles ia aprender mais. Os dois pegando, né, as acrianças, eu acho que se desenvolve mais. (...) Porque no mundo de hoje tem que se preocupar, tem que pegar no pé. Então, eu acho que eu sozinha eu não vou conseguir. Eu sozinha eu fico pensando: eu não vou conseguir educar tanto assim. (JASMIM)</p>	<p>Fragilidade, falta de confiança em si mesma</p>	<p>Relações familiares / Cuidado com os filhos</p>
<p>Eu tomo cuidado. Outro dia ele falou: “ah, mãe a senhora não deixa nem eu ficar aqui”, eu digo: Não! Fica dentro de casa. Não tem televisão? Não tem rádio? Já fez seus deveres? Quando fizer isso tudinho e não quiser fazer mais nada vai dormir pra descansar. Aí, graças a Deus, meus filhos até hoje – não sei de amanhã em diante, né porque ainda tem os pequenos ainda e não sei o que vai acontecer – mas até hoje agem pela cabeça deles..</p> <p>(MARGARIDA)</p>	<p>Cuidado com os filhos</p>	<p>Relações familiares / Cuidado com os filhos</p>
<p>Aí, eu falei pro padre que eu tava muito... Eu tava com raiva mesmo porque a gente bota o filho no mundo e a gente faz tudo pro filho responder? “Ah, o que você fez com ele?”, “ah, eu dei umas porradinhas só, umas palmadinhas nas pernas”. Aí, ele falou assim: “não pode bater não”, porque diz que padre é juiz, né. Ele não é nem padre daqui (...) Aí, ele (...) disse que não podia bater. Eu disse “eu bato sim, padre. Se eu não exemplar os meus filhos, quem é que vai exemplar? (...) Então, vou deixar os meus filhos na esquina, vou deixar a polícia pegar meus...”, não, pra</p>	<p>Educação dos filhos</p>	<p>Relações familiares / Cuidado com os filhos</p>

<p>dentro de casa, não tem esse negócio de achar ruim não. Dá exemplo pros filhos. “Mas não pode exemplar, não pode bater”, “pode sim padre” eu falei mesmo assim pra ele. “Pode sim”. A gente não pode é tirar sangue do filho, mas de vez em quando umas palmadinhas, não faz mal não.</p> <p>(MARGARIDA)</p>		
<p>É, eu também tenho medo disso também [que os filhos se envolvam com más companhias, com o tráfico], porque tem muitos garotinhos que conhecem ele, coleguinha dele, até da escola mesmo, tá envolvido. É! Na escola tem muita gente... garoto pequeno envolvido, eu tenho muito medo. Aí, desde os nove, ele vai pra escola só, né. Mas, de vez em quando, quando ele tá indo pra escola, eu to indo atrás. Caladinha, sem ele me ver. Não, eu vou soltar de vez não. Eu não confio não...</p> <p>(MARGARIDA)</p>	<p>Cuidado em função do local de moradia</p>	<p>Relações familiares / Cuidado com os filhos</p>
<p>Quando meus meninos tá na rua eu não durmo... acho que mãe nenhuma, né. Eles estão na rua eu sei onde eles estão, mas eu fico com medo da vinda de lá pra cá, da distância da casa onde ele está pra minha, à noite, aí eu não durmo (...) posso tá com o sono que tiver.</p> <p>(CRAVO)</p>	<p>Preocupação com os filhos</p>	<p>Relações familiares / Cuidado com os filhos</p>
<p>Eu sempre desconfiava [que o filho estava fazendo algum trabalho para o tráfico], porque eu sou uma pessoa muito atenta, eu percebo, eu fico olhando, assim, o horário dele chegar, dele sair. Ele acha que eu não tô vendo. Mas, aquilo ali eu tô percebendo. Eu peguei uma vez e falei assim: “ô, você entra tal hora, tal hora você sai. O que tá acontecendo?”. Aí, ele pega, fala tudo. Se eu perguntei, ele fala logo: “eu tô fazendo isso, isso, e isso”. “Mas, meu filho, se seu pai</p>	<p>Preocupação com o filho e aflição por sua atitude frente aos problemas</p>	<p>Relações familiares / Preocupação com os filhos</p>

<p>souber disso”. E, às vezes, eu encobria pro pai. Aí, eu ficava numa aflição. Que não era certo eu tá encobrindo, né? Porque ele tinha que ficar sabendo. Mas também tinha o outro lado: se soubesse ia piorar. (...) a reação dele [do marido], né. Então, se ele soubesse, ia piorar. Aí, eu ficava... era muito ruim, sabe? (ESMERALDA)</p>		
<p>Agora, o menininho é que é assim mais um pouco complicado, mas o pai botou agora pra trabalhar, e seguiu tudo bem. Gostava de rua, aí eu passava a noite sem dormir. Eu ficava noites e noites só rezando, pedindo pra Deus, nosso senhor Jesus Cristo, pra ajudar que não acontecesse nada com ele, nem ele fizesse também nada com as outras pessoas. (...) Então, é esse negócio, eu ficava assim: “meu Deus, tomara que ele não faça nada com os outros, e nem ninguém faça com ele”. Até agora, né, graças a Deus, tá tudo bem. (ESMERALDA)</p>	<p>Preocupação materna</p>	<p>Relações familiares / Preocupação com os filhos</p>
<p>Eu queria, sabe, meu mundo... me separar de tudo isso, separando meus filhos, né. Quando meus filhos passaram, dessa linha aqui, que eu tinha separado pra outra, então aquilo já foi um pânico pra mim, já foi um pânico pra mim. (CORUJA)</p>	<p>Impossibilidade de proteger os filhos</p>	<p>Relações familiares / Preocupação com os filhos</p>
<p>Eu não acreditei quando ele chegou todo doidão dentro de casa, assim, com a cara estranha, um cheiro diferente, e eu falei: olha, quando você era adolescente eu fiz de tudo pra te ajudar, agora você é de maior. A porta da rua é a serventia da casa. Você não vai ficar comigo fazendo, usando o que você está usando. (CORUJA)</p>	<p>Dor pelo filho</p>	<p>Relações familiares / Preocupação com os filhos</p>

<p>Eles [o marido e o filho] queriam brigar, e eu tinha medo dele pegar a faca, sabe? Eu escondia faca, escondia tesoura, eu tinha medo, porque quando ele chegava, ele vinha transtornado, ele não tinha medo, né. E a gente tava dormindo, e ele gritava assim. Ele fazia coisa comigo. Meu Deus do céu, que eu morria de medo. Então, eu não conseguia dormir à noite. Eu fingia que tava dormindo. Quando ele chegava, quando ele batia no portão, a minha menina mais nova já morria de medo, já corria pra cama. (ESMERALDA)</p>	<p>Pavor da arbitrariedade do marido</p>	<p>Relações familiares / Preocupação com os filhos</p>
<p>Vivia aí destratando ele [o filho] dentro de casa, falando palavrões, por isso que o menino ficou daquele jeito. (ESMERALDA)</p>	<p>Maus tratos do pai gerando revolta no filho</p>	<p>Relações familiares / Preocupação com os filhos</p>
<p>Aí, a causa da briga toda é isso, mais quando ele gasta o dinheiro todo na rua com drogas e quando ele fica me dando homem e quando eu não quero ter relação com ele. (JASMIM)</p>	<p>Motivos das brigas</p>	<p>Relações familiares / Violência</p>
<p>Pra ele não gastar o dinheiro todo, mesmo sem eu querer tenho que ter relação com ele. (...) Se a gente brigar e ele me xingar aí eu fico muito já sem vontade. Aí, que piora tudo mesmo. Aí, quanto mais eu não ter relação com ele, mais briga a gente tem (...) Ele fala que eu sou vingativa, não é que eu sou vingativa, é que eu não esqueço fácil, as coisas que ele me fala, nem o que ele faz comigo. (...) Essa semana não, nessa semana eu tive relação com ele, ele foi trabalhar... (...) Foi trabalhar na Cidade, ficou quatro dias lá. Aí, antes de ele ir eu tive que é... ter relação com ele. Aí, eu tive que ter relação com ele, aí ele chegou e me deu o dinheiro e comprei as coisas das crianças. Mas, se eu não tivesse tido, nem sei (JASMIM)</p>	<p>Se sujeita para suprir necessidades</p>	<p>Relações familiares / Violência</p>

<p>Me usava quando queria. Quando queria me aterrorizar, ele me aterrorizava</p> <p>(CORUJA)</p>	Submissão	Relações familiares / Violência
<p>Sabe o que ele fazia se eu não tivesse em casa? Ele pegava sofá, pegava tudo e botava na porta. E eu não conseguia mais entrar. Nem que eu tivesse com as chaves. Não ia valer. (ESMERALDA)</p>	Desconfiança e arbitrariedade do marido	Relações familiares / Violência
<p>É assim, se eu for, como ele tem muito ciúme, se eu vou na casa da minha vizinha, que aqui é muito difícil ter água agora, então, tenho que sempre tá na minha vizinha pegando água, aí ele cisma. (JASMIM)</p>	Desconfiança do marido	Relações familiares / Violência
<p>E ele me batia muito eu já fui parar no hospital muitas vezes (MARGARIDA)</p>	Vida conjugal lesiva	Relações familiares / Violência
<p>Ele tinha ciúme de mim, de quê meu Deus? Se eu tivesse conversando com qualquer pessoa a briga tava pronta. Não podia conversar com ninguém. Não podia falar só com ninguém não. Não ia na casa de ninguém, não ia nem na minha vizinha, que ele reclamava. Isso era vida? Era nada! (MARGARIDA)</p>	Opressão e ciúmes	Relações familiares / Violência
<p>É, medo. Quantas vezes, quantas vezes, eu ficava na rua, não podia entrar pra dentro de casa. Ele... por causa dele, porque se eu entrar ele ia me bater, então, pra evitar, aí, eu ficava na rua. Pra dormir, eu ia dormir na minha filha. (MARGARIDA)</p>	Humilhação	Relações familiares / Violência
<p>Não é possível, gente, eu não ter paz de ficar um segundo dentro da minha casa. Que vida é essa? (MARGARIDA)</p>	Revolta	Relações familiares / Violência
<p>Eu chego às vezes a ameaçar ele, eu falo que vou chamar os meninos pra ele. Tive que fazer isso, porque senão... Se eu não fizesse isso ele me agrediria. Porque eu acho que ele tem medo dos meninos vim, né, agredir ele também na frente de todo mundo, porque nunca se sabe a reação desses</p>	Poder local e ausência de direitos	Relações familiares / Violência

<p>porque nunca se sabe a reação desses meninos. (...) Teve uma vez que eu fui, mas fui mesmo pra chamar, mas sendo que não tinha ninguém, aí eu desisti. Não vi ninguém, aí, eu vim embora – tava chovendo.</p> <p>(JASMIM)</p>		
<p>Faz pouco tempo que eu to passando a passarela só, porque eu não passava. Assim mesmo ainda passo me tremendo. Mas, passo. Mas, não passava de jeito nenhum (...) Tinha que ir sempre com alguma pessoa conhecida que passasse, passava comigo, não saía. Não saía até pouco tempo. Agora já to saindo só. Eu não sei. Não sei se era que eu vivia já... já pensava assim: eu chegava em casa ia ter briga, né? Era briga e mais briga dentro de casa. Eu sei lá. Eu não sei não. Eu já vivia, assim, nervosa direto... (MARGARIDA)</p>	<p>Medo em função da sua situação de vida</p>	<p>Sintoma</p>
<p>Nesse período eu tava muito perturbada com o homem bêbado, com ele sem emprego e com ele com radinho, e com ele com aquelas coisas tudo, eu tava tão maluca... (ESMERALDA)</p>	<p>Sentia-se emocionalmente perturbada</p>	<p>Sintoma</p>
<p>Porque eu vivia só trancada. E eu só vivia estourando pra cima das minhas duas filhas que toda hora quando eu respirava, assim, eu pensava: ‘meu Deus, o que eu tô fazendo com essas duas meninas? (...) Tô enlouquecendo, eu sei que elas não merecem!’ Porque, adolescentes, novinhas, eu pensava assim: ‘eu tô fazendo alguma coisa pro futuro dessas meninas mais tarde. Elas vão ficar tão, assim, sem rumo na vida’. Aí, eu ficava quieta, não posso mais falar nada com elas não. Não, eu tenho que me segurar pra mim sozinha. Aí, eu ficava dizendo ‘pra mim sozinha não dá. Aí, eu estouro’. Aí eu pegava o telefone, ligava pras minhas cunhadas, não ligava pra minha família de jeito nenhum, porque eu tinha</p>	<p>No limite do sofrimento, perde o controle, mas busca ajuda</p>	<p>Sintoma</p>

<p>medo, assim, delas sofrerem mais do que eu (...) Aí foi quando eu entrei pra esse seu grupo e gostei, porque eu tinha com quem conversar. Ser uma pessoa de fora é muito bom. (ESMERALDA)</p>		
<p>Eu cheguei aqui, eu vivia só dentro de casa, eu vivia muito triste, eu só dormia. (...) Mas olha, eu dormia porque tinha muita perturbação, aí quando eu estava dormindo eu tava noutra, eu viajava, sinceramente. (...) É por isso que eu dormia tanto. Porque eu adorava meus sonhos. Olha só! a gente só viver de sonho... Horrível, né? Porque quando você tá dormindo, você não, também, não tá vivendo tua vida, você tá vivendo em relação àquele sonho, mas aquilo não é realidade, não passa daquilo né. Enquanto você estando acordada você vê o que tá se passando: as notícias, tudo o mais. (ESMERALDA)</p>	<p>A vida está tão difícil que é melhor viver de sonho</p>	<p>Sintoma</p>
<p>Naquele dia eu quase morri de... Eu só vivia morrendo... [riso], ainda bem que meu coração é bom, porque senão era uma morte em cima da outra (ORQUÍDEA)</p>	<p>O sofrimento expresso no corpo</p>	<p>Sintoma</p>
<p>Não, dor de cabeça sempre às vezes eu tenho, mas eu acho que isso é normal, minha dor de cabeça. (ORQUÍDEA)</p>	<p>O sofrimento expresso no corpo</p>	<p>Sintoma</p>
<p>Minha pressão é controlada só assim, quando eu tenho emocional, aí eu tomo Olcadil, o Olcadil é só calmante né, meu cardiologista passou. É só isso mesmo, (...) aflição, só coisa muito grave aborrecimento, assim, de filho... Só, assim, quando morre um parente (...) Quando eu boto pra fora, brigo, aí eu acho que botando pra fora não... [sobe a pressão]. (CRAVO)</p>	<p>Alguns sofrimentos se expressam no corpo</p>	<p>Sintoma</p>
<p>A minha dor de cabeça eu acho que é mais preocupação. Preocupação, porque nessa semana eu tava com três dias de dor de cabeça já, porque eu tava com a conta atrasada e tinha que pagar, sendo que ele</p>	<p>O sofrimento expresso no corpo</p>	<p>Sintoma</p>

<p>tinha, a gente tinha brigado, ele tinha gastado o dinheiro todo e a gente ficou sem dinheiro pra pagar... com medo do meu nome ir pro SPC, aí, eu fiquei preocupada, faltando as coisas dentro de casa, como é que eu vou fazer? Aí... (JASMIM)</p>		
<p>Aí, eu entrei em pânico, eu entrei em pânico, e não consegui mais, assim... enfrentar a realidade, caminhar, comecei a ficar doente... (...). Eu ia aos médicos e os médicos não achavam a doença em mim. Aí, comecei a tomar anti-depressivo, né. Esses calmantes doidos pra poder dormir e me acalmar. (CORUJA)</p>	<p>Sofrimento psíquico</p>	<p>Sintoma</p>
<p>Assim, é como se o meu subconsciente tivesse acordado, então, eu não descanso, eu não descanso. Eu durmo e acordo cansada. Então, aquilo eu fico sufocada, parece como se eu tivesse assim nadando e não conseguisse ou então remando um barco e não conseguisse alcançar aquele determinado tempo. (CORUJA)</p>	<p>Impossibilitada de descansar, de encontrar paz</p>	<p>Sintoma</p>
<p>É porque, aí, eu fiquei ainda com aquela coisa na cabeça do que os outros pensavam porque eu engravidei e fiquei morando na mesma comunidade e com os outros meus filhos... (...) e a minha pressão foi subindo, foi mexendo com todo o meu organismo, né. (...) minha cabeça tava um nó. (CORUJA)</p>	<p>Preocupação com sua dignidade interferindo em sua saúde</p>	<p>Sintoma</p>
<p>Nunca saí daqui [da Maré] pra lugar algum. Eu gosto muito do lugar aqui, aqui é um lugar muito bom pra se viver, tem tudo que você quer, você tem aqui, tem escola boa, (...) Tem é medico, tem o postinho, tem muito medico bom ali, profissional muito bom. E tem mercado, não precisa você ir lá pra fora, tem transporte pra deixar na porta (...) Mas a violência... é isso que não dá. E às vezes eu tenho até vontade de sair daqui pra morar em</p>	<p>Violência impede que se usufrua do lugar</p>	<p>Violência Externa</p>

<p>outro lugar, mas as minhas condições não dá. (...) se eu tivesse também assim uma coisa melhor pra mim poder vender aqui pra comprar uma outra casa lá fora, fora que eu digo é assim, um lugar mais... Tranquilo. (CRAVO)</p>		
<p>A comunidade não fabrica drogas, não tem maconha, não tem essa coisa toda, é que a gente convive, né. Então tem gente muito alta, tem gente de alto escalão por trás disso, né, e nós somos obrigados a conviver com isso, nossa família, nossos filhos, né, é sofrendo discriminação porque somos de comunidade. (CORUJA)</p>	<p>Discriminação</p>	<p>Violência Externa</p>
<p>Muito ruim subir aquele morro à noite. Só de tiro, eu tenho medo... Eu nem sei se é o mesmo comando, parece que nem pode ir gente daqui... (ESMERALDA)</p>	<p>Violência cerceando direito de ir e vir</p>	<p>Violência Externa</p>
<p>Quando eles vieram aqui uma vez, teve um tiroteio danado, né, e a minha sogra tem problema de coração, né: saiu todo mundo correndo, né, e quando chegou na Avenida Brasil ela disse assim: a sua filha, a gente não quer ela não. Eu sempre falei isso pra você, mas a gente não vem mais aqui não. (ORQUÍDEA)</p>	<p>Violência impedindo o contato familiar</p>	<p>Violência Externa</p>
<p>Nós não temos paz naquela nossa rua, porque um bocado de meninas de quatorze anos, outra com quinze e até de dezesseis anos, elas ficam a noite inteira na minha porta gritando palavrões, cantando músicas, aquelas músicas horríveis que o funk lá tem, e falando coisas horríveis, gritam, ri muito alto, não deixa ninguém dormir... Teve gente que já se mudou... meu Deus, tem que acordar quatro da manhã, essas meninas entra cinco horas, quando ele sai mais o filho, elas ainda estão na rua. É assim. E a gente não pode falar com elas, elas dizem</p>	<p>Sem direito ao descanso em função dos desdobramentos do poder local</p>	<p>Violência Externa</p>

que vão chamar o “rapaz” de lá pra resolver. (ESMERALDA)		
Ele [filho de 4 anos] tava na frente de casa, aí eu fui, quando eu... Eu saí da minha casa e fui na minha vizinha. Até hoje eu lembro, eu fui pedir a ela um pouco de açúcar. Aí, quando eu entrei no portão, ele tava num poste lá, em frente a minha casa, na tendinha em frente a minha casa. Aí, ele foi e dali chamou: “mãe!” Quando eu entrei, aí, começou o tiroteio. Aí, quando eu lembrei dele, ele já tinha sido baleado. Aí, eu escutei os barulhos dos tiros bem perto, muito perto mesmo. (JASMIM)	Angústia	Violência Externa
Tinha três anos de Rio de Janeiro. Esse [irmão] eu trouxe comigo... eu fui lá [no Nordeste] e trouxe ele. Eu me senti até um pouco culpada, sabe. Foram buscar ele dentro de casa. (...) Os “caras”... Morreu como X9... (CRAVO)	Culpa por não ter podido evitar que o rapaz morresse	Violência Externa
Peguei uns dois meses o leite, mas depois começou essa guerra aí, e eu não quis mais saber. (JASMIM)	Violência cerceando o direito de ir e vir e impossibilitando a utilização de direitos	Violência Externa
Vê que a policia é traiçoeira, é a mesma coisa os “meninos”, né.. (CRAVO)	“Entre a cruz e a espada”	Violência Externa
Porque nunca se sabe a reação desses “meninos”. (JASMIM)	Receio do imprevisível	Violência Externa
Aí, muita guerra, muita guerra... A minha mãe já tava entrando em um estado de nervos, aí, ela decidiu se mudar. (JASMIM)	Vê-se obrigada a mudar de residência	Violência Externa
Quando ela batia a porta, eu: ah, graças a Deus minha filha chegou! O tiro começava. (ESMERALDA)	Aflicção pelos que ainda não chegaram em casa	Violência Externa

<p>Quando dava seis horas da tarde, eles se armavam em cada esquina, e aí começa o tiroteio, até as cinco horas da manhã (...) Então, quando ia anoitecendo, cinco horas da tarde, eu começava ficar tão triste, mas tão triste nessa época... (ESMERALDA)</p>	<p>Confrontos freqüentes e tristeza</p>	<p>Violência Externa</p>
<p>Deu no rádio, eu ouvi no Wagner Monte, e a minha colega disse que vai fechar também. Dizem... [pausa] que... que... que os meninos... [pausa] querem dinheiro do posto (ORQUÍDEA)</p>	<p>Poder local e poder público</p>	<p>Violência Externa</p>
<p>Quando é intenso [o tiroteio], eu tenho que tomar remédio que minha pressão sobe. (...), aí eu fico agoniada... por isso, que eu fico... ligo pra um, ligo pra outro, enquanto não tá todo mundo dentro de casa... aí eu tenho que tomar remédio pra agüentar. (CRAVO)</p>	<p>Poder local interferindo na saúde das pessoas</p>	<p>Violência Externa</p>
<p>É, dizem que vai fechar também [a Vila Olímpica]. Então, é complicado. A gente não tem mais nada. Um lugar que era pra ter tudo, não tem... Não tem mais nada. E a gente vai conversar com quem? Não tem mais com quem conversar. Porque a gente gosta de conversar, né, desabafar um pouquinho, porque tudo que acontece a gente não... vai falar com quem? (ORQUÍDEA)</p>	<p>Abandono</p>	<p>Violência Externa</p>
<p>Eu tenho medo de uma bala perdida. De repente, de sair tiroteio, bala perdida. (MARGARIDA)</p>	<p>Medo, insegurança</p>	<p>Violência Externa</p>
<p>Mas era feio demais a coisa [os tiroteios], era muito feio, batiam nos portões, queriam entrar dentro de casa, se as pessoas não abrissem eles quebravam o portão. E bateram no nosso, nós num abrimos, porque meu marido falou assim: “eu não vou abrir a porta pra eles entrarem na minha casa. Meus filhos pequenos vão ver isso... Eu não abro, só se eles quebrar mesmo”. (ESMERALDA)</p>	<p>Medo, insegurança</p>	<p>Violência Externa</p>

<p>Aqui não é não, aqui não é tranqüila não. Se eu pudesse, eu não morava aqui, mas eu vou morar aonde? Não tenho aonde morar. (ORQUÍDEA)</p>	<p>Vida contrariada</p>	<p>Violência Externa</p>
<p>É porque a parada é dura, né [a vida na Maré]. A gente não tem... A gente não tem segurança, hoje a gente não tem segurança não. Nem de um lado nem de outro. Eu não confio, eu vou falar uma coisa pra você, eu não confio em ninguém, eu não confio mais em polícia não, porque eu to vendo os desastres que a polícia tá fazendo aí. Porque tem polícia honesta, ainda tem. Mas, a gente vai adivinhar qual é? A gente não vai adivinhar. Eu não confio não. (MARGARIDA)</p>	<p>Insegurança</p>	<p>Violência Externa</p>
<p>Essa minha filha é muito cheia de nhem, nhem, nhem.... sabe como é? Ela gosta assim de muito carinho e esses “caras” são muito bons nisso (CORUJA)</p>	<p>Sedução do tráfico e carência</p>	<p>Violência Externa / Sedução do tráfico</p>
<p>A gente estando ali dentro, não é como vocês que tão aqui de fora, que vocês vêem assim só por alto, a gente vê tudo no geral, né. As crianças falam assim: “mas que arma linda, (...) ah que aquilo ali é muito bonito!” Eles pegam aqueles madeiras, ai saem assim, tudo dando tiro, de madeirinha, assim, que eles fazem arma e saem brincando. E eles acham lindo aquelas armas, acham brilhosa, acham um outro não sei que cor, acham muito bonito. (...) Então aquelas crianças ficam tudo boba, eles [os traficantes] têm roupa de marca, tênis de marca, já entram com quatorze anos tudo assim oh, naquele ritmo já de roupa boa (...) cada menino pequenininho de oito anos que tá na boca (ESMERALDA)</p>	<p>Sedução do tráfico e a formação das crianças</p>	<p>Violência Externa / Sedução do Tráfico</p>

<p>Eu só tenho medo dos meus filhos não vêem o grau de seqüelas, ou então passar pro outro lado, achar que aqui é bom, né? E buscar aquele outro lado, é da droga (CORUJA)</p>	<p>Medo da sedução do tráfico</p>	<p>Violência Externa / Sedução do Tráfico</p>
--	-----------------------------------	---

FORMAS DE ENFRENTAMENTO

Expressões-chave	Idéias Centrais	Ancoragem
<p>Gostei muito, tanto é que me ajudou muito, porque... Ah, a melhorar muito a minha cabeça. (ORQUÍDEA)</p>	<p>Sente-se ajudada</p>	<p>Apoio</p>
<p>Porque, assim, muitas pessoas gostam de falar, de ouvir um conselho, uma coisa assim. Igual eu, eu não gosto de falar, eu gosto mais de ouvir. (JASMIM)</p>	<p>Escuta que auxilia</p>	<p>Apoio</p>
<p>Amenizava a minha situação porque eu não deixava de estar conversando, de estar falando, e, assim, de estar sentindo que de alguma forma eu também tava ajudando, né, eu também tava ajudando. (CORUJA)</p>	<p>Ajuda mútua</p>	<p>Apoio</p>
<p>Eu tive muita, muita, muita força eu arranquei dali. Lembra que eu chegava lá desesperada, chorava. E a senhora tava ali pra ouvir a gente, a senhora e todas elas que tavam ali. Eu tive muita força dali. Que se não fosse aquele grupo ali não teria... não sei, poderia ter tido porque eu sou guerreira. Eu luto e venço, acima de mim tem Deus, né, mas só que, com mais uma força é bom. Você sabe que naquela jornada você não tá sozinha, você quer</p>	<p>Força para lutar</p>	<p>Apoio</p>

<p>desabafar, você vai ali e desabafa, você quer chorar você chora e aquela pessoa lhe ouve, tá muito bom, é bom a gente ter amigo... (CRAVO)</p>		
<p>Então, ali [no grupo de mulheres] eu achei muito apoio de todo mundo, porque eu acho que sem aquilo ali eu não ia... Eu ia sobreviver como eu sobrevivi, mas sem aquilo ali era pior, seria pior. Bem pior porque eu ia ficar dentro de casa, não ia conversar. (...) eu acho que mais gente é melhor. Porque um fala uma coisa de um jeito, um fala de outro. E eu acho que a gente precisa disso. (CRAVO)</p>	<p>Ajuda para sobreviver melhor</p>	<p>Apoio</p>
<p>Não, eu acho que é isso aí mesmo que eu falei pra senhora, né, o apoio e de ver aquele pessoal reunido toda semana. Eu gosto de ver isso, traz tranquilidade também com a gente... Eu acho que aqui nesse lugar a gente vê gente muita agitada. Acho que todo mundo que fizesse isso, acho que melhorava. Mas nem todo mundo pensa assim, né, que nem a gente. (...) É. Mais paz no lugar, todo mundo unido. Mas eu acho que existe mais maltrato aqui do que a bondade. Eu penso isso. (CRAVO)</p>	<p>Tranquilidade e reconhecimento da experiência</p>	<p>Apoio</p>
<p>Eu fui, não quero nem saber. Eu vou agora. É melhor pra mim, eu vou melhorar. A gente tem que procurar melhorar, né? (ESMERALDA)</p>	<p>Busca de resolução</p>	<p>Autonomia</p>
<p>Agora não, agora já vejo outra vida. (ESMERALDA)</p>	<p>Mudança de percepção</p>	<p>Autonomia</p>
<p>Aí, eu mudei, aí, eu dei pra conversar com meus vizinhos. Dei pra conversar com todo mundo, com meus conhecidos... Eu não sou escrava dele. (MARGARIDA)</p>	<p>Coragem e resgate da individualidade</p>	<p>Autonomia</p>
<p>O meu maior sonho? É o sossego que eu tô tendo.(...) Pronto: se eu quiser ir pra um canto eu vou. (MARGARIDA)</p>	<p>Sossego e independência</p>	<p>Autonomia</p>

<p>A partir de hoje eu não vou agüentar mais nada. Aí, foi quando eu reagi. Aí, eu tomei a iniciativa de tratar no juiz. (MARGARIDA)</p>	<p>Determinação e reconstrução</p>	<p>Autonomia</p>
<p>A vida é muito boa! (MARGARIDA)</p>	<p>Otimismo, esperança</p>	<p>Autonomia</p>
<p>Se você fizer, briga se não fizer briga também, é melhor fazer e arrumar briga, porque pelo menos fez, né. Aí, eu comecei a sair um pouquinho, passeando, coisa que ele não queria que eu fizesse. Aí, eu passeava. Até que ele parou de me proibir mais. Minha vida melhorou por causa disso também, foi quando eu... não agüento mais ficar só ali, às ordens dele. (ESMERALDA)</p>	<p>O desejo capturado e confrontado</p>	<p>Autonomia</p>
<p>Mas ele sabe que se ele gastar o dinheiro ele fica com fome, eu não dou comida a ele. Deixo ele com fome. Com o meu dinheiro eu compro comida pras crianças... Eu gasto até a passagem, né - que ela me dá a passagem da semana - eu gasto até a passagem, eu compro comida pras crianças e ele não come nem... Não bebe nem água, que dirá comida. (JASMIM)</p>	<p>Em defesa dos filhos, impõe limites</p>	<p>Autonomia</p>
<p>Eu me sinto, assim, mais feliz um pouco, tô mais feliz, tô assim mais alto astral um pouco, né. Porque quando a pessoa é... só vive dentro de casa, não é útil, parece que não é útil à sociedade, nem nada. (ESMERALDA)</p>	<p>Felicidade por se sentir útil.</p>	<p>Autonomia</p>
<p>Eu não pensei duas vezes. Ela falava assim: 'Esmeralda, você quer entrar na... [trabalho]'ah, quero!', eu falei: 'Seja o que Deus quiser'. Agora, também, eu não vou ficar só debaixo do pé do sapato desse homem. Não, eu vou, eu vou ter a minha vida também. (ESMERALDA)</p>	<p>Apossando-se da própria vida</p>	<p>Autonomia</p>

<p>Aí, eu mesmo, por minha conta, por minha força de inteligência, eu comecei a me esforçar em aprender a cortar cabelo, em casa mesmo (CORUJA)</p>	<p>Força de vontade para vencer.</p>	<p>Autonomia</p>
<p>É porque a gente gosta da pessoa, quando a pessoa, a gente sente que a pessoa é boa, legal com a gente, a gente gosta, a senhora tem uma presença maravilhosa. A gente tinha aquele gosto, toda semana, a gente ficava contando, era as terças, né? (CRAVO)</p>	<p>Reciprocidade afetiva</p>	<p>Convivência</p>
<p>A gente ia, ficava naquela expectativa “o terça-feira a dona doutora Elaine vai vir”, ali era o encontro de todo mundo, ali a gente discutia tudo da nossa vida (...). (CRAVO)</p>	<p>Expectativa de encontro para compartilhar</p>	<p>Convivência</p>
<p>Mas agora vou ter que ir porque eu vou lá no Elos e eu não vou aparecer lá com um cabelo desse tamanho, né. Pode a Elaine aparecer de novo, né... aí eu fui. Aí, ela [Elaine] vai dizer: “acho que a Orquídea agora... dessa vez enlouqueceu. (ORQUÍDEA)</p>	<p>Estímulo para auto-estima</p>	<p>Convivência</p>
<p>Eu acho que eu gostei [do grupo] também, ficar só dentro de casa também não é... ali era um motivo pra você sair também um pouco, conversar, (...) Aí a gente conversava, se distraia, via os amigos, a presença da senhora também era muito bom pra gente. (CRAVO)</p>	<p>Grupo como oportunidade de interação</p>	<p>Convivência</p>
<p>Nossa, era muito bom! [o grupo]. Eu dava graças a Deus quando chegava aquele dia – que era naquela época que eu vivia assim toda pra baixo, vivia toda pra baixo mesmo. Que quando eu saía dali, eu saía, assim, mais aliviada, a gente conversava... E botava aquelas coisas que tinha pra fora, e desabafava um pouco, e só, assim, seu alto astral também que era muito</p>	<p>Alívio pelo desabafo</p>	<p>Convivência</p>

<p>boa, uma pessoa muito boa. A Maíra também – poxa, ela era boa demais. É, era muito bom. Era bom que voltasse de novo aquele grupo, conseguisse voltar. E tem umas pessoas que já estão até animadas pra ir. (ESMERALDA)</p>		
<p>Na primeira vez eu não gostei não [do grupo], ainda fui mais por incentivo da Esmeralda. Eu não gostei, assim, não sei porque. Não tinha motivo pra não gostar, mas achei “ai, a gente vai ficar ali, e falar sobre o que? Eu não vou”. (...) Aí, eu não sei, não sei o que me fez gostar e ficar. (...) Foi depois que eu comecei a me enturmar, depois eu comecei a vim freqüentemente, aí, comecei a conhecer as pessoas mais, direito. Me enturmei. (...) Tinha os meus crochês que eu podia levar, como eu levava, né. Aí, também comecei... comecei a gostar da senhora também. Aí, “ah, vamos”. Acho que foi isso também. Não lembro de muito detalhe não, acho que foi isso. (...) Eu me sinto só. Eu não sei, eu acho que eu não gosto de ficar é só. Não gosto... eu gosto de estar sempre com uma pessoa por perto, eu não sei porque. Eu fico, assim, mais estressada. (CRAVO)</p>	<p>Pertencimento e vínculo afetivo</p>	<p>Convivência</p>
<p>A minha dignidade – eu acho que é uma herança que eu vou deixar pros meus filhos. Eu acho que isso tá acima de qualquer coisa. (CORUJA)</p>	<p>Dignidade e esperança</p>	<p>Convivência / Conhecimento</p>
<p>Todos nós vivemos num mesmo conflito, mas, tem umas que reagem de um jeito, outras reagem de outro jeito. Então, a gente vai vendo ali, vai tirando ali um pouquinho daqui, um pouquinho dali, e vai dizendo: “ah, acho que tá faltando fazer isso, acho que tem que melhorar aqui nesse ponto vou fazer do jeito que ela fez. Pra ela deu certo, acho que é isso...”. A gente</p>	<p>Trocar experiência ajuda a encontrar novos modos de caminhar</p>	<p>Convivência / Conhecimento</p>

<p>pensa de um jeito, e quando vê outra conversando ali, a gente abre um pouquinho a mente.</p> <p>(ESMERALDA)</p>		
<p>Às vezes uma palavra tira você de um sufoco.</p> <p>(ESMERALDA)</p>	<p>‘Insight’. Momento de descoberta</p>	<p>Convivência / Conhecimento</p>
<p>Ficava bem mesmo. A gente dava conselho pras outras. Elas não tinham coragem de falar nada, “olha, não pode ficar calada, tem que conversar, tem que falar”. Agora eu falo tudo.</p> <p>(MARGARIDA)</p>	<p>A fala possibilitando mudança</p>	<p>Convivência</p>
<p>Por que às vezes você tá tão bloqueada que não dá pra raciocinar. E se for sozinha não consegue sair não. Às vezes não consegue não. Sozinha não consegue não. Cada vez mais entra no poço, e quando você convive, assim, com um tipo de pessoa, um grupo, você vai melhorando muito, vai ficando mais esclarecida.</p> <p>(ESMERALDA)</p>	<p>Estar em grupo ajuda a ver o que não se consegue ver sozinha</p>	<p>Convivência / Conhecimento</p>
<p>Um fala um pouquinho da sua vida, né, o outro escuta, né, já apanha um pouquinho de experiência, né.</p> <p>(ORQUÍDEA)</p>	<p>Troca de experiência</p>	<p>Convivência / Conhecimento</p>
<p>Os conselhos das vidas das outras pessoas eu concluía com a minha....</p> <p>(JASMIM)</p>	<p>Aprendizado através das histórias dos outros</p>	<p>Convivência / Conhecimento</p>
<p>Porque, se você abrir uma porta, você vê que tem o outro lado de lá, você não esquece o lado de cá, não vai dar. Então, o grupo ajuda, ajuda a você ter coragem, aquela coragem de você poder abrir a portinha pra ver o que está do outro lado. Aí, você vai em frente e vê: ah, o mundo é assim. (ESMERALDA)</p>	<p>Estar em grupo encoraja a enfrentar</p>	<p>Convivência / Conhecimento</p>

<p>Me dava mais coragem, ali eu já... Eu não sabia nem conversar, gente. Aí, eu fiquei mais, eu fiquei mais aberta, entendeu, mais, já falando... Eu tinha a maior vergonha de falar na frente dos outros. Tinha a maior vergonha. Aí, pra mim foi tudo melhor. Nunca saía, nunca saía de casa mesmo, nunca saía.</p> <p>(MARGARIDA)</p>	<p>Sair do isolamento, se comunicar</p>	<p>Convivência</p>
<p>Já não se sente muito sozinho, porque aquele tá sofrendo, poxa, mas eu também to, mas ele tá dando pra superar, então, eu também posso, né.</p> <p>(ORQUÍDEA)</p>	<p>O outro como estímulo para superar as dificuldades</p>	<p>Convivência</p>
<p>Graças a Deus, nunca aconteceu e nem há de acontecer, porque quem tem Jesus na frente acho que não precisa, né, se preocupar com nada porque ele defende a gente. (ESMERALDA)</p>	<p>A fé como escudo protetor</p>	<p>Religiosidade / Fé</p>
<p>São muitos pedidos no mesmo orar... (ESMERALDA)</p>	<p>Reconhecimento da impotência</p>	<p>Religiosidade / Apoio</p>
<p>Deus sabe o que faz e nós não sabemos o que vivemos. (CRAVO)</p>	<p>Desamparo, fragilidade</p>	<p>Religiosidade / Fé</p>
<p>É uma segurança, eu acho que é que nem um filho, um filho se segura muito na mãe né, a gente como não tem pai, não tem mãe, a gente se segura numa oração, numa palavra de Deus, numa pessoa que tá passando aquela palavra pra gente. (CRAVO)</p>	<p>Desamparo e fé</p>	<p>Religiosidade / Fé</p>
<p>[Durante os tiroteios] Eu posso estar aflita do jeito que eu tiver dentro de casa, se eu começar a rezar dentro de casa, me acalma, eu acho que foi uma forma que eu achei pra mim, me acalmar, aí eu começo a rezar sabe, eu ofereço pra aquela pessoa que tá na rua, eu tô dentro de casa,</p>	<p>Rezar como esperança de proteção</p>	<p>Religiosidade / Fé</p>

<p>mas não sei se nem assim eu tô guardada, mas tô dentro de casa, aquela pessoa que tá na rua ta indefesa, como aquela pessoa que tá na rua pode estar mais segura do que eu que tô dentro de casa, porque aqui ninguém sabe nada, né? Mas é a forma que eu achei. (CRAVO)</p>		
<p>Olha, a gente tem um plano, mas Deus tem um outro. (CORUJA)</p>	<p>Conformismo e abnegação</p>	<p>Religiosidade / Fé</p>
<p>As pessoas que tem seus princípios, seus princípios religiosos, também conta na vida de cada um, né. (CORUJA)</p>	<p>Princípios religiosos contam</p>	<p>Religiosidade / Fé</p>
<p>Assim, só se... Não, Deus, foi Deus mesmo, né, porque ele não chegou a morrer, mas, só tendo muita sorte da bala não ter pegado nele, porque foi muito perto o tiroteio dele, foi muito perto. Foi em frente onde ele tava. (JASMIM)</p>	<p>Fé e proteção divina</p>	<p>Religiosidade / Fé</p>
<p>[Meu marido] sempre dizia: “num tem jeito, num tem jeito, num tem jeito...” Eu falava tem, pode deixar. Pra Deus nada é impossível. Porque creio muito em Deus. (ESMERALDA)</p>	<p>Deus como esperança de resolução</p>	<p>Religiosidade / Fé</p>
<p>Ele [o marido] soube uma vez [que o filho ficou com o “radinho”]. E isso ele entrou mais de duas vezes, três, quatro vezes. Então, eu falava com a religiosa só, pede uma oração. “bota o nome dele” [na oração]. Só isso... a gente não sabia mais o que falava com ele, nem nada. A gente só pedia oração. A única coisa que me restava. (ESMERALDA)</p>	<p>Oração para dar conta da impotência</p>	<p>Religiosidade / Fé</p>
<p>Aí, eu disse: “bom, mas como eu tenho muita fé em Deus e eu rezo muito, não vai acontecer nada não”. (ORQUÍDEA)</p>	<p>Fé como porto seguro</p>	<p>Religiosidade / Fé</p>

<p>Pois é, tudo que a gente pede a ele, a Deus, a gente conversa, graças a Deus eu sempre tive retorno. Agradeço muito depois que eu recebo também. (CRAVO)</p>	<p>Deus é o pai que atende</p>	<p>Religiosidade / Fé</p>
<p>É muito alegre. A gente fica assim... É uma alegria... (...) É, porque a gente sabe que, assim, a gente está junto com os irmãos, aquilo ali é uma família, e tá todo mundo ali unido, todo mundo não quer, assim, o mau um do outro. A gente tá ali tão bem, então, a gente se sente, assim, apoiado uns com os outros. Se sente fortalecido. A gente fala: “gente, se vocês tiverem uma dificuldade, vocês exponham ao grupo”, que a gente ajuda uns aos outros. E quando tem uma pessoa sofrendo, assim, quando a minha cunhada passou por aquele problemão, uma vem e dá uma palavra amiga, o outro vem e dá uma palavra amiga. E se ela tiver rezando sozinha, ela vai ficar muito deprimida. Não vai ter aquele levantamento... (ESMERALDA)</p>	<p>Força do grupo para encarar o sofrimento</p>	<p>Religiosidade / Apoio social</p>
<p>Tudo que acontece na nossa vida na semana a gente participa ali [no grupo religioso], de bom e de ruim, e ali tá todo mundo pra fazer as preces pra aquele momento que você ta passando, se for de bom, você faz preces, se for de ruim também. (CRAVO)</p>	<p>Importância de pertencer a um grupo</p>	<p>Religiosidade / Apoio social</p>
<p>Ah, porque é assim a gente se desliga do mundo. A gente se desliga do mundo e só fica... só pensa em Deus, só fica só orando. Aí, eu esqueço, eu acabo me esquecendo, aí, quando eu chego em casa já é outro mundo, já estou em outro lugar. (JASMIM)</p>	<p>A realidade de difícil assimilação</p>	<p>Religiosidade / Refúgio</p>
<p>Acho que é o único lugar que a gente esquece dos problemas é na igreja. (...) Ah, sei lá. É diferente porque é uma</p>	<p>Igreja é um lugar de paz</p>	<p>Religiosidade / Refúgio</p>

<p>paz, assim, você não ter ninguém te xingando, não ter ninguém... não ter ninguém gritando com você. Sei lá, eu me sinto bem. (JASMIM)</p>		
<p>É, eu gosto, eu gosto. [de ajudar os outros] Se eu sei que tem uma pessoa precisando eu vou lá ajudar, por que não? Mas tem gente que já viu o outro precisando e passa por cima e vai embora. E não é bem assim. Eu acho que não é assim, né (...). (ORQUÍDEA)</p>	<p>Auto-estima valorizada no altruísmo</p>	<p>Solidariedade</p>
<p>Consegui uma faxina, mas uma colega minha tinha quatro filhos, né, aí eu dei pra ela, né, porque ela tá precisando mais do que eu. Porque quatro crianças, né, já pensou? É dose... Aí, eu dei pra ela. Ainda bem que apareceu, mas... (ORQUÍDEA)</p>	<p>Compaixão pelo mais necessitado.</p>	<p>Solidariedade</p>
<p>Foi quando veio a vontade de fazer curso de agente de saúde, quando veio a vontade de trabalhar com pastoral na igreja, né, (...) foi coisas que eu passei a ter vontade, a entender, a enxergar depois que eu saí daquele mundo que eu tinha separado só pra mim e pra minha família, pros meus filhos. (CORUJA)</p>	<p>Crescimento pessoal através do engajamento social</p>	<p>Solidariedade</p>
<p>(...) Porque muita gente chega cheia de problemas, assim... esse nosso convívio aqui [na comunidade] tá cheio de problemas. Às vezes eu fico passando e vejo uma pessoa assim, de manhã cedo, com a cabeça baixa, assim, com os olhos... que parece que chorou a noite inteira. Eu fico olhando assim, mas eu sozinha vou chegar perto dela? Não vai dar certo. Aí, eu passo. Eu passo, mas, aí, se a gente tivesse um grupo, a gente fosse conversar com aquela pessoa, às vezes ela vive sozinha, os filhos maltrataram ela, ou ela é sozinha com o marido, aí, ela ia gostar muito de ter</p>	<p>Reconhecimento do valor de compartilhar</p>	<p>Solidariedade</p>

um grupo. Todo mundo gosta. E tem muita gente aqui que precisa. (ESMERALDA)		
---	--	--

DIFICULDADES NO GRUPO

Expressões-chave	Idéia Central	Ancoragem
<p>Eu não achei dificuldade lá não. Por mim tava bom. Só que, assim, as pessoas vinham pouco, não se interessavam às vezes pra vim, aí, eu ficava pensando: poxa, por que esse pessoal não vem? É tão bom! (ESMERALDA)</p>	<p>Desejo de compartilhar com mais pessoas</p>	<p>Ausência de dificuldade</p>
<p>Não tinha nada difícil ali não... Não era difícil pra mim. Pra mim não tinha nada difícil não. Porque eu conversava, escutava. Eu falava e também escutava as outras conversar, não tem nada de difícil não. (MARGARIDA)</p>	<p>Não sentia dificuldade em se comunicar</p>	<p>Ausência de dificuldade</p>
<p>Eu não sei. Acho que não tinha não [dificuldades]. Na primeira vez eu não gostei não [do grupo], ainda fui mais por incentivo da Esmeralda. Eu não gostei, assim, não sei porque. Não tinha motivo pra não gostar, mas achei “ai, a gente vai ficar ali, e falar sobre o que? Eu não vou”. (...) Aí, eu não sei, não sei o que me fez gostar e ficar. (...) Foi depois que eu comecei a me enturmar, depois eu comecei a vim freqüentemente, aí, comecei a conhecer as pessoas mais, direito. Me enturmei. (...) Tinha os meus crochês que eu podia levar, como eu levava, né. Aí, também comecei, comecei a gostar da senhora também. Aí,</p>	<p>Pertencimento e afeto</p>	<p>Superação das dificuldades</p>

<p>“ah, vamos”. Acho que foi isso também. (CRAVO)</p>		
<p>Era assim uma coisa tão forte na minha vida que eu esquecia de tudo. Eu esquecia. Quando às vezes eu pensava: será que era quarta? Ou era quinta a reunião? Esqueci! Aí, eu corria na casa da Congregação e perguntava: “Quando é mesmo a reunião?”, “é tal dia”, “ah, tá, então, tá. Eu venho”. Aí, às vezes, não dava certo. Eu ficava controlando muito a minha casa (...) (ESMERALDA)</p>	<p>Sente-se perturbada e confusa em função do sofrimento</p>	<p>Sofrimento</p>
<p>Sei lá, muito problema, às vezes era tanto problema em casa... Como eu falei pra senhora, naquele tempo era muito problema, assim... (...) eu me desligava das coisas, assim... (...) ficava com a cabeça em casa. (...) porque aquele negócio [colostomia] tinha que estar sempre limpando, era uma coisa horrível. E tava sempre enchendo... Aí, eu não ligava muito nas coisas, e não queria... e aí, acabava que eu não queria falar nada, eu queria só escutar. (JASMIM)</p>	<p>Não conseguia se desligar dos seus problemas para buscar uma saída</p>	<p>Sofrimento</p>
<p>Eu não voltei porque, pra mim falar assim, eu sou muito calada. Eu falava assim “ah, não vou mais não, não vou falar nada não, da minha vida não”. Aí, eu não... Eu tinha vergonha mesmo. Ah, principalmente essa parte do meu marido que usa drogas (...) Se tocar, assim, “ah, como você vive com o seu marido?”, aí ia ser a parte que mais ia ser horrível falar. (...) Minha vida toda... Toda doida. Aí, eu não ia falar nada. (...) Eu gostava de ir [ao grupo] pra escutar. Não pra ficar, pra mim falar não. Falar eu não ia falar mesmo. – Mas todo mundo falava... Eu ia ficar sempre quieta? Eu tinha que falar alguma coisa. (JASMIM)</p>	<p>Vergonha de expor sua situação de vida</p>	<p>Sofrimento</p>

<p>Quando acabou! Tudo que é bom dura pouco, né... mas essa vida é assim mesmo... É... Agora eu tô muito triste... Eu não quero nem falar. [<u>Choro e longa pausa</u>]. (ORQUÍDEA)</p>	<p>O fim do grupo representa voltar à solidão</p>	<p>Término do grupo</p>
<p>[Sentiu falta] Da convivência daquela hora, daquele horariozinho ali... Já tinha aquele horário certo da gente tá ali. Então, quando acabou, ficou vago. Ficou faltando alguma coisa, né. (CRAVO)</p>	<p>O fim do grupo deixa um vazio</p>	<p>Término do grupo</p>
<p>É, eu sentia isso muito forte, essa impressão era muito forte. Porque ao mesmo tempo que era um grupo de convivência você também representava uma psicóloga ali, né, você não deixava de ser psicóloga daquelas mulheres, da gente. Tinha dias que eu mesma queria conversar com você. E aí, começava a conversar de outras coisas, aí, passava aquela vontade de conversar daquele problema, eu guardava aquele problema. “Não, esse dá pra passar, dá pra empurrar, né”. (CORUJA)</p>	<p>Temor em se expor</p>	<p>Desconfiança</p>
<p>É porque eu sentia que as pessoas queriam falar, mas tinham medo da outra, né, tinha medo do próximo ali que estava ao lado, então, isso é uma maneira que eu mesmo me descobri que se fez bem pra mim, ia fazer bem pras outras também. E que a gente podia avançar a partir daquele passo, a gente podia avançar, né, só que infelizmente eu não tinha oportunidade de caminhar mais com o grupo, né, não tive por conta do meu trabalho, como eu expus, até que eu tinha pedido... Falei pra você que eu precisava de um documento, mas a coisa ficou tão preta no meu trabalho que não</p>	<p>Medo do outro. Em função do seu trabalho vê-se impedida de participar</p>	<p>Desconfiança</p>

<p>foi possível eu conseguir nem com documento. (CORUJA)</p>		
<p>Não, não é que eu tive, é o que observava. Eu tive, mas dava pra passar de letra, tá, porque eu não sou diferente dos outros, né. Mas, como eu disse antes: cada caso é um caso, né, então, como as coisas às vezes não ficavam muito bem colocadas, até por questão de ter uma pessoa pra dizer o que era o trabalho. Você ia pra informar, pra ouvir, formadora de idéias lá, escutar as idéias lá e ver o que era possível e o que não era possível. Só que quando a gente convidava, as pessoas... Tinha gente que tava desempregada e sonhava em chegar lá e arrumar um emprego. Arrumar uma cesta básica, né, muitas expectativas, foi muita coisa diferente, entendeu?... Outro achando que era pra emprego e outro achando que era pra psicóloga, entendeu? Outros achavam que aquilo ali não tinha sentido. Ou tinha medo de participar por conta do vizinho, entendeu? Mas o que aconteceu foi bom, o que durou foi bom, o que restou foi bom. (CORUJA)</p>	<p>A existência do grupo gera diversas expectativas e seu objetivo não fica claro</p>	<p>Precariedade</p>
<p>É, ali eu ainda fiquei um pouco assim um pouco lesada. Eu vou te colocar assim com bastante clareza porque nós tínhamos um trabalho de parceira... nessa época a gente já discutia essa questão de estar buscando esse grupo de convivência (...) Só que a gente não tinha um nome, a gente queria dar uma assistência àquelas mulheres, àquelas mães sofridas, que perderam seus filhos cedo na criminalidade, que ficava sem nenhuma vontade de viver, e perderam a esperança e tinha acabado a vida ali. (...) E pras pessoas, o psicólogo pras pessoas sempre é uma coisa muito</p>	<p>Sentimento de alijamento da proposta de organização do grupo</p>	<p>Precariedade</p>

<p>difícil, por mais que a gente ache que não, mas é difícil, né, difícil de você aceitar (...) [se sente lesada] Nas minhas idéias. [Se afastou por um tempo] Aí, quando eu voltei (...) me convidaram pra participar do grupo que já era com você, mas ninguém, me chamou pra conversar como antes (...) Até pra gente discutir melhor a questão do grupo de convivência (...) (CORUJA)</p>		
---	--	--